



**CATÓLICA**  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO  
Instituto de Bioética

***LEITURA DO PENSAMENTO BIOÉTICO DE PAULO  
DA CRUZ (SÉC. XVIII), NO SEU EPISTOLÁRIO***

***Tese apresentada para obtenção do grau de doutor em Bioética***

***Por João Alírio Xavier Bezerra***

***Sob a orientação do Senhor Professor Doutor Daniel Serrão***

***INSTITUTO DE BIOÉTICA***

***PORTO – JANEIRO DE 2012***

## RESUMO DA DISSERTAÇÃO

*Esta dissertação centra-se, como o título indica, na “Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (século XVIII), no seu epistolário”. É um trabalho original, de pesquisa hermenêutica, debruçada sobre o epistolário de um pensador humanista, porque místico. Este recuo diacrónico é coadjuvante na sincronia do pensamento bioético, porque o pensamento de Paulo da Cruz, revelado no seu epistolário, enriquece-o, precisamente porque visa o agir ético, ora dos agentes da saúde, ora de quem se interrelaciona, contribuindo também para o incremento de um novo e rejuvenescido olhar, que favorece a pessoa, principalmente a sofredora e vulnerável. O bem estar ou qualidade de vida das pessoas exige de todos um desejável agir ético, que coadjuva a Bioética, na sua transdisciplinaridade, a interagir o melhor possível, na defesa da vida, a partir dos seus quatro princípios fundamentais.*

*No meu ponto de vista, justifica-se o trabalho que apresento pois confirma a relevância da área das Leituras em Bioética, que permitem essa viagem diacrónica ao passado para enriquecer o presente na sua sincronia, em evolução permanente. Vi-me enriquecido, como pessoa, por ter tido a possibilidade de o realizar, porque o outro sai beneficiado. Inserido na área da Antropologia – Ética e Saúde, constatei que valeu a pena ter-me embrenhado no pensamento que considero bioético de Paulo da Cruz, apesar de afastado no tempo cronológico que o separa do nascimento do termo Bioética. Justificam-se os pontos de convergência que encontrei e apresento dado o seu precioso contributo para o tal agir ético, influente numa Bioética interventiva e eficiente.*

## SUMMARY OF THE ESSAY

*This essay focuses, as the title indicates, in “The Reading of the Bioethics Thought of Paulo da Cruz (eighteenth century), based on his Epistolography.” It is an original work, of hermeneutics research, overlooking the epistolary of a humanist thinker, because mystical. This diachronical retreat supports him in the synchronicity of the bioethical thought, because the thought of Paulo da Cruz, exposed in his epistolary writings, enriches it, precisely because it aims to ethical action, either of health agents, or those interrelated to them, contributing to the growth of a new and rejuvenated look that favors the human being, especially those who suffer and the most vulnerable. The well-being or the people quality of life requires a desirable ethical behavior which helps Bioethics, in its transdisciplinary approach, to interact as much as possible, in the defense of life starting from its four fundamental principles.*

*From my point of view this work that I’m now presenting does confirm the importance of the Readings in the Bioethics area, which allow this diachronic travel into the past to enrich the present in its synchronicity, in continuous evolution. I found myself more enriched, as a human being, for having had the opportunity of doing it, because “the other” benefits from it. Inserted into the area of Anthropology – Ethics and Health, I realized that it was worthwhile having engrossed myself in the thought which I consider bioethical of Paulo da Cruz, although away in chronological time that separates him from the advent of the word Bioethics. The points of convergence that I came across and I’m now presenting are highly relevant, given their valuable contribution to such ethical behavior, in an influent, interventionist and efficient Bioethics.*



## INTRODUÇÃO:

**I:** Inserido no *Programa de Doutoramento em Bioética*, com início em Março de 2008, e numa das suas áreas, a saber: *Antropologia – Ética e Saúde* -, apresentei oportunamente o meu *Projecto Individual da Tese de Doutoramento* centrado na “*Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário*”. Aprovado o Projecto, e fundamentado na relevância da quarta área da parte curricular *Leituras em Bioética*, iniciei a pesquisa tendente à elaboração dos Capítulos que achei mais oportunos para o levar a bom termo. Foi essa parte curricular *Leituras em Bioética* que justificou e justifica, no meu ponto de vista, a opção consciente do enquadramento do tema da minha tese “*Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário*” na área da *Antropologia – Ética e Saúde* -, no âmbito da Bioética.

Começo, então, por responder à questão do porque assumir como tema de investigação em Bioética a “*Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário*”. Ainda me recordo dos olhares estupefactos de alguns colegas quando, em 2008, no início do curso de doutoramento em Bioética, tendo-me sido sugerido que expusesse o que pretendia fazer, referi o tema transcrito!... Não me admirou a sua surpresa, pois estava consciente de que isso teria de acontecer!...

Mas a verdade é que só me interessava investigar o assunto em causa, consciente de que é possível levar a cabo tal estudo que vem enriquecer ***todas as temáticas inerentes à Bioética!*** A minha convicção fundamenta-se precisamente naquilo que será o suporte de um agir ético-moral, ou bioético, pois a “*Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário*” permitiu-me desvendar, descobrir, fundamentar matérias que são indispensáveis em Bioética, como, por exemplo, o que fundamenta a humanização, a solicitude, como respostas à vulnerabilidade; o que fundamenta o agir dos agentes de saúde ou dos investigadores acerca de assuntos com ela relacionados (ou com a vida...), portanto em qualquer das actividades fulcrais em Bioética, como perspectivar um agir ético desejável a partir da fundamentação da relevância do *pensar a finitude*, o como encarar o fim do ciclo biológico da vida – a morte -. Após pesquisa do *Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário*, constatei como tais áreas, próprias da Bioética, se viram como que mais iluminadas e consistentes com a riqueza do seu pensamento bioético e da sua antropologia. Esclarece-se, assim, o porquê da área em que me inseri no percurso do doutoramento, que foi precisamente *Antropologia - Ética e Saúde*. Tendo a pessoa como

objectivo da aplicação do agir ético-moral, consegui extrair um *outro olhar* para poder ajudar a que a pessoa viva e morra com qualidade, ajudando-a a descobrir como *aprender, não só a viver, mas a viver bem*, numa feliz expressão do bioeticista médico italiano, Silvino Leone. Tendo tudo isto presente, posso afirmar que bendita a hora em que me vi envolvido em tal área de estudo e pesquisa.

Já referi que a parte curricular das *Leituras em Bioética* foi um forte incentivo para agarrar e analisar textos anteriores a Van Potter, porque não me pareceu ser incompatível estudarem-se conteúdos anteriores ao aparecimento do termo Bioética em 1970 e que contribuem para que se atinjam objectivos da mesma. Este meu estudo tem presente este expressivo apontamento, registado no Dicionário de Bioética: “*A Bioética nasceu como primeiro e único arco da ponte que a Humanidade de hoje começa a construir para se unir às gerações que viveram e hão-de viver, nesta Terra. Ela, desde os seus alvares (que se identificam com a publicação do volume de Potter, Bioethics: Bridge to the Future), é vista como ponte de solidariedade responsável que a Humanidade estabelece com o seu próprio futuro. O futuro do Mundo e do Homem que habita nele projecta-se, programa-se e prepara-se com grande seriedade e sensibilidade, e a responsabilidade moral das gerações actuais, em virtude do princípio da universalidade imparcial que está na base da perspectiva ética, estende-se de modo a abranger todas as pessoas humanas de todas as gerações futuras. A consciência de que, com a bioética, a Humanidade de hoje começa a ter esta sua responsabilidade moral é elemento extremamente significativo, no horizonte actual da cultura*”.<sup>1</sup> Para que tais objectivos expostos sejam conseguidos, reconheço sinceramente que o que fui colhendo da “*Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário*” insere-se no horizonte actual da cultura, sempre em consonância com os anseios de Van Potter.

Foi, tendo isto presente, que, num dos Capítulos da minha tese, (precisamente na parte central da mesma – Capítulo III) eu analisei as convergências de pensamento de Paulo da Cruz com as linhas programáticas de Van Potter no seu *Credo*. Desde já, e tendo isso presente, não me restam dúvidas da pertinência de me debruçar sobre o tema “*Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário*” no âmbito da Bioética.

Esclareço, desde já, que, neste meu trabalho, seguirei uma metodologia hermenêutica na análise do ‘Pensamento Bioético’ de Paulo da Cruz, recorrendo, a propósito do assunto em

---

<sup>1</sup> Dicionário de Bioética, Editorial Perpétuo Socorro, Agosto 2001, p. 94.

causa, a outras *leituras de vários pensadores*. Assim sendo, e assumindo uma metodologia que me pareceu mais adequada, numa feliz orientação do Professor Daniel Serrão, comecei esta tese com a análise do que entendo por *Pensamento e Pensamento bioético*. Mais concretamente, apresento, no Capítulo I: 1. *O meu ponto de vista sobre a Bioética. As interpelações levantadas pelo “Against Bioethics”, de Jonathan Baron*; 2. *Utilitarismo e a utopia do agir ético-moral*; 3. *O que penso ou entendo por “pensamento bioético”*.

Seguindo uma linha de pensamento, para mim lógica, e dado que estou embrenhado na *“Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário”*, tive de aprofundar a ***Relevância do género epistolar na expressão do pensamento***, recorrendo a bibliografia apropriada, concretamente *“A Epistolografia em Portugal”*, de Crabée Rocha, que tive o prazer de ter tido como Professora na Faculdade de Letras de Coimbra. Foi uma excelente orientadora no apontar e desvendar caminhos e horizontes acerca da relevância do género epistolar na expressão do pensamento. Paulo da Cruz escreveu a vários destinatários: Religiosos, Religiosas, Sacerdotes, Leigas, Leigos. É sobre este material que me vou debruçar, descobrindo, neste vasto documentário, o que me interessa pesquisar, desde que enquadrado no âmbito da tese.

Como insinuei há pouco, prossegui a minha caminhada, agarrando no Capítulo III, e com muito interesse, as *“Convergências e ou divergências do pensamento de Paulo da Cruz com o pensamento bioético contemporâneo ( Epistolário de Paulo da Cruz (séc. XVIII), e o ‘Credo bioético’ de Van Potter (séc. XX)”*. Sem forçar em nada a situação, acho este Capítulo fulcral na coluna vertebral que , na tese, entrelaça, os seis Capítulos entre si.

Pareceu-me, de seguida, e tendo presente uma metodologia consequente, debruçar-me sobre o que de mais relevante me preocupa no agir ético-moral em temas relacionados com o ciclo biológico do nascer, viver e morrer, para uma desejável qualidade de vida da pessoa. É assunto bioético! Fiz um percurso de análise do pensamento bioético de Paulo da Cruz com o de Lévinas ao abordar temas como a humanização, a solicitude e a vulnerabilidade. A Bioética, na sua transdisciplinaridade, *‘agradece’* as achegas que lhe possam chegar de inúmeras fontes, cujos pensamentos coordenam o agir ético-moral. Eis porque trabalhei no Capítulo IV *“Solicitude, Vulnerabilidade, Humanização, a partir do salto da esfera do eros para a alteridade, no pensamento bioético de Paulo da Cruz confrontado com aspectos do pensamento de Lévinas.”*

No pano de fundo da tese, persegue-se a qualidade de vida da pessoa. E, criativamente, pensei debruçar-me sobre uma realidade que poderá funcionar na mente das pessoas como

algo que as atemoriza quando eu a perspectivou como libertadora e portadora de uma autêntica qualidade de vida. Efectivamente, o tema da Finitude, eu perspectivou-o como relevante no âmbito da Bioética. Eis porque o agarrei e inseri, para mim logicamente, no Capítulo V: *"Benefícios da interiorização da Finitude humana, como contributo para a aquisição de uma 'Outra Qualidade de Vida', na leitura bioética do pensamento de Paulo da Cruz, no seu epistolário."* Contributo do pensamento de Daniel Serrão sobre a finitude e a morte." É evidente que a Finitude de tudo e de todas as coisas me exigiu uma reflexão tendente a fundamentar o meu posicionamento na vida e a fundamentar o meu agir bioético. O ciclo encerra-se com um debruçar-me sobre a morte, com *outro olhar*, não só dos que chegaram ao termo da vida terrena como o dos que acompanham quem está de partida! Pensar a Finitude permite o descentramento do ego, centrando o agir da pessoa em qualquer ser humano!

A finalizar o ciclo biológico do nascer, viver e morrer, temos a *morte*, pertinente e relevante assunto bioético, que será assunto do último Capítulo da minha tese, o VI. para *'uma outra'* qualidade de vida, para se viver com qualidade, e para se aprender a viver e viver bem (Silvino Leone); a fim de se morrer com qualidade; entrei no assunto de pensar *"a reconciliação com o sentimento, com o pensamento da morte"*, na feliz expressão do bioeticista italiano Dom Elio Sgreccia, tendo presente ainda o que afirmou: *"que o próprio itinerário vital influi no enfoque da morte: um indivíduo saudável que não consegue aceitar, 'reconciliar-se' com o pensamento da morte, pode inclusive desenvolver 'transtornos de personalidade'."* Ora neste último Capítulo (VI), debruçar-me-ei sobre *"A morte encarada como benefício. Perspectiva da morte em Paulo da Cruz e em Bocage"*. É intencional esta 'aproximação de convergências do pensamento acerca da morte entre um místico e um boémio'... Paulo da Cruz encara e aceita a morte a partir de uma visão realista.

Toda a acção deste Homem, Paulo da Cruz, está virada para o outro Homem com quem viveu, defendendo os seus Direitos Humanos. Os seus seguidores têm por missão fazer o mesmo e tal se constata, sobretudo, nos Países pobres do Mundo, onde se encontram activos. Paulo da Cruz já ouvia falar dos Direitos do Homem. É que lhe tocou viver, na parte final da sua vida, no ambiente onde já proliferavam as ideias 'revolucionárias democráticas'<sup>2</sup> da Revolução Francesa. Roma não era excepção no falar-se do que se passava por França. E curiosamente, nesse tempo, também em Roma chamavam a atenção as ideias do abade siciliano Nicola Spedalieri, apologeta e sociólogo, autor duma famosa obra sobre *"Os Direitos do Homem"*. Naselli escreve que veio para Roma em 1773, ainda em vida de Paulo

---

<sup>2</sup> NASELLI, Carmelo Amedeo – *Storia dei Passionisti*, Edizioni 'Stauros', Pescara, , 1981, p.136.

da Cruz. Pio VI nomeou-o ‘canonico beneficiato del Capitolo di S. Pietro’. A sua obra “*Dei Diritti dell’uomo libri sei nei quali si dimostra che la più sicura custode dei medesimi nella società civile è la religione Cristiana*”, Assisi, 1791. Esta obra suscitou fortes e polémicas reacções. Vários governos europeus proscreveram esta obra, porque o autor assumia-se contra o absolutismo e a maçonaria, sustentando que os direitos humanos não devem ser unicamente proclamados mas também tutelados e que a soberania está no povo, confiada aos governantes como depositários. Há quem o considere como um dos que anteciparam a doutrina social da Igreja.<sup>3</sup> Paulo da Cruz, conhecedor destas correntes de pensamento, encontrou e apontou outra solução para resolver os males do mundo e defender os direitos dos homens: o fazer memória da maior obra do amor de Deus, que é a Paixão-Morte e Ressurreição de Jesus Cristo! É a partir deste foco que ele se lança num apostolado, procurando minorar os sofrimentos e os males que afectam a humanidade.

Em linhas gerais, é este o percurso que fiz. Acredito sinceramente, na relevância deste estudo em questões de Bioética, isto é, na interacção dos mesmos com o que a Bioética persegue. Esta nunca deixará de precisar de contributos advindos dos mais variados pensadores, para que seja o que é: Ciência da vida, com uma ética específica que a fundamenta.

**2:** É a partir de uma *leitura do pensamento bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário*, e num recuar diacrónico, mas tendo presente o momento sincrónico de quando surgiu a bioética, que desejo provar como o seu pensamento pode resultar num contributo bioético para os assuntos seleccionados nesta minha tese, precisamente porque penso que entram no âmbito da bioética. Pretendo, assim, “*pensar bioeticamente*” Paulo da Cruz!’

Mas, afinal, quem foi este Paulo da Cruz<sup>4</sup>? “Quem foi esse homem e que méritos tem”

---

<sup>3</sup> NASELLI, Carmelo Amedeo – *Storia dei Passionisti*, Edizioni ‘Staurós’, Pescara, , 1981, pp. 136-137, e nota 19, da p. 136.

<sup>4</sup> Quando uns humildes Religiosos Passionistas foram pedir ao ‘histórico’ Benito Mussolini a devida autorização para colocarem o nome de S. Paulo da Cruz na viela que vai do arco de Dolabella até ao Clivo Scauro, ficando à direita o adro da Basílica dos Santos João e Paulo, onde se encontram os restos mortais de Paulo da Cruz, Benito Mussolini respondeu-lhes, num tom admirativo e curioso: “Paulo da Cruz?! Eu conheço um Paulo de Tarso, mas da Cruz não me soa! Quem foi esse homem e que méritos tem para que se lhe dedique uma rua? E logo aí, nesse lugar, no monte Celio, onde tudo fala do Império romano?!...”. Os Religiosos Passionistas apenas lhe disseram que Paulo da Cruz tinha sido um grande santo italiano do século XVIII, que tinha sido um grande missionário, que tinha vivido e morrido precisamente ali... “Bom, basta, -replicou bruscamente Mussolini. Não preciso de saber mais nada. É um italiano e é um santo que serve para dar glória à pátria e isto basta. A rua chamar-se-á de São Paulo da Cruz”. In “*Cartas y Diario Espiritual de San Pablo da la Cruz*”, Ediciones “El Pasionario”, Madrid, 1968, p.23. É esta personalidade, que a muitas pessoas também as faz dizer, como Mussolini: “Quem foi esse homem e que méritos tem” para que seja motivo de estudo no âmbito da Bioética?!... A resposta não se justifica dizendo que é “para dar glória à pátria e isto basta”, mas o estudo dos seus escritos justifica-se porque neles encontro fortes convergências com valores e princípios sobre os quais a Bioética se debruça, desde que em 1971 Potter aplicou o seu nome à

para que seja motivo de estudo no âmbito da Bioética?!... Foi o estudo do seu epistolário que me espicacou e me projectou na análise de pontos de convergência com valores e princípios sobre os quais a Bioética se debruça, desde que, em 1970, Potter aplicou o seu nome à nova “cultura” contemporânea. A este propósito, temos de ter presente que a sociedade do tempo de Paulo da Cruz teve muito de comum com a nossa contemporânea!... O século que lhe tocou viver tem muitos pontos convergentes com o dos nossos dias: Racionalismo? Iluminismo? Vazio existencial? Degradação dos costumes? Ausência de valores universais? Pobreza acentuada e generalizada? Proliferação de marginais e da marginalização? Crise de valores? Ausência de sentido? Exploração dos mais pobres? Sofrimento agravado pela falta de humanização? etc. Paulo da Cruz fundou uma Congregação que pudesse dar resposta aos males do mundo a partir de um evento que ele considerava a ‘maior obra do amor de Deus’. Referia-se à Paixão de Cristo-Paixão pelo Homem, paixão de amor que leva quem ama a dar a vida pela qualidade de vida dos outros.

Efectivamente, Paulo da Cruz viveu numa sociedade marcada pelas ideias do Iluminismo, do século das Luzes, da Revolução Francesa. Confrontou-se, portanto, com uma sociedade desprovida de valores e influenciada pela corrente de pensamento que pairava nas ideias do Iluminismo e do Racionalismo. Neste contexto, prestemos atenção ao excerto que se segue: *“Paulo Danei<sup>5</sup> pensa gastar-se pelo Crucificado incorporando-se na última cruzada da história contra os turcos que ameaçam a Europa. Compreende, depois, que ataques mais poderosos do que aqueles dos otomanos estão para abater-se sobre a fé cristã e sobre a Igreja: o iluminismo, o racionalismo e o que se segue até aos nossos dias. Decide consumir-se para compreender e para proclamar o amor do Crucificado. A sua escolha assinala a ultrapassagem da época das cruzadas e o início daquela da convivência e do diálogo. Paulo Danei caminha sobre a linha de divisão das águas. A revolução francesa está em gestação durante a sua vida e explode uma dúzia de anos após a sua morte. **Quer-se elaborar uma nova imagem de homem e de mulher, livres de todo o condicionamento à própria realização, nem que fosse do alto.** A razão é a luz que conta, o resto é alienação. Paulo Danei experimenta e anuncia que **Cristo crucificado e ressuscitado é o único homem bem sucedido e realizado. Logo, é a única proposta válida sobre o sentido e o destino da pessoa humana.** Qualquer outra versão está destinada a ser um fiasco. O Crucificado é o desafio a*

---

nova “cultura” contemporânea. Esta perspectiva é a que falta quando se estuda Paulo da Cruz, fundador de uma Congregação Missionária radicada em 59 Países dos cinco Continentes! Temos de ter presente que a sociedade de então tem ainda muito de comum com a contemporânea!...

<sup>5</sup> Paulo da Cruz (1694-1775) foi uma personalidade italiana do século XVIII, de origem modesta e muito religiosa. Nasceu em Ovada (Norte de Itália), no dia 03 de Janeiro de 1694. Seu nome secular era Paolo Danei; Paulo da Cruz, era o nome Religioso, e morreu em Roma, no dia 18 de Outubro de 1775, no Convento Passionista, situado no monte (colina) Celio, onde se respiram os ares imperiais, sobranceiro ao Coliseu e numa relevante área arqueológica.

*todas as tentativas da história no realizar modelos de humanidade (...) A época das Luzes deixou-nos às escuras mais do que dantes. A era da razão não conseguiu criar um mundo racional. A civilização da técnica reduziu o ser humano a um mecanismo de produção e de consumo. O progresso científico, se não for guiado pelo ético, poderia resultar para a humanidade mais nocivo do que as epidemias e as guerras mundiais. O socialismo real enterrou-se por si, sozinho, depois de setenta anos de experiência forçada. A cultura capitalista está preparando-se para o seu funeral, porque não é capaz de evitar a pobreza, a injustiça e o desemprego, coisas que a colocarão em debandada. Resta-nos a cultura do amor, chamada também caridade cristã. Aquela que brota da experiência única do Homem-Deus, Cristo crucificado e ressuscitado. Vivida e anunciada por Paulo Danei da Cruz com toda a vida e com as suas obras que ainda perduram. O repto continua.”<sup>6</sup>*

E porque o repto continua, pretendo entrar dentro do seu pensamento, numa perspectiva bioética. Porque o repto ‘obriga-me’ a continuar a defender eticamente tudo o que contribua para uma melhoria do ser e pessoa humanos. No seu epistolário descobrem-se temáticas bioéticas, como a solicitude, a humanização, a vulnerabilidade, o valor e o sentido da vida e da morte -numa linha oposta ao niilismo-, a solidariedade com quem sofre – os famintos, os pobres, os doentes<sup>7</sup> (fundamentado na sua experiência hospitalar), as vítimas da peste, da malária e da triste e dura vida nas marismas, as pessoas afectadas pela morte de seu familiares ou amigos (relação de encorajamento face às adversidades da vida, a ecologia<sup>8</sup> e o bem estar, ‘uma outra qualidade de vida’. Tudo isto e muito mais, a partir das suas ‘Ideias-Força positivas na mente’ e da Logoterapia. Em suma, com o seu agir ético-moral e a sua visão humanista da pessoa na sua totalidade, Paulo da Cruz dá também sentido ao sofrimento e à solidão, **pelo amor**, como contributo para uma outra qualidade de vida e para uma humanização mais visível, eficiente e prática, revelada em orientações e consequências terapêuticas.

<sup>6</sup> CINGOLANI, Gabriele – ‘Paolo Danei – La provocazione della croce’, Editrice Rogate, Roma, 1994, pp. 5-7.

<sup>7</sup> A obra de GAÉTAN DU SAINT NOM DE MARIE (passionista), “*Esprit et vertus de Saint Paulo de la Croix, premier volume: Vertus théologiques e annexes*”, (obra não editada mas dactilografada, existindo um exemplar no Arquivo Geral da Congregação Passionista, em Roma), contém registos importantes sobre :- “Caridade com os doentes” (pp. 125-129), “Uma obra de caridade e de misericórdia que São Paulo da Cruz exercia frequentemente era a de benzer os doentes” (pp. 128-131). Realizava “Outros actos de caridade” (pp. 131-133); “Hospitalidade” (pp. 133-138), “Caridade com os domésticos”, (p. 142), “Caridade com os que deixavam a Congregação”, “Caridade com os pobres” (pp. 143-144 e 160-168), “Caridade com pessoas de outro sexo, fragilizadas...” (pp. 168-171), etc.

<sup>8</sup> REIJNDERS, Cajetan - “Paul’s sensitivity to beauty” (Chapter XIX), pp. 227-234, in “Saint Paul of the Cross – His spirit and virtues”, translated and revised by Louis Mailliet, C.P. and Xavier Welch, C.P. – Catholic Book Publishin CO. New York. 1960. Nota: Esta obra contém a tradução dos quarto volumes de GAÉTAN DU SAINT NOM DE MARIE, a que fiz alusão na nota anterior. E este capítulo citado aparece no segundo volume da sua obra em francês, dactilografada, no capítulo IX, com o título de “Amour de la nature. Extériorisation”.

Paulo da Cruz foi considerado um dos maiores místicos da sua época.<sup>9</sup> Era conhecedor da tradição de grandes místicos que influenciaram também o seu pensamento, como S. João da Cruz, João Taulero (a quem Paulo da Cruz chamava “príncipe dos místicos”), Santa Teresa de Jesus, São Francisco de Sales, *mas a fundamentação da sua originalidade* encontrou-a na meditação assídua da Paixão de Jesus Cristo, que via presente nos homens sofredores do seu tempo, *manifestando-lhes a sua solicitude*. Para além da sua intensa actividade apostólica, e do serviço inerente a um Fundador de uma Congregação Missionária, ele orientava as pessoas, contribuindo para a sua ‘*outra qualidade de vida*’, através das suas Cartas. Temos entre mãos mais de 2.000, exemplo e processo de como dar uma resposta antropológica à pessoa, contribuindo para o seu bem-estar, para a sua saúde psicológica e como *força positiva* para remediar tantos males. Aliás, ele fundamenta o seu pensamento no fazer *memoria passionis Christi*, que considera **“a maior obra do Amor de Deus e remédio para todos os males da humanidade”**. Com esta perspectiva, tornou-se muito relevante a sua pedagogia junto dos mais carenciados, no processo de ajudar todo o tipo de pessoas, desde os marginais aos mais pobres, desde os militares aos nobres, desde os sem-sentido aos crucificados de ontem, de hoje e, infelizmente, de todos os tempos, no sentido de re-adquirirem ou manterem a sua ‘*Outra Qualidade de Vida*’, a partir, como acima referi, de ‘*Ideias-Força positivas*’ e da *Logoterapia*, termo que ousei criar na tese de Mestrado em Bioética Teológica. Defendo a logoterapia, e a ‘força de ideias-força’, ‘qualidade de vida - santidade de vida’, escatologia, como pressupostos para defender a tal ‘outra qualidade de vida’, a nível da bioética teológica.

Esclarecendo ainda a questão da logoterapia, demarco-me, nesta perspectiva, do pensamento de Viktor Frankl, Se ele recorreu à Logoterapia, numa tentativa de resolução de problemas existenciais de quem estava no campo de concentração, pela descoberta do sentido, eu prefiro trabalhar com o termo Logoterapia, como fonte donde jorrarão as ideias-força-positivas, portadoras da ‘outra’ qualidade de vida! É certo que é fundamental que a pessoa se encontre com o sentido... Lá chegaremos, precisamente pela via da Logoterapia. A

---

<sup>9</sup> Irei citando, dentro do que pretendo defender em Bioética, muitos especialistas da Congregação de Paulo da Cruz que dele falam, sobre outros assuntos. Um dos aspectos que mais caracteriza o pensamento de Paulo da Cruz está relacionado com a teologia ascética e a mística. Dele se ocuparam grandes estudiosos, homens insígnies, como Arintero, De Guibert, Garrigou-Lagrange, Lebreton, Viller e outros. Quando se publicou o seu escrito sobre a ‘Morte Mística’, De Guibert escreveu: “*Muito me estranharia se este escrito de poucas páginas não figurasse dentro de pouco tempo entre os textos clássicos da mística católica*”. E o Viller escreveu: “*São Paulo da Cruz aparece como o místico mais esclarecido do seu século.*” O notável historiador Daniel Rops registou também o que segue, sobre a insígnie figura do pensador Paulo da Cruz: “*Desconhecia a obra e o pensamento de São Paulo da Cruz. Descobri, agora, uma figura admirável e, mais uma vez, fico assombrado com a riqueza desta herança inesgotável na qual a Igreja recolhe as colheitas de tantas almas nascidas no seu seio*”. (‘*San Pablo de la Cruz o La Gloria de un Centenario*’, in “*Cartas y Diario Espiritual de San Pablo de la Cruz*”, Ediciones “El Pasionario”, Madrid, 1968, p.12). E o Papa Paulo VI dissera: “*São Paulo da Cruz deve ser catalogado entre os místicos mais insígnies do cristianismo* (In “*Cartas y Diario Espiritual de San Pablo de la Cruz*”, Ediciones “El Pasionario”, Madrid, 1968, p.19).



experiência vivida no acompanhamento de inúmeras pessoas, atingidas pelas mais variadas ‘agressões’ que lhes ‘roubam’ ou beliscam a sua ‘qualidade de vida’ desejável’, em todas as etapas do ciclo biológico do ser e pessoa humanos, assim como o acompanhamento de doentes terminais que revelam o como conseguem manter uma qualidade de vida nesse momento crucial da vida terrena, provam-me que o meu ponto de vista tem espaço no campo da investigação científica, porque esta ‘outra’ qualidade de vida ainda não foi apresentada de uma forma sistematizada e original e a sua aplicação prática tem resultado operacional como terapia eficaz e, se quisermos, ‘alternativa’, nos agentes visados.

E porque defendo a Logoterapia e a força-de-ideias-força positivas no processo da aquisição do equilíbrio ou homeostase da pessoa, eis porque estou convicto da relevância que tem o debruçar-me sobre o pensamento de um homem do século XVIII que apresentou uma antropologia carismática, como contributo para a resolução dos problemas que afectam, ora a sociedade ora os seus membros. O seu século está marcado por correntes de pensamento que muito se identificam com as do nosso, e que nos fazem questionar sobre que caminho de felicidade ou de qualidade de vida se pode apresentar ao homem, nas etapas da vida que percorre. Como já referi, fiz o levantamento do seu pensamento antropológico em mais de duas mil cartas, escritas por seu próprio punho.

Explicito também e uma vez mais que escolhi o estudo e a análise do ‘pensamento bioético’ de Paulo da Cruz, integrado no âmbito da *Antropologia – Ética e Saúde*, pela simples razão de ser um Homem Virtuoso que assumiu estar sempre com os chamados *crucificados de hoje*, a quem levou e há que levar ‘*Outra Qualidade de Vida*’, pelo reencontro com princípios, valores e ideais. E isto é estar situados no ‘patamar’ da Bioética, que procura essencialmente o *bem-estar e o bem viver* da pessoa! A sua ‘mística’ permite-nos ‘sentir’ a presença do Outro que fortalece as nossas boas relações com o outro, que nos rodeia! O pensamento e o agir de Paulo da Cruz são um precioso contributo para alterar atitudes e comportamentos, favoráveis em prol dos outros.

Toda esta riqueza inerente a uma vida virada para o outro, manifesta uma antropologia característica de Paulo da Cruz, pois perspectiva a pessoa do pobre, por exemplo, vendo na sua fronte gravado o nome de Jesus..., e este pensamento informa o seu agir... A Bioética necessita deste **novo olhar** a pessoa... No fundo, os pobres são todos os que sofrem, a quem, muitas vezes, agravamos o sofrimento devido a um agir que não é ético nem olha para a vida das pessoas conforme o que os Direitos Humanos exigem! É fundamental este **novo olhar** para as pessoas, para se conseguir dos agentes da saúde um outro tipo de comportamento... Este é um campo e um âmbito da Bioética, ponto de vista imprescindível aos conteúdos da mesma. Pois, a partir de um foco inspiracional, a

antropologia de Paulo da Cruz, patente no seu epistolário, tem a chave para a resolução de todos os males da humanidade! Exagero? Nem pensar! A intuição fundadora de uma Congregação Missionária que fundamenta a sua *espiritualidade* no *fazer permanente memória da paixão, morte e ressurreição do Nazareno, Jesus Cristo*. Na sua perspectiva, *é o amor que resolve todos os males da Humanidade. Amor/sim-patia*.

E porque razão é que a antropologia, seja ela filosófica, médica, mística, teológica, ecológica, etc, tem interacções com a Bioética? Porquê? Se a antropologia estuda, analisa, penetra no homem, a Bioética, como ética da vida, tem de ter também como objecto formal o ser e pessoas humanas, proporcionando tudo o que estiver ao seu alcance para uma qualidade de vida desejável em todos os estratos do ciclo biológico do nascer, viver e morrer. Efectivamente, sabemos que o avanço da investigação genética vai nesta linha e oxalá se acelerem os processos do progresso para bem do ser e das pessoas humanas. Questiono a afirmação de que a Bioética não é ‘dependente de determinados dados sociológicos ou outros’. Perspectivo-a como interventiva, partindo precisamente da realidade concreta em que se vê envolvida a pessoa e ser humanos. Tendo presente também o seu carácter transdisciplinar, tal facto torna a bioética sensível a tudo o que se relaciona com a ‘outra’ qualidade de vida. A bioética não pode dissociar-se, também, da moral cristã. A Bioética contribui para a ‘educação do amor’, assumindo o pensamento de Daniel Serrão de que “*a sabedoria da moral cristã visa, acima de tudo, a felicidade da pessoa humana. (...) A educação para o amor, que a moral cristã propõe aos jovens, é o mais sedutor de todos os ensinamentos e deve ser apresentada assim, como uma sedução, e não numa perspectiva de proibições, culpas e castigos.*”

A Antropologia é interactiva como a bioética é interdisciplinar ou transdisciplinar. É interactiva a Antropologia porque, tendo o homem como objecto e sujeito dos seus estudos, inevitavelmente os seus interesses são bioéticos, porque a bioética também tem a pessoa como centro da sua investigação. A ‘outra’ qualidade de vida tem espaço inegável na antropologia porque é assunto também do homem e tem também espaço na bioética por esta ‘trabalhar’ com e no homem, para o seu melhor bem-estar. O pensamento de Paulo da Cruz insere-se pertinentemente nestes âmbitos porque interage de formas diversificadas sobre o ser e agir do homem, no sentido de dar e aportar, criativa e originalmente, linhas de pensamento e de acção que ajudem o homem a sê-lo como seria desejável!

**3:** A finalizar esta Introdução, um último apontamento. O facto de estar a fazer uma leitura bioética de um pensador do século XVIII, no seu epistolário, e apesar de ser um reconhecido ‘místico’, tal facto nada tem a ver com a dificuldade aparente de o introduzir no âmbito da contextualização bioética. Se não acreditasse que é viável tal inter-relação e interacção do seu pensamento com a Bioética, não iniciaria o trabalho que passo a apresentar, após reflexão e pesquisa sérias. A Bioética necessita do suporte ético-moral no agir. Sem este, qualquer das áreas nas quais ela interfere ficaria pobre. Efectivamente, constata-se como deixam a desejar os cuidados de saúde, por exemplo, se todo o pessoal envolvido no exercício dessa actividade não possui um sólido fundamento do agir-ético-moral. Este fundamento encontra as bases sólidas em ideias, em exemplos, em demonstrações que o evidenciem e tornem exequível. Assim, teremos um equilíbrio sadio nos tratamentos, nas relações inter-pessoais, no exercício das funções mais variadas, de forma a que a pessoa sobre quem recai a nossa acção, o nosso agir, seja a beneficiária do bem estar e da qualidade de vida a que tem direito e que a Bioética defende e persegue.

É necessária, portanto, *uma espiritualidade própria, adequada*, assumindo esta espiritualidade num sentido *lato et strictu*. Atentemos no seguinte: “*Os homens de hoje (os médicos, de maneira especial (...) e outros (...)) descobrem a exigência de inserir a perspectiva moral, na orientação de sua actividade*”.<sup>10</sup> Sendo a Bioética transdisciplinar, ora se serve do contributo de todas as áreas do saber ora tem influência no agir, independentemente de crenças, cores ou países. A “*Bioética é, no pensar de Paolo Cattorini*”<sup>11</sup>, *uma ética aplicada à biomedicina, ou seja ao domínio da biologia e da medicina, e um estudo sistemático dos problemas morais relacionados com os seres vivos, com a procura científica em biologia e na medicina e com as praxes da cura, ou então, como a define Reich,*<sup>12</sup> *sendo a bioética o estudo sistemático das dimensões morais –abrangendo a dimensão moral, as decisões, a conduta, as políticas- das ciências da vida e do cuidado da saúde, através duma variedade de metodologias éticas num contexto interdisciplinar, vemos nas entrelinhas o espaço que deverá ter a nossa perspectiva da defesa dum outro tipo de ‘Qualidade de Vida’ no âmbito da Bioética*”.<sup>13</sup> Qualquer bioeticista que se preze tem de tentar permanentemente encontrar a melhor forma de agir, atendendo à pessoa e ao futuro de humanidade, e tem de formar uma recta consciência que oriente eticamente o seu agir, o que

<sup>10</sup> Dicionário de Bioética, Editorial Perpétuo Socorro, Agosto 2001, p. 93.

<sup>11</sup> CATTORINI, Paolo - *Bioetica, metodo ed elementi di base per affrontare problemi clinici*. Milano: Ed. Masson, 1997, p. 4.

<sup>12</sup> REICH, Warren T. - *Encyclopedia of Bioethics*, 1995.

<sup>13</sup> BEZERRA, João – *Contributos para uma outra ‘qualidade de vida’ no âmbito da Bioética Teológica*”, Bezerra- Editora, Braga, 2004, p.14.

significa que terá de ser informado pelo seu espírito, pela sua consciência, pela sua auto-consciência, o que implica ter uma espiritualidade apropriada ao exercício do seu agir em prol dos outros. Na minha óptica, e tendo este pano de fundo, torna-se-me mais do que evidente a relevância de que se revestem as leituras bioéticas de pensadores, mesmo anteriores ao nascimento do termo Bioética, desde que tais leituras resultem preciosos contributos para se atingirem os objectivos da transdisciplinaridade de Bioética.

A dimensão espiritual do homem em questões bioéticas e dada a interdisciplinaridade da Bioética, é-nos salientada, por exemplo, por João Paulo II, no discurso dirigido *Aos participantes no Congresso promovido pela Pontifícia Academia para a Vida* e cujo tema foi *"A qualidade de vida e a ética da saúde"*. No dia 19 de Fevereiro de 2005, na pessoa do Bieticista italiano, Dom Elio Sgreccia, Presidente da Pontifícia Academia para a Vida. João Paulo II esclareceu a importância de tal tema devido ao *"surgimento na sociedade de não poucos problemas, ligados à salvaguarda da vida e da dignidade da pessoa humana., ou ao bem fundamental de cada pessoa e de toda a sociedade."* *"Os termos 'qualidade de vida' e 'promoção da saúde' identificam uma das principais finalidades das sociedades contemporâneas, levantando interrogações não desprovidas de ambiguidades e, por vezes, de trágicas contradições, que exigem um discernimento atento e um esclarecimento aprofundado."* - *"Este nível de dignidade e de qualidade pertence à ordem ontológica e faz parte constituinte do ser humano". "Todas as dimensões da pessoa corpórea, psicológica, espiritual e moral devem ser promovidas de forma harmoniosa. Isto supõe a presença de condições sociais e ambientais que sejam capazes de favorecer este desenvolvimento harmónico."*

Reforçando a relevância da dimensão espiritual em questões da Bioética, João Paulo II salientou ainda nesse seu discurso: *"Também o conceito de saúde passou por uma deformação análoga. Sem dúvida, não é fácil definir em termos lógicos e específicos um conceito complexo e antropológicamente rico como o conceito de saúde. Contudo, sabe-se com certeza que com este termo se deseja fazer referência a todas as dimensões da pessoa, na sua unidade harmónica e recíproca: a dimensões corpórea, psicológica, espiritual e moral. "Esta última dimensão, a moral, não pode ser descuidada. (...) Aliás, cada pessoa é chamada inclusivamente a tratar com responsabilidade o meio ambiente, de tal maneira que ele seja "saudável" (...) "Por conseguinte, a saúde deve ser salvaguardada e cuidada como um equilíbrio físico-psíquico e espiritual do ser humano. É uma grave responsabilidade ética e social a dissipação da própria saúde, como consequência de desordens de vários tipos, sobretudo ligadas à degradação moral da pessoa. (...)"*

*“Com efeito, a dignidade ontológica da pessoa é superior: ela transcende os próprios comportamentos erróneos e repreensíveis do indivíduo. Curar a enfermidade e fazer tudo para a prevenir são tarefas permanentes do indivíduo e da sociedade, precisamente em virtude da dignidade de cada pessoa e da importância do bem da saúde. (...) “Todas as forças da ciência e da sabedoria devem ser mobilizadas ao serviço do verdadeiro bem da pessoa e da sociedade em todas as partes do mundo, na perspectiva daquele mistério fundamental que é a dignidade da pessoa, em que se encontra gravada a própria imagem de Deus. (...)”*

E a propósito da importância da dimensão espiritual para um agir-ético desejável, recorde-se o que a Coordenação Nacional das Capelarias Hospitalares de Portugal afirmou no dia 26 de Setembro de 2007, em Fátima: *“em momentos em que o governo português discute o projecto de regulamentação da assistência espiritual e religiosa nos hospitais, esta C.N.C.H. reafirmou a importância desse tipo de assistência na prática dos cuidados de saúde. O organismo afirma em comunicado que, se o projecto do Ministério da Saúde for aprovado, criar-se-iam «condições para amputar a dimensão espiritual e religiosa da prestação de cuidados de saúde. «Acreditamos no respeito absoluto que deve merecer a liberdade de consciência e religiosa dos doentes e, de um modo particular, quando esta se concretiza em necessidade de acompanhamento espiritual e religioso», afirma o organismo, primeiramente. «Sabemos que a situação de maior vulnerabilidade da doença torna especialmente relevante a importância da assistência espiritual e religiosa, não apenas como resposta a solicitações, mas como proposta que expresse solicitude integral para com quem sofre, nomeadamente os mais fracos e incapazes de se expressar.»* Pois é esta dimensão espiritual em Bioética que Paulo da Cruz defende no seu epistolário, conforme provarei em todos os Capítulos que integram esta tese. E nada disto interfere com a característica fundamental da Bioética que é ser aconfessional. A Bioética recebe de braços abertos todo o apoio que se possa prestar para minorar os males. Mas vejamos, concretamente, como Paulo da Cruz, nos seus escritos, nos apresenta pontos de vista concretos e operacionais no que se refere a este aspecto da sua antropologia: *A visão do homem e as propostas de solução para resolver problemas dos mais desprotegidos e injustiçados.*

Portanto e repetindo: a partir de uma leitura bioética do epistolário de Paulo da Cruz, num recuar diacrónico, mas tendo presente o pensamento sincrónico de quando surgiu a bioética, desejo provar como o seu pensamento pode resultar num contributo para os

assuntos seleccionados, e que entram no âmbito da bioética. Pretendo, assim, “pensar bioeticamente” Paulo da Cruz!

**NOTA EXPLICATIVA:** Nesta tese, para as referências às Cartas de Paulo da Cruz, fundamentei-me nas fontes que passo a mencionar:

- **Edição espanhola:** “*Cartas y Diario Espiritual de San Pablo de la Cruz, fundador de los Pasionistas*” – *Selección, traducción y clasificación por el P. Bernardo Monsegú, C.P.* - Ediciones ‘El Pasionario’, Madrid, 1968. Monsegú apresenta ‘excertos’ da edição original italiana das Cartas de S. Paulo da Cruz, do P. Amedeo della Madre del Buon Pastore (Casetti) – Passionista, em quatro volumes – Roma, Tipografia Pontificia nell’Istituto Pio IX, 1924.

- **Edição italiana:** “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore (Casetti)*” – Passionista, em quatro volumes – Roma, Tipografia Pontificia nell’Istituto Pio IX, 1924.

A edição espanhola apresenta a numeração própria das Cartas que o investigador seleccionou, colocando entre parênteses a citação da Carta do original italiano. Já o historiador passionista italiano, P.e Enrico Zoffoli, (a quem recorri em muitas e variadas citações), segue o original italiano.

Fiz o que me competia, no sentido de verificar se todas as citações das Cartas, ora de Monsegú ora de Zoffoli, estavam de acordo com a edição das Cartas feita pelo P. Amedeo della Madre del Buon Pastore (Casetti), existentes no arquivo Geral da Congregação, em Roma, onde trabalhei para a uniformização de todas as citações das Cartas.

A versão portuguesa das respectivas citações das Cartas, ora do espanhol ora do italiano, foi feita por mim, sendo da minha responsabilidade.

Existem na Biblioteca do Arquivo Geral da Congregação da Paixão (Passionistas), em Roma, as cartas originais, escritas pelo próprio Paulo da Cruz, assim como as suas Cartas transcritas à mão, a saber: *Volume único (com Diário); Volumes I, II, III, IV, V; e apócrifos de 1739 a 1775 (in ordine sparso = não obedecendo a uma ordem cronológica), e de 1797 a 1753 (endereço a Ms. Fabrizio Borgia)*. Também tive entre mãos a transcrição manual das “*Lettere Spirituali del B. Paolo della Croce – Fondatore de’ Passionisti*”, Roma, 1866, Tipografia della Penna.

Em 2008, surgiu uma nova edição das Cartas em espanhol, em três volumes: “*S. Pablo de la Cruz – Cartas, I Volumen, a los Pasionistas,*” a cargo del P. Fabiano Giorgini, C.P., Editorial El Pasionario, Madrid, 2008. II Volumen – A los Laicos; III Volumen – A los Sacerdotes y Personas Consagradas. São tradução do original: *S. Paolo della Croce – Lettere in III Volumi – I Ai Passionisti; II Ai Laici e III Ai Sacerdoti e Persone Consacrate, a cura di P. Fabiano Giorgini (Passionista), Edizioni CIPI, Piazza SS. Giovanni e Paolo, 13, 00184 – Roma, 1998.*

# CAPÍTULO I

Tenho consciência de que a ‘novidade’ ou a ‘ousadia’ da abordagem do tema que assumo para investigação da minha tese de doutoramento em Bioética poderá deixar perplexas determinadas pessoas. De facto, ou supostamente’, poderá alguém levantar a questão da fundamentação de tal tema no âmbito de Bioética. É isto, precisamente, o que funciona como forte aliciante para agarrar tal projecto, que consiste na *Leitura Bioética do epistolário de Paulo da Cruz (séc. XVIII), ou Leitura do pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII) no seu epistolário*.

Salta à vista a originalidade do tema, não abordado por nenhum especialista, ora da Bioética ora da análise do pensamento de Paulo da Cruz. O campo de trabalho centra-se no seu epistolário. Mas tendo presente o próprio título, o estudo sobre tal tema exige-me que inicie esta aventura intelectual explicitando o seguinte:

- 1. O meu ponto de vista sobre a Bioética. As interpelações levantadas pelo “Against Bioethics”, de Jonathan Baron.**
- 2. Utilitarismo e a utopia do agir ético-moral**
- 3. O que penso ou entendo por “pensamento bioético”**

**1. O meu ponto de vista sobre a Bioética. As interpelações levantadas pelo “Against Bioethics”, de Jonathan Baron.**

Começo por explicitar o que entendo por Bioética. Não tenho a pretensão de criar, para não dizer inventar, o que respeitáveis pensadores já disseram ao pretenderem definir o vocábulo Bioética. Eis porque, então, assumo o que Luís Archer escreveu: *“Poderemos definir bioética como o saber transdisciplinar que planeia as atitudes que a humanidade deve tomar ao interferir com o nascer, o morrer, a qualidade de vida e a interdependência de todos os seres vivos. Bioética é decisão da sociedade sobre as tecnologias que lhe convém. É expressão da consciência pública da humanidade”*.<sup>14</sup> Saliento inclusões na definição de Luís Archer como a do ‘saber transdisciplinar’ e suas interferências nas atitudes a serem tomadas no concernente ao ciclo biológico do nascer, viver e morrer, com a qualidade de vida e a interdependência de todos os seres vivos. É esta característica da Bioética como transdisciplinar que fundamenta e dá sentido às leituras bioéticas mais diversificadas, fruto das quais se encontram vectores coadjuvantes para que se alcancem os objectivos desta nova

---

<sup>14</sup> ARCHER, Luís; BISCAIA, Jorge; OSSWALD, Walter (Coordenação) – *Bioética*, Editorial Verbo, 1996, p.32.

perspectiva de estudo e reflexão acerca da Bioética, cujo nome tem a paternidade de Van Rensselaer Potter, em 1970. Convém, desde já, esclarecer o âmbito do vocábulo *transdisciplinaridade*. Luís Archer contribui para o que pretendo: *“Devido à introdução da dimensão social da Bioética, esta situa-se em zonas de intersecção de vários saberes, nomeadamente das tecnociências (sobretudo a biologia e a medicina), das humanidades (filosofia, ética, teologia, psicologia, antropologia), ciências sociais (economia, sociologia, impacto social) e doutras disciplinas como o direito. Não se trata somente de uma confrontação interdisciplinar mas antes de um diálogo pluridisciplinar que alguns designam de transdisciplinar para significar que os cientistas têm de integrar na sua estrutura mental os valores e os paradigmas, os métodos e critérios científicos. Os discursos do cientista e do filósofo não falam dos mesmos objectos nem usam a mesma linguagem, mas podem esclarecer diferentemente a mesma realidade concreta – por exemplo a eutanásia. Neste sentido, a bioética não é propriamente uma disciplina mas antes uma nova transdisciplina. (...) A transdisciplinaridade da bioética pretende manter a autonomia e independência tanto das áreas científicas como das humanistas, respeitando e aceitando os seus diferentes métodos, linguagem, objectivos e conclusões, mas procurando encontrar a sua complementaridade na busca de respostas consensuais para a defesa da dignidade da pessoa humana. (...) Apesar de todas as dificuldades, tem-se verificado apreciável progresso, ao longo dos últimos séculos, na defesa da dignidade da pessoa humana e dos seus direitos fundamentais. De uma forma ou de outra, o importante é que a discussão bioética transcenda um puro pragmatismo bio-médico e se localize na área daquela Sabedoria prática que se baseia na fundamentação das finalidades éticas e na sua hierarquização teórica.”*<sup>15</sup>

Assumo esta definição da Bioética como *“saber transdisciplinar que planeia as atitudes que a humanidade deve tomar ao interferir com o nascer, o morrer, a qualidade de vida e a interdependência de todos os seres vivos.”* E reside no vocábulo transdisciplinar o âmbito inesgotável dos saberes que podem ou devem ser aproveitados como precioso contributo, porque enriquecedor, para que a Bioética seja o que deve ser, segundo o que dela pensam, escrevem ou se pronunciam os mais variados pensadores ou cientistas.

Deve-se, efectivamente, a Van Potter a paternidade do termo Bioética, *“ainda que este autor não tenha inicialmente atribuído ao novo termo todo o conteúdo que hoje lhe damos, a verdade é que a partir dessa mesma altura se começou a designar por bioética o*

---

<sup>15</sup> Idem - pp.25-26.



*conjunto de preocupações, discursos e práticas que então surgiam e que se vieram a estruturar num novo saber.*”<sup>16</sup> Como conceito, está ligada ao *vovç*, ao pensamento! De aqui que se ponha a questão do que poderá implicar o dizer *‘pensar bioeticamente ou pensamento bioético’*. Disto me ocuparei no ponto nº 3, deste capítulo. No entanto, apenas saliento o que aqui se torna inevitável: a evolução que os termos criados sofrem com o decorrer dos tempos. Foi o que aconteceu com o vocábulo Bioética, segundo o constata o excerto citado um pouco acima. Esse “*novo saber*” acaba por ser o “*saber transdisciplinar que planeia as atitudes que a humanidade deve tomar ao interferir com o nascer, o morrer, a qualidade de vida e a interdependência de todos os seres vivos*”, conforme já ficou explícito. De tal perspectiva globalizante deste novo saber, ou dos saberes, é que emerge o fascínio da Bioética.

O vocábulo tem a sua origem em dois étimos gregos: βίος (vida) e ἠθός (ética). Assim sendo, a Bioética persegue a ética da vida; a melhor forma, diria, de se encontrar o caminho que proporcione verdadeira qualidade de vida, ou bem estar, para o ser e pessoa humanos. É que nem sempre, e seguindo os quatro famosos princípios da Bioética (autonomia, beneficência, não maleficência e justiça) se consegue o que se pretende a nível de teorias. Estas até podem ficar-se no que utopicamente seria desejável, mas podem não conseguir esse melhor possível desejável.<sup>17</sup> Neste contexto da utopia, num relevante artigo sobre a “**A Medicina e Utopia**”<sup>18</sup>, o Professor Doutor Daniel Serrão refere: “*Passaram dois mil e quinhentos anos (desde Hipócrates de Cós) e sempre, até hoje, se têm confrontado, entre si, o mistério do adoecer e a utopia de o explicar*”. A propósito da definição da Saúde pela O.M.S., escreveu: “*Sábios de toda a parte foram chamados a pronunciar-se e não chegaram a acordo; só conseguiram sair do impasse recorrendo à utopia. Considero a definição da saúde apresentada pela O.M.S. um raro e feliz encontro, entre a Medicina e a Utopia.*” “*Definiam assim a saúde: é um estado de completo bem-estar físico, mental, social (e espiritual). Esta definição é uma brilhantíssima utopia*”. “*Direi que ninguém está nunca, em estado de saúde, que a saúde é uma utopia mas nunca se encontra*”. “*A saúde não é apenas a ausência da doença, mas sim a utopia do bem-estar completo e total.*” “*A grande utopia que proclamo é a da criação de um novo vínculo ao mundo natural, amando e respeitando a vida que nele, como em nós, se manifesta em toda a pujança e perenidade. Nesta utopia me deleito há uns anos e chamo-lhe **archeobiologia***”. “*A minha archeobiologia utópica diz-me que só há uma solução – a de os seres humanos, no mais profundo da sua auto-consciência,*

---

<sup>16</sup> Idem - p.17.

<sup>17</sup> SERRÃO, Daniel – “*Utopia III – outra vez Portugal*”. In *Brotéria*, 149 (1999), pp. 185-200.

<sup>18</sup> In *Internet* – [www.danielserrao.com](http://www.danielserrao.com)

*assumirem-se, de novo, como seres vivos naturais, objectos do mundo e não senhores do mundo; seres que voltarão a usar a percepção de episódios como o encontro inefável e indizível, com o vento que passa, a água que corre, a hera que se enlaça ou o olhar afectuoso do golfinho. Não há outra solução senão a de respeitar e amar todo o mundo vivo, animal e vegetal, porque é nele e para ele que nós, seres humanos nos realizamos em todas as nossas capacidades actuais.” “A minha archeobiologia utópica diz-me que podemos regressar para atingir o conhecimento absoluto da vida (...) para construir o novo paraíso de paz entre os homens e entre as religiões. É esta a grande utopia para os próximos milénios”. A vida ama-se e respeita-se a partir de um agir!... Esta perspectiva alargada do ser humano e do ser vivo e este “regressar para atingir o conhecimento absoluto da vida (...) para construir o novo paraíso de paz entre os homens e entre as religiões” é o que me permite a ousadia de regressar ao passado e fazer uma leitura bioética no pensamento de um pensador místico, mas prático ou pragmático, como foi Paulo da Cruz, e que, dada a transdisciplinaridade da Bioética, se insere, por isso mesmo, na sua área e me ajuda a programar e construir a personalidade e individualidade de quem quer que seja de forma a poder ter qualidade de vida e bem-estar, uma outra qualidade de vida, portanto..*

Eis porque são bem-vindas achegas relevantes de pensadores e ou escritores que nos obrigam a reflectir sobre posições bioeticistas. Como se infere do estudo do pensamento bioético dos mais credenciados bioeticistas, deparei-me com o posicionamento de um face à Bioética, levando-me a repensar o que penso sobre a bioética. Refiro-me, concretamente, a Jonathan Baron e ao seu livro *Against Bioethics*. Armando Massarenti, no prefácio que faz à edição italiana de “Contro la Bioética” de Jonathan Baron, cita um artigo de Pinker, publicado no New York Times Magazine, de 13 de Janeiro de 2008, no qual se lança um desafio ao leitor sobre qual destas três personagens da história –Madre Teresa de Calcutá, Bill Gates e Norman Borlaug- é o mais admirável. Ficando-nos apenas com o que se refere a Madre Teresa, por quem se nutre uma admiração muito especial, expressa um apontamento que nos interessa no âmbito da contextualização do que pretendemos reflectir: ***“Fica também dito que Madre Teresa foi muitas vezes contestada porque, embora os seus empreendimentos fossem apoiados, oferecia aos seus pobres muitas orações mas medicamentos rudimentares e talvez poucos analgésicos...”***<sup>19</sup> Onde se pretende chegar com esta observação? *“Pinker não vai lançar qualquer ataque a Madre Teresa, mas quer comunicar-nos o nascimento de um novo campo de investigação, que interessa neurólogos e*

---

<sup>19</sup> MASSARENTI, Armando – *Prefazione all’edizione italiana*, de ‘Contro la Bioetica’ de Jonathan Baron, Raffaello Cortina Editore, Milano. Prima edizione: 2008, p.IX-X.

*cientistas cognitivos: o estudo do ‘Instinto moral’. Mas aquilo que mais interessa é que nos quer tocar com a mão a fim de que os nossos juízos morais não sejam frequentemente enganados por verdadeiras ‘ilusões cognitivas’, tal como acontece com as ilusões ópticas, que nos impedem de ver as coisas de uma forma objectiva. Assim, para ficar no seu exemplo, o halo de santidade de Madre Teresa torna-nos menos atentos no definir as acções que efectivamente, em geral, podem aumentar ou diminuir os sofrimentos humanos. **Desmascarar as ilusões cognitivas deste tipo pode abrir portanto a estrada, segundo Pinker, para um estudo mais científico e objectivo do sentido moral**”.*<sup>20</sup> Tendo isto presente, entende-se melhor a posição de Jonathan Baron no seu livro “Against Bioethics”. *“Nascida para substituir as usuais formas de moral com uma ética genuína baseada na biologia, a **bioética tornou-se uma constelação de juízos intuitivos ou mesmo princípios absolutos em nome dos quais se pretende escolher as questões mais delicadas no campo da pesquisa científica e da prática médica. Profissionais da saúde, instituições, aparelhos estatais mas também os próprios pacientes e os sujeitos envolvidos neste ou naquele experimento agora fazem apelo aos bioeticistas das várias tendências com o resultado de que frequentemente é escolhida uma linha de conduta penalizante. A uma ética das instituições e dos princípios, Baron contrapõe neste livro uma ética das consequências, que nada mais é do que a tradição do utilitarismo, reforçada do aparelho científico da teoria das decisões racionais. A única forma para maximizar a utilidade esperada de todos os agentes envolvidos “Contra Bioética” fará torcer o nariz aos dogmáticos de todas as crenças mas agradará a quem se preocupa com um estilo de vida que respeita as preferências dos individuais (das pessoas individuais, dos indivíduos...).**”*<sup>21</sup>

Aceito como relevante o pensamento de Jonathan Baron no seu livro e que problematiza a visão que se tem tido ou se tem da Bioética. Isto não implica que abale o que penso da Bioética e que acima já transcrevi sumariamente. No entanto, o conteúdo deste livro de Jonathan Baron não nos pode passar de lado; antes pelo contrário, impele-nos a ‘ver’ a Bioética, ou, se quisermos para melhor nos entendermos, ‘o agir ético’, de uma forma mais ‘aberta’, mais abrangente e mais cuidadosa.

Ao abrir o Prefácio do seu livro *Against Bioethics*, ele próprio explicita: **“Este livro correlaciona três áreas de pesquisa que cultivo de há anos: a teoria das decisões, o utilitarismo e a bioética aplicada. Por algum tempo, tive a sensação de que a análise de**

---

<sup>20</sup> Idem - p. X.

<sup>21</sup> In ‘Contra-Capa’ de ‘Contro la Bioetica’ de Jonathan Baron, Raffaello Cortina Editore, Milano. Prima edizione: 2008.

*decisão necessitava enraizar-se firmemente no terreno da teoria da utilidade e naquelas formas sofisticadas de filosofia utilitarista a favor das quais se manifestou, entre outros, Richard Hare. (...) Encontrei sempre mais irritante (enfadonha) a maneira como os bioeticistas negligenciavam a análise da decisão em medicina. (...) Penso que a teoria das decisões deveria ser considerada com maior atenção tanto pela comunidade médica como pelos policymakers (isto é, por todos aqueles que decidem políticas, directrizes e estratégias das instituições). (...) Basicamente, tentei esclarecer, em linhas gerais, qual ponto de vista poderia assumir a bioética aplicada tomando com mais seriedade a análise utilitarista das decisões.”<sup>22</sup>*

Portanto, Jonathan Baron, neste seu trabalho, centra as atenções nos vértices do triângulo: *a teoria das decisões, o utilitarismo e a bioética aplicada*. Ele faz diferença neste progredir do âmbito ou pontos de vista de perspectivar a Bioética. Tal estudo sobre a Bioética e tal perspectiva da mesma merece uma reflexão ‘crítica’, contribuinte para o progresso e futuro da Bioética. Efectivamente, no capítulo 2 de “*Against Bioethics*”, Jonathan Baron debruça-se sobre “*Bioethics vs Utilitarianism - A Bioética e o Utilitarismo em confronto (em comparação)*”;<sup>23</sup> e no capítulo III, sobre “*Utilitarianism and Decision Analysis - O utilitarismo e a análise das decisões*”.<sup>24</sup>

No livro de J. Baron, duas correntes da Bioética entram na arena: o principialismo norteamericano, que ele rejeita, e o utilitarismo, que aceita. Olga Campos Serena, da Universidade de Granada, registou no final do seu artigo sobre “*Bioética Principialista, El Papel de la Tradición Norte Americana*” que “*reivindicamos a ideia de que seria bom evitar reduzir a Bioética ao principialismo norteamericano*”.<sup>25</sup> Mas vejamos o que Olga Campos Serena escreve acerca de Jonathan Baron: “*Para muitos, seriam grandes as vantagens de superar o esquema norteamericano. O autor Jonathan Baron é expoente actual de muitas das críticas traduzidas (manifestadas), defendendo que realmente a proposta de Beauchamp e Childress não nos proporciona nada inovador porque, no final das suas análises, acabam fundamentando-se predominantemente na tradição e juízos intuitivos. Baron não defende com isso a banalidade da bioética, mas o que pretende é insistir na necessidade de aprofundar a metodologia escolhida. Ele nos insta a adoptar um esquema utilitarista no procedimento de análise e tomada de decisões. Ao fazê-lo, diz, a novidade radicaria em que*

---

<sup>22</sup> BARON, Jonathan – *Against bioethics* – Cambridge/London. The MIT Press, 2006, p XI.

<sup>23</sup> Idem - pp 9-24.

<sup>24</sup> Idem - pp 25-50.

<sup>25</sup> SERENA, Olga Campos – “*Bioética Principialista, El Papel de la Tradición Norte Americana*”, Comunicação apresentada no XLV Congreso de Filósofos Jóvenes, Granada, 28 a 30 de Abril de 2008, organizado pela A.U.F.G. (Associação Universitária de Filosofia de Granada), p. 8.

*estaríamos conseguindo conclusões com rigor, clareza e consistência.*”<sup>26</sup> O que subjaz a esta questão é a proposta de metodologia bioética: principialismo ou utilitarismo. Para entendermos o porquê da citação de T. Beauchamp e L. Childress no excerto citado, voltamos a recordar os quatro princípios ‘fundamentais e tradicionais’ da bioética, a saber: autonomia, beneficência, não maleficência e justiça. Esses autores *“encarregam-se de desenvolver esta posição principialista como um marco básico e linguagem comum para analisar e resolver os conflitos éticos no contexto biomédico. Partindo daí, apresentam um duplo objectivo. Por um lado, a ampliação do campo de aplicação dos princípios a partir da área concreta da experimentação humana aos outros âmbitos bioéticos, em geral. Por outro, a sistematização mais rigorosa do modelo principialista, justificando os princípios desde critérios éticos reconhecidos.”*<sup>27</sup> E acerca desta matéria –principialismo, utilitarismo– trocam-se argumentos entre os autores citados e W.D.Ross, Camps, William Frankena, Diego Gracia, K.D. Clouser e B. Gert, A. Jonsen e S. Toulmin e Jonathan Baron.<sup>28</sup>

Tendo presente a ideia de Pinker, acima registada, isto é, a de ***“desmascarar as ilusões cognitivas que podem abrir portanto a estrada para um estudo mais científico e objectivo do sentido moral”***, Armando Massarenti diz que o ponto de vista de Pinker *“sobre a ciência nova que preconiza”* não é coisa nova, dado o desenvolvimento da ciência a vários níveis de instrumentos (ferramentas) experimentais, como a ressonância magnético-funcional que permite compreender o que acontece no nosso cérebro enquanto tomamos uma decisão ou experimentamos uma emoção<sup>29</sup> e refere que há muito a fazer na direcção do ***“desmascarar as ilusões cognitivas que podem abrir portanto a estrada para um estudo mais científico e objectivo do sentido moral”***, pois, salienta, *“aquilo que é mais grave é que muito frequentemente são precisamente as mais difundidas agências morais aquelas que acabam por revelar-se fáceis armadilhas do raciocínio intuitivo e a cair no mais perigoso das formas. E é exactamente esta a denúncia que Jonathan Baron move (provoca) neste livro à orientação predominante das Comissões de Bioética que nos últimos trinta anos têm tido uma vastíssima propagação nos Estados Unidos e no mundo.”*<sup>30</sup>

O que provoca a reacção de Jonathan Baron é o agir ético-moral das *“Comissões de Bioética que, no campo médico e na relação com a investigação científica, a partir da moral tradicional e dos juízos intuitivos ditados pelos princípios deontológicos de molde, de matriz*

---

<sup>26</sup> Idem - p. 8.

<sup>27</sup> Idem - p. 5.

<sup>28</sup> Idem - pp. 5-8.

<sup>29</sup> MASSARENTI, Armando – *Prefazione all’edizione italiana*, de ‘Contro la Bioetica’ de Jonathan Baron, Raffaello Cortina Editore, Milano. Prima edizione: 2008, pp.X-XI.

<sup>30</sup> Idem - pp.X-XI.

*kantianos e portanto insensíveis a uma avaliação cuidadosa das consequências das próprias decisões.*”<sup>31</sup> Quando falo do agir-ético, penso na utopia que envolve o mesmo. Assim como o que penso sobre o utilitarismo. Será assunto do nº 2 deste primeiro capítulo.

Retomando o pensamento de Jonathan Baron, insisto no que acima registei, isto é, ele **“*insta-nos a adoptar um esquema utilitarista* (uma moral utilitarista) *no procedimento de análise e tomada de decisões.*”** Detenhamo-nos nos termos ‘*análise*’ e ‘*tomada de decisões*’. São expressões chave no pensamento do Professor de Psicologia e membros do Comité de Ética do IRB da Universidade de Pensilvânia, Jonathan Baron. E foi aí que, em 1999 morreu Jesse Gelsinger, *devido a uma terapia genética experimental para uma deficiência enzimática de que sofria*. Na Introdução do seu livro, J. Baron explicita como não resultou a experimentação do doutor James Wilson. E apesar de promissora, tal terapia *“era perigosa porque o vírus poderia causar problemas (it was risky, though, because the vírus itself could cause trouble).*”<sup>32</sup> E de facto, J. Baron regista no capítulo 1, Introdução, que, *“No 17 de Setembro de 1999, Jesse Gelsinger morria com a idade de 18 anos por ter participado numa experimentação médica, no hospital da Universidade de Pensilvânia.*”<sup>33</sup>

Para Jonathan Baron, ***a morte de Jesse ficou a dever-se a uma série de decisões erradas.*** É o que se conclui desta sua afirmação, por exemplo: *“Por razões ainda não totalmente compreendidas algo aconteceu de errado, e Gelsinger morreu de colapso de múltiplos órgãos”,* escrevendo, de seguida, que *“retrospectivamente, torna-se evidente que se cometeram vários erros: Gelsinger não fora totalmente informado dos riscos...”*<sup>34</sup> Este assunto torna-se mais grave, ao ter-se presente que Gelsinger *“gozava substancialmente de boa saúde e não tinha necessidade da terapia (Note, thought, that Gelsinger was reasonably healthy and did not need the therapy)”*. Portanto, começamos a entender, desde já, o título do seu livro *“Against Bioethics”*! Jonathan Baron considerou desajustado realizar uma experimentação em prematuros atingidos com tais deficiências enzimáticas. Argumentou-se que o escolho, a dificuldade, residia na impossibilidade de se obter o consentimento válido uma vez que os pais estariam submetidos ao stress e à urgência de tomar uma decisão. É tendo isto presente que Jonathan Baron afirma que esses e outros erros *se encontram no decorrer do exercício da bioética aplicada: “Em última análise, pode-se considerar que a morte de Jesse Gelsinger foi o resultado de um erro de raciocínio, de uma confusão de*

---

<sup>31</sup> Idem - p. XI.

<sup>32</sup> BARON, Jonathan – *Against bioethics* – Cambridge/London. The MIT Press, 2006, Chapter 1, Introduction (Capítulo 1, Introdução), p. 1.

<sup>33</sup> Idem - p. 1.

<sup>34</sup> Idem - pp. 1-2.

*parte de quase todas as pessoas envolvidas. Talvez, foi o resultado de um princípio de bioética. Erros do género encontram-se dispersos em toda a parte na tarefa (empreendimento) da bioética aplicada. Obviamente, os bioeticistas que contribuem para estes resultados não reconhecerão facilmente as suas falhas. Todavia, defendo aqui que estão realmente no caminho errado”.*<sup>35</sup>

Estamos perante desafios éticos que exigem alternativas éticas, questionando inclusive os juízos intuitivos, não somente no campo biomédico como noutros âmbitos. No entanto, não se pode desvalorizar, a meu modo de ver, aquando da tomada de decisões responsáveis, os próprios juízos intuitivos, bem fundamentados. Armando Massarenti, analisando o pensamento de J. Baron, recorda que a sua teoria “*é uma teoria que, na elaboração de Baron, reúne o mérito, as vantagens, da perspectiva moral utilitarista (que é defendida com eficácia pelos seus contemporâneos) com a analiticidade da teoria das decisões racionais (cujo perspectiva já é também orientada no sentido utilitarista. Isto significa que a Bioética, enfrentando questões como a experimentação acerca do homem, a possibilidade de ‘melhorar’ a natureza através da genética e os medicamentos, a reprodução assistida, as questões do fim da vida (que incluem as directivas antecipadas, a eutanásia e a doação de órgãos), o paternalismo médico e o consentimento informado, o conflito de interesses e a pesquisa farmacêutica, deveria tirar proveito dos progressos de um dos programas de investigação científica mais eficaz do Novecentos: a teoria das decisões racionais.*”<sup>36</sup> Assim, continua Armando Massarenti, a análise da decisão utilitarista é a única capaz de fornecer previsões, conjecturas, de um bem esperado em situações complexas, usando dados e informações (quando possível), e detendo-se, centrando-se sobre a avaliação das consequências em questões relevantes. Tendo presente a perspectiva de Baron, a Bioética evitaria fornecer decisões que claramente vão contra o bem esperado dos indivíduos envolvidos, como frequentemente acontece. Este tipo de análises permite esclarecer de uma forma bastante límpida, clara, o esquema das decisões a tomar. “*Como já escrevera Locke, a maior parte das nossas decisões e dos raciocínios que as acompanham, não ocorrem ‘na clara luz do dia’ mas ‘no crepúsculo da probabilidade’.* A probabilidade não é outra coisa senão o nosso grau de confiança, dada uma certa informação, na ocorrência de um dado evento. Para se ser coerente nas nossas escolhas, devemos preferir sempre a decisão que nos dá a probabilidade mais alta de obter a consequência que preferimos. É esta a considerada

---

<sup>35</sup> Idem - p. 3.

<sup>36</sup> MASSARENTI, Armando – *Prefazione all’edizione italiana*, de ‘Contro la Bioetica’ de Jonathan Baron, Raffaello Cortina Editore, Milano. Prima edizione: 2008, p. XI.

regra de maximização da utilidade esperada, centro dos raciocínios que se encontram no livro de Jonathan Baron. ”<sup>37</sup>

Parece ficar clara a relevância de “um estudo sempre mais profundo das ‘ilusões cognitivas’ que influenciam o nosso parecer e que nos impedem, muito frequentemente e sobretudo no campo da bioética, de escolher o melhor.”<sup>38</sup>

Miguel Kottow<sup>39</sup>, comentando o “Against bioethics”, diz que Jonathan Baron “no desenrolar do texto vai encontrando uma série de vícios no pensamento bioético, que incluem o naturalismo, a inclinação para considerar as omissões como eticamente menos graves do que as comissões, as confusões entre coerção e previsibilidade de escolhas, a promoção de normas a princípios absolutos e a confusão de aspectos quantitativos nos processos de financiamentos. É contra todas estas falácias que Jonathan Baron propõe **a análise decisória utilitarista (ADU)** tal como a propõem a Sociedade de Análise Decisória e a Sociedade de Decisões em Medicina, às quais pertence o autor Jonathan Baron. As recomendações gerais da ADU são o pensar em forma quantitativa, comparar opções, considerar o futuro, tomar em conta os efeitos psicológicos, combinar utilidades. Nos dez capítulos de “Against bioethics”, o texto aplica a ADU **para identificar a melhor opção que antecipe o maior bem para os indivíduos, omitindo a negociação de bens entre pessoas como seria característico do utilitarismo clássico.**” E, como consequência, Kottow continua a salientar o pensamento de Baron, dizendo que “a bioética, sobretudo da linha principialista, é incapaz de resolver os conflitos que a ADU aborda mediante a quantificação de duas considerações relevantes: os resultados e as suas probabilidades. Os termos benefício e dano são relativos e podem ser mutuamente comparados, **“tal como é possível comparar benefícios com benefícios e danos com danos.”**<sup>40</sup> Precisando mais, Kottow interpreta o pensamento de Baron, expresso no seu livro, de que “o utilitarismo privilegia os fins e não considera como se obtêm os resultados. Por isso, vê como uma inclinação de juízo o preferir justificar danos como indirectos, tal como o faz a doutrina de duplo efeito.”

Miguel Kottow, continuando a debruçar-se sobre a obra de Baron, diz que este “reconhece deficiências na perspectiva quantitativa em comparações de qualidade de vida, como por exemplo, se a controvérsia de se toda a vida humana é igualmente valiosa ou se a

---

<sup>37</sup> Idem - pp. XII-XIII

<sup>38</sup> Idem - p. XV.

<sup>39</sup> Foi a partir da Internet que descobri uma pertinente ‘recensão’ da ‘Against bioethics’ feita por Miguel Kottow.

<sup>40</sup> BARON, Jonathan – *Against bioethics* – Cambridge/London. The MIT Press, 2006, p. 17.



vida de um deficiente tem menor valor. Evita, em nome do bom senso, disputas que envolvam juízos de valor, pelo que simplesmente se nega realizá-los. Isso é correctamente ético, mas deveria, segundo Miguel Kottow, mostrar que a quantificação de dilemas bioéticos pode levar a resultados aberrantes. **“Uma das virtudes da análise decisória, em geral, é que não precisa de negar a possibilidade de erro - (One of the virtues of decision analysis in general is that it does not need to deny the possibility of error)”**.<sup>41</sup> A virtude não é do método mas de todo o pensador honesto que não esteja constrangido pelo dogmatismo.” Portanto, e **tendo presente uma série de temas específicos a análise favorece uma postura utilitarista.**

Para a conclusão a que me interessa chegar, reconheço que Jonathan Baron assume o utilitarismo na sua perspectiva bioética. No final do Capítulo II, ele conclui: *“neste capítulo, tentei comparar a abordagem utilitarista, que farei minha, com a tradição que emerge da bioética tal como é praticada. A praxis bioética ocupa-se da aplicação de princípios. Quando tal praxis conduz a resultados que, na sua globalidade, são piores daqueles que se poderiam obter por qualquer outra via, somos levados a interpelarmo-nos se não estaremos em condições de encontrar o modo de alcançar coerentemente um resultado melhor Alguém poderá afirmar que os resultados negativos são simplesmente o preço da moralidade, mas que ‘moralidade’ nos autoriza a piorar a situação de um outro qualquer?”*<sup>42</sup>

Sintetizando, assumo o ponto de vista de Miguel Kottow, na interpretação que faz do “Against Bioethics”: **“Jonathan Baron discute uma quantidade de outros temas polémicos, cuja solução sempre encontra num enfoque utilitarista, sem considerar as debilidades e falácias intrínsecas a esta visão; o utilitarismo clássico fala do maior bem, sem especificar qual seja ou reconhecer que haverá uma variedade de preferências do que seja esse maior bem. Fala, também, de favorecer ao máximo de pessoas, mas isso fica em fórmula vazia se não se estabelecem critérios de extensão —a quem- e de intensidade —quanto bem- para a distribuição. A maior aplicação do utilitarismo está na distribuição de recursos escassos, mas as soluções de racionamento são eticamente opacas e devem dar lugar, quanto antes, à procura dos recursos necessários para dar cobertura às necessidades essenciais, ou seja, a satisfação dos direitos humanos de primeira e segunda geração. No caso particular da ADU, falta o reconhecimento explícito de que muitas variáveis e valores não são quantificáveis, nem sequer comparáveis. Jonathan Baron sugere considerar como critérios utilitaristas o**

---

<sup>41</sup> Idem - p. 95.

<sup>42</sup> Idem - p. 23.

*futuro, os efeitos psicológicos e a combinação de utilidades, mas nenhuma das três perspectivas é transformável em unidades quantificáveis, mas são consideradas em quanto conceitos qualitativos, para a deliberação e a avaliação.”*<sup>43</sup>

E para concluir, assumo mais uma vez o pensamento de Miguel Kottow quando regista: *“J. Habernas foi um enfático opositor do decisionismo em quanto usurpa os processos de análise racional, carecendo de fibra moral porque invariavelmente faz uma análise situacional, sem criar um ambiente coerente nem uma jurisprudência. O ênfase na decisão seria uma negação da ética de comunicação, um preço demasiado alto que diminuiria penosamente o discurso bioético.*

*“Against Bioethics” contém uma forte crítica à bioética académica. Se em parte se justifica, no entanto dá demasiado protagonismo a certas reflexões periféricas. A rejeição do naturalismo, por exemplo, dirige-se a uma minoria de pensadores que consideram imprópria a intervenção artificial em processos naturais, apesar de que a medicina terapêutica fá-lo regularmente. Nem tem sentido insistir na falácia naturalista, plenamente reconhecida e já submetida a discussões avançadas que, em parte, a derrubaram e, pelo menos em parte, a invalidaram. A rejeição do principialismo bioético de há tempos que foi substituída pela crítica à bioética principialista, apoiada pela ética sem princípios, ou, no dizer de A. Cortina, pela ética **in moral**.*

*Não devemos ignorar as distorções e falácias que se infiltram no discurso bioético que devem ser abordadas a partir do interior da disciplina e não por descarte. O livro de Jonathan Baron mostra o caminho pragmático e utilitarista que a bioética está em risco de seguir, ao qual é necessário opor uma esforçada e diligente deliberação.”*

E tendo chegado a este ponto, é altura de me interpelar: face a tudo o que fica transcrito, o que penso do utilitarismo? Será que a leitura bioética do pensamento de Paulo da Cruz me permite aceitá-lo como utilitarista ou me permitirá **uma outra perspectiva do ‘utilitarismo’**? O “*pensamento bioético*” analisado em Paulo da Cruz, pensador do século XVIII, obriga-me a repensar um outro conceito, o do “*utilitarismo*”, perspectivado positivamente, no meu ponto de vista fundamentado no pensamento e agir de Paulo da Cruz e presente na actualidade no agir dos seus seguidores. A prova disto está patente, só a título de exemplo, no que se passa na presença dos seus membros na Amazónia Peruana.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> In: Internet, ‘recensão’ da ‘Against bioethics’, feita por Miguel Kottow.

<sup>44</sup> BEZERRA, João – ‘Pobreza y ‘mirada ético-espiritual, sentiente y sanante’ (Conferencia en el VI Congreso Mundial de Bioetica – Gijón – España. 18-21 de Mayo 2009), publicada na Revista STAUROS – Teología de la Cruz, nº 49 – 2010. pp. 77-83.

O que penso, no entanto, sobre um eventual ‘encosto’ à perspectiva de Jonathan Baron do utilitarismo e da análise de decisões ao estudar o pensamento bioético de Paulo da Cruz, confesso que não os posso dissociar de uma outra perspectiva relacionada com a utopia. É o que passo a analisar na alínea que segue.

## **2. Utilitarismo e a utopia do agir ético-moral**

Tendo presente o que Jonathan Baron pensa ora do utilitarismo, ora da análise das decisões, ora da bioética aplicada, devo confessar que o pensamento sobre estas mesmas temáticas centra-se na análise de uma interpelação, a saber: ***Utopia e agir ético-moral – que possível interacção? Perspectivo a Utopia e agir ético-moral face a múltiplos desafios: da engenharia genética; da biotecnologia, e de outros afins.*** E, no fundo, será a utopia no agir-ético moral o ‘casulo’ onde poderei encontrar soluções concretas face a diversas circunstâncias em que se vê envolvida a decisão dum agir ético moral.

Interessa-me progredir na reflexão sobre a possível interacção ente a utopia e o agir ético ou moral., assim como sobre várias teorias relacionadas com o agir ético-moral, e sobre a bioética aplicada, a fim de se poder assumir a melhor decisão, dentro da análise de decisão de que nos fala Jonathan Baron.

Pontualizando o meu parecer, aceito a utopia como algo hipoteticamente realizável, o que me permite admitir que, em ‘zonas fronteiriças’ do pronunciamento ético-moral ou da realização da acção concreta, a utopia poderá ser um caminho a seguir, até que se desanuvie o horizonte das dúvidas... Rejeito, a priori, o utilitarismo nesta focagem ética a partir da utopia, pois não me pauto pelo carácter vantajoso ou não das consequências da posição assumida face a acções concretas.<sup>45</sup> Roque Cabral regista que *“as formas egoístas do utilitarismo, por serem tais, são inaceitáveis, nem é qualquer forma de altruísmo, mas apenas as que forem fundamentadas na verdade do homem, que são admissíveis. O problema, bem real, implicado na distinção do utilitarismo do acto e utilitarismo de regra (distinção que já apontada em Mill e Sidgwick e formulada por Brandt) não parece ter encontrado satisfatória solução por parte dos utilitaristas. A correcção contractualista introduzida por Rawls põe de manifesto a incapacidade do utilitarismo em fornecer critérios para a justa distribuição do bem-estar a distribuir e em salvaguardar os direitos legítimos das pessoas.”*<sup>46</sup> E mais: *“O utilitarismo ignora ainda a importância moral da intenção dos agentes morais e desatende*

---

<sup>45</sup> Tenho presente, a propósito, o seguinte: *“o utilitarismo é uma teoria moral que permite coordenar de maneira precisa o juízo e a acção morais. Possui três dimensões essenciais: um critério de bem e do mal (welfarisme), um imperativo moral –maximizar esse bem (prescritivismo) e uma regra de avaliação da acção moral graças a esse critério (consequencialismo)”*. (Catherine Audard, ‘Utilitarisme’, *Dictionnaire d’éthique et de philosophie morale*.

<sup>46</sup> Cabral, Roque – ‘Utilitarismo’, In *Lógos, Enciclopédia Luso – Brasileira de Filosofia*, 5, Verbo, 1992.

*à moralidade dos meios com que se alcançam os resultados a que unicamente atende.”* O que pretendo concluir e realçar é que, sendo importante a *intenção dos agentes morais, a utopia, em interacção com o agir ético-moral, é a que pode resolver a conflitualidade pontual na tomada de decisões ou opções concretas*. Porque em situações concretas poderá ser o ‘sonho desejável’ a única alternativa para avançar e sair de impasses criados pelas ‘normas ético-morais’ vigentes e que poderão surgir como barreiras de um progresso ‘sadio’. Tenhamos presente, só a mero título de exemplificação, as problemáticas relacionadas com a eutanásia, com os posicionamentos da Encíclica ‘*Humanae Vitae*’, da clonagem, do suicídio assistido, etc.

Dando mais uma passo à frente, elimino a hipótese de ter presente na fundamentação da acção a teleologia, no sentido de que não são os fins que justificam os meios mas os fins obrigam-nos à selecção dos meios mais aptos, orientados pelo valor moral dos actos e não apenas pelo critério – extrínseco – dos seus efeitos. Quanto ao consequencialismo, na perspectiva normativa segundo a qual as consequências das nossas opções constituem o único padrão fundamental da ética, eu apenas rectifico que as consequências das nossas opções não podem constituir o único padrão fundamental da ética, mas não ponho em causa que a ponderação das consequências tenha uma relevância muito forte nas opções e acções éticas. A utopia, na minha perspectiva, tem presente as consequências que advirão às opções assumidas e que orientam a acção, a partir das três características importantes das teorias consequencialistas, sintetizadas nesta linha de prioridades: a aplicação a actos individuais, a prescrição da maximização do bem, (isto é, no sentido de que os agentes morais estão sob a obrigação permanente e ilimitada de dar origem aos melhores estados de coisas ou situações) e, finalmente, o pressuposto de uma teoria do valor que resulta numa avaliação dos estados de coisas em termos estritamente impessoais. Já sabemos que os utilitaristas se distinguem dos consequencialistas em virtude do tipo de teoria do valor em que se baseiam. Para os utilitaristas, a teoria do valor sustenta que o bem a promover consiste exclusivamente no bem estar dos indivíduos, que poderão ser afectados pela nossa conduta. No fundo, advoga uma concepção hedonista do bem estar, ou identifica o bem estar com a satisfação de desejos ou preferências.

Pedro Galvão regista que *“Na perspectiva do consequencialismo objectivo, o acto certo ou obrigatório é sempre aquele que efectivamente maximiza o bem, independentemente daquilo que o agente previu ou poderia ter previsto. O subjectivo ou probabilista, pelo contrário, identifica o acto obrigatório atendendo à perspectiva epistémica do agente: agir correctamente é seguir o curso de acção que, ponderadas as probabilidades à luz dos dados disponíveis, se apresenta mais promissor. (...) O consequencialismo costuma ser entendido explicitamente não como uma perspectiva sobre a forma correcta de tomar decisões morais, mas como um padrão que visa indicar as propriedades ou factores que tornam uma acção moralmente certa ou errada. (...) Por vezes, as regras morais*

*entram em conflito. Precisamos de resolver dilemas – e precisamos também de determinar que intuições e disposições devemos inculcar e cultivar. Para estes efeitos, e só para estes efeitos, devemos ascender ao nível crítico do pensamento moral. É neste nível que tomamos decisões raciocinando de forma abertamente consequencialista. Esta distinção entre níveis de pensamento dá origem à seguinte perspectiva: os agentes morais não devem colocar-se acima da moralidade comum recorrendo sistematicamente ao padrão consequencialista para tomar todo o tipo de decisões, mas esse padrão tem uma relevância prática significativa, pois serve para reformar a moralidade comum através do exame crítico das práticas que a sustentam como para fornecer orientação onde esta colapsa em conflitos de deveres”.*<sup>47</sup>

Entro, assim, no cerne da questão: a utopia, que defendo, engloba aspectos referidos, relacionados essencialmente com os níveis de pensamento apontados. Estes pontos de vista ‘mexem’ com actos médicos concretos... Mas existem aqui muitos mas... É que mesmo que esteja em conformidade com as nossas intuições onde isso pareça desejável, uma perspectiva consequencialista satisfatória não pode ser meramente ad hoc – tem de justificar as opções teóricas que asseguram tal conformidade.

No que diz respeito à minha opção por uma ética de ‘herança aristotélica, em que a ética é caracterizada pela sua perspectiva teleológica, ou a moral de ‘herança kantiana, em que a moral é definida pelo carácter de obrigação da norma, por um ponto de vista deontológico’, a primeira afastou-a, porque não são os fins que determinam todos os meios, na minha opinião, e pontualizo que tão pouco é uma norma com carácter de obrigação (ponto de vista deontológico) que me satisfaz, porque em determinadas situações há que ser livre e responsável para assumir o melhor desejável, com os necessários contornos da defesa de valores e princípios universais e universalizáveis. Nem sempre ‘um princípio prévio ou concomitante ao agir, segundo o qual a acção se deverá orientar e em cujo cumprimento consistirá a sua moralidade, independentemente das consequências – a moralidade da acção depende do princípio que a determinou no seu dinamismo / prescritiva (Kant – ética do dever)’- resulta absoluta regra do agir, porque também há que pensar nas consequências advindas de determinadas opções e ou acções. E será que as ‘regras’, tanto ético-morais, em cujo cumprimento reside a integridade profissional, e as jurídico-administrativas, do que depende a qualidade do exercício da profissão, serão ‘absolutas’, isto é, não admitirão pontualmente outra perspectiva ético-moral que influencie o agir?!... Se ‘a moral é a manifestação visível da realidade dos costumes, submetidos às regras comuns de conduta numa dada sociedade e a ética é a reflexão teórica de uma ordem mais elevada sobre a legitimidade dessas regras, o termo ‘deontologia’, forjado por Jeremy

---

<sup>47</sup> GALVÃO, Pedro – *Consequencialismo*, in ‘Dicionário de Filosofia Moral e Política’ (Instituto de Filosofia da Linguagem).

Bentham, no século XIX, reenvia o profissional de cada um dos ‘ramos’ para o ‘conhecimento dos seus deveres’.<sup>48</sup> Uma vez que a utopia e o agir ético-moral “*ressaltam o valor racional de uma possível antecipação da realidade*”, mediante uma ‘acção ético-moral’, a possível, na linha das hipóteses, é esta perspectiva que me faz pensar sobre que caminho seguir... A acção não será boa (obrigatória) (em conformidade com o pensamento a partir de Stuart Mill) porque procura ‘a maior vantagem ou bem-estar do maior número’. Explico-me: se falo de eutanásia, não parto do princípio eudemonista e ou hedonista, porque o “*autêntico bem do homem não consiste exclusiva ou principalmente no prazer, nem a felicidade se pode definir prescindindo da plena razoabilidade do agir*”.<sup>49</sup> Nesta razoabilidade do agir é que se manobra, passe a expressão, a utopia e o agir ético-moral! E, que me conste, a Biotecnologia e Engenharia Genética perseguem, em última análise, o bem estar do ser humano! Mas a razoabilidade do agir é que nos projecta na questão da utopia e no agir ético-moral, face aos mais variados desafios!

A perspectiva procedimental, ‘em que se privilegia a construção de amplos consensos acerca das modalidades preconizáveis da acção, subordinando-se a moralidade da acção ao juízo da maioria’, colide também com a minha contextualização da interacção da utopia com o agir ético-moral. Agrada-me o contexto das ‘éticas aplicadas’ quando se explicita que privilegia ‘a reflexão sobre o modo como o homem deve agir num contexto de actividade humana específico ou particular’, tendo presente ‘as regras morais segundo uma noção de bem/dever. Precisamente o que pretendo é assumir a utopia como interacção com o agir ético-moral face aos múltiplos desafios ora de engenharia genética ora da biotecnologia, ora dos advindos doutras circunstâncias. Sendo a bioética uma ética aplicada e a ética médica também uma ética aplicada, a utopia e o agir ético-moral não ‘descartam’ o seu enquadramento nas éticas aplicadas, no sentido que mais abaixo explicitarei, seguindo a teorização de M. Patrão Neves...

Repito: quando constato, por exemplo, os problemas relacionados com a guerra, com o pacifismo, com os desafios advindos das biotecnologias e da genética, constato que a ‘norma’ ética e ou ‘moral’ não me desanuviam horizontes!... Acredito na minha perspectiva da utopia! Mas esta será política ou apolítica? Não será a política um impedimento para a ética e para a utopia? Ou esta colocará a política e a ética nos seus devidos âmbitos?!...<sup>50</sup>

---

<sup>48</sup> D. FOLSCHIED; B. FEUILLET-LE MINTIER e J.F.MATTTEI – *Philosophie , éthique et droit de la médecine*. Paris, PUF, 1999, pp.20-21.

<sup>49</sup> Cabral, Roque – ‘Utilitarismo’ , In *Lógos, Enciclopédia Luso – Brasileira de Filosofia*, 5, Verbo, 1992.

<sup>50</sup> M. Patrão Neves, nos apontamentos apresentados nas suas aulas do curso de Doutoramento em Bioética, abordou a questão Da BioÉtica ao BioDireito, registando que “A Bioética, enquanto reflexão ética sobre o progresso e as aplicações das tecnociências à vida, com particular atenção para as biomedicinas, conduziu naturalmente ao biodireito, que consiste numa reflexão jurídica e iniciativa legislativa incidindo sobre a capacidade de intervenção humana na artificialização da vida e visando a sua regulamentação. O Biodireito desencadeia iniciativas jurídicas no âmbito das questões já identificadas como sendo bioéticas.” Tendo presente

M. Patrão Neves refere que *“vivemos a ‘era da ética’, afirmação que evoca uma inquietude generalizada acerca das modalidades da acção humana e das formas de relacionamento que os homens estabelecem entre si, com os demais seres vivos e respectivos habitats, numa designação que não só reflecte o alargamento da reflexão ética mas também extravasa frequentemente o domínio específico da filosofia.”* Explicita duas vias que ‘exprimem’ esta ‘inquietude’: o *‘crescente descrédito em relação a toda a normativa, cada vez mais denunciada como relativista’* e *‘a intensificação contínua de uma tendência regulamentadora que se traduz no domínio de um espírito moralizador em todos os níveis da acção humana’*.<sup>51</sup> E porque não vivemos a ‘era da bioética’? Penso que sim. E nesta asserção, está presente também o pensamento de M. Patrão Neves quando expõe, nas suas aulas de Doutoramento em Bioética, que esta, *“como reflexão e como prática, veio a desenvolver-se em dois sentidos indissociáveis: o sentido fundamentador – como exigência de reflexão, o da fundamentação, na reflexão sobre os princípios que determinam o agir humano; o sentido normativo – como exigência prática, o da normatividade, na elaboração de regras que orientem o comportamento humano-, indispensável para que a bioética não se torne abstracta e eventualmente estéril.* Surge-nos, assim, seguindo o seu pensamento, *‘uma bioética global, com um mesmo ethos (como conjunto de princípios, valores, crenças, ideais, utopias partilhadas pela humanidade; uma concepção de bioética que englobe as suas dimensões históricas, uma ética ecológica e uma ética médica.’* Internacionalização e universalização, são termos perfeitamente contextualizados no que fica referido acerca da bioética. A utopia que perseguimos aparece interaccionada em vários âmbitos, que convergem para o agir humano, ou, se quisermos, com o agir ético-moral.

Estamos perante duas constatações: a crise da ‘norma’ e como que a ‘necessidade’ de uma ‘regulamentação’ que salvguarde ‘o espírito moralizador em todas os níveis da acção humana’.<sup>52</sup>

---

este pano de fundo, faço uma leitura que justifica a abordagem da utopia em questões de Bioética, no sentido de que o progresso das biotecnologias, da genética, etc, é de tal ordem imprevisto nas suas ‘novidades’ que exige uma ‘abertura ética’ na qual se insere a ‘utopia ética’ face a determinadas atitudes concretas a assumir, ‘dependentes’ de circunstâncias. Isto mesmo resulta consequência da afirmação acerca da progressão do ‘BioDireito para a BioPolítica’, numa mesma linha evolutiva em que cada um dos dois novos domínios responde a necessidades específicas de uma ética global mantendo-se uma relação de complementaridade entre os três”. (...) “Com efeito, a abertura da bioética à biopolítica é francamente determinada pela consciencialização de que alguns problemas bioéticos prementes não se situam ao nível da tomada de decisão individual, mas antes exigem um amplo consenso ético e uma vontade colectiva de acção, tal como se verifica no plano da saúde pública ou do ambiente”. (...) “O biodireito surgiu como processo excelente de universalização do ideal da bioética, e a biopolítica, como resposta necessária a uma bioética que se tornou global.”

<sup>51</sup> NEVES, M. Patrão – “Editorial”, *Arquipélago*, 7, 2000, pp. 7-8.

<sup>52</sup> Ora bem: este relevante assunto da ética remete-me sempre para um ponto de partida, supostamente conhecido de todos, e que é o origem grega do vocábulo ética’, assim como o da ‘moral’, de origem latina, e o

Preocupa-me, ainda e particularmente, tudo o que se refere à ética, à norma, à lei natural, aos valores universais e universalizáveis! Mas as normas, afinal, não se alteram com o ‘progresso’? E admitindo que nada é ‘estático’, não me será legítimo pensar que a utopia, sendo um ‘não lugar’ ou um ‘bem – bom lugar’, pode ter o seu espaço no debate ético?

O Juiz Joaquim Gomes fala-nos de um ‘pluralismo ético’, referindo que *‘a ética da antiguidade grega não é a mesma que das sociedades contemporâneas, porquanto as regras sociais e o(s) pensamento(s) dominante(s) são distintos (...)’*<sup>53</sup> Por isso, *‘difícilmente se poderá falar em ‘ética’ mas antes em ‘éticas’. (...) Por isso, e mais uma vez, haverá sempre aquela tensão conflituante entre a ética, as ciências da vida’ e o direito, mas agora com novas margens e novas pontes, como a biotecnologia, a genética, e novos alicerces, como o bio-direito’.*

É precisamente tendo este pano de fundo, já apresentado também por M. Patrão Neves, que não me parece descabida uma reflexão sobre a utopia relacionada ora com a ética ora com todo este âmbito das biotecnologias e da genética. O que está em causa é o agir ético face a novos desafios levantados pelo Progresso! Será que a acção ética ‘normatizada’, estática, aportará respostas? Será que ela corresponderá a princípios universais invioláveis? Ou não teremos de acreditar que a utopia tem, afinal de contas, o seu espaço para, em casos que surjam, aportar luz para um agir ético-moral a condizer com as exigências do próprio Progresso? Por outras palavras: Será que esta inquietude denunciada acerca das modalidades da acção humana e das formas de relacionamento explicitadas não poderá encontrar, no fundo do túnel, uma luz verde, mesmo que seja ténue, a partir da aceitação da utopia e da sua interacção com o agir ético-moral?!...

Ao afirmar-se que a metaética *‘é independente da ética normativa – princípio metodológico da neutralidade moral’*, valoriza-se a ética normativa que *“visa a determinação do estado das coisas bom ou mal e o das acções que, do ponto de moral, será bom ou mau realizar (ex: quais as boas acções)”*? Onde pretendemos chegar é pensar no discernimento indispensável para, face a questões fronteiriças, como por ex. eutanásia e

---

conceito de ‘dever’ *‘como uma das suas categorias fundamentais, chegando, nalguns momentos, que ainda perduram actualmente, a confundir-se com a normatização dos comportamentos, através da lei (‘nómos’). A ética passou a estar referenciada à deontologia (to deon – o que é preciso, dever) dos profissionais da saúde.’*

Fixemo-nos agora nos termos ‘bios + ética’! O êthos como razão de ser da acção, como fundamentação do agir, e o êthos como norma da acção, como normativização do agir. Esta contextualização faz-nos pensar na acção humana em relação à vida artificializável e na ética aplicada às ciências da vida, ou, segundo Van Rensselaer Potter, bioética = a ciência da sobrevivência, ética da vida numa acepção ecológica, e segundo André Hellegers, bioética = a ética médica, ética da Vida numa acepção biomédica. E no conceito da ética, será que a utopia tem algum espaço de interacção? É a resposta a esta questão que vem justificando o debruçar-me sobre este assunto da utopia e do agir ético-moral.

<sup>53</sup> Idem - citando VALLS, Ramon – *Ética para la Bioética*, em *Bioética, Derecho y Sociedad*, 1998, p.23.



cuidados paliativos, se poder agir eticamente de uma forma livre ou sujeita a normas?!... Ou teremos de recorrer ao posicionamento utópico face a uma realidade desejável... O falar-se de Éticas aplicadas<sup>54</sup> (como é o caso da Bioética, da ética médica, da ética da enfermagem, etc,) leva-me precisamente a pensar no *ponto centrífugo comum* que poderá dar consistência ao agir nesses vários âmbitos... E mesmo que se fale de uma ‘ética aplicada’ – consequência da democratização da ética (eticocracia) -, a ética não poderá, no nosso modesto entender, depender da democratização do pensamento mas terá de se enraizar em algo mais

---

<sup>54</sup> Ao falar dos ‘Fundamentos da Bioética – Princípios e Métodos’, M. Patrão Neves aborda as ‘éticas aplicadas’, fazendo referência à “casuística 1 em que domina o ideal dedutivo”: (...) aplicar ‘*more deductivo*’ os princípios da *Ética geral* aos casos concretos (...).” Mas haverá uma *Ética geral* universalmente aceite? “(...) Este modelo não corresponde ao que hoje se pratica em *Ética aplicada*, a qual encontrou os princípios normativos não na *Ética geral*, mas no campo a que é aplicada”. Parece-me evidente que não existe uma ética geral universalmente aceite, mas parece-me também lícito questionar se poderão existir ou não fundamentos gerais que universalizem uma ética aceite maioritariamente. Claro que contra este meu pensamento está a “casuística 2 que é uma proposta indutiva e é defendida por aqueles que consideram ser impossível encontrar princípios aceites universalmente (...) É possível chegar a acordo em relação a certos procedimentos justificados a partir de diferentes tradições da Filosofia Moral (...), chegar a acordo quanto ao *modus faciendi* nas diferentes áreas. (...) Não é seguro que não haja um princípio universal que presida às diversas éticas aplicadas, embora esse princípio não seja material”. Esses procedimentos justificados, mesmo independentemente da Filosofia Moral, são os que poderão justificar que se pense na utopia quando há que agir ‘eticamente’ em determinadas circunstâncias... Parece-me que justifica este ponto de vista o modelo de Karl-Otto Apel, neste contexto das Éticas Aplicadas, e que “concebe a existência de dois níveis ou duas partes da Ética: a primeira trata da fundamentação da dimensão normativa da moral e a segunda da aplicação dessa fundamentação aos diversos âmbitos da vida concreta. (...) Além disso, é também constitutiva desta formulação a prática democrática própria das nossas sociedades, em que se procuram consensos mínimos quanto aos grandes princípios, isto é, em que se exige uma Ética de mínimos partilhada pela sociedade a partir da qual cada um constrói a sua Ética de máximos”. “Existe ainda um quarto modelo proposto por Adela Cortina a que a autora chama Ética aplicada como hermenêutica crítica”, pois que é constituído por dois momentos. O primeiro, chamado deontológico ou ‘kantiano’, é formado por um princípio que é o pano de fundo de todo o agir (...) Esse princípio da Ética aplicada deve ser complementado por todas as outras tradições éticas. (...) A modulação deste princípio aos diferentes âmbitos em que nos encontramos é o designado momento ‘aristotélico’. Isto é, este modelo afirma a existência de um princípio universal, mas não deixa de ter em conta o que é próprio dos diversos sectores de que o homem se ocupa.”<sup>54</sup> Aceito perfeitamente a existência desse princípio universal, ‘gravado’ na natureza!... Aliás, os princípios da Theory of Medical Ethics, de Robert Veatch (1981), a saber: *Beneficência, Não Maleficência, Autonomia, Cumprir as promessas, Dizer a verdade, evitar matar e a Justiça*, confirmam a ‘fundamentabilidade’ da existência de princípios éticos base para uma sã convivência dos povos. Nesta linha de pensamento, parece-me também pertinente a seguinte referência in “Bioethics: a return to fundamentals – Bernard Gert, Charles Culver & Danner Clouser, 1997: ‘10 regras de não fazer o mal: não causar a dor; não; não privar de prazer; não privar da liberdade; manter as promessas; obedecer à lei; cumprir o dever; não desapontar; não enganar; não matar. A Declaração de Barcelona, de 1998, apresenta os Princípios Éticos Básicos: *Autonomia, Dignidade, Integridade e Vulnerabilidade*. Richard Zaner (1988), em *Ethics and the clinical encounter*, apresenta uma metodologia que passa por ‘ouvir o paciente e falar sobre o que o aflige (...) e atender aos sentimentos (emoções, motivações, juízos de valor) que vão sendo manifestados e através dos quais se detectará o verdadeiro dilema moral em presença.’ Os sentimentos que a declaração da doença suscita (aflição, perturbação, ansiedade, sofrimento, etc) exprimem preocupação e empenhamento em agir, em responder à situação da melhor maneira possível, sendo ‘os sentimentos as orientações específicas das pessoas que os experienciam em relação às circunstâncias e desejos do paciente e da sua família. Neste sentido, os sentimentos não são simplesmente subjectivos; pelo contrário, eles são tão objectivos como qualquer facto científico ou outro facto’.<sup>54</sup> Esta correlação dos sentimentos com a preocupação e empenhamento em agir e em responder da melhor maneira possível, não se ficará, na prática observável em mera utopia?!... Por isso, parece-me encontrar uma via de saída para um agir ético em conformidade com os ‘sentimentos’ e necessidades das pessoas doentes, a ‘responsabilidade como compromisso ético’.

consistente: moral comum, regras morais segundo uma noção de *bem*/dever, em interacção com as éticas profissionais, que privilegiam a deontologia, as regras morais, administrativas e jurídicas?! Que peso poderão ter a nível da moral as convicções pessoais?!... E, afinal, que dizer sobre ‘as crenças morais’? Poderão as ‘crenças morais’ ser justificadas pelo ‘fundacionalismo’ (cognitivista ou não cognitivista), pelo ‘coerentismo’, pelo contextualismo? O vocábulo chave é a justificação. Para o que pretendo demonstrar, estas teorias servem apenas de reflexão, para entendermos talvez a complexidade do assunto das ‘crenças morais’, mas pouco mais.<sup>55</sup>

No entanto, reconheço que a moral tem sempre um alcance de universalidade...<sup>56</sup> e <sup>57</sup>, aceitando-se os ingredientes da vida moral: princípios e normas, virtudes, valores, direitos e

---

<sup>55</sup> Ao falar-se do contextualismo, Cristine Tappolet refere, em determinada altura, ‘quando os membros de uma comunidade não partilham as mesmas convicções, estas não gozarão de um estatuto privilegiado’. Ora bem, as convicções não me parece que se devem fundamentar ou procurar os seus alicerces no que pensam os membros de uma comunidade mas sim em algo que se sobrepõe ao que cada um poderá pensar, para evitar o cair-se num relativismo moral... Já o ‘intuicionismo’, admitindo que os princípios morais são justificados por intuições tão imediatas quanto infalíveis do ‘bem’ e do ‘certo’ entendidos como propriedades objectivas’, e apesar da ‘oposição’ do ‘emotivismo’ (o ‘bem’ e o ‘certo’ exprimem uma resposta emotiva –antropologia empírica-...), diz-me muito pois não me parece que se possa minimizar este posicionamento, pois lá no íntimo de cada um poderá haver sempre uma noção do que é bom ou mau no agir!... O ‘prescritivismo universal’ –como compromisso entre o cognitivismo e não cognitivismo, entre o intuicionismo e o emotivismo,- levanta a dificuldade de que o raciocínio moral não está efectivamente fundamentado e o ‘dever-ser’ não pode derivar do ‘ser’. O ‘naturalismo moral’ posiciona-nos face à questão de que os ‘factos’ e ‘valores’ são distintos e que os ‘valores’ não derivam dos ‘factos’, isto é, que o ‘dever-ser’ não deriva do ‘ser’. Daqui surge a enunciação do princípio da ‘neutralidade moral’, que determina que os resultados das investigações metaéticas sejam independentes da ética normativa. Esta ‘falácia naturalista’, introduzida por Moore, produziu a ‘contestação’ ou ‘desafio’ de alguns filósofos, afirmando, e estou de acordo- que ‘todos fazemos apelo a premissas naturais (factos) na fundamentação dos nossos juízos morais (valores). O ‘racionalismo’ –como via alternativa entre emotivismo/prescritivismo *versus* naturalismo, no respeitante à relação entre ‘factos’ e ‘valores’- enuncia princípios morais a partir da natureza da própria racionalidade, procurando-se fundamentar o conhecimento moral no exercício reflexivo da razão pelos actuais agentes morais. Sendo o agente moral o presumível detentor duma racionalidade ‘racional’, poderá ‘ajustar’ o seu agir ético em conformidade com determinados contextos que lhe exigem, face a factos, accionar a utopia ética – aceite como valor-, como alternativa para a resolução ‘imediata’ de situações. Noutra linha de aplicação concreta: não será utopia a contextualização da eutanásia? Serão só as intencionalidades que a distinguem dos cuidados paliativos ‘avançados’?!... Não andamos pisando ‘bases’ utópicas que, em última instância, resolverão a questão da vida e morte? Não se poderá chamar de utópico o concomitante agir ético?!...

<sup>56</sup> DURAND, Guy – *La bioéthique: nature, principes et enjeux*. Paris. Cerf. 1989.

<sup>57</sup> Esta asserção coloca-nos face à questão do Universalismo/Relativismo, assunto inserido nas ‘Tendências da Filosofia Moral Contemporânea’, abordado pela Professora Dr<sup>a</sup> M. Patrão Neves nas aulas de Doutoramento em Bioética. E resulta-me elucidativo o excerto de Acílio E. Rocha: “*A questão do ‘relativismo cultural’ versus ‘universalismo ético’*, é, no fundo, a dos valores próprios dum espaço ou duma época e dos valores universais, isto é, comuns à humanidade; trata-se não tanto de multiculturalismo mas de interculturalismo. **No entanto, nenhum ponto de vista puramente cultural tem, como tal, valor ético; a confusão entre diversidade cultural e enriquecimento moral imuniza qualquer cultura de qualquer tipo de crítica moral. Deste modo, a questão enunciada, referindo-se a valores universais e unificadores da espécie humana, concerne directamente uma ‘ética mínima’, isto é, um mínimo de valores transculturais**”. (In ‘Relativismo cultural versus universalismo ético’, *Arquipélago*, p. 62. O negrito é nosso e sublinha a pertinência em se falar de ‘valores universais’ unificadores da espécie humana, ou de uma ética mínima – um mínimo de valores transculturais. Já não me convence o posicionamento do ‘liberalismo’, assim como o do ‘comunitarismo’. A partir desta última tendência, será que se poderão ‘justificar juízos éticos pelo facto do raciocínio ético proceder do contexto das tradições da comunidade e das suas perspectivas culturais?!...

deveres, colocando-nos face à noção de ‘dilema moral’. Porque se chegará ao dilema moral?!... Não será neste espaço que entra a utopia, como saída para resolver os dilemas morais, dado que ela persegue um bem desejável, ainda que na linha da hipótese?!... Quando se afirma que ‘é apenas regulando a questão da justificação das crenças morais’<sup>58</sup> que poderemos determinar se o conhecimento moral é possível’ (isto a propósito da epistemologia moral e da metaética), pessoalmente penso que o agir ético não deverá ser ‘pressionado’ (passe o termo) por crenças e, assim penso, o conhecimento moral será susceptível de ‘adaptabilidade’, dependendo de factores inerentes ao inevitável progresso... Aqui entra novamente o espaço da utopia!... Parece-me muito relevante, tendo em vista o ponto de vista que defendo da interacção da utopia com o agir ético-moral, a afirmação de que a ‘epistemologia moral procura manter-se neutra no que se refere a questões de natureza normativa e devia ser consensual entre as questões que dividem as morais substanciais. É este potencial de resolução de conflito que constitui o interesse prático principal da epistemologia moral’.<sup>59</sup>

Na sequência de interpelações, que relevância poderá ter, quando se reflecte sobre os ‘Conceitos que pensam a acção’, a Perspectiva Procedimental (‘numa abdicação de princípios ou de finalidades previamente estabelecidas, privilegiando-se a construção de amplos consensos acerca das modalidades preconizáveis da acção e subordinando-se a moralidade da acção ao juízo da maioria) *consensuais* – Habernas e Apel, *ética da discussão*? M. Patrão Neves utiliza a expressão ‘ética da discussão’: só serão válidas as normas que forem aceites por todos os elementos participantes na discussão (princípio da ética da discussão) e só serão válidas as normas que forem aceites, racional e livremente, por todos os afectados pelas consequências previsíveis do seu cumprimento. Habernas, efectivamente, apresenta a fundamentação racional da ética: cognotivista, universalista, procedimental, deontologista. Procuram-se consensos a partir do diálogo. *‘Não haveria, ao fim e ao cabo, uma ética universal mas a necessidade de se comunicar e deliberar sobre o que fazer’, mediante práticas consensuais, garantindo a participação de todos os interessados nas decisões que os podem afectar*”. Não será utópico este ponto de vista, assim, visto ‘a priori’?!... Se o consenso ‘representa uma ideia-limite (idealização), mas também e sobretudo uma tensão e orientação para o acordo que comporta um factor de

---

<sup>59</sup> TAPPOLET, Christine – ‘Épistémologie’, in *Dictionnaire d’éthique et de philosophie morale*, Canto-Sperber, M. (dir.), Paris, P.U.F., 1996.

coesão social’<sup>60</sup>, não me parece descabido levantar a questão anterior... No entanto, abre espaço ao ponto de vista que defendo da interacção da utopia com o agir ético-moral, pois ‘em determinadas circunstâncias’, poderá ser importante a parte consensual, mas não fundamentada em ‘ideologias’ com pensamento pré-concebido!...

Todo este raciocínio parece convergir para a ‘ética das convicções’, uma vez que ‘procura determinar a validade destas (sob um critério pragmático) como normas comuns a instituir, detendo-se, muito principalmente, na elucidação do papel das convicções no empenhamento do agir, no compromisso ético’<sup>61</sup>

Regressando um pouco atrás e confirmando o que disse a propósito da Perspectiva Deontológica, ‘que se privilegia a enunciação de um princípio prévio ou concomitante ao agir, segundo o qual a acção se deverá orientar e em cujo cumprimento consistirá a sua moralidade, independentemente das consequências da acção (a moralidade da acção depende do princípio que a determinou no seu dinamismo / **prescritiva** (Kant, *ética do dever*), tal perspectiva parece-me radical, o que choca com o meu ponto de vista da utopia, pois há ‘condicionantes’ a ter em conta nos devidos casos concretos. Aproveito, nesta minha reflexão, o que de positivo tem, tal como o que está relacionado com a Perspectiva Teleológica, pois tem peso, na acção, o fim ou o bem para o qual a acção se deve dirigir e em função dos quais ela será ajuizada como boa ou má (**descritiva** – Aristóteles, *ética das virtudes*). Tenho presente, ao reflectir sobre isto, o assunto paradigmático da eutanásia e dos cuidados paliativos, a que já fiz referência.

Portanto, será que poderei afirmar que o meu raciocínio é também ele utópico? Se assim for, reforça a tese da possibilidade de se poder, não só sonhar mas avançar com a hipótese da interacção da utopia com o agir ético-moral’ face a múltiplos desafios oriundos dos mais variados quadrantes das ciências, sobretudo das relacionadas com a Bioética.

Eis porque, e acerca da interacção da utopia com o agir ético-moral, me preocupa a explicitação do que define, confina e abrange este agir. Serão os princípios morais a partir da natureza da própria racionalidade, como aponta o racionalismo? Assim sendo, os indivíduos serão capazes de se abstrair das suas identidades específicas e contingentes?! Será aceitável que as reivindicações de conhecimento estão situadas e justificadas em contextos práticos e sociais partilhados e são ininteligíveis fora destes (antifundacionalismo e pósmodernismo)?!

---

<sup>60</sup> BOUCHINDHOMME, Cristian - *Le vocabulaire de Habermas*. Paris, Ellipses, 2002.

<sup>61</sup> MAESSCHALCK, Marc – *Pour une éthique des convictions. Religion et rationalisation du monde vécu*. Bruxelles, Publications des Facultés Universitaires, Saint-Louis, 1994.

A vida moral não se manifestará num agir, fundamentado em princípios (enunciados descritivos, gerais, abstractos e fundamentadores) e normas (enunciados prescritivos, específicos, concretos e reguladores)? Princípios e normas, virtudes e valores<sup>62</sup>, são outros ‘ingredientes’ da vida moral a ter em conta nesta procura do bem agir, com o ‘empurrão’ da utopia, em determinadas circunstâncias, e no seu intuito de alcançar o bem desejável!...

Também, na conclusão a que pretendo chegar sobre a utopia e a sua interacção com o agir ético-moral, o ‘valor’, ora na sua concepção objectiva, ora na subjectiva, é de se ter em conta, evidentemente, apesar de me inclinar mais para o valor na concepção subjectiva, dependendo do sujeito que classifica algo como bom e porque os valores o são de acordo com as circunstâncias, dependendo do espaço e do tempo. Transmutam-se, precisamente devido ao Progresso que é imparável e implacável nas suas circunstâncias. Tenho receio, no agir ético, da concepção objectiva, porque até a aceito, em parte; mas temo que esta concepção nos faça cair em dogmatismos, uma vez que os valores objectivos não variam a partir das circunstâncias. Eis uma justificação para a aplicabilidade da utopia em determinadas circunstâncias, no seu intuito de alcançar o bem desejável!... Que tal situação nos coloque perante ‘dilemas morais’, a partir de direitos, obrigações e deveres a respeitar, a fazer cumprir, a reconhecer e a realizar, não me parece que existam dúvidas. No entanto, o ‘dilema moral’ face a duas acções obrigatórias, tem uma saída de resolução, pois não vão poder ser cumpridas simultaneamente, mas isoladamente. É que me parece importante reflectir sobre este pormenor, pois há ‘casos’ que, apesar de criarem o tal ‘dilema’, têm de ser considerados na sua circunstância própria e única. Casuística? E porque não aceitá-la nos tais ‘casos concretos’?!... O que me parece óbvio, e seja-me perdoada esta ousadia, é que, por vezes, poderá ser mesmo a utopia a que abre a luz verde para a ‘solubilidade’ do ‘dilema’, a partir de uma determinada decisão do agir ético-moral, mesmo que acarrete consigo as ‘dores da maternidade’ para que surja a luz!...

Concluindo: Apesar de ter afirmado que não sou adepto do utilitarismo no agir ético-moral, a verdade é que, na prática, a utopia deste agir permite-me abrir a porta para a possibilidade dele ter o seu espaço, em determinadas situações e contextualizações. Por exemplo, e tendo presente o produto final desta tese, sobre a *“Leitura Bioética do pensamento de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário”*, eu detecto, nesta leitura, um tipo de utilitarismo no seu agir ético-moral: um utilitarismo em prol dos mais carenciados e soluções de agir ético em diversificadas situações e com diferenciadas pessoas, atendendo

---

<sup>62</sup> DOMINGUES, Frei Bernardo – *“Bioética – questões disputadas”*. Metanóia. Porto, 2001, pp. 28-33.

sempre ao bem estar e qualidade de vida das mesmas. Mas isto é apenas uma questão de perspectiva...

Passo agora a pontualizar o que penso sobre o Pensamento Bioético.

3- A expressão “Pensamento Bioético” está no cerne do âmbito da minha tese: Leitura Bioética do epistolário de Paulo da Cruz (séc. XVIII), ou melhor, *Leitura Bioética do pensamento de Paulo da Cruz (séc. XVIII)*, a partir do seu epistolário! Portanto, a metodologia exige-me que explicito o que, efectivamente, entendo por “pensamento bioético”.

Oriento esta reflexão em duas dimensões. Em primeiro lugar, apresentarei a minha reflexão sobre o que entendo por *Pensamento* (seguindo essencialmente a perspectiva psicológica). Em segundo lugar, tentarei explicitar o âmbito da expressão *Pensamento Bioético* presente no epistolário de Paulo da Cruz, objecto formal desta minha tese. Quando afirmo que seguirei a perspectiva psicológica ao abordar o *Pensamento*, assumo, no entanto, a afirmação de Joaquim de Sousa Teixeira quando escreve que “*o Pensamento é uma das funções fundamentais do psiquismo humano, e, como tal, é objecto de estudo da Psicologia e da Filosofia. O Pensamento tem a ver, por um lado, com a sensação e o sentimento e, por outro, com a ideação/conceptualização, juízo e raciocínio. Por isso, as chamadas ‘perturbações do Pensamento’ são alterações mais ou menos profundas da estrutura diferenciada e intencional da psique: perturbações de ideação, da atenção, da conceptualização e abstracção, da eficiência intelectual; os diferentes níveis de alteração do Pensamento encontram-se em todos os síndromas psíco-orgânicos, nas demências, na confusão; como praticamente não há Pensamento sem linguagem, as perturbações do Pensamento deixam-se também descrever através das modalidades expressivas do discurso (aceleração aparente do Pensamento ou ‘fuga’ das ideias, bradipsiquia ou abrandamento do Pensamento, mania, melancolia, esquizofrenia – todas estas alterações se manifestam no discurso.*”<sup>63</sup> Perseguindo a defesa de uma ‘outra qualidade de vida’, em Bioética, é fácil perspectivar que estas tais ‘alterações do Pensamento’ são reflexos da sua ausência. Procurando, então, fazer uma leitura bioética do pensamento de Paulo da Cruz, no seu epistolário, é com o objectivo de defender, precisamente, essa ‘outra qualidade de vida’ tema ou assunto da transdisciplinaridade da Bioética!

---

<sup>63</sup> TEIXEIRA, Joaquim de Sousa – Pensamento, In ‘LOGOS’, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia.

a) É de todo o interesse atentar na raiz etimológica do vocábulo *Pensamento*, ligada ao correspondente latino *pensare*, cujo significado é pesar, medir, avaliar e comparar, “o que nos sugere a actividade mental de **julgar**”<sup>64</sup> Joaquim de Sousa Teixeira escreve que “o termo pensamento indica o carácter valorativo e comparativo da actividade espiritual do homem: pensar é medir, estimar, comparar; pensar é, sobretudo, **julgar**. (...) As operações mentais implicadas no acto de pensar são muito variadas.: análise e síntese, associação e dissociação, invenção e organização, intuição e discurso, etc.”<sup>65</sup> Retemos com interesse a referência coincidente de *pensar é julgar*, produto de uma actividade mental, de uma actividade espiritual, actividade especificamente humana. A nossa auto-consciência ou a nossa consciência, que é o nosso espírito, é quem produz o pensamento. Ou, se quisermos, o pensamento é essa actividade psíquica, reflexiva, organizada. O Pensamento relaciona-se com o ser, com o meu ser, com o meu espírito, com a minha consciência! “O Pensamento só se determina a partir daquilo que há para pensar (o ser do ente). O Pensamento é Pensamento só quando pensa o ‘**eon**’, ‘o que esta palavra indica inexpressamente, mas de modo genuíno’, ou seja, o Pensamento é Pensamento do ser na e pela linguagem, a ‘casa do ser’. (...) O Pensamento só pode ser de **alguém**, de um sujeito que pensa; por isso nem é pura passividade (contra o empirismo radical), nem pura actividade (contra os idealismos); a existência da ideia resulta ao mesmo tempo da actividade do **espírito** que abstrai o inteligível e da acção das **coisas** que lhe dá a sua determinação específica. (...) O Pensamento é **histórico**; a historicidade que o Pensamento pressupõe não é uma estrutura de categorias já pensadas impessoalmente **ab aeterno**, mas um sujeito que concretamente as pensa em contacto com a experiência; há circularidade entre **experiência** e Pensamento porque, por um lado, a experiência é condicionada pelo Pensamento e, por outro, o Pensamento só se conhece e desenvolve fazendo ele mesmo a experiência do pensar (experiência externa e mental). O Pensamento humano não é criador, mas é uma actividade e uma originária construção de estruturas simplesmente possíveis; cabe à experiência em geral (no caso da ciência, à experimentação) realizar tais possibilidades.”<sup>66</sup>

Face ao exposto, uma legítima interpelação se poderá levantar, na nossa humilde forma de pensar: “Mas será que o Pensamento humano não é criador?!...” Pessoalmente, afirmo que o é. A afirmação citada, apesar de explicada no excerto donde foi retirada, contradiz-se quando confrontada com o que M. Moraes escreveu no que diz respeito

<sup>64</sup> MORAES, M. – *Pensamento*, in Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Editorial Verbo, Lisboa, 14º Vol.

<sup>65</sup> TEIXEIRA, Joaquim de Sousa – *Pensamento*, In ‘LOGOS’, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia.

<sup>66</sup> Idem.

à *Natureza do Pensamento*: “trata-se do mais elaborado grau da vida psíquica humana, no seu aspecto cognoscitivo, ou seja, a actividade do entendimento, no seu papel de estabelecer novas relações entre os seres (objectos) ou de apreender as já existentes. Daí o poder-se dizer que o Pensamento é função da inteligência ordenada à compreensão supra-sensível do ser, sobretudo mediante o raciocínio. Com efeito, o Pensamento recupera o universo degradado na singularidade da coisa, desencarna o espírito perdido na matéria, encontra o intemporal para além da finitude do que passa. Duas são, pois, as funções normais do Pensamento: **compreender** (capacitar-se para entender o sentido das coisas) e **enriquecer a consciência e o mundo** (com teorias, inventos e novas descobertas, **pelo seu poder criador**”.<sup>67</sup> Portanto, assumo esta perspectiva de considerar o Pensamento como “actividade mental de pensar, medir, avaliar, comparar, julgar”, sendo “o mais elaborado grau da vida psíquica humana”, e “é função da inteligência ordenada à compreensão supra-sensível do ser, sobretudo mediante o raciocínio”. Pelo Pensamento compreendemos o sentido das coisas e enriquecemos a consciência, o espírito e o mundo, pelo seu poder criador.

“O pensamento pode significar também uma ideia particular (‘o pensamento da morte, etc).<sup>68</sup> “Aristóteles define-o essencialmente pela tríplice operação de **conceber** (ideia), **julgar e raciocinar**.”<sup>69</sup> Significativa ainda a definição do pensamento: “é um discurso que a alma tem consigo mesma sobre aquilo que examina (...), perguntando e respondendo a si própria, afirmando e negando” (Teeteto).”<sup>70</sup>

Dado que o que pretendo expor é sinteticamente o que penso sobre o pensamento, tenho de saltar o que sobre ele pensaram pensadores da antiguidade clássica como Heráclito, Parménides, Demócrito, Platão e Aristóteles, entre outros, assim como o de outros pensadores futuros (Santo Agostinho, Descartes, Kant, Husserl, Heidegger, etc.). Isto poderia ser motivo de teses, noutras áreas! No entanto, parece-me pertinente transcrever o seguinte apontamento, que vem ao encontro do que acima referi, no que diz respeito à relação Pensamento-Consciência: “Para Descartes, o Pensamento (*pensée, cogitatio*) abrange toda a vida da consciência (entender, querer, imaginar, sentir); coextensivo à consciência, o Pensamento cartesiano revela um índice de **actualidade** tão originário que obriga o sujeito pensante à absoluta aceitação da fórmula ‘cogito, ergo sum’. Todos os actos de consciência se agrupam em dois géneros: os do intelecto (que *capta*) e os da vontade (que *determina*);

---

<sup>67</sup> MORAES, M. – Pensamento, in Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Editorial Verbo, Lisboa, 14º vol.

<sup>68</sup> TEIXEIRA, Joaquim de Sousa – Pensamento, In ‘LOGOS’, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia.

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> Idem.



*sentir, imaginar e idear são modos diversos de tomar consciência (apercevoir), ao passo que desejar, ter aversão, afirmar, negar e duvidar são modos diversos do querer (vouloir). O que há de comum a todas estas formas de Pensamento transcende o puro facto psicológico, embora nele se revele; é o **acto** de consciência, imediatamente certo de si e portanto subtraído e resistente a toda a dúvida; por isso, o Pensamento como tal ocupa uma peculiaríssima posição quanto à certeza de existir”.*<sup>71</sup>

Uma vez que acima fiz referência à etimologia do termo, refiro também que na Idade Média o termo pensamento aparece-nos conotado com o vocábulo *cogitatio*. “São Tomás de Aquino, por sua vez, adopta a etimologia de Paulo Diácono: o Pensamento consiste em ‘considerare rem secundum partes et proprietates suas, unde **cogitare** dicitur quasi **coagitare**’ (In I Sent., d. 3, q. 4, a. 5).”

*Pensamento concreto? Pensamento abstracto?* M. Moraes diz que “entre os dois não há fronteira rigorosa, uma vez que o Pensamento, completamente desligado de todo o objecto concreto e imagem mental, é coisa excepcional, assim como o Pensamento concreto também exige uma certa antecipação conceitual. O Pensamento concreto não é obra de uma inteligência pura, mas resultante da colaboração estreita entre o entendimento e o sentido. Tem o seu ponto de partida na sensação, e nunca se separa completamente dela, apesar de se elevar acima do dado sensível e formar ideias abstractas. O Pensamento real vai sempre acompanhado essencialmente de alguma imagem, que constitui a matéria de que é formado. ‘Não se pensa sem imagens’ (Aristóteles)”.<sup>72</sup> Parece-me evidente que na formação do Pensamento, de uma forma geral, subjaz uma imagem, uma realidade, o sensível, o observável, que constroem esse tal *Pensamento real*. O que me rodeia –o homem e as suas circunstâncias- produzem-no. Este aspecto tornar-se-á relevante quando me debruçar sobre o *Pensamento Bioético no epistolário de Paulo da Cruz*. As circunstâncias de pobreza e de miséria em que se viu envolvido na sua vida foram génese do seu *Pensamento Bioético*, por exemplo...

Parece-me ainda relevante este outro aspecto apresentado por M. Moraes: “Temos de aceitar o **componente associativo** do Pensamento, como factor importante. Misturado directamente com a actividade vital, o Pensamento está ainda carregado de dinamismo afectivo, dirigido para pessoas, objectos e conceitos, em consequência das necessidades instintivas, recalques, etc., e tende a eliminar o desequilíbrio existente entre os impulsos e as

---

<sup>71</sup> Idem.

<sup>72</sup> MORAES, M. – Pensamento, in Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Editorial Verbo, Lisboa, 14º vol.

*frustrações. Daí o poder-se considerar função de regulação da pessoa, uma vez que a plena realização harmoniosa do homem só se pode encontrar no desenvolvimento racional do seu Pensamento consciente. Finalmente, o Pensamento normal caracteriza-se pelas seguintes notas: é **ordenado** (segue um processo metódico), **objectivo** (regula-se pelo ser), **coerente** (chegando a conclusões lógicas deduzidas das premissas), **crítico** (exige provas, verifica, discute as conclusões). ”<sup>73</sup> Para além destas características do Pensamento normal, saliento a importância do que ficou transcrito a seu propósito: “Daí o poder-se considerar função de regulação da pessoa, uma vez que a plena realização harmoniosa do homem só se pode encontrar no desenvolvimento racional do seu Pensamento consciente.”<sup>74</sup>*

Porque o processo do *Pensamento* é uma “actividade cognoscitiva espiritual, o *Pensamento* está dependente, na sua génese, de estruturas próprias (a faculdade cognoscitiva superior, com suas propriedades essenciais: abertura ilimitada ao ser enquanto ser, espiritualidade...). Mas encontra-se também condicionado por todos os factores que actuam no campo psicológico, entre os quais se destacam: condições somáticas (processos físico-químicos, nervosos, hormonais), necessidades, emoções e outros dinamismos psíquicos (sobretudo a vontade) e o meio ambiente (influência cultural, quadro da existência diária). Daí a verdade de afirmações como: ‘o cérebro é indispensável ao Pensamento’, ‘existe uma relação entre o Pensamento e a electrogénese cerebral’, ‘a sociedade modela e especifica parcialmente o nosso Pensamento’. Em resumo, podemos dizer: o Pensamento está condicionado essencialmente, quanto à sua possibilidade, pelas ideias gerais e pelos princípios universais e necessários (já que compreender e julgar supõem esses dois elementos), e quanto ao exercício, por um desejo inato de saber, desenvolvido pelas necessidades da vida prática e exigências da vida social.”<sup>75</sup> Este pano de fundo, da reflexão apresentada por M. Moraes sobre o *Pensamento*, aproprio-me dele e fundamenta a minha perspectiva acerca do assunto em causa: *o que é para mim o pensamento?*

E mais: não resisto a transcrever o que às etapas na génese do Pensamento diz respeito. M. Moraes regista que “há quem distinga cinco, a saber: **1ª estímulo** (um problema que o desperta, podendo ser uma dúvida, incerteza, inquietação ou qualquer outra coisa); **2ª pesquisa** (procura de documentação capaz de esclarecer o problema, através de uma actividade nervosa e psíquica que se desencadeia); **3ª hipótese** (fase crucial e a mais importante do processo do Pensamento, em que os dados obtidos são elaborados); **4ª**

---

<sup>73</sup> Idem.

<sup>74</sup> Idem.

<sup>75</sup> Idem.

*solução* (abandono da dúvida em vista da força dos elementos colhidos); **5ª crítica** (fase final de análise do caminho seguido). ”<sup>76</sup>

“Todas as operações do Pensamento humano se podem englobar em duas fundamentais: análise e síntese. Estas, porém, aparecem em três estádios ou formas, a que se costuma também chamar instrumentos do Pensamento: **1º concepção ou ideação** (acto de conceber ou formar um conceito ou ideia, através da abstracção e denominação); **2º juízo** (afirmação de uma relação entre dois objectos do Pensamento). Este, que constitui o mais elevado grau da actividade mental do homem encontra-se, implícito ou explícito, em todos os estádios da vida intelectual, até nas formas inferiores de Pensamento. Daí o podermos dizer (com Kant): ‘pensar é julgar’. **3º raciocínio** (sistema de juízos em que as relações são introduzidas numa ordem controlada, de modo selectivo, em função de um problema a solucionar, e que para muitos (Wundt...) constitui a função primeira e essencial do Pensamento).” (...) O juízo e o raciocínio permitem-lhe transcender o universo sensível e construir um universo mental. Servindo-se destas formas, como de instrumentos, o Pensamento humano orienta-se em várias direcções. Temos assim: a) **Pensamento especulativo** (quando se volta para a especulação, na busca do conhecer para saber, ou pelo prazer de chegar à verdade) e **Pensamento prático** (ordenado à acção, conhecer para aplicar); b) **Pensamento ‘a priori’** (quando conclui sem fazer apelo à experiência) e **Pensamento ‘a posteriori’** (se procede da observação dos factos, e conclui pela via da experiência); c) **Pensamento introspectivo** (voltado para o mundo interior, ordenado a compreender a própria experiência) e **Pensamento extrospectivo** (se compreende também o universo que existe fora do homem); **Pensamento consciente e inconsciente** (segundo o grau de consciência da pessoa que pensa). A Psicologia contemporânea distingue ainda no Pensamento outras duas formas: **1ª Pensamento vígil**: realista, orientado para a adaptação ao mundo exterior.(...) Este Pensamento é socializado e expressa-se na linguagem pela proposição (juízo) ou pela palavra (ideia). Trata-se de um acto que orienta todo o organismo para a comunicação. **2º Pensamento autístico (ou onírico)**: dirigido pelas necessidades afectivas. Escapando às leis da lógica, emprega sobretudo representações simbólicas carregadas de valor afectivo e contém fenómenos recalcados pela consciência vigil.”<sup>77</sup>

No que diz respeito à interacção da Linguagem e Pensamento, M. Moraes diz que “embora o Pensamento se actue na palavra e pela palavra, também é verdade que sem

---

<sup>76</sup> Idem.

<sup>77</sup> Idem.

palavra não haveria linguagem. E se esta aparece como instrumento do Pensamento, nem sempre consegue ser instrumento adequado para o exprimir, dada a grande riqueza e variedade dele. Sobre o efeito que a linguagem exerce sobre o Pensamento podemos afirmar o seguinte: (...) No adulto, sob o ponto de vista individual, a linguagem completa e aperfeiçoa o Pensamento, pois este ao expressar-se toma consciência de si e julga-se. 'Pensar é, a maior parte das vezes, falar a si mesmo'. A palavra fixa a ideia, torna-a manejável, reduzindo-a e simplificando-a. Daí o podermos dizer, que, graças à linguagem, o Pensamento se fixa e se aprofunda. (...) O Pensamento é indispensável para aprender a linguagem conceitual. Mas até no adulto cultivado, é o Pensamento pessoal que constrói a sua expressão, com os elementos fornecidos pela linguagem do meio em que vive. Pois o Pensamento, na maior parte dos casos, precede as palavras e diferentes formas de expressão verbal, provoca as associações e outros elementos. Depois o Pensamento, forçando a linguagem comum a ultrapassar-se, vai criando, a pouco e pouco, a sua própria linguagem.”<sup>78</sup>

No que se refere à correspondência entre Pensamento e Linguagem, note-se neste outro apontamento de Joaquim de Sousa Teixeira: “A linguagem, atestando o Pensamento, com ele se identifica; todavia, do ponto de vista lógico, ou de primazia formal, a função essencial cabe ao Pensamento, que actua na e pela palavra; sem o Pensamento, não haveria linguagem, mas simplesmente reacções emocionais de um indivíduo incapaz de sair para ‘fora de si’. Talvez seja preferível dizer que a primazia, absolutamente falando, pertence à **razão**, a única que possibilita simultaneamente o Pensamento e a linguagem, os quais, de facto, formam uma unidade; como bem sublinha certa filosofia antropológica, o Pensamento, como acto e discurso, confunde-se com a linguagem, que lhe dá corpo e forma. Distinto da sua encarnação, o Pensamento identifica-se com essa potência radical a que damos o nome de **razão**.” No entanto, se é certo que pensar e falar são a mesma coisa, há primeiramente uma **palavra interior** - que se identifica com o próprio Pensamento -, palavra originária e autêntica que dá à ideia a sua primeira existência ; esta palavra interior, especificamente humana, é o **acto de ideação**, o acto pelo qual o ser racional se distancia do mundo e diz para si mesmo o que as coisas são. (...) De um modo geral, portanto, podemos afirmar que um Pensamento sem linguagem seria como uma ‘alma sem corpo’. Na realidade, a linguagem nasceu da tríplice necessidade humana de **exprimir**,

---

<sup>78</sup> Idem.

*significar e comunicar* – as mesmas ‘funções’ do Pensamento. (...)A palavra é o elemento material da linguagem, como a ideia é o elemento material do juízo; sendo este a unidade concreta do Pensamento, é a **frase**, e não a palavra isolada, que forma a estrutura elementar da linguagem; aliás, a palavra só adquire o seu significado real no seio da frase significante (Benveniste, Ricoeurs, etc.). Por isso, as palavras, em si, só têm uma existência virtual; enquanto significativas, não existem na consciência antes do seu uso concreto (que nunca é anterior ao uso frásico); também no domínio do Pensamento e da linguagem há uma prioridade do todo sobre os elementos. **Resumindo: a razão é a condição absolutamente primeira do Pensamento e da linguagem (condição de possibilidade – questão ontológica); a expressão, significação e comunicação são as condições primordiais da palavra exterior (condições de realidade – questão antropológica).**”<sup>79</sup>

Paulo da Cruz, cujo Pensamento Bioético procuramos ‘apanhar’ no seu epistolário, **exprimiou-se, significou e comunicou**, pela linguagem e pela palavra escrita e oral. É a essência do seu Pensamento – balizado no campo bioético em temáticas concretas - que pretendo captar, sendo beneficiários o ser e pessoas humanos, para um ‘saber pensar’, para um ‘saber fazer’, para um ‘saber viver’, para um ‘saber morrer’.

Eduardo Sá regista que “*sempre que começamos a estudar, ‘puxamos’ os pensamentos para o palco principal do pensamento...*” e que “*aprende-se por dentro*” e o “*saber será ‘saber-fazer’.*”<sup>80</sup> Afirma ainda que “*aprender exige pensar*”. Saber é fruto de um pensar crítico e ousado face às realidades existentes e que nos impele para um saber-fazer face às circunstâncias em que nos vemos envolvidos. Como conceito, saber está ligado ao *vovç*, ao pensamento!

Para além da etimologia ligada ao vocábulo Pensamento, este está também interligado com o vocábulo filosófico grego *novç*, termo que não possui em português uma transcrição directa. Na Enciclopédia livre Wikipédia, o vocábulo *novç* “*significa actividade do intelecto ou da razão em oposição aos sentidos materiais. Muitos autores atribuem como sinónimo a novç os termos “Inteligência” ou “Pensamento”. O significado ambíguo do termo é resultado de sua constante apropriação por diversos filósofos, para denominar diferentes conceitos e idéias. Novç refere-se, dependendo do filósofo e do contexto, umas vezes a uma faculdade mental ou característica, outras vezes a uma correspondente qualidade do universo ou de Deus. Homero usou o termo novç significando atividade mental em termos*

<sup>79</sup> TEIXEIRA, Joaquim de Sousa – Pensamento, In ‘LOGOS’, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia.

<sup>80</sup> SÁ, Eduardo – *O pensamento e a ética na relação pedagógica*, in *Bioética* - coordenação de ARCHER, Luís; BISCAIA, Jorge; OSSWALD, Walter, Editorial Verbo, 1996, pp.160-161.

gerais, mas no período pré-Socrático o termo foi gradualmente atribuído ao saber e à razão, em contraste aos sentidos sensoriais. Anaxágoras descreveu *novç* como a força motriz que formou o mundo a partir do caos original, iniciando o desenvolvimento do cosmos. Platão definiu *Novç* como a parte racional e imortal da alma. É o divino e atemporal pensamento no qual as grandes verdades e conclusões emergem imediatamente, sem necessidade de linguagem ou premissas preliminares. Aristóteles associou *novç* ao intelecto, distinto de nossa percepção sensorial. Ele ainda dividiu-o entre *novç* ativo e passivo. O passivo é afetado pelo conhecimento. O ativo é a eterna primeira causa de todas as subsequentes causas no mundo. Plotinus descreveu *novç* como sendo umas das emanções do ser divino.”<sup>81</sup>

Tendo presente o que acima ficou registado, assumo que **Novç/Pensamento** é ‘faculdade mental’, é ‘actividade mental’, é ‘saber, razão’, é a ‘parte racional e imortal da alma’; é ‘o divino atemporal pensamento no qual as grandes verdades e conclusões emergem’, é ‘a eterna primeira causa de todas as subsequentes causas no mundo’; é ‘uma das emanções do ser divino’! Tal divagação apresenta-nos conclusões convergentes: Pensar é uma actividade, é uma arte. Podemos falar em “arte de pensar”! O resultado da arte de pensar é o pensamento! Inserido no contexto do que pretendo atingir com a defesa desta tese, *uma outra qualidade de vida, através da força de uma ideia força positiva na mente e da Logoterapia*, para o que me contribui a “**Leitura do pensamento bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário**”. O stress e a ansiedade são, por exemplo, apenas dois breves apontamentos para definir o tipo de uma sociedade onde as pessoas se degradam e não vivem com qualidade. Este pormenor não pode demarcar-se da Bioética, pois esta deve arrogar-se um lugar privilegiado na defesa da qualidade de vida que, em última análise, necessita para ser autêntica, do termo *outra*! O que defendo é mesmo esta *outra qualidade de vida*! Pois contra a ansiedade e o stress, Augusto Cury, no seu livro do “*O Mestre dos Mestres*”, escreve: “*Cristo tinha razão: há uma ansiedade inerente ao ser humano, ligada à construção de pensamentos, influenciada pela carga genética, por factores psíquicos e sociais. Só não tem essa ansiedade quem está morto. Somos a espécie que possui o maior de todos os espectáculos, o da construção de pensamentos. No entanto, muitas vezes usamos o pensamento contra nós mesmos, para gerar uma vida ansiosa. Os problemas ainda não aconteceram, mas já estamos angustiados com eles. O capítulo 6 de Mateus diz: ‘não andeis ansiosos pelo dia de amanhã...Basta a cada dia o seu próprio mal.’ Cristo queria vacinar os*

---

<sup>81</sup> Wikipédia, a enciclopédia livre.

*seus discípulos contra o stress produzidos por pensamentos antecipatórios”.*<sup>82</sup> Repare-se ainda neste outro apontamento de Augusto Cury: *“O ensinamento de Cristo relativo à ansiedade era sofisticado, pois, para praticá-lo, seria necessário conhecer uma complexa arte intelectual que todo o ser humano tem dificuldade de aprender: a arte de gerir os pensamentos”.*<sup>83</sup> Quando falo em Logoterapia, já me faço explicar onde quero chegar para alcançar essa *outra qualidade de vida ou bem estar interior!* Se nos interpelarmos, como refere Augusto Cury, ‘sobre qual é a maior fonte de entendimento humano’, ele responde que *“a maior fonte de entretenimento humano, a resposta está dentro de cada um de nós e é o mundo das ideias, dos pensamentos, que o ser humano constrói clandestinamente na sua própria mente, e que gera os sonhos, os planos, as aspirações. Quem consegue interromper a construção de pensamentos? É impossível. A própria tentativa de interrupção já é um pensamento. Pensamos durante os sonhos, quando estamos a trabalhar, a andar, a conduzir. As ideias representam um conjunto organizado de cadeias de pensamentos (...) Pensar não é uma opção voluntária do ser humano; é o seu destino inevitável. Não podemos interromper a produção de pensamentos; só a podemos gerir”.*<sup>84</sup>

Portanto, podemos gerir a produção de pensamentos. Dos nossos e dos que podemos captar noutros pensadores. Começo a perspectivar a riqueza que nos proporcionam outras leituras de pensamentos bioéticos contribuintes para uma melhor qualidade de vida!

b) Gradualmente, estamos a entrar dentro do que pretendo: esclarecer o que entendo por pensamento bioético. Se a Bioética é a ética da vida, o **pensamento bioético** inclui os paradigmas expressos, ‘materializando-se o pensamento’ no ou pelo agir ético, nos âmbitos abrangentes pela interdisciplinaridade e transdisciplinaridade da Bioética. Portanto, o pensamento, que não tem fronteiras de espécie alguma, será o que fará que a Bioética seja o que quem ‘pensou’ o seu nome quis que fosse e quem a acolhe continuará a torná-la aplicável nos seus mais diversos âmbitos. Neste contexto, assume particular relevância a **consciência**<sup>85</sup>

---

<sup>82</sup> Cury, Augusto – *O Mestre dos Mestres* – Livros d’Hoje, Publicações Dom Quixote. Alfragide, 2009, 1ª Edição, p..52.

<sup>83</sup> Idem - p.53.

<sup>84</sup> Idem - pp. 53-54.

<sup>85</sup> João Queiroz observou que *"Há uma explosão sem precedentes de estudos sobre consciência. Pesquisadores de muitas áreas organizam simpósios, periódicos, volumes e antologias, sites e cursos sobre o tema. Este parece, entretanto, ser o objeto de convergência pluri e interdisciplinar que mais produz divergência na recente História das Ciências. Multiplicam-se questões sobre definições e demarcações conceituais e terminológicas, sobre teorias, métodos, modelos, protocolos de investigação. Divergem, num mesmo departamento, visões gerais (general frameworks) sobre problemas básicos: como definir consciência?"* Colin Allen corroborou essa impressão dizendo que *"a despeito da recente invasão de trabalhos filosóficos e neuropsicológicos sobre a consciência, muito permanece confuso sobre sua noção, incluindo, mesmo, se há tão*

ou, se quisermos, a **autoconsciência**, ‘expressão’, ‘epifania’, no meu pensar, do pensamento que, por sua vez, se descodifica no agir ético que defende a vida intransigentemente, no seu processo biológico do ser concebida, do nascer, do viver e do seu fim biológico. É, assim, fundamental, que se forme o ‘pensamento’. Reparemos, apenas, neste excerto de João Paulo II, quando criou em 11 de Fevereiro de 1994 a Academia Pontifícia para a Vida, com a missão de “estudar, informar e formar acerca dos principais problemas de biomedicina e de direito, relativos à promoção e à defesa da vida, sobretudo na relação directa que eles têm com a moral cristã e as directrizes do Magistério da Igreja”.<sup>86</sup> O pensamento, forma-se, ‘gera-se’. O **pensamento** traz-nos ao espírito a disciplina da **Noética**.<sup>87</sup> De facto, “*a noética (do grego  $\nu\omicron\upsilon\varsigma$ : mente) é uma disciplina que estuda os fenómenos subjetivos da consciência, da mente, do espírito e da vida a partir do ponto de vista da ciência. Como conceito filosófico, em linhas gerais define a dimensão espiritual do homem.*”<sup>88</sup> A Filosofia presta-nos um contributo precioso para entendermos melhor o âmbito da **Noética**: “*Apesar de ser uma disciplina de formulação recente, seu objeto e as metas que persegue já foram estudados por*

---

*somente uma única noção*”. Para Anthony Atkinson, “o conceito de consciência é notoriamente difícil de definir (...) porque se refere a um fenómeno heterogêneo.” Cfr. Queiroz, João – “Tipologia da consciência: Um estudo comparativo baseado na filosofia de C. S. Peirce”. IN *Galaxia*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. São Paulo: PUC-SP, 2001. n.º 1.

<sup>86</sup> ACTA APOSTOLICA SEDIS, 86 (1994): pp. 386-387. A título de informação, recordamos que Várias encíclicas de João Paulo II, como a *Veritatis Splendor* e sobretudo a *Evangelium Vitae*, versam problemas de bioética.

<sup>86</sup> Segundo a Wikipédia, a Noética “deriva dos termos grego  $\nu\omicron\upsilon\varsigma$ , a mente, a alma racional, a inteligência; *noema*, o objeto ou foco de  $\nu\omicron\upsilon\varsigma$ , e *noesis*, que significa estritamente o ato de pensar em si, e também uma compreensão global, completa e instantânea de qualquer questão sem o intermédio da articulação pela linguagem, equivalente ao insight moderno ou ao conceito de intuição, *Noesis* contrasta com o significado de *dianoia*, que remete ao conhecimento racional discursivo ou dialético. (...) A noética moderna teve um precursor na figura de Charles Darwin, que procurou estudar a evolução das espécies numa perspectiva global e sintética, mas foi primeiro definida pelo psicólogo norte-americano William James, dizendo que ela descreve ‘*estados de insight em verdades profundas inalcançadas pelo intelecto discursivo. Estes insights seriam revelações e iluminações cheias de significado, mas todas inarticuladas; como regra, elas trazem consigo um curioso senso de autoridade*’. Ele foi um dos pioneiros da valorização do potencial da transcendência humana no terreno do estudo científico da consciência.” “Fritjof Capra, autor de vários *best-sellers*, traçou paralelos entre a visão científica do mundo e a filosofia oriental, sendo uma referência para a escola do Pensamento sistêmico.” O pensamento “sistêmico” é uma forma de abordagem da realidade que surgiu no século XX, em contraposição ao pensamento “reducionista-mecanicista” herdado dos filósofos da Revolução Científica do século XVII, como Descartes, Bacon e Newton. O pensamento sistêmico não nega a racionalidade científica, mas acredita que ela não oferece parâmetros suficientes para o desenvolvimento humano, e por isso deve ser desenvolvida conjuntamente com a subjetividade das artes e das diversas tradições espirituais. É visto como componente do paradigma emergente, que tem como representantes cientistas, pesquisadores, filósofos e intelectuais de vários campos. Por definição, aliás, o pensamento sistêmico inclui a interdisciplinaridade.” Apesar de não devermos entrar por este campo, a verdade é que se torna pertinente uma referência ao Pensamento sistêmico e à psicologia analítica de Carl Gustav Jung. “Muitas críticas à teoria junguiana coincidem com a dificuldade em se aceitar a psicologia como ciência devido aos pressupostos apresentados. O pensamento sistêmico propõe, em contraposição, os paradigmas da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade, que se integram incrivelmente com a psicologia analítica.”

<sup>88</sup> Wikipédia, a enciclopédia livre.



várias correntes de filosofia e fazem parte de todas as tradições esotéricas das religiões do mundo.<sup>89</sup> No oriente Buda disse que o mundo é criado por nossos pensamentos, que a consciência está em toda parte e que a realidade e a vida são uma só, estando todos os seus elementos constituintes inextrincavelmente ligados por teias de interdependência. Diversos povos indígenas ao redor do mundo compartilham dessa visão em alguma medida.

Eduardo Sá, num trabalho seu,<sup>90</sup> interpela: “Mas de que ‘são feitos’ os pensamentos e para que é que ‘servem’? Tenho dito que, partindo da fisiologia cerebral, a máxima cartesiana ‘penso... logo existo’ se transformará em ‘existo... logo, penso’. Pressuposto, nesse contexto, que, a partir da anátomo-fisiologia cerebral, tudo o que é impulso nervoso será potencialmente um pensamento. Com isso, quis dizer que a actividade nervosa se traduz em pensamentos (onde englobo percepções, emoções e afectos) que, sendo assim, são desde o início da vida (e para sempre) anteriores à capacidade de os pensarmos [isto é, de elaborarmos um pensamento em definitivo com (e acerca dos) pensamentos].” E diz mais: “Aquilo que distingue uma pessoa dos outros animais não será a presença de pensamentos mas a competência de pensar o pensamento. De início, torna-se nítido que será a mãe a pensar acerca dos pensamentos do bebé, assumindo-se numa função semelhante à que o rim desempenha em relação ao sangue. Sempre que a mãe pode adivinhar o seu bebé ele é curioso. Então, a curiosidade, sendo inata, organiza-se ou inibe-se através da qualidade emocional da relação”. Resultou-me importante a forma como Eduardo Sá continua a expor o seu pensamento acerca do pensamento, com uma dose de expressão metafórica: “À medida que interioriza a mãe e o pai, um bebé pode passar mais tempo sem eles (porque os tem dentro). Mas talvez tenhamos sempre alguma ‘insuficiência renal’ na transformação dos nossos pensamentos.”

Apesar de ser uma disciplina de formulação recente, a noética, com o seu objecto e as metas que persegue, já foi estudada, como vimos, por várias correntes de filosofia e faz parte de todas as tradições esotéricas das religiões do mundo. E como já anotamos também, na tradição ocidental, a noética foi fortemente influenciada pelas teorias dos filósofos da

---

<sup>89</sup> HARMAN, Willis. “What Are Noetic Sciences?”, Institute of Noetic Sciences. Newsletter, Vol. 6, No. 1, Spring 1978

<sup>90</sup> SÁ, Eduardo – “O pensamento e a ética na relação pedagógica, in *Bioética*” - coordenação de ARCHER, Luís; BISCAIA, Jorge; OSSWALD, Walter, Editorial Verbo, 1996, p.162.

Grécia Antiga a respeito da consciência, do conhecimento e do eu.<sup>91</sup> E não só: pensadores como Teilhard de Chardin, Henri Bergson. “Para Husserl, a noética, além de ser a dimensão espiritual, é o fator determinante na atribuição de significado à experiência. (...) Voegelin disse que o elemento noético aparece quando a consciência procura tornar-se explícita para si mesma e interpretar o seu próprio logos. (...) Segundo Tulving, noética é uma das três formas de consciência: anoética, noética e autonoética. Ronai da Rocha definiu como noético tudo que pertence ao intelecto ou mente humana: crenças, idéias, pensamentos e conceitos, e esta é uma das definições do termo para a Psicologia moderna, centrando sua atenção no aspecto cognitivo e sendo o elemento de contato do indivíduo com o mundo real exterior, possibilitando a formulação de juízos, abstrações, figurações e raciocínios coerentes e significativos. Para Marc Halévy a noética é essencialmente a ciência do conhecimento. (...) Segundo Stratton, noética se refere a uma estrutura individual de conceitos, sendo o somatório de idéias, crenças e opiniões de cada um, e a forma pela qual tais conceitos se relacionam entre si e com o mundo externo.”<sup>92</sup> Viktor Frankl, entre outros, também se debruçou sobre o estudo da noética e, curiosamente, o fundador da Logoterapia, escreveu a propósito: “Homem e animais são constituídos por uma dimensão biológica, uma dimensão psicológica e uma dimensão social, contudo, o homem se difere deles porque faz parte de seu ser a dimensão noética. Em nenhum momento o homem deixa as demais dimensões, mas a essência de sua existência está na dimensão espiritual. Assim, a existência propriamente humana é existência espiritual. Neste sentido, a dimensão noética é considerada superior às demais, sendo também mais compreensiva porque inclui as dimensões inferiores, sem negá-las - o que garante a totalidade do homem”.<sup>93</sup>

Atente-se ainda no seguinte: “Bynum disse que esse desejo, que chamou de noético, é tão central à própria natureza humana que boa parte das principais perturbações mentais se deve à sua frustração ou deformação por quaisquer tipos de circunstâncias, e saudou os esforços recentes no sentido de se reconhecer esse impulso profundo e suas manifestações como um objeto digno da investigação científica, da mesma forma que todos os outros grandes processos vitais, históricos e sociais do ser humano têm sido analisados com esse

---

<sup>91</sup> HARMAN, Willis. [What Are Noetic Sciences?](#). Institute of Noetic Sciences. Newsletter, Vol. 6, No. 1, Spring 1978

<sup>92</sup> Wikipédia, a enciclopédia livre.

<sup>93</sup> Idem

rigor e seriedade. Disse também que essa investigação se torna ainda mais autorizada quando lembramos que muitos dos grandes cientistas da história, tanto antiga como recente, têm se aproximado da religião e do misticismo em busca de inspiração para a solução de problemas científicos. Lembrou ainda que muitos casos de crises psíquicas, classificados no ocidente como neuroses ou psicoses, são descritos em culturas não-ocidentais como sinais saudáveis da emergência da dimensão espiritual na vida da pessoa.”<sup>94</sup> Confirma-se a relevância da noética na análise do pensamento bioético de Paulo da Cruz como contributo para a resolução de problemas que afectam o ser e a pessoa humanos. De facto “a noética incorpora a contribuição de estudos interdisciplinares da mente, da consciência e de diversos modos de conhecimento, com foco especial na ciência, saúde, psicossomática, psicologia, artes, ciências da cura e terapias holísticas, ciências sociais e espiritualidade. (...) A noética é tanto uma expansão do escopo da ciência como uma redescoberta e revalorização de conceitos e práticas antigas tradicionais que foram abandonados ou desprezados pelos ocidentais modernos. Ao passo que o estudo da mente e da consciência na história antiga era realizado através da especulação abstrata, da fé pura ou da confiança acrítica no que disseram autoridades do passado, a noética moderna se vale do grande progresso da ciência materialista na descrição do mundo objetivo e da psicologia na descrição dos mecanismos e estados mentais, e procura transportar seus métodos empíricos para a esfera do estudo do conhecimento subjetivo e da herança de conhecimentos tradicionais de base folclórica ou religiosa da humanidade.”<sup>[1]</sup> De acordo com McPartland, a ciência noética é aquela que tem como seu objeto de estudo a estrutura normativa da existência humana. Como este objeto não pode ser compreendido todo apenas com a dedução lógica nem com a observação empírica, tem como perculiaridade o fato de que o observador participa do fenômeno a ser observado, que não é inteiramente objetivo.<sup>95</sup>

“A noética tende a ter seus princípios assimilados a todos os aspectos da vida humana, a todos os processos de enfrentamento de dificuldades, de tomada de decisão e de valoração da experiência. O presente Dalai Lama, Tenzin Gyatso, afirmou que os ocidentais não poderão jamais compreender bem a ciência sem uma ajuda da filosofia oriental, pois já se tornou claro que a ciência, como ela hoje ainda é entendida em linhas gerais no ocidente,

---

<sup>94</sup> BYNUM, Edward Bruce. – “The Roots of Transcendence”. Cosimo Inc., 2006. pp. 38-45.

<sup>95</sup> McPARTLAND, Thomas J. – “Noetic Science”. Wagner Columbus Publishing Co. Ltd., sd, p. 3. Disponível em VoegelinView.com

*não é capaz de penetrar nos fundamentos da consciência. Marc Halévy referiu que o mundo está às portas de uma revolução noética, cujas bases serão o talento, a criatividade, a imaginação, a intuição e a capacidade de transmitir conhecimento mediante uma nova educação.*”<sup>96</sup> Na sequência do mencionado, atente-se ainda no seguinte: “*No oriente, Buda disse que o mundo é criado por nossos pensamentos, que a consciência está em toda parte e que a realidade e a vida são uma só, estando todos os seus elementos constituintes inextrincavelmente ligados por teias de interdependência.*” <sup>97</sup>

Concluindo: ao falar de *Pensamento Bioético* balizo a tal actividade mental de pesar, medir, avaliar, comparar e julgar, que é o *Pensamento*, e que nos torna aptos para compreender e enriquecer a consciência, o espírito e o mundo, balizo, repito, essa actividade mental na contextualização do mundo bioético e do agir ético que tal contextualização me exige. Isto é; o *Pensamento*, como actividade mental, não tem limites de qualquer espécie, pois é como o vento e como o espírito, sempre abertos a qualquer tipo de orientação. O termo *Bioético* como atributo do *Pensamento* restringe a sua actividade a um campo concreto, relacionado com a Bioética. Ao ter nas mãos um epistolário de um pensador, o que pretendo captar é o que ele, pelo seu poder criador, nos fornece como linhas de acção inter relacionadas com temáticas bioéticas, contribuintes para um agir ético-moral sempre mais desejável.

Ter iniciado esta minha tese com a reflexão sobre o *Pensamento*, pareceu-me relevante, pois se vou analisar o *Pensamento Bioético* de Paulo da Cruz, ela impunha-se, não no sentido de andar à procura de um ‘pensamento enlatado, de ‘uma opinião pronto-a-vestir’, à procura ‘do que toda a gente sabe’, na opinião de João César das Neves,<sup>98</sup> mas de um

---

<sup>96</sup> Halévy-van Keymeulen, Marc. “*Facing the Noetic Revolution*”. Disponível em Noetique.eu

<sup>97</sup> Idem.

<sup>98</sup> NEVES, João César das – In DN (Diário de Notícias), de 03.05.2010. Para uma melhor contextualização das expressões citadas, apenas transcrevo alguns excertos do seu artigo: “*A comunicação social apresenta-se como meio informativo e assim parece considerada pelo público. Mas de facto poucos a usam para se informarem. O que realmente compram é pensamento enlatado, opinião pronta-a-vestir. Nos jornais e telejornais obtêm-se, não dados para alimentar a reflexão, mas reflexão já cozinhada que se engole acriticamente. Para satisfazer essa procura, grande parte dos media, mantendo a ficção de meios informativos, transmitem ideias pré-fabricadas.*”

*O mal não é as notícias serem enviesadas, pois é impossível relatar de forma neutra. Nem é haver excesso de comentário opinativo, em geral alheio ao fenómeno. O conhecimento requeitado que gera a depressão é, não uma visão particular, mas a entidade vaga conhecida como “opinião pública”, que pensa por todos. A opinião pública não corresponde a qualquer dos comentadores ou debates, mas ao que “toda a gente sabe”, a referência central do momento. O que “toda a gente sabe” ninguém sabe de onde vem, mas costuma ser uma visão mesquinha, redutora, boçal e cínica sobre a realidade, normalmente simplista, enviesada e mal informada, frequentemente contraditória. (...) Este nosso problema é uma manifestação de um diagnóstico já*

Pensamento que me faz pensar e que me ajuda a aprender a gerir pensamentos, emoções e sensações. Normalmente, pouco se pára para pensar. Lê-se, ouve-se, fala-se, mas pouco se pensa. A arte de pensar é fundamental para nos situarmos correctamente na vida, nesta vida humana... Pensar gera pensamentos. Este é um processo de se adquirir uma desejável qualidade de vida, com sentido existencial, tendo presente a perspectiva de uma imortalidade fundamentada na esperança.

---

*antigo e muito mais vasto que a dívida lusitana. "A grande tradição intelectual que chegou até nós, desde Pitágoras e Platão, nunca se interrompeu ou perdeu com bagatelas como o saque de Roma, o triunfo de Átila ou todas as invasões bárbaras da idade das trevas. Apenas se perdeu após a introdução da imprensa, o descobrimento da América, a fundação da Royal Society e todo o progresso do Renascimento e do mundo moderno. Foi aí, se o foi em qualquer parte, que se perdeu ou se quebrou o longo fio, fino e delicado, que vinha desde a antiguidade remota. O fio dessa rara mania dos homens - o hábito de pensar" (G. K. Chesterton, 1933, St. Thomas Aquinas, cap. III).*

## CAPÍTULO II

### *Relevância do gênero epistolar na expressão do pensamento*

**Ponto 1:** J. Cândido Martins<sup>99</sup> regista que “*actualmente, a chamada literatura íntima ou literatura autobiográfica está na moda. Integrando múltiplos géneros e registos (carta, diário, autobiografia, memórias, etc.), este tipo de literatura parece seduzir leitores e estudiosos, sobretudo pela componente de historicidade que comporta; mas também pelo carácter híbrido da sua funcionalidade comunicacional – informativa, reflexiva, estética, confessional, amorosa, analítica, polémica, etc.*” Interessa-me salientar a sobrecarga significativa dos termos “historicidade”, e o “carácter híbrido da sua funcionalidade comunicacional”. Efectivamente, ao pretender “introduzir” o epistolário de Paulo da Cruz (século XVIII) no pensamento bioético, é porque pretendo estabelecer uma ponte diacrónica que me permita aproveitar a historicidade do seu pensamento no registo epistolar para enriquecer o pensamento bioético em áreas características deste mesmo, como sejam a “humanização”, a “solicitude”, como enfrentar para remediar a “pobreza”, como perspectivar a morte, etc., mas tudo orientado para que a pessoa, com o seu espírito –consciência ou auto consciência- confrontada com realidades inerentes à sua própria condição e condicionada pelas suas próprias circunstâncias em que vive, possa manter a sua homeostase, o seu equilíbrio, fonte do bem estar que é desejável perseguir em cada momento. Falamos da morte. É um indiscutível assunto bioético, no meu modesto entender. Seja-me permitido referir o que Lisa Potter, neta do Van Potter, escreveu aquando da morte de seu avô: “*Lamentamos informar que Van faleceu ontem (06.09.2001) às 05.20 h. da tarde. Ele estava confortável e a família mantinha-se presente ao lado do leito. Eu segurava sua mão quando exalou o último suspiro. Sei que ele sentiu o apoio e o amor da família. Ele morreu logo após o seu 90º aniversário e teve a chance de ver muitos membros da família. Sentiremos muito a sua falta*”.<sup>100</sup> Repare-se no pormenor deste expressivo testemunho, extraído de um ‘comunicado’: o Homem que lutou pela Bioética teve a felicidade de morrer confortável, rodeado do amor e do carinho (humanização) da família, segurando-lhe a neta a sua mão (toque terapêutico). O sentir o apoio e o amor da família proporcionou-lhe bem estar... e teve a

---

<sup>99</sup> MACHADO, João Afonso - *Minhotos, Diplomatas e Amigos – A correspondência (1886-1916) entre o 2º Visconde de Pindela e António Feijó*, Linda-a-Velha, DG Edições, 2007.

<sup>100</sup> PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p. 147.

‘chance’ de ver muitos membros da família. Conclusão: A Bioética, afinal, em toda a sua complexidade interdisciplinar, simplifica-se quando, no percurso final, ajuda a pessoa a morrer com qualidade... Mas tem de haver alguém que entenda esta dinâmica e que se empenhe em humanizar eticamente a vida para um bom morrer... Paulo da Cruz, a este respeito, dar-nos-á um precioso contributo a partir do seu epistolário...

J. Cândido Martins continua o seu registo: “*Com antiquíssimos modelos teóricos e práticos na antiguidade greco-latina, a codificada arte da epistolografia (ars dictaminis) sempre foi cultivada ao longo dos vários séculos da Cultura e Literatura portuguesas. Sobretudo a partir dos sécs. XVI e XVII, o discurso epistolar conheceu uma nova dinâmica com as modernas realidades políticas e sociais, acompanhadas da influência decisiva dos modelos da literatura de comportamento social e de civilidade. Relembremos Il Galateo, Il Cortegiano, El Discreto, Arte de Galantería e subsequentes Secretários e manuais de cortesia e boas maneiras, com capítulos específicos sobre a arte epistolar e sobre a carta como expressão ímpar de sociabilidade. A partir da Europa de Quinhentos, tivemos excelentes e prolíficos epistológrafos, cuja escrita constitui um enorme manancial de informação histórico-cultural, de interesse sociológico e ainda, em muitos casos, um monumento de beleza literária – lugar insubstituível de memória, testemunho vivo e indispensável.*” Completo que a epistolografia de Paulo da Cruz constitui também uma fonte onde podemos encontrar informação que corrobora o pensamento bioético hoje, sincronicamente falando. É o que aliás ele reafirma no texto que se segue: “*A importância histórico-cultural, mas também antropológico-social e, em muitos casos, a relevância estético-literária dos textos epistolográficos, faz deste género peculiar fonte insubstituível de informação e de beleza. Estas virtudes variam significativamente consoante os autores. Neste género ambíguo e intermédio, frágil e complexo, “menor” e rico, dotado de uma retórica específica, de relações próximas com outros géneros e formas de escrita, discutível é também o grau de espontaneidade e de sinceridade da escrita epistolográfica. O estudo e antologia de A. Crabbé Rocha, A Epistolografia em Portugal (2ª ed., IN-CM, 1985) – onde não falta António Feijó –, apresenta-nos uma elucidativa panorâmica sobre o género.*” A referência à importância antropológico-social é um apontamento importante no trabalho que nos propomos realizar e que se insere na área da *antropologia, ética e saúde*.

E continua o autor em causa a salientar mais esta referência que nos pareceu importante registá-la, a saber: “*O séc. XIX mostrou-se particularmente rico no capítulo*

da epistolografia. Dos românticos liberais, passando pela segunda geração romântica, até aos espíritos que pululavam em torno da influente Geração de 70 e do Portugal finissecular, muitos foram os escritores e intelectuais que se distinguiram neste campo, como destaque para Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Fialho de Almeida, Trindade Coelho, entre tantos outros. Neste contexto, convém recordar que o epistolário de António Feijó é muito rico e apenas parcialmente editado. As razões para uma e outras constatações são conhecidas: os homens cultos de Oitocentos, como de épocas anteriores, correspondiam-se imenso por escrito, sendo a arte epistolar um atributo indispensável da vida social e da civilidade.” Paulo da Cruz é escritor do século XVIII que, com o seu epistolário, apresenta linhas concretas de acção éticas que contribuem para uma resposta antropológica a temáticas da área da Bioética, a que acima já fizemos referência.

**Ponto 2:** Andrée Rocha, referindo-se ao estudo da epistolografia em Portugal, regista um significativo excerto: *“Como um Raio X que ilumina órgãos vitais, ajuda-nos a vencer a opacidade dos seres. É, sem dúvida, essa visão de dentro, proporcionada pelas cartas, que constitui a experiência mais singular de tão longas, e por vezes penosas, leituras. Procurar, no espelho multifacetado das correspondências, imagens inesquecíveis dos escritores portugueses – ora pungentes, ora rutilantes, quase sempre pessimistas – e integrar num gráfico único certas coordenadas constantes no decorrer dos séculos, foi tarefa deveras apaixonante.”*<sup>101</sup> É para mim apaixonante o manusear ‘umas 2. 000 cartas’ conservadas de Paulo da Cruz, dentre “umas 50.000 que se calcula que escreveu”,<sup>102</sup> para aí detectar ‘coordenadas constantes no decorrer dos séculos’ e que, no âmbito do que me interessa estudar, analisar e pontualizar, se vêm interligadas com coordenadas bioéticas, resultando um precioso contributo para uma eficiente ‘praxis’ bioética. Esta ‘visão de dentro, proporcionada pelas cartas’, parece-me ser, efectivamente, pertinente.

A epistolografia é ‘de extrema importância para a história das ideias’, é ‘uma rica substância humana e literária’, constitui um manancial rico em ‘matizes de sentimentos, de particularidades de carácter, dos achados de expressão, o mais precioso

---

<sup>101</sup> ROCHA, Crabée – *“A Epistolografia em Portugal”*; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, p. 10.

<sup>102</sup> CRUZ, S. Pablo de la – *Cartas y Diario Espiritual de San Pablo de la Cruz, Fundador de los Pasionistas*, Ediciones ‘El Pasionario’, Madrid, 1968, p. 7.



legado das cartas’, no dizer de Andrée Rocha.<sup>103</sup> ‘Carta é um meio de comunicar por escrito com o semelhante. (...) *Communicare* significa pôr em comum, comungar. Escreve-se, pois, ou para *não estar só*, ou para *não deixar só*. Lição de fraternidade, em que as palavras substituem os actos ou os gestos, vale no plano afectivo como no plano espiritual, e participa, embrionária ou pujantemente, do mecanismo íntimo da literatura – dádiva generosa e apelo desesperado, ao mesmo tempo’.<sup>104</sup> Não me parece então descabido afirmar que é relevante e enriquecedora a leitura bioética a partir da epistolografia de um escritor anterior ao surgimento do termo em 1970, como foi Paulo da Cruz, um Fundador, um místico, um Santo, que viveu num período histórico importantíssimo para a civilização ocidental, como foi o século XVIII. Na sua epistolografia, encontramos textos de beleza literária assim como ricos pelas ideias humanizantes em prol do bem estar e da qualidade de vida da pessoa humana. ‘*O que é primacial nas cartas é o seu recheio e motivação do texto*’, escreve Crabée Rocha.<sup>105</sup> A carta é “um substituto da presença corpórea. (...) A ausência não só motiva, pela nostalgia dos contactos humanos perdidos ou interrompidos,<sup>106</sup> um desejo de reafirmação no campo dos afectos, como provoca também um considerável enriquecimento daquilo que se tem para dizer: outros mundos, geográficos ou espirituais, nutrem de revelações e experiências inéditas o recheio da carta.”<sup>107</sup> Saliento, tendo presente a epistolografia de Paulo da Cruz, o desejo de reafirmação no campo dos afectos numa linha de orientação humanista (da humanização dos afectos e do agir), de bom senso, do sentido do equilíbrio, linha de formação do espírito – espiritualista, portanto-. Paulo da Cruz revela o que pensa, as suas experiências, a quem escreve transmitindo-lhes o que é o alicerce de toda a sua vida de entrega ao serviço do outro a partir do encontro com o Outro, a partir da descoberta experimental da vivência da reflexão profunda sobre o Amor Absoluto, Cósmico, que se faz Palavra, pela Encarnação e da descoberta profunda do significado do altruísmo infinito da dádiva total numa Cruz pela libertação do ser e pessoas humanos e de toda a Criação. Sob este enfoque da dádiva absoluta por uma Causa, consegue-se perspectivar a relevância desta

<sup>103</sup> ROCHA, Crabée – “*A Epistolografia em Portugal*”; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, pp. 10-11.

<sup>104</sup> Idem - p. 13.

<sup>105</sup> Idem - p. 14.

<sup>106</sup> Cito, apenas e a título de curiosidade expressiva literária e a propósito o sentimento que provoca a ausência geográfica..., o que Crabée Rocha regista na sua *Epistolografia em Portugal*, p. 16: “*O afastamento, de resto, permite ver melhor o ‘tabuleiro’ nacional. Como dizia chãmente Eça de Queirós a Ramalho, de Havana: ‘Estar longe é um grande telescópio para as virtudes da terra onde se vestiu a primeira camisa’. Mas é ainda, quando o amor foi ferido, um grande telescópio para ver os seus vícios*”.

<sup>107</sup> ROCHA, Crabée – “*A Epistolografia em Portugal*”; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, p. 14.

‘enformação no agir’ para se obter o que Van Potter pretende alcançar quando fala da ‘sobrevivência’ e da ‘crise ambiental’... As experiências ‘espirituais’ de Paulo da Cruz não são centrífugas, mas pelo contrário: irradiam força positiva onde chegam. O receptor vê-se impelido a ‘converter-se’, a encontrar ‘outro caminho’, de que nos fala Van Potter, para salvar o futuro da humanidade e do cosmos. A bioética só beneficia com todas as achegas que lhe chegam, hoje, no sentido de salvaguardar uma ética que salve a vida!

Falando da aventura marítima, no contexto da epistolografia, Andrée Rocha escreve: “*A evocação deslumbrada de terras longínquas, de peripécias temerárias e de contactos humanos com raças, religiões e costumes estranhos constitui largo e original quinhão da epistolografia portuguesa. À singularidade da experiência corresponde a singularidade do testemunho, e esse, sim, tem projecção universal.*”<sup>108</sup> Saltando do contexto, aproveito a riqueza do conteúdo do enunciado de Andrée Rocha: “*À singularidade da experiência corresponde a singularidade do testemunho, e esse, sim, tem projecção universal.*” Efectivamente, Paulo da Cruz teve uma ‘intuição’ original, centrada no fazer ‘memoria passionis’ (memória da paixão de Cristo), intuição que ‘marca’ a singularidade da sua experiência espiritual, com repercussão natural no seu agir humanizante, de solicitude, de respeito indescritível pelos ‘crucificados’, pelos pobres, pelos marginalizados; a esta singularidade experimental corresponde-lhe a singularidade do testemunho, que é o que nos convence e que se encontra bem delineado na sua epistolografia. “*A aventura geográfica enriquece-se com aventuras do espírito*”, política, humanitária, apostólica, filosófica, social, existencialista, escreve André Rocha.<sup>109</sup> Nas ‘aventuras espirituais’ de Paulo da Cruz podemos fazer uma leitura bioética apesar da distância do cronos em que viveu Van Potter, em que vivemos nós e em que ele viveu. Porquê? Penso que a resposta já foi dada ou, pelo menos, insinuada um pouco mais acima, em parágrafos anteriores.

Andrée Rocha sublinha ainda que “*o autor da carta implica outrem num momento em que se lhe sentiu, de qualquer modo, ligado.*” E mais: “*(...) O problema consiste, pois, em saber se a carta não passa de efémero noticiário, ou se nela perpassam verdades que não têm fim.*” E relembra a frase de Sêneca: “*‘Só o tempo é nosso’. É, pois, o indivíduo que fica coordenado pelo tempo quando, em cada nota do diário ou em cada carta, exprime uma parcela desse tempo individual. (...) Efemérides*

---

<sup>108</sup> Idem - p. 15.

<sup>109</sup> Idem - p. 15.

*de uma vida, as cartas dum autor captam à maravilha os nada e os momentos cruciais que a constituem.* ”<sup>110</sup> Tendo presente estes excertos de Crabée Rocha, pode-se concluir com a aceitação do seu conteúdo, isto é, nas cartas de Paulo da Cruz a sua ‘ligação’ com o outrem não acontece só num momento determinado mas esta ‘ligação’ perpassa pelo cronos, revelando-se uniforme na mensagem transmitida, verdades que não têm fim, a partir de nada ou de momentos cruciais registados nas cartas... Escritores há, como por exemplo, segundo Andréa Rocha, “*Fr. António das Chagas ou Antero, que falam **sub specie eternitatis**, das verdades de que estavam possuídos.*”<sup>111</sup> Posso juntar Paulo da Cruz a este muito curto elenco, pois as verdades de que ele estava possuído *sub specie eternitatis* foram aquelas que ele procurou transmitir aos seus receptores. Aliás, o foco iluminador do seu pensar e agir era precisamente o que estava em permanente conexão com a eternidade. Temos muitos registos, nas suas cartas, que nos ‘falam’ do ‘voar para, e permanecer *in sinu Patris*, local de repouso e de bem estar, ou se quisermos, de uma outra qualidade de vida, assunto bioético relevante, no meu modesto entender. É que a bioética persegue, em última análise, isso mesmo!

No que diz respeito ao destinatário, “*o epistológrafo pratica uma escolha, uma eleição, que condiciona incontestavelmente o texto que vai escrever, quer no plano da franqueza, quer no do estilo.(...) O epistológrafo requinta o que tem para dizer conforme o destinatário a quem o confia. Àqueles que preza ou àqueles que combate, procura dar de si uma imagem lisonjeira e subtil, por meio de uma expressão graciosa ou percuciente, duma lógica sem defeitos, duma confidência exclusiva. Desembaraça-se dos outros em estilo de expediente...*”<sup>112</sup> Estas premissas não estão presentes no epistolário de Paulo da Cruz, porque a quem escreve revela-se o que ele é, o que ele pensa e o que ele pretende transmitir, sempre de uma forma linear, franca e leal. Uma esmagadora maioria das suas cartas estão datadas e levam a sua assinatura. Os seus destinatários são, “*numa percentagem muito elevada, leigos/as, como o leitor comprovará. Todos ficarão maravilhados face a tanta sabedoria espiritual e tirarão proveito de um mestre tão experiente nos caminhos de Deus. Com razão, é saudado pelos especialistas em literatura ascético-mística como uma das grandes figuras da espiritualidade cristã e considerado como o maior escritor místico do seu século.*”<sup>113</sup> A

---

<sup>110</sup> Idem - pp. 16-17.

<sup>111</sup> Idem - p.17.

<sup>112</sup> Idem - p.18.

<sup>113</sup> CRUZ, S. Pablo de la – *Cartas y Diario Espiritual de San Pablo de la Cruz, Fundador de los Pasionistas*, Ediciones ‘El Pasionario’, Madrid, 1968, p. 8.

interpelação que alguém poderá fazer cinge-se ao porquê querer inserir este Homem no âmbito da Bioética, sendo ele um mestre de espiritualidade. Num argumento *ad hominem* afirmo que é precisamente por isso que pode entrar no âmbito da Bioética. O homem é espírito e corpo. O espírito é que lhe dá identidade própria. E é o espírito –a consciência- que deverá ser formada para que se possa sonhar com humanização e verdadeira solicitude. Enquanto não entrar esta ideia nos agentes da saúde assim como nos campos das relações entre pessoas, o homem é comandado por ideias distantes duma outra sabedoria que dá consistência a um desejável agir ético.

As virtudes de Paulo da Cruz brilham nas suas cartas; são bem visíveis. Repare-se no significado expressivo do que nos aporta Crabée Rocha, citando António Botto: *“Nos artistas célebres, os defeitos da sua vida particular são mais visíveis do que no vulgo porque contrastam com o fulgor das suas obras.”*<sup>114</sup> Transportando este apontamento para a vida de Paulo da Cruz, é de se registar o contrário: o fulgor da sua vivência e do seu testemunho –oral e escrito- ofusca qualquer defeito da sua vida, apesar de se reconhecer um pecador e em nada superior a quem quer que seja...

*“A partir de certo momento, escrever com os olhos postos na posteridade torna-se quase inevitável. O que as cartas perdem então de frescura ganham em perfeição formal e em sentido. E avizinham-se, portanto, da literatura propriamente dita.”*<sup>115</sup> Como veremos oportunamente, este sentir de Crabée Rocha tem de ser lido correctamente. Quem escreve, pode tê-lo feito a pensar nesse momento, seu e do receptor. A verdade, porém, é que sendo as cartas guardadas passam a ser ‘marcos’ indicadores de valores, de experiências, de conselhos, de vivências, úteis na posteridade. Não perdem a frescura pela ‘actualidade’ do e no momento! Esta é a sensação actualizante do pensamento de Paulo da Cruz, no meu humilde parecer, registado no seu epistolário, onde, cada carta, normalmente, leva a sua assinatura, o que confirma o que Crabée Rocha regista: *“Queremos que numa carta a assinatura faça fé, como a palavra dada. E isto só vem confirmar o alto valor atribuído ao eu que a subscreve.”*<sup>116</sup> A propósito desta afirmação, atente-se no seguinte excerto de Crabée Rocha: *“Sendo constante a presença do eu em cada um dos epistológrafos –mesmo nos mais impessoais por condição ou ofício – é, no entanto, impressionante a concordância com que todos se debruçam sobre certos aspectos da existência e do meio em que se situam*

---

<sup>114</sup> ROCHA, Crabée – *“A Epistolografia em Portugal”*; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, p.19.

<sup>115</sup> Idem - p.20.

<sup>116</sup> Idem - p.20.

as suas experiências e sofrimentos íntimos. Abolido o tempo, o fogo cruzado dos sentimentos e das ideias organiza-se numa espécie de **Diálogo dos Mortos** em que todos participam”.<sup>117</sup> É, de facto, o que acontece também ao lermos excertos de epistológrafos portugueses. Por exemplo, no que às Espirituais diz respeito, basta ler um excerto das *Cartas Espirituais*, de Frei António das Chagas, escrito em 1671, onde as convergência de pensamento se antecipam e identificam com as de Paulo da Cruz e onde não faltam apelos ao essencial da existência, num reencontro com o sentido da vida. No meu modesto entender, este sentido da vida é um tema bioético, porque tem implicações no agir ético. Curiosamente, o que vou insinuando encontro-o, por exemplo, no tal excerto de Frei António das Chagas, na Carta dirigida ao Conde de Ericeira.<sup>118</sup> Atentemos em algum que outro passo: “*O fim principal da História é fazer presentes para a nossa doutrina os séculos passados e estender na duração das memórias aquelas posteridades da fama, a quem faz extraordinariamente injúria o esquecimento dos tempos. Virtude é para o mundo esta ocupação, quando a verdade, que é a alma das notícias, com a utilidade dos exemplos que nos ensina, nos põe nas mãos, em poucas folhas de papel, os mares e as terras, as nações e os negócios do mundo, os porquês e os comos e os quandos das acções humanas*”. Reparemos na chamada de atenção para a relevância da História, da utilidade dos exemplos que nos ensina, pondo-nos nas mãos, em poucas folhas de papel, ‘os porquês, os comos e os quandos das acções humanas.’ Fala-nos, de seguida, da caducidade das coisas vãs, do apelo ao que é eterno. E “*como não será inútil este aprazível trabalho, se, na fugacidade daqueles dias que Deus lhe dá a V. S. para tratar da sua salvação, V. S. os confunde, ou os perde, trocando os avisos do Céu pelas descrições da terra, as considerações da morte pelo discurso das cousas da vida, as contas da eternidade pelos contos do tempo, podendo aproveitar mais, trabalhando menos, nos assuntos e exercícios do desengano*”.<sup>119</sup> Este excerto fala-nos da relevância das considerações da morte durante a vida das pessoas! Sobre a morte em Paulo da Cruz, já tratarei oportunamente deste assunto ‘bioético’. No entanto, parece-me oportuno trazer um outro excerto de Crabée Rocha precisamente sobre a morte e os epistológrafos portugueses: “*E assim, solitários de qualquer Vale de Lobos ou esmagados por qualquer engrenagem política, só lhes*

<sup>117</sup> Idem - p.380.

<sup>118</sup> CHAGAS, Frei António das – *Cartas Espirituais*, Sá da Costa, Lx, 1939, p. 21, citado in ROCHA, Crabée – “*A Epistolografia em Portugal*”; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, pp. 166-169.

<sup>119</sup> Idem - pp. 166-169.

*apetece o mesmo grito: 'Isto dá vontade de morrer'! Por isso mesmo é que a palavra morte está tantas vezes presente nas cartas. Eleva-se delas, como um coro trágico, um unânime e total desprendimento da vida. O que importa, dizia Venceslau de Moraes, 'não é a nossa morte, é a dos outros'. Luminosa síntese da posição de tantos outros artistas perante o fim: pessimistas e desiludidos, nauseados ou exaustos, esperam-na como a uma libertadora.'*<sup>120</sup> Libertos da contextualização e tendo presente apenas o excerto, posso afirmar que há convergências com a forma como Paulo da Cruz focava a morte, também perspectivada como 'um unânime e total desprendimento da vida'. Mas há uma fundamental divergências na focagem da morte, em Paulo da Cruz: se esperava a morte como 'a uma libertadora', isto não era fruto nem de pessimismos nem de desilusões, nem tampouco por se encontrar 'nauseado ou exausto'! Mas sobre este assunto da morte na perspectiva de Paulo da Cruz já me debruçarei oportunamente, conforme já explicitiei.

Regressando um pouco atrás, aparece no excerto das *Cartas Espirituais*, de Frei António das Chagas, um apontamento 'idêntico' ao tema no qual Paulo da Cruz fundamenta a sua espiritualidade (a Paixão de Cristo): *"Se, finalmente, gastara V.S. na oração diante de um Cristo Crucificado e de uma caveira os dias e os meses e ainda os anos, que tem gastado nas folhas desta árvore tão pomposamente inútil, pois não há-de dar frutos de guarda mais que para a vanglória, quem duvida, senhor, que estivera V.S. já feito outro homem, pois o que é do mundo fora do Céu, pois o que é carne e sangue parecera espírito? Desengane-se V.S. que na hora da morte e no dia do juízo nenhuns bons autos há-de fazer com estes papéis; nem V.S. se há-de descarregar daquela estreita conta com os livros que compôs, senão com as boas obras que fez". "Veja V.S. logo quanto tempo tem errado o caminho, pois mais tem trabalhado pelo amor do mundo que pelo amor de Deus". "Homens de pequeno coração e de pouco juízo são aqueles que não servem de todo a Deus. Coração que se enche com uma criatura, que isto é todo o mundo, pequeno coração é. Juízo em que não cabem as cousas de Deus, que juízo pode ser?". "Ponha V.S. maior estudo em emendar a sua vida que o seu papel: dê-lhe maior cuidado a sua salvação que as suas histórias; cuide mais no que há-de levar à eternidade, que no que lhe leva o tempo."*<sup>121</sup> Este tipo de discurso é susceptível de diferentes

---

<sup>120</sup> ROCHA, Crabée – *"A Epistolografia em Portugal"*; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, p. 395.

<sup>121</sup> CHAGAS, Frei António das – *Cartas Espirituais*, Sá da Costa, Lx, 1939, p. 21, citado in ROCHA, Crabée – *"A Epistolografia em Portugal"*; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, pp. 166-169.

interpretações. No entanto, seja-me também permitido concluir que o que nele perpassa é a ideia de que o homem tem de se situar correctamente na vida, porque a morte é certa. Este situar-se correctamente fará com que se assuma um correcto agir ético, relevante para os assuntos bioéticos.

Para confirmar esta interacção de pensamentos entre epistológrafos, parece-me ainda oportuno trazer para consideração um outro epistológrafo português, contemporâneo do italiano Paulo da Cruz, José da Cunha Brochado (1652 – 1735), notável diplomata. Crabée Rocha regista a certa altura e a propósito de Cunha Brochado: *“Nas mil observações e ditos com que salpica as suas notícias epistolares, é ainda a sensatez e o equilíbrio do “honnête homme” que define o nosso filósofico enviado. (...) Sem tomar explicitamente o partido de Bossuet, reprova, no entanto, que os sequazes de Fénelon ponham “a alma aos pés do Criador e o corpo nos braços das criaturas, como se a resignação do espírito fosse um privilégio para as liberdades do corpo.”*<sup>122</sup> No Seu entender, *“tarde há-de amanhecer na nossa terra a luz bela duma educação sociável.”*<sup>123</sup> E assinala, de passagem, o papel educador da mãe, sem a qual os filhos “sempre saem malcriados.”<sup>124</sup> Sobre a educação dos filhos, Paulo da Cruz pensava assim: *“Adapte-se à tenra idade dos seus filhos; fale-lhes de Deus com suavidade e doçura (...). Não consinta que passem o seu tempo com ninguém, a não ser com pessoas de provada bondade, pois o mundo é demasiado perverso.”*<sup>125</sup>

Finalmente, Crabée Rocha regista ainda que *“as desconsiderações, os achaques, a velhice tornam-lhe cada vez mais apetezido o retiro dos Olivais. Feliz por não ter comprometido, nas suas enviaturas, a autoridade do seu carácter, dá-se por satisfeito em ir ensinar ‘ao monte e às ervinhas’ o que aprendeu lá fora acerca das ‘sensibilidades’ e indolências portuguesas. O balanço da sua vida não lhe deixa ilusões: não obrou acção que mereça ser escrita, nem escreveu nada que mereça ser lido, última desgraça de um ser humano, segundo Plínio, ‘por não deixar depois da*

---

<sup>122</sup> BROCHADO, J.da C. – *Cartas*, publicadas por Álvaro Dória, Sá da Costa, Lx., 1944 (sobre o ms. de Braga, tomo III), p.36, in ROCHA, Crabée – *“A Epistolografia em Portugal”*; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, p. 171).

<sup>123</sup> Idem - p. 171.

<sup>124</sup> Idem - p. 171).

<sup>125</sup> CRUZ, S. Pablo de la – *“Cartas y Diário Espiritual de San Pablo de la Cruz, Fundador de los Pasionistas,”* Ediciones ‘El Pasionario’, Madrid, 1968. Carta nº 234, correspondente à Carta nº CCCXXVIII das *“Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.”*, escrita a Tommaso Fossi (21ª), que se fez passionista com o nome de P. Tommaso di Gesù e Maria, - Poggio d’Elba, Viterbo -, desde o Ritiro della Presentazione, no dia 20 de Fevereiro de 1749, Volume I, pp.573-575.

*sua morte algum sinal de haver vivido’.*” E adverte Crabée Rocha: “*Nesse particular, a modéstia pôde mais nele que o discernimento: as suas cartas, pelo interesse que despertam ainda hoje, provam que Cunha Brochado deixou evidentes sinais de haver vivido.*”<sup>126</sup> Trouxe estes excertos de epistolografia apenas para provar que a partir dos mesmos podemos fazer leituras bioéticas pelos assuntos que abordam. Penso ser indiscutível que a leitura de cartas enriquece o nosso conhecimento. Revelando-nos sempre algo “do eu que praticou os actos ou defendeu as opiniões.”<sup>127</sup> O eu do escritor procura para cada dor, para cada situação concreta dos mais variados receptores, para cada indignação, para cada injustiça ‘aparente’ do destino, para as preocupações do dia-a-dia..., o lenitivo apropriado para uma desejável qualidade de vida de quem quer que seja. Ao mesmo tempo, ele também utiliza esse meio de comunicação - a carta - para expor o que pensa e, desabafando, por vezes, também nesse espaço privilegiado, pode encontrar um lenitivo para o seu espírito!... Neste contexto, reveste-se de interesse este excerto de Crabée Rocha, referindo-se aos epistológrafos nacionais: “*Um dos temas mais insistentemente referido – e justamente mais ligado ao presente de cada qual – é o da **saúde** física ou mental, ou antes da falta dela. É extremamente característica esta faceta, não só pelo número e variedade dos padecimentos descritos, como pela complacência com que os escritores portugueses falam dos seus achaques.*”<sup>128</sup> Referindo-me agora a Paulo da Cruz, devo confirmar que são muitas as cartas em que ele próprio fala dos seus achaques, das suas tribulações, das suas angústias. No entanto, aos outros apresenta um discurso entusiasmante face às dificuldades e agressões que a todos nos atingem, tentado o bem estar para quem quer que seja.

**Ponto 3.** Citando Crabée Rocha, comprovo que “*a leitura das cartas favorece a ilusão dum convívio com o artista que se admira. O leitor compraz-se em confrontar o génio com o homem comum que lhe serve de suporte e que se revela sem reticências na sua correspondência. Procura saber como ele reagia às solicitações do dia a dia, e o que diz a propósito dum aniversário, dum inimigo, duma mulher ou duma doença.*”<sup>129</sup> Também, “*nas cartas, os escritores escancaram todos os motivos de sofrimento*” e

<sup>126</sup> BROCHADO, J.da C. – *Cartas*, publicadas por Álvaro Dória, Sá da Costa, Lx., 1944 (sobre o ms. de Braga, tomo III), p.149, in ROCHA, Crabée – “*A Epistolografia em Portugal*”; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, p. 174).

<sup>127</sup> ROCHA, Crabée – “*A Epistolografia em Portugal*”; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, p. 380.

<sup>128</sup> Idem, p. 381.

<sup>129</sup> Idem, p.22.



trazem-nos “*admiráveis ensinamentos.*”<sup>130</sup> E não só, claro... A mim, compraz-me a leitura do epistolário de Paulo da Cruz porque nele descubro a sua personalidade, o seu carácter, a sua obra e, no seu pensamento, coordenadas que apontam para um bem viver, para um saber perspectivar realidades da vida como o sofrimento e morte, para um aprender a viver com sentido altruísta-gratuito e humanizante, para um saber reagir com bom senso às solicitações do dia a dia... Todo este contexto transmite prazer interior, fundamental para um viver com qualidade de vida nas mais diversificadas situações. Tudo isto será assunto de reflexão posterior.

Tive a felicidade de analisar umas 2.000 cartas de Paulo da Cruz, publicadas. Presume-se, como já fiz referência, que seriam umas 50.000 as que escrevera! A sua leitura bioética demonstra a sua personalidade íntima, os valores e ideias que defende, as preocupações dominantes, o que entregou aos outros de si próprio, a nível das suas convicções mais profundas, tendo sempre como objectivo transmitir a sua mensagem, que tem o epicentro no fazer *memoria passionis*<sup>131</sup> e irradia nos outros, para quem todo o bem se procura. É uma atitude ética e bioética que nos fascina e que nos impele a um agir em conformidade! É evidente que a leitura do seu pensamento também nos favorece o conhecer aspectos psicológicos e físicos das personagens a quem se dirige, e nas quais nos poderemos ver retratados... Disto pode deduzir-se a pertinência da sua mensagem como sendo também dirigida a cada pessoa. E o seu pensamento coaduna-se com o que Antero de Quental escrevera numa das suas cartas: “*Toda a esperança de regeneração está posta nas virtudes individuais. Se, no meio do geral envilecimento, a natureza humana se manifestar grande e amável em alguns poucos indivíduos excepcionais, ao mesmo tempo como protesto e como exemplo, não se poderá dizer que está tudo perdido.*”<sup>132</sup> Crabée Rocha escreverá que “*As cartas dos grandes homens portugueses contêm exemplos mais que suficientes para se concluir que não está tudo perdido. E que, tanto como aos seus heróis, Portugal deve aos seus artistas a preservação dos valores que engrandecem uma nação.*” ‘Mutatis, mutandis’, atrevo-me a afirmar que Paulo da Cruz, no seu epistolário, revela esta vontade de regeneração a partir da prática das virtudes, lutando sempre pela esperança de mudança, a partir de um agir ético humano, solícito, não se conformando com a ideia de que tudo está perdido.

---

<sup>130</sup> Idem, p. 396

<sup>131</sup> Deparei-me com abundante bibliografia sobre o tema da “*Memoria passionis*”, existente no Arquivo da Casa Geral dos Passionistas, em Roma. Tive, por obrigação metodológica, de suprimir inúmeras referências. Aqui, apenas faço referência a algum livro, entre muitos, que me passou pelas mãos.

<sup>132</sup> *Cartas de Antero de Quental*, Coimbra, 1921, p.16, citado por ROCHA, Crabée – “*A Epistolografia em Portugal*”; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, p. 396.

Viveu numa época difícil, como foi o século XVIII, a época do iluminismo, do racionalismo, das embrionárias ideias da revolução francesa. As suas cartas apresentam a chave para a resolução de ‘todos os males que afectam a humanidade’: a reflexão amorosa da paixão, da morte e da ressurreição do Nazareno. Este exercício tem uma força impressionante nas questões da vida. Basta ter presente, a título de exemplificação, o que os seus Membros realizam nos 59 países onde estão inseridos, lutando contra a pobreza e encorajando os ‘crucificados de hoje’. Em Haiti, um missionário passionista médico construiu um hospital para acolher os que mais precisam, assim como um orfanato. Sai pelas ruas, atento à saúde pública. É considerado o ‘anjo de Haiti’. Será difícil descortinar convergências com princípios bioéticos? Afinal, o que é que a Bioética pretende atingir? Mas a acção dos seguidores de Paulo da Cruz passa pelo que fazem noutros países dos cinco Continentes. Humanizar para salvar é um lema bioético presente no epistolário de Paulo da Cruz, porque presente na sua acção e vida! As cartas têm *“em muitos dos seus episódios, uma beleza singular –a da palavra nua, irreduzível, solene ou consoladora que o artista diz ao seu semelhante, e a do espírito indómito e criador que a ditou, e, desse modo, venceu a morte.”*<sup>133</sup> Crabée Rocha refere-se aos epistológrafos portugueses. Mas bem podem ser aplicadas a Paulo da Cruz que, continuando hoje presente na História, também venceu a morte!

Acho pertinente, pelo realismo do excerto, o que podemos ler de Crabée Rocha: *“A carta não obedece, a maior parte das vezes, à unidade ideal de estrutura que preside à obra de criação premeditada. O autor vai, vem, entremeia considerações anódinas e rasgos inspirados, ao sabor da pena. Daí, principalmente em se tratando de escritores temperamentais, tenhamos antes trechos ou até frases incomparáveis e não peças literárias inteiriças cujo atractivo se nos imponha ininterruptamente.”*<sup>134</sup> É de se ter em conta esta consideração na leitura de qualquer epistolário e, evidentemente, também no de Paulo da Cruz. E também, na leitura das cartas, nos debruçamos sobre textos com parcelas descritivas, doutrinárias, de diálogo, de poesia intercalada (ocasionalmente). É evidente que existem excertos que se confundem algumas formas literárias: diário, confissão, romance, relato de viagem, poesia, etc. Apesar das suas cartas terem uma forte marca de ‘familiares’, cartas temos de Paulo da Cruz que podem muito bem ser inseridas no domínio da autêntica literatura. Repare-se, por exemplo,

---

<sup>133</sup> ROCHA, Crabée – *“A Epistolografia em Portugal”*; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, p. 397.

<sup>134</sup> Idem, pp.24-25.

nesta sua expressão: ***“O Amor é força que une e faz seus os tormentos do Bem que se ama”***. ***“Este fogo, que é o Amor, penetra até à medula e transforma o amante no amado”***.<sup>135</sup> À primeira vista, seria muito provável que alguém, familiarizado com autores da nossa Literatura Portuguesa, afirmasse que tal citação fosse de Camões ou de Almeida Garrett! Mas não é. Trata-se dum pensamento de Paulo da Cruz, explícito nas Cartas indicadas na nota respectiva. Resulta também muito elucidativo, ora a nível literário ora de conteúdo, Este outro excerto: *“Gostaria de lhe dizer muitas coisas, mas quem não ama não sabe falar de amor; esta é uma linguagem que só pode ser ensinada pelo amor. Escute o divino Amante, e permita que seja Ele a ensiná-la. **Eu quereria reduzir-me a cinzas por amor**. Mas quê, não sei falar! Gostaria de dizer aquilo que não sei dizer. Oh, meu Deus, ensinaí-me Vós mesmo como o hei-de dizer! **Queria arder de amor**; mais, muito mais: gostaria de poder cantar no fogo do amor e exaltar as maravilhas que o incriado Amor concede à sua alma. Mas diga-me, minha filha: não será por acaso um dever que este pobre pai seja grato para com Deus pelas enormes graças que Ele concede a esta sua filha? Assim é, de facto, mas eu não sei como fazê-lo; queria, mas não sei. Desfalecer pelo desejo de amar sempre mais este Deus imenso, é pouco. Reduzir-me a cinzas, é pouco. Que fazer? Ah, já sei: **levaremos uma vida de contínuas agonias de morte de amor para com o nosso divino Amante**. Mas acha que falei bem? Não, pois eu queria dizer muito mais, mas não sei como fazê-lo. Sabe o que me dá um pouco de consolo? Comprazendo-me de que o nosso grande Deus seja esse Bem infinito que é, e que ninguém O pode louvar e amar tanto quanto Ele merece. Sinto-me feliz por Ele Se amar infinitamente a Si mesmo; sinto-me feliz pela felicidade essencial que Ele é em Si mesmo, sem precisar de ninguém. Mas eu estou louco! Não seria melhor que, como uma borboleta, eu me lançasse todo nas suas chamas amorosas e ali, em silêncio de amor, ficasse reduzido a cinzas e desaparecesse, perdendo-me nesse divino Tudo? Mas isto é obra do amor, e eu, com a minha vida cada dia pior, sempre cada vez menos disposto a perder-me nesse amor. Entretanto, você está sentada à mesa, e o Pobre pai aqui a morrer de fome. Bonito! A filha a banquetear-se, e o pai roendo um pedaço de pão duro, negro, e sem nada para beber! Pense bem, pois as minhas entranhas já estão tão secas que nem toda a água dos rios chegariam para me matar esta sede; se não beber nos oceanos, não apagarei a minha*

<sup>135</sup> CROCE, S. Paolo della – *“Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.”*, Carta nº DCCXLI, escrita a Suor Colomba Geltrude Gandolfi (1ª), - Toscanella). Peschiera -, no dia 10 de Julho de 1743, Volume II, p. 440; Carta MI, escrita ao Rev. D. Giovanni Antonio Lucattini (1ª), - Piansano, Vetralla – no dia 16 de Setembro de 1752, Volume II, pp. 825-826.

*sede. Note, porém, que o meu desejo é beber no oceano de fogo do amor. Diga-o ao Esposo divino; não se separe d'Ele e não cesse de Lhe pedir dia e noite, até que não consiga o despacho favorável para ambos. Eu quereria que nos abrasássemos em tão grande fogo de caridade, até ao de incendiarmos quem passasse perto de nós; não só quem passasse perto de nós, mas também os povos distantes, as línguas, as nações, as tribos; numa palavra, todas as coisas criadas, para que todos conhecessem e amassem o Sumo Bem*”<sup>136</sup>.

Chegados a este ponto, seja-me permitido levantar esta interpelação: serão as cartas de Paulo da Cruz apologéticas, filosóficas, bibliográficas, espirituais, polémicas, dedicatórias, pastorais, convencionais?! Colocando de lado as polémicas, as bibliográficas e as convencionais<sup>137</sup>, penso que o seu pensamento, expresso nas suas cartas, aparece disseminado nessas outras várias categorias. De facto, pelo conteúdo das mesmas, poder-se-á afirmar que esta ou aquela está marcada por esta ou aquela tendência expressiva que a identifique com tal ou qual categoria. Sendo “*a carta a panaceia da alma*”<sup>138</sup>, felizmente, sujeita a ser perdida com o decorrer do tempo, se isto aconteceu com muitos epistológrafos, felizmente, com Paulo da Cruz muitas ainda se conservam. A carta é sempre um veículo coloquial e cómodo para a expressão de ideias, de princípios doutrinários, de propósitos universais.<sup>139</sup> Se são universais, muitos deles ou dessas ideias podem ter um ‘cariz bioético’. É este um alvo que pretendo demonstrar a partir de uma leitura bioética de Paulo da Cruz. A partir da leitura do que escreveu, Paulo da Cruz revela a pulsação do seu coração temperamental, a inquebrantável firmeza do seu espírito assim como as dolorosas inquietações da sua alma. Estas

---

<sup>136</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº CLXIV, escrita a Agnese (Inês) Grazi (117ª), - Orbetello – do Ritiro della Presentazione, no dia 19 de Junho de 1743, Volume I, pp. 295-297, e Carta nº CLXXVIII, escrita à mesma (131ª), no dia 22 de Julho (sem data do ano), Volume I, pp. 314-315..

<sup>137</sup> Para se entender este conceito, basta ter presente o que Crabée Rocha escreveu na sua obra “*A Epistolografia em Portugal*”, pp. 30-31: “*Observa-se, em determinadas épocas, o desejo de consagrar o género (epistolográfico), sintetizando-lhe as coordenadas e normas, num louvável propósito de consciencialização. Formulários teóricos ou antológicos fixam as regras de composição ou arrolam padrões apropriados às diversas circunstâncias da vida privada e social. Mas, em literatura, a disciplina do exemplo leva com facilidade ao convencionalismo. Todos os manuais epistolares pecam, nos seus efeitos, por inautenticidade: as missivas decalcadas neles conhecem-se à légua e perdem, ipso facto, o seu genuíno valor literário. Úteis para os que, tancanhos na expressão espontânea do seu sentir, preferem acreditar piamente na virtude do formalismo, pouco significam no plano literário, além da intenção utilitária que os anima*”. Distancia-se, deste plano, o epistolário de Paulo da Cruz, porque, sendo em grande parte familiar, é sincero, revela o que lhe vai na alma e os objectivos, valores e princípios que pretende atingir. E, curiosamente, quanto à parte formal das cartas, Paulo da Cruz mantém sempre a cordialidade, a discrição, as boas maneiras, da cortesia. (Cfr. ROCHA, André, *in op. cit.*, p.31.)

<sup>138</sup> ROCHA, Crabée – “*A Epistolografia em Portugal*”; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, p. 26.

<sup>139</sup> Idem - p. 27.

referem-se, por exemplo, às cartas onde nos fala das dificuldades sentidas na fundação da Congregação da Paixão, hoje presente em 59 países. Surgem, no epistolário, “*As efusões íntimas da carta – convívio dentro do qual o eu se afirma*”.<sup>140</sup> De facto, Paulo da Cruz revela a sua personalidade, afirma o seu eu, apresentando as suas ideias circunscritas àquilo em que acredita e que informa o que é, sentindo-se ‘inferior’ aos outros, num gesto de humildade sincera. Pode-se-lhe aplicar o que Crabée Rocha regista, citando o exemplo de Marco Túlio: “*A carta é uma mensageira fiel que interpreta o nosso ânimo nos ausentes, em que lhes manifesta o que queremos que eles saibam de nossos cousas, ou das que a eles lhe relevam.*” E são, muitas das vezes, “*um alívio para a vida.*”<sup>141</sup>

Referindo-se aos géneros e sub géneros das cartas (e aos quais já se foi fazendo referência) convém ter ainda presente este apontamento de Crabée Rocha. Recorda que “*Francisco Ridrigues Lobo, em dois diálogos da Corte na Aldeia, se fez o primeiro teorizador da arte de escrever cartas*”, em Portugal, claro. E escreve que “*a carta não constitui privilégio do letrado, mas sim do ‘discreto’.*”<sup>142</sup> Sobre a discrição, temos um belíssimo excerto, extraído do epistolário de Paulo da Cruz: “*A discrição é como o sal; é o condimento de todas as virtudes*”<sup>143</sup> Uma frase que retrata uma das características da sua personalidade: Homem discreto! Curiosamente, o Dicionário da Língua Portuguesa regista: “*Discrição, é a qualidade de discreto; circunspecção; reserva; modéstia; discernimento; prudência; tino*”. Discreto, portanto, será “*aquele que tem ou revela discrição; circunspecto; modesto; reservado.*” E nós completaríamos: *atinado! Este, é o “que tem tino, ajuizado, reflectido, discreto, sagaz.”*

Pelo que fica anotado, concordamos, sem reticências, com a expressão de S. Paulo da Cruz: “*A discrição é como o sal; é o condimento de todas as virtudes.*” De facto, se nos falta *a discrição* parecemos pessoas sem *tino*. Porque discrição também significa *tino*... Esta reflexão, permite-nos levantar a seguinte questão: o bioeticista não deverá ser uma pessoa discreta no seu agir ético? Ou ainda: o ser discreto não será uma característica de quem deve apostar, pelo seu agir, numa rigorosa humanização, a vários níveis da acção humana? Pelas

<sup>140</sup> Idem - p. 28.

<sup>141</sup> Idem - pp. 31-32.

<sup>142</sup> Idem - p. 31.

<sup>143</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº CCCLXXIII, escrita a Tommaso Fossi (66º) – Poggio d’Elba-, Ritiro di S. Angelo, no dia 20 de Dezembro de 1755, Volume I, pp. 660-662.

definições registadas, a **discrição** é uma espécie de síntese, de resumo, de concentração, ou melhor, ela manifesta-se por meio de atitudes que definem alguém como prudente, circunspecto, modesto, reservado, ajuizado. Quem a possui, para além destas manifestações, apresenta-se como pessoa de sigilo e que terá capacidade para, atinadamente, discernir e ajudar a discernir. Pelo que se deduz, trata-se duma virtude ou qualidade **actualíssima e necessária!** É a virtude ou qualidade do equilíbrio, do bom senso; de quem sabe ocupar o seu devido lugar e de quem possui o sentido do conveniente! Há muito pouco tempo, li uma entrevista num jornal regional onde o entrevistado, interpelado sobre a quem ergueria uma estátua, respondeu categoricamente: “Ao bom senso. Há falta dele em grande parte dos mortais”. A **discrição** permite-nos recuperar o bom senso, ajudando-nos a situarmo-nos na “justa medida”: no falar; no “ditar sentenças”; no julgar; no vestir; no olhar; no estar; no ser, no agir... Por isso a **discrição** é como o sal, cuja utilização tem de ser moderada, a fim de se evitarem consequências desagradáveis. **O ser discreto** levou Paulo da Cruz a ser austero e exigente consigo; para com os outros foi suave, moderado, aberto, compreensivo e humaníssimo. Essa forma de ser e de estar apresenta-nos Paulo como alguém que concebeu e respeitou uma fórmula de exemplar equilíbrio espiritual, físico e psíquico, que permite o fiel cumprimento das mais diversificadas obrigações, tornando-o um precursor da mais sadia ascese moderna. **O ser discreto** exige-nos esse tal equilíbrio interior, favorecendo um tipo de comportamento onde se entrelaçam a firmeza e a discrição; a suavidade e o equilíbrio; a indulgência e a liberdade interior, a abertura a vastos horizontes e a absoluta intransigência nos princípios e valores. **O ser discreto** é um ideal comum a todos, seja qual for a nossa posição religiosa ou social. A discrição é a qualidade que nos permite observar muitas coisas, dissimular muitas mais e reagir convenientemente perante o que o merece. Aliás, já S. Bernardo, noutro contexto, recordava: “Rector omnia videat, multa dissimulet, pauca castiget”. Recordemos que “**o coração do Homem conhece-se pelo que faz e a sua sabedoria pelo que diz**”....

Neste contexto do género e sub género das cartas (ainda das cartas de familiares, cartas entre amigos, cartas sobre matérias diversificadas, políticas, espirituais, etc), regista Crabée Rocha, citando Ricardo Jorge: “*Para todos os géneros e subgéneros mencionados, convém usar o que na conversa se costuma, isto é: ‘brevidade sem enfeite, clareza sem rodeios e propriedade sem metáforas nem traslações.*’<sup>144</sup> Os dois primeiros predicados, posso afirmar que os encontro bem patentes nas cartas de

---

<sup>144</sup> *Cartas dos Grandes do Mundo*, ed. de Ricardo Jorge, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1934, citado in ROCHA, Crabée – “*A Epistolografia em Portugal*”; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, p. 32.

Paulo da Cruz. Mas também há algumas onde as metáforas surgem. Mas como o âmbito deste meu trabalho não é o da análise literária mas sim o de fazer uma leitura bioética a partir das mesmas, não entro no enfoque deste assunto. As metáforas, em Paulo da Cruz, são frequentes no seu epistolário o que, no meu entender, enriquecem o texto e a mensagem.

Expressivo também este excerto de D.F.M de Melo, ao publicar as suas *Cartas Familiares*, no *Escritório Avarento*, citado por Crabée Rocha: “*De todos os actos do entendimento, nenhum é tão expressivo retrato da alma como a carta de cada um, por uma natural reverberação do espírito, que faz reflexo no papel de todos os afectos que no ânimo do homem estão guardados e só ali circunstantes*”.<sup>145</sup> Não há dúvida que a carta é um expressivo retrato da alma e que aí aparecem os afectos de quem escreve. Em Paulo da Cruz constata-se este ponto de vista.

Em 1745, em vida de Paulo da Cruz, surge um outro teorizador da carta: Cândido Lusitano. No seu *Secretário Português Compendiosamente Instruído no Modo de Escrever Cartas*, registou: “*Uma carta com pensamentos nus é coisa insípida*”, ‘é preciso adorná-la com flores de eloquência’, conservando sempre ‘não sei quê de familiar’.<sup>146</sup> Tudo isto se constata na expressão escrita de Paulo da Cruz e é aí onde pretendo encontrar o que faz parte do objectivo deste trabalho: coordenadas programáticas a nível da Bioética, a partir de um expressivo e rico pensamento.

Insisto no pensamento que já foi insinuado: Como se podem chamar as cartas de Paulo da Cruz: Espirituais? Místicas? Antropológicas? Familiares? Teológicas? Ecológicas? Etc.? Elementos próprios de todos esses géneros e/ou sub géneros existem no universo do seu epistolário. Mas nas cartas de qualquer um deles, surgem temáticas bioéticas.

O que persigo é mesmo isto, e em conformidade com o que já explicitiei várias vezes: quero encontrar apontamentos que se identifiquem com questões bioéticas, isto é, quero fazer uma leitura bioética a partir do epistolário de Paulo da Cruz. Antes porém, vou debruçar-me sobre as convergências e ou divergências do pensamento de Paulo da Cruz com o pensamento bioético contemporâneo, mais concretamente, constatar isso mesmo na leitura do epistolário de Paulo da Cruz à luz ou no espelho do Credo Bioético de Van Potter. É o que passo a fazer na secção que se segue.

---

<sup>145</sup> ROCHA, Crabée – “*A Epistolografia em Portugal*”; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, p. 32.

<sup>146</sup> Idem - p. 32-33.

## CAPÍTULO III

### ***Convergências e ou divergências do pensamento de Paulo da Cruz com o pensamento bioético contemporâneo ( Epistolário de Paulo da Cruz (séc. XVIII), e o ‘Credo bioético’ de Van Potter (séc. XX)***

Analisei no Capítulo anterior (II) a *Relevância do género epistolar na expressão do pensamento*. Neste Capítulo III, e dando sequência lógica ao apresentado nos dois Capítulos anteriores, vou debruçar-me sobre uma reflexão original e que se sintetiza no encontro de *convergências ou divergências do Pensamento de Paulo da Cruz no seu epistolário com o de Van Potter no seu ‘Credo’*. Este assunto situa-nos no que posso apelidar de ***possibilidades e interrogações entre convergências do pensamento de Paulo da Cruz com o pensamento bioético contemporâneo***

Convém recordar que estou a fazer uma *leitura bioética dum pensador do século XVIII*, e Van Potter faz parte dos pensadores do século XX, considerado como o fundador do vocábulo *Bioética*. Este pormenor não elimina a hipótese de se fazerem leituras bioéticas em pensadores do passado. Efectivamente, e citando o que já referi na Introdução, é *‘a partir de uma leitura bioética do pensamento de Paulo da Cruz no seu epistolário, num recuar diacrónico, mas tendo presente o pensamento sincrónico de quando surgiu a bioética, que desejo provar como o seu pensamento pode resultar num contributo para os assuntos seleccionados nesta minha tese, e que entram no âmbito da bioética. Se de momento as nuvens pairam no ar, toldando o horizonte do sonho utópico, penso que valerá a pena lançar-me nesta ‘aventura’, mesmo com riscos, pois ainda nada encontrei sistematizado no âmbito da Bioética na vasta literatura existente sobre Paulo da Cruz. Por isso, o trabalho é original e criativo e poderá aportar ideias também de interesse para assuntos bioéticos. Pretendo, assim, “pensar bioeticamente” Paulo da Cruz!’* É nesta aventura que me lanço, com o objectivo de aportar contributos ao que Van Potter almejava alcançar, explícitos no seu *‘Credo’*.

**Ponto 1:** Segundo Leo Pessini, *“Potter era considerado um distinto membro da Sociedade Unitariana de Madison (Unitarian Society of Madison), organização de inspiração cristã que segue o espírito de Jesus de Nazaré e defende a perspectiva de uma religião liberal. (...) Os unitarianos constituem-se numa confraria de livre pensamento em que são aceites como membros ‘... pessoas de todas as opiniões teológicas, que desejam se unir a nós na promoção da verdade, justiça, reverência e*



*caridade entre os homens. Entre os objectivos dessa organização, destaca-se o primeiro, que diz respeito à integridade de vida, que significa a totalidade (wholeness). Para as pessoas de genuína integridade, todos os objectivos e questões de vida estão interrelacionados. (...) Embora não haja nenhuma menção à ligação entre a visão de Potter e a organização dos unitarianos, é perceptível a profunda associação entre o credo bioético potteriano e a filosofia dessa organização.*”<sup>147</sup> Prevejo desde já que o espírito do bioquímico Van Potter era liberal, aberto, e profundamente humanista. Após a sua aposentação, passou a viver na sua casa de campo, num bosque, onde se sentia em comunhão com a natureza. Deixou de viajar e dar conferências para poder acompanhar sua esposa, deficiente devido a artrite. Este pormenor, ajuda a justificar o espírito humanista e ou humanitário de que estava imbuído.

Esta contextualização, em todos os pormenores referidos, permite-me poder afirmar a existência de pontos de convergência entre o espírito de Potter e de Paulo da Cruz, concretamente no referente, **em primeiro lugar –alínea a)**, aos objectivos de na vida se querer apostar ‘*na promoção da verdade, justiça, reverência e caridade entre os homens, respeito à integridade de vida. Para as pessoas de genuína integridade, todos os objectivos e questões de vida estão interrelacionados. (...) Embora não haja nenhuma menção à ligação entre a visão de Potter e a organização dos unitarianos, é perceptível a profunda associação entre o credo bioético potteriano e a filosofia dessa organização*’; **em segundo lugar – alínea b)**, no pormenor de após a sua aposentação ter passado a viver na sua casa de campo, num bosque, onde se sentia em comunhão com a natureza e de ter, **em terceiro lugar – alínea c)**, deixado de viajar e de dar conferências para poder acompanhar sua esposa, deficiente devido a artrite. Potter revela-se possuidor de um espírito humanista e ou humanitário (já o dissemos); Paulo da Cruz, através do seu epistolário, manifesta-se a pessoa imbuída dos sentimentos que acabamos de registar em Van Potter. A prová-lo, a sua vida e o seu epistolário, como gradualmente veremos.

Quanto **à alínea a)**, a vida e obra de Paulo da Cruz accionam os objectivos de Van Potter ‘*na promoção da verdade, justiça, reverência e caridade entre os homens, respeito à integridade de vida.*’ Promover os valores indicados é ser-se criativo, é querer colaborar com o Criador. Paulo sabia que o Deus a quem ama e por quem se sente amado *estimula a progredir*, mesmo quando nos *tenta* (experimenta), e apenas

---

<sup>147</sup> PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.148.

quer o bem das criaturas.<sup>148</sup> Ora estimular a progredir e querer o bem das criaturas implica, logicamente, *o promover a verdade, a justiça, a reverência e a caridade entre os homens, respeito à integridade de vida*. A integridade da vida vê-se, a meu modo de ver as coisas, sujeita às mais diversificadas *agressões*. Paulo da Cruz encoraja quem as sente: “*Coragem, caríssimo, Deus quer torná-lo todo seu e, por isso, o prova, o exercita, a fim de o fazer um bom soldado. Não duvide, caríssimo, vencerá.*”<sup>149</sup> “*A vida presente é caminho, não fim; a vida é luta e não repouso é tempo de batalha e não de paz.*”<sup>150</sup>

O relacionamento de Paulo da Cruz com as pessoas, sobretudo de classes sociais mais desprotegidas, prova o dito. Por simples que pareça, a fundamentação desta forma de agir, provém-lhe do *fazer memória da Paixão e Ressurreição de Cristo*, presente - *hic et nunc* - em tudo e em todos! Sofrer é uma realidade marcada pela *presença permanente* em todos os recantos do planeta e em todas as pessoas. E esta *realidade* suscita em Paulo da Cruz a *compaixão*! A dimensão do seu *amor* é vertical e horizontal, tal como o d’Aquele que contempla na Cruz! Abandonado no seio do Pai, donde lhe vem toda a energia e bem estar interior (*outra qualidade de vida*), Paulo da Cruz quer

<sup>148</sup> ZOFFOLI, P. Enrico, C.P. – *S.Paolo della Croce – Storia Critica, vol. III*, Cúria Generalizia PP.Passionisti – Commissione Storica, Roma, 1968, p.427.

<sup>149</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº CCLL, escrita a Francesco Antonio Appiani (5ª) - (P. Francesco Antonio del Crocifisso)-, – Rio, Isola dell’Elba, Porto S. Stefano -, no dia 25 de Novembro 1736, Volume I, pp. 403-405, (Carta citada por ZOFFOLI - P. Enrico, C.P. – *S.Paolo della Croce – Storia Critica, III*, Cúria Generalizia PP.Passionisti –Commissione Storica, Roma, 1968, p. 429.

<sup>150</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº CDLXXIV, escrita a Tommaso Fossi (167ª), futuro sacerdote Passionista, Pe. Tommaso di Gesù e Maria, – Poggio d’Elba, Roma, dall Ospizio del SSmo Crocefisso -, no dia 17 Abril 1773, Volume I, p. 812 (Carta citada por ZOFFOLI, P. Enrico, C.P. – *S.Paolo della Croce – Storia Critica, III*, Cúria Generalizia PP.Passionisti –Commissione Storica, Roma, 1968, p.429. O conteúdo da expressão a que se refere esta nota assim como o da anterior, acima transcrita, encontra-se ainda no Volume I, das “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*” Carta nº CCLXXVIII, escrita a Sor Maria Cherubina Bresciani (20ª), nel Monastero di S. Chiara in Piombino, no dia 09 de Agosto de 1740, Volume I, pp. 471-475; Carta nº CCLXXXIV, à mesma (26ª), escrita no dia 26 de Junho de 1742, Volume I, pp. 484-487; Carta nº CCCLXXXVII, à mesma (29ª), escrita no dia 26 de Fevereiro de 1744, Volume I, pp. 492-495; Carta nº CCLXXXVIII, à mesma (30ª), escrita no dia 29 de Agosto de 1744, Volume I, pp.495-497; Carta nº CCLXXXIX, à mesma (31ª), escrita no dia 08 de Julho de 1745, Volume I, pp. 497-499; Carta nº CCCIII, à mesma (45ª), no dia 15 de Setembro de 1761, Volume I, pp.523-524; Carta nº CCCLXIX, escrita a Tommaso Fossi (62ª), no dia 31 de Março de 1755, Volume I, pp. 653-654; Carta nº CDXVIII, escrita ao mesmo, (111ª), no dia 24 de Março de 1762, Volume I, p.730; Carta nº CDLXVIII, escrita ao mesmo (161ª), no dia 08 de Outubro de 1772, Volume I, pp. 804-805, sg. (Cartas citadas por ZOFFOLI, P. Enrico, C.P. – *S.Paolo della Croce – Storia Critica, vol. III*, Cúria Generalizia PP.Passionisti –Commissione Storica, Roma, 1968, p. .429.

isso mesmo para todos e por isso luta.<sup>151</sup> *Integridade de vida* implica também a componente dessa *outra qualidade de vida* (bem estar interior) que defendo.

Quanto à **alínea b)** -*pormenor da vida de Van Potter de, após a sua aposentação, ter passado a viver na sua casa de campo, num bosque, onde se sentia em comunhão com a natureza*- ressalta nitidamente do epistolário de Paulo da Cruz esta sintonia e comunhão com a natureza, alicerce indiscutível para a qualidade de vida e, conseqüentemente, da *outra qualidade de vida*, pano de fundo que subjaz ao que defendo nesta minha tese. Passo a citar apenas algum que outro passo mais explícito no epistolário de Paulo da Cruz acerca do conteúdo desta alínea b). Vejamos:

- Há gestos e expressões que deixam marcas indeléveis em cada um de nós. E quanta maior for a sensibilidade de cada um, maior intensidade significativa ganham esses sinais. Isto vem a propósito duma atitude de Paulo da Cruz relacionado com aquilo a que chamo *a linguagem das flores!* Narram alguns dos seus biógrafos que, em determinada altura, S. Paulo da Cruz, já velhinho e de bengala na mão, ao passar junto dumas flores, parou, fitou-as intensamente, e com a bengalinha em que se apoiava tocou-as e disse carinhosamente: ***"Calai-vos, calai-vos, belas criaturas. Eu sei que me dizeis que é muito grande o Amor que Deus me tem!..."***

Noutra altura, e ao atravessar um bosque, embebido na maravilhosa harmonia da natureza que lhe transmitia sensações inenarráveis, interpelou um seu companheiro de viagem, dizendo-lhe: ***"Mas tu não ouves o que estas árvores e estas folhas nos gritam: 'Amai a Deus! Amai a Deus?...' Como será possível que não se ame a Deus?'"***.

Paulo da Cruz reconheceu nas flores, tal como noutros elementos da natureza, um dos maravilhosos valores que elas têm: a de serem ***"voz de Deus e pregadores constantes do poder, da sabedoria, da bondade e da magnificência do nosso Deus"***. As flores alertam-nos para o amor que Deus nos tem a ponto de, por nós e para nós, ter criado tanta formosura, pequeno reflexo da sua imensurável beleza. Como será belo, portanto, o Reino que nos espera (perspectiva dos crentes), uma vez que consistirá, como nos diz S. João no Seu Evangelho (17,3), no conhecimento e na contemplação de Deus tal como Ele é...

***As flores são sorrisos de Deus.*** E todo o sorriso tem uma linguagem muito própria... O das flores é um sorriso transparente, amigo, liberto, que traz consigo o

---

<sup>151</sup> ZOFFOLI, P. Enrico, C.P. – *S.Paolo della Croce – Storia Critica*, vol. III, Cúria Generalizia PP.Passionisti – Commissione Storica, Roma, 1968, pp.1857-1866.

apelo do amor e da paz. É um sorriso que comunica felicidade e serenidade.

Paulo da Cruz sentiu o apelo das flores que, falando-lhe do amor que Deus nos tem ao presentear-nos com tantas maravilhas da Criação, lhe sugeriam a devida correspondência para com o Criador. Amor com amor se paga. E a correspondência ao Amor de Deus dá-se amando e respeitando todos os elementos da criação e respeitando-nos a nós próprios, atitudes que nos levam a amarmos a Deus como Ele quer que O amemos!...

Olhar as flores permite desembaciar os olhos da alma... Tal facto ajuda-nos a progredir no projecto de Jesus a que se refere a bem-aventurança dos puros de coração. É que a linguagem das flores é um apelo à candura, à simplicidade, à transparência, à humildade, ao saber passar despercebido, deixando apenas o odor da perfeição e da santidade...

Olhar as flores purifica as nossas intenções... precisamente porque as flores são um apelo à nobreza de espírito! Elas, as flores, impelem-nos a olhar correcta e devidamente; as criaturas..., e ajudam-nos a aproximarmo-nos de Deus!...

Contemplar as flores leva-nos a ter mais confiança na Providência de Deus, que é nosso Pai. Foi Jesus quem disse: ***"Porque vos preocupais com o vestuário? Olhai como crescem os lírios do campo! Não trabalham nem fiam. Pois Eu vos digo: Nem Salomão, em toda a sua magnificência, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, como não fará muito mais por vós, homens de pouca fé?"*** (Mt. 6,28-30).

A linguagem das flores é altruísta. Elas aí estão, no mundo da Criação, ocupando o seu lugar, sorrindo sempre para todos quantos se dignam contemplá-las... Elas 'gostam de si próprias' e tal como são, diferentes umas das outras, mas todas com uma beleza muito peculiar. Por isso são muito belas!... Elas ensinam-nos a gostarmos de nós próprios, tal como somos. Porque, e por isso, é que este mundo também é muito belo. Já alguma vez pensamos o que seria do Universo se homens, mulheres, e flores fossem todos iguais?!...

Paulo da Cruz, apesar de muito austero consigo próprio, foi um santo muito simpático. E isto assim, porque toda a sua vida se revestiu do Amor que a meditação sobre a Paixão e morte de Jesus lhe comunicou. Mas não só. A contemplação das belezas da natureza permitiu-lhe afinar a sensibilidade, que já a tinha muito apurada, para o Amor e para o Serviço. As flores transmitem-nos, efectivamente, sensações de bem estar, a partir da sua beleza e do seu odor. Elas falam-nos do amor que Deus nos tem e que

nos comunica tanta beleza por seu intermédio. Paulo da Cruz foi muito solícito para com todos, mas principalmente para com os oprimidos no corpo e na alma. Aconselhou os seus religiosos a tratarem muito bem os doentes e os velhinhos, por exemplo.

Paulo da Cruz interpretou correcta e devidamente a linguagem das flores. Com elas e por meio delas, embalado pelo convite do Amor e ao Amor e atraído pelo fascínio da sua beleza e pelo encanto do seu odor, subiu até Deus e soube estar com as pessoas e com a natureza. Paulo da Cruz transformou-se numa flor da santidade que irradia suavidade, fragância, transparência; numa palavra: *Amor*. É o que os Santos, tal como as flores, sabem comunicar!...

Como conclusão desta reflexão, porque não tentar dar uma voltinha pelo campo ou pela montanha, pelo nosso jardim ou então pelos nossos aposentos, e olhar as flores, contemplar o seu sorriso, ouvir a sua mensagem... Não poderá isto funcionar como um lenitivo para esse mal - o enfadonho stress -, que nos rouba o que de mais belo a vida deve ter?... Recuperemos vida, a partir de tudo aquilo que a própria natureza nos pode comunicar de vida, e vivamos também felizes com a simplicidade de tantos elementos belos que existem no mundo e que nos passam despercebidos por andarmos envolvidos na correria da existência que acelera a chegada da morte!...

A linguagem das flores e de todos os elementos da natureza tem em si forças renovadoras e rejuvenescedoras que não devemos desperdiçar!...

***-“Saia até ao campo para se entreter um bocadinho por amor de Deus, e não mantenha sempre o arco tenso, porque assim não resiste”.<sup>152</sup>***

Retirámos este excerto duma carta que Paulo da Cruz dirigiu a D. Francisco António Appiani (n.1719; m. 1759), que morava na ilha de Elba e que se tornou mais tarde Religioso Passionista, assumindo o nome de P.e Francisco António do Crucifixo. Foi dos primeiros e mais eficazes companheiros de Paulo da Cruz, que acerca dele disse que ‘era um homem de santa vida, um santo’. Com a dita carta, Paulo da Cruz procurou animar Francisco António, entusiasmando-o a ser fiel ao apelo de ser missionário passionista, não obstante a oposição paterna. Para que consiga chegar a um estado de perfeição, aconselha-o a ***“reavivar docemente a fé, figurando-se estar sobre o Calvário, e a pôr todos os seus pensamentos e miradas amorosas em Jesus***

---

<sup>152</sup> CRUZ, S. Pablo de la – “*Cartas y Diário Espiritual de San Pablo de la Cruz, Fundador de los Pasionistas*,” Ediciones ‘El Pasionario’, Madrid, 1968, Carta nº 27, correspondente à edição de “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº CCXXXVIII, escrita a D. Francesco Antonio Appiani (P. Francesco Antonio del Crocifisso, no dia 23 de Março de 1736, pp.396-398.

***Crucificado***". Diz-lhe ainda para que ***"abrace a cruz e deixe que a sua alma fique empapada desse Sangue precioso, dizendo: Ó bem infinito! aceito estes trabalhos, porque assim o quereis vós. Oh meu amor!, amo-vos mais que o meu próprio coração, e tenho prazer em estar sobre a cruz do sofrimento. Ó doces trabalhos! Abraço-vos como jóias do Coração puríssimo do meu Jesus"***.

Por estas referências, facilmente adivinhamos a intensidade de empenhamento espiritual exigida por Paulo da Cruz quando tratava de aconselhar alguém que desejava lançar-se na aventura da perfeição e da santidade. E se esta atitude nos cheira a austeridade por parte de Paulo da Cruz, as palavras que seguidamente escreve ao seu dirigido revelam-nos uma outra característica sua: a de ser compreensivo, tolerante, equilibrado. Efectivamente, um pouco mais à frente, aconselha Francisco António: ***"Não quero que faça esforços, nem de cabeça nem de peito, e trate de estar um pouco apoiado durante a oração, se bem que com reverência. De oração mental faça uma hora, pela manhã e outra de tarde, antes de jantar; a poder ser na igreja. Durante o dia mantenha-se na presença de Deus, leia um pouco e exercite-se nas orações jaculatórias, mas com suavidade"***. E para que se não perca o equilíbrio na caminhada da santidade, remata com o conselho que estamos a comentar:

***"Saia até ao campo para se entreter um bocadinho por amor de Deus, e não mantenha sempre o arco tenso, porque assim não resiste"***. Este pôr-se em contacto com a natureza parece-me tão importante como o comer ou descansar. Todos deveríamos encontrar um pouco de tempo para podermos fazer a nossa caminhada, seja pelos campos, pelas montanhas, à beira mar ou no quarteirão onde residimos. Este ***"sair até ao campo"*** alivia as tensões que todos vamos acumulando com o stress diário. E não é o refugiar-se sistematicamente debaixo dos cobertores ou o aninhar constante nos sofás, que nos ajuda a resolver os problemas da vida. Evidentemente que há casos e casos. E, infelizmente, há aqueles que tanto desejavam ***"sair ao campo"*** e não o podem fazer por imperativos graves. Mas para todos quantos têm boas perninhas e a cabecinha não anda a funcionar lá muito bem, sirva-lhes então o conselho de Paulo da Cruz:

Nesta vida que nos toca viver, todos temos de tomar opções. Sejam elas quais forem, a verdade é que temos de lutar para conseguirmos os nossos objectivos. Há, porém, quem luta e se encontra com a realidade de não conseguir, de momento, ultrapassar as dificuldades inerentes à caminhada da sua própria vida. Nestes casos, não há que desanimar, pois existem sempre alternativas para podermos viver ou sobreviver. Mas quando começamos a ficar perturbados interiormente, a ponto de já não

discernirmos claramente o que devemos fazer, ou quando as forças começam a diminuir e o desânimo se apodera do nosso espírito, aqui deve funcionar o conselho de Paulo da Cruz: *“Saia até ao campo e não mantenha sempre o arco tenso, porque assim não resiste”*. Alivie a tensão do arco..., pois caso contrário rebenta mesmo...

Paulo da Cruz, como óptimo humanista que foi, vai mais longe. Aconselha aos que se lançam na aventura da perfeição, que *“comam o que necessitam (...), que durmam o necessário”*, pois só assim poderão *“dar glória a Deus”*. E previne: *“Sobretudo, procure conservar as forças para melhor servir a Deus, pois o diabo, já que não pode fazer outra coisa, trata de tirar-lhe a saúde, a fim de que não possa servir para nada; por isso necessita-se discrição”*.

Tentemos experimentar estes conselhos de Paulo da Cruz a fim de podermos ser pessoas sempre equilibradas, mesmo que rodeadas de mil um problemas que a própria vida se encarrega de nos trazer.

*“Labor omnia vincit improbus”* (um trabalho persistente tudo vence), é aforismo clássico. Pois se com o trabalho tudo se vence, é porque também nele se encontrou uma forma de aligeirar a tensão do seu próprio arco, com a discrição necessária, que nos ajuda a encontrar alternativas vitais que tornam esta vida mais alegre, mais entusiasta, e com mais sentido.

- *“Distraia o seu ânimo com alguma diversão honesta, com o conveniente repouso, indo a passear sozinho e ouvindo a pregação que lhe farão as flores, as árvores e as ervas, o céu e o sol, e todas as coisas, e já verá como lhe fazem um sermão cheio de amor, de louvores a Deus e de convite a bendizer as grandezas d’Aquele Soberano Artífice que lhes deu o ser”*<sup>153</sup>

Paulo da Cruz escreveu esta carta ao tal D. Francisco António Appiani, a que já fizemos referência. O pensamento que trago para reflexão é espetacularmente eficaz para se conseguir uma verdadeira qualidade de vida, uma vez que nos indica estratégias que, accionadas ou postas em prática, nos ajudam a conseguir o que de mais precioso na vida se pode ter: a Paz, fonte da verdadeira e bem alicerçada felicidade.

---

<sup>153</sup> CRUZ, S. Pablo de la – *“Cartas y Diário Espiritual de San Pablo de la Cruz, Fundador de los Pasionistas,”* Ediciones ‘El Pasionario’, Madrid, 1968, Carta nº 31, correspondente à edição de *“Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.”*, Carta nº CCXLVIII, escrita a D. Francesco Antonio Appiani (13ª), mais tarde P. Francesco Antonio del Crocifisso, Rio – Isola dell’Elba, no dia 16 de Julho de 1738, Volume I, pp. 417-418.

Vamos tentar interiorizar a riqueza deste pensamento-apelo de Paulo da Cruz, aceitando-o como dirigido a cada um de nós. Começa por nos dizer que *procuremos distrair o nosso espírito com alguma diversão honesta*. De facto, corremos o risco, no ambiente em que nos vemos envolvidos, de sermos absorvidos pelo ‘maldito’ stress. Convençamo-nos de que é perda de tempo na vida o deixarmos-nos dominar por ele. Há que aprender a relativizar muitas ‘coisas’, muitas situações, muitos acontecimentos, que nos atingem e que nos podem retirar a paz, a serenidade e a tranquilidade. Há que aprender a viver! Pois em vez de alimentarmos determinadas mesquinhices, *tentemos distrair o nosso espírito com alguma diversão honesta*. Honesta! Repare-se bem nesta palavra: honesta! É que existem inúmeros casos de pessoas que procuram distrair-se, procurando ou mergulhando em fontes contaminadas que, em vez de lhes darem a paz e serenidade desejadas, ainda agravam o seu estado de espírito, porque o que essas ‘fontes’ deixam são resíduos de desilusão, de tristeza e de traição.

Seguidamente, Paulo da Cruz, com uma pedagogia impressionante, aconselha *que se procure o conveniente repouso*. Quantos não arruinam a sua saúde, por não descansarem o suficiente. Quantos não passam horas preciosas, que deveriam ser dedicadas ao descanso, em ‘viagens desnecessárias’ pela Internet ou passadas face ao ‘caixotezinho mágico da Televisão’, por exemplo, sendo bem visível, depois, no trabalho as ‘olheiras e o cansaço’. Para uma qualidade de vida desejada e para um sadio equilíbrio da saúde, há que *procurar o conveniente descanso*. Isto é, há que gerir convenientemente, ‘com a cabecinha bem assente’, todos os momentos da nossa vida real.

E como é eficaz a parte que se segue do conselho de Paulo da Cruz: *saia a passear sozinho, ouvindo a pregação que lhe farão as flores, as árvores e as ervas, o céu e o sol, e todas as coisas, e já verá como lhe fazem um sermão cheio de amor, de louvores a Deus*. Aqui fica o apelo a que o sigamos, a fim de podermos usufruir dos frutos que a sua concretização nos aportam! Por experiência pessoal, confirmo que a experiência, a concretização e a vivência deste conselho de Paulo da Cruz são um autêntico ‘tónico’, são ‘medicina’, são ‘vitamina’, que ajudam a recuperar energias, libertam a mente, esvaziam-na de ‘lixo’ que impede o circular límpido dessas tais energias positivas de que todos necessitamos para viver ‘melhor’. Assumamos, pois, este conselho de Paulo da Cruz como exercício concreto a fazer, se for possível, todos os dias, e veremos como, gradualmente, sentiremos sensações agradáveis, que em



muito contribuem para a re aquisição ou manutenção da nossa verdadeira qualidade de vida, porque nos ajudam a recuperar o equilíbrio, o bom senso e a paz. Estaremos depois em condições de podermos contribuir para a felicidade dos outros, ouvindo-os, ajudando-os, servindo-os, amando-os, transmitindo-lhes a paz e serenidade que existe no nosso interior. *As flores, as árvores, as ervas, o céu, o sol, todas as coisas*, são sorrisos e voz do Bom Deus, falam-nos do Seu amor para connosco, o que exige atitude de gratidão para com Ele, que, afinal de contas, está presente em todas as pessoas e em todas as coisas.

Resta-nos *bendizer constantemente as grandezas d'Aquele Soberano Artífice que a tudo deu o ser!* O viver numa atitude permanente de acção de graças, *dirigida ao Soberano Artífice de tudo quanto existe*, é valorizar o absoluto, é projectar-se nas alturas, é viver livre, é respirar fundo, é apropriar-se daquilo que tanto ansiamos: viver em paz, permanente, porque consistente. ***E isto não será uma atitude bioética, pois contribui para o bem estar, para a saúde individual e pública?***

Regressando ao 'campo' da Bioética, reconhecemos que é premissa assente que o vocábulo bioética tem a sua origem em duas palavras gregas : βίος (vida) e ἠθός (ética). O primeiro termo relaciona-se com o 'conhecimento biológico, a ciência dos sistemas vivos'; o segundo, com os valores humanos. Ora *'Potter almejava criar uma nova disciplina que propiciasse uma verdadeira e dinâmica interacção entre o ser humano e o meio ambiente, perseguindo a intuição de Aldo Leopold e antecipando-se ao que hoje se tornou uma preocupação mundial, que é a ecologia'*.<sup>154</sup> Curiosamente, a ecologia é perspectivada por Paulo da Cruz como um suporte ou alavanca que servem para a aquisição ou manutenção de uma sadia qualidade de vida, fundamental para o próprio equilíbrio e bem estar do ser e pessoa humanos. Se Potter se preocupa com a preservação da ecologia, da sobrevivência humana, Paulo da Cruz parte da ecologia para um usufruir do próprio espírito que se eleva a uma *esfera superior*, a partir da mesma...

A ***alínea c)***, a acima indicada, refere *que Van Potter deixou de viajar e de dar conferências para poder acompanhar sua esposa, deficiente devido a artrite. Potter revela-se possuidor de um espírito humanista e ou humanitário (já o dissemos); Paulo da Cruz, através do seu epistolário, manifesta-se a pessoa imbuída dos sentimentos que acabamos de registar em Van Potter. A prová-lo, a sua vida e o seu epistolário. Se Van*

---

<sup>154</sup> PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.150.

Potter revela *solicitude* para com a sua esposa, no que a Paulo da Cruz diz respeito, são inúmeros os passos onde revela esta *solicitude para com os doentes*. Este assunto, porém, abordá-lo-ei oportunamente.

Parece-me relevante ainda debruçar-me sobre este outro apontamento relacionado com Van Potter numa linha de convergência com Paulo da Cruz: *“Para Van Potter, a ciência não era um ‘trabalho’ mas uma experiência ética, apaixonada, criativa. (...) Esta filosofia, motivada pelo seu conceito de ‘humildade com responsabilidade’, conduziu-o à fase final de sua produtiva carreira.<sup>155</sup> (...) “Potter é lembrado por seus colegas de docência na universidade como ‘um ser humano iluminado, preocupado com o cuidado humano de tudo, para que todos pudessem viver, não uma utopia, mas num mundo esteticamente belo e sustentável, uma vida satisfatória e feliz.”<sup>156</sup>* É este propósito de viver ou esta perspectiva de vida que marca o pensamento e a vida de Paulo da Cruz. As referências acima feitas acerca da tranquilidade e serenidade que se pode encontrar no contacto com a natureza e do bem estar que se deseja para todos, provam parte do transcrito, numa linha de convergência do pensamento de Paulo da Cruz com o de Van Potter: *“Potter é lembrado por seus colegas de docência na universidade como ‘um ser humano iluminado, preocupado com o cuidado humano de tudo, para que todos pudessem viver, não uma utopia, mas num mundo esteticamente belo e sustentável, uma vida satisfatória e feliz.”*

Estamos perante duas personalidades, afastadas pelo cronos mas identificadas, em várias facetas, pelo que vivem, defendem e testemunham, cada uma na sua época e rodeada das suas circunstâncias. Se Potter chama à bioética de “ciência da sobrevivência humana”<sup>157</sup>, Paulo da Cruz foi então um ‘bioeticista’, no sentido de que anunciou como defender esta sobrevivência humana. Basta recordar o trabalho que realizou pela sobrevivência de tanta gente em ambientes insalubres (marismas), sem olhar para as incomodidades e perigos contra a saúde que isso lhe acarretava. Sabe-se que as marismas são terrenos pantanosos junto a superfícies de água e que neste pântanos se criam mosquitos, sendo as marismas importantes criadouros e área de

---

<sup>155</sup> MCARDLE - *Memorial Resolution of the faculty of the university of Wisconsin-Madison. On the death of professor emeritus Van Rensselaer Potter II*. Faculty Document 1628. Madison 1 abril 2002. Disponível em :[http://mcardle.oncology.wisc.edu/faculty/bio/potter\\_v.html](http://mcardle.oncology.wisc.edu/faculty/bio/potter_v.html), in PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.149.

<sup>156</sup> MCARDLE - *Memorial Resolution of the faculty of the university of Wisconsin-Madison. On the death of professor emeritus Van Rensselaer Potter II*. Faculty Document 1628. Madison 1 abril 2002. Disponível em: [http://mcardle.oncology.wisc.edu/faculty/bio/potter\\_v.html](http://mcardle.oncology.wisc.edu/faculty/bio/potter_v.html), in PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.149.

<sup>157</sup> PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.149.

dispersão de nematóceros não hematófagos. Conclusão: este ambiente não é propício a uma vida saudável nem a uma desejável sobrevivência de quem quer que seja. Pois Paulo da Cruz enfrentou corajosamente esta indesejável situação, ajudando as pessoas que nela viviam. Esta predileção pelos mais pobres e desprotegidos é uma das principais características humanistas e humanitárias da personalidade de Paulo da Cruz. Desde o Monte Argentário (Itália), ele vinha “*encontrar-se nas suas cabanas com os pastores e os pescadores dos arredores para lhes fazer o bem e instruí-los na verdade da fé. A maior parte das Missões pregadas por Paulo da Cruz*<sup>158</sup> *realizavam-se em lugares pobres e em terrenos ingratos, especialmente nas marismas. Estas –quem o não sabe?– eram lugares dominados pela malária e, por isso, sede de populações paupérrimas, obrigadas a ganhar o seu pão atrofiado. Porém, nem todos sabem que eram lugares onde proliferavam homens mafiosos, ladrões, assassinos, gente procurada pela justiça, que aí se refugiava precisamente para escapar à mesma. Abundavam as marismas nos limites dos três Estados (Toscana, Estado Pontifício e Estado dos Presídios). Eram lugares ideais para desenvolver o seu apostolado. (...) E aos seus Religiosos fazia-lhes a seguinte recomendação: ‘Aqueles que, pelos Superiores, forem destinados para os trabalhos das Missões e outros trabalhos deverão partir prontamente e de bom grado para qualquer lugar para onde forem mandados, sejam cidades sejam pequenas povoações, aldeias, ilhas ou outros lugares pobres, negligenciados e ignóbeis, incómodos e de ares nada bons.*”<sup>159</sup> Nesta mesma linha de pensamento, Marcello Spagnolo<sup>160</sup> cita ainda um excerto dos Processos Sumários de Beatificação e Canonização de Paulo da Cruz: “*A maior parte das Missões de Paulo da Cruz realizaram-se, não na cidade ou em lugares cultos, mas nos lugares de ares malsãos, onde se abrigavam os que viviam mal, e onde reinava uma grande ignorância das coisas de Deus. Tinha, por isso, de cansar-se muito para lhes ensinar as coisas necessárias a saber... Tinha uma grande força e grande paciência para ouvir as confissões daquela gente pobre, miserável, sórdida, teimosa, que tinha mais de*

---

<sup>158</sup> O Método que Paulo da Cruz seguia nas missões, aparece bem descrito no livro “*Vita del Ven. Servo di Dio P. Paolo della Croce, Fondatore della Congregazione de’ Chierichi Scalzi della SSma Croce, e Passione di Gesù Cristo. Estratta Fedelmente dai Processi Ordinari dal P. Vincenzo Maria di San Paolo, Sacerdote della medesima Congregazione. Dedicata alla Santità di Nostro Signore Papa Pio Sesto*”. In Roma – Presso i Lazzarini MDCCLXXXVI, com licenza de Superiori. Capítulo XXIX, “*Metodo, che teneva il Venerabile Servo di Dio nel fare le sante Missioni*”, pp. 116-119.

<sup>159</sup> SPAGNOLO, P. Marcello (Passionista) – *S. Paolo della Croce – Fondatore dei Passionisti*, Manduria – Cúria Provinciale PP. Passionisti, (Itália) 1969, pp. 116-117

<sup>160</sup> O Pe. Marcello Spagnolo, italiano, foi um estudioso de Ciências Bíblicas. Licenciou-se em Sagrada Escritura, em Roma, e foi Professor no estudantado teológico dos Passionistas de POuglia e Calabria (Itália). Ocupou cargos importantes na sua Província da Congregação Passionista.

*selvático do que de humano... (...) O Servo de Deus (Paulo da Cruz) era grande amigo dos policiais e dos bandidos). ”<sup>161</sup> Era com carinho, dedicação, atenção, doçura e muita caridade que trabalhava com todas essas pessoas marginais, pobres, e outras acima citadas, “*tratando-os como um pai e uma mãe tratam os seus filhos*”.<sup>162</sup> A dedicação que Paulo da Cruz e os seus Religiosos prodigalizavam às pessoas mais abandonadas e sacrificadas, aparece bem patente também na área de marisma, próxima do Convento Passionista de Corneto-Tarquínia (Itália). “*Esta fundação ficou marcada, como outras, por muitos sacrifícios e por enorme pobreza. Mas também por isto, foi muito amada pelo grande amante da Cruz, pois ele via o bem que os seus Religiosos tinham realizado no meio daquelas marismas tristes e abandonadas.*”<sup>163</sup> São vários os biógrafos de Paulo da Cruz, citados na Bibliografia apropriada, que relatam esta sua relevante acção humanitária. Tal atitude traz ao de cima a nobreza do seu espírito, na luta pela sobrevivência do ser e pessoa humanos, necessária em qualquer época da história para uma desejável humanização que accione uma melhoria de qualidade de vida das pessoas. E para finalizar este relevante assunto do trabalho de Paulo da Cruz e dos seus colegas Religiosos nas marismas, passo a citar o que um seu estudioso contemporâneo escreveu a propósito: “*Em 1730 (vindos do Monte Argentario onde viviam em duas pobres ermidas), começaram a pregar Missões nas povoações vizinhas. A primeira foi em Talamone, pertencente actualmente a Orbetello.*<sup>164</sup> *Seguiram-se as de Montorgiali, Magliano em Toscana, Montiano, Scansano, Porto Ercole, Orbetello, todas povoações da marisma. O Monte Argentário não tinha atraído a Paulo da Cruz unicamente pela perspectiva de uma profunda solidão que favorecia a contemplação, mas também pela pobreza e pelo abandono em que estavam as povoações vizinhas, pobreza da qual hoje é difícil fazer-se uma ideia, dado o desenvolvimento turístico daquela zona. De Livorno a Civitavechia estendia-se a marisma, terra de malária, isto é, de miséria, de doenças e de morte. O historiador Passionista Giorgini fez um bom estudo sobre a marisma toscana no setecentos. Da relação de um contemporâneo, ele oferece a seguinte descrição: ‘A vida dessas gentes é do mais atribulado e, ao mesmo**

<sup>161</sup> *Summarium super dubio an sit signanda, commissio introductionis causae S.D. Pauli a Cruce, Romae, 1784, 633, 234, e 452, 407, citado por SPAGNOLO, P. Marcello (Passionista) – S. Paolo della Croce – Fondatore dei Passionisti, Manduria – Cúria Provinciale PP. Passionisti, (Itália) 1969, pp. 117-118*

<sup>162</sup> SPAGNOLO, P. Marcello (Passionista) – *S. Paolo della Croce – Fondatore dei Passionisti, Manduria – Cúria Provinciale PP. Passionisti, (Itália) 1969, pp. 118-119.*

<sup>163</sup> SPAGNOLO, P. Marcello (Passionista) – *S. Paolo della Croce – Fondatore dei Passionisti, Manduria – Cúria Provinciale PP. Passionisti, (Itália) 1969, p. 199.*

<sup>164</sup> Do alto da montanha do Monte Argentario e de uma destas ermidas, vê-se Orbetello lá ao fundo e uma idílica paisagem sobre o mar que rodeia a montanha.

*tempo, perigoso (excluimos as famílias respeitáveis e acomodadas). Só se alimentam de pão; a sua única bebida é água e, a maior parte, dos poços ou dos rios. Dormem sempre vestidos sobre uma tábua, na qual os mais confortáveis estendem um saco de palha. (...) Durante o verão, dormem ao relento’.*<sup>165</sup> Até metade desse século, a média de vida dessas gentes era de dezanove anos. Poucos homens conseguiam superar os cinquenta. Muitos, também, forasteiros vindos para um trabalho ocasional, morriam no seu posto de trabalho e, com frequência, os seus cadáveres permaneciam sem sepultura.”<sup>166</sup>

Adolfo Lippi<sup>167</sup> descreve resumidamente o ambiente mau em que vivia o clero diocesano, que era numeroso mas sem cultura nem autêntica vocação, deixando muito a desejar no seu trabalho apostólico. Inclusive, as ‘autoridades’ eclesásticas evitavam permanecer nas marismas, em certas épocas do ano. Mas Paulo da Cruz quis marcar presença junto de quem mais precisava de auxílio. De facto, “*Os bispos das quatro dioceses da marisma, isto é, Piombino, Massa Marittima, Grosseto e Sovana, foram muito zelosos e activos. Contudo, ausentavam-se das suas dioceses durante o tempo quente (quase metade do ano) por temer contrair a malária.* Nesta terra desolada, Paulo da Cruz fez pessoalmente a experiência de quanto mais tarde determinaria nas *Constituições da Congregação Passionista de 1741: ‘Manifeste-se aos ilustríssimos e reverendíssimos bispos desejos de ir às terras mais pobres e necessitadas, inclusive o ir aos lugares solitários, às marismas, às ilhas e outros lugares que sejam mais abandonados dos ministros apostólicos, deve considerar-se pelos membros da nossa Congregação como próprio do seu Instituto’.*<sup>168</sup> O seu apostolado oficial começou verdadeiramente pelos últimos, pelos mais pobres de entre os pobres. Por isso foi tão abençoado por Deus.”<sup>169</sup> C.A. Naselli (historiador Passionista), relata, entre outros historiadores, a Fundação da Congregação em Anguillara, no ano de 1786, anos passados da morte de Paulo da Cruz e salienta que a razão mais importante e primária era espiritual, isto é, a “*de promover a glória de Deus e socorrer o povo de Anguillara e as extensas adjacentes marismas com as ajudas espirituais e fadigas, muito precisas*

---

<sup>165</sup> GIORGINI, C. – *La maremma toscana nel Settecento. Aspetti sociali e religiosi*, Eco, San Gabriele (TE), 1968, p. 21.

<sup>166</sup> LIPPI, Adolfo – *San Pablo de la Cruz – Místico y Evangelizador*, Ediciones Sigueme-Salamanca, 1994, pp.97-99.

<sup>167</sup> Adolfo Lippi é um Passionista, professor de Teologia da Cruz no Pontifício Ateneo Antonianum, em Roma. Publicou vários livros e números artigos em revistas culturais e espirituais.

<sup>168</sup> *Regulae*, 94.

<sup>169</sup> LIPPI, Adolfo – *San Pablo de la Cruz – Místico y Evangelizador*, Ediciones Sigueme-Salamanca, 1994, p. 97.

ai.”<sup>170</sup> Tendo presente o pensamento do bioeticista Van Potter, expresso nos excertos apresentados e noutros que se seguem, e o pensar e agir de Paulo da Cruz, apenas neste pormenor da sua preferência por ser útil a quem mais sofria, lutando pela sua sobrevivência, parece-me lógico o avançar com a *leitura bioética do seu pensamento*, porque, efectivamente, o seu pensar e agir são próprios do pensamento bioético.

Repare-se, ainda, no que depõe um dos seus Religiosos, o Irmão Bartolomeu, a seu respeito: “*Mais de uma vez o ouvi dizer com grande fervor de caridade: ‘Se pelos nossos pecados o Senhor nos mandasse a peste no meu tempo, eu gostaria de ser o primeiro a sair da solidão (do Convento) para ajudar em todos os aspectos os meus pobres próximos infectados desse mal e desejaria ajudá-los enquanto pudesse respirar e tivesse vida.*”<sup>171</sup> Este breve apontamento revela a sua atitude de lutar pela sobrevivência das pessoas afectadas por situações de sofrimento e de pobreza. O pensar e agir Passionista inclui esta vontade de *realizar o apostolado entre os pobres e os humildes*.<sup>172</sup>

Os seus seguidores ainda hoje o fazem, sobretudo em áreas geográficas, como, por exemplo, na selva peruana!<sup>173</sup> Paulo da Cruz também viveu ‘*preocupado com o cuidado humano de tudo, para que todos pudessem viver, não uma utopia, mas num mundo esteticamente belo e sustentável, uma vida satisfatória e feliz*’. Quanto à humildade e responsabilidade, Van Potter explicita em 1998: “*A humildade é consequência característica que assume o ‘posso estar equivocado’, e exige a responsabilidade de aprender de experiências e do conhecimento disponível. Concluindo, o que lhes peço é que pensem a bioética como uma nova ética científica que combina a humildade, responsabilidade e competência, numa perspectiva interdisciplinar e intercultural e que potencializa o sentido de humanidade*”.<sup>174</sup> O que há pouco foi referido, respeitante ao seu trabalho nas marismas e ao seu desejo de saltar para as áreas atingidas pela peste, se tal se verificasse, provam o sentido de responsabilidade e de humanidade de Paulo da Cruz. A humildade, como outras nobres

---

<sup>170</sup> NASELLI, Carmelo Amedeo – *Storia dei Passionisti*, Edizioni ‘Stauros’, Pescara, 1981, p.154. Nesta obra, surgem referências às marismas, nas pp. 9, 154, 254, 255, 293-295, 342, 389, 390, 456.

<sup>171</sup> Irmão Bartolomeu, *Processo Ordinário de Roma*, 2273v, (citado por ZOFFOLI, P. Enrico, C.P. – *S.Paolo della Croce – Storia Critica, II*, Cúria Generalizia PP.Passionisti –Commissione Storica, Roma, 1968, p.621.

<sup>172</sup> NASELLI, Carmelo Amedeo – *Storia dei Passionisti*, Edizioni ‘Stauros’, Pescara, , 1981, pp. 292-295.

<sup>173</sup> Cfr. Comunicação de João Bezerra, apresentada no VI Congresso Mundial de Bioética, realizado em Gijón (Espanha), de 18 a 21 de Maio de 2009, subordinada ao tema “*Pobreza y mirada ético espiritual, sentiente y remediante*”.

<sup>174</sup> CONGRESSO MUNDIAL DE BIOÉTICA 4. Van Rensselaer Potter. *O Mundo da Saúde*. (Vídeo apresentado no IV Congresso Mundial de Bioética. Tóquio, 4-7, nov. 1998) 22 )6): 370 – 74, 1998. In citado por PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.152-153..

virtudes, são apanágio indiscutível da sua vida. Penso ser suficiente o que o Irmão Bartolomeu (Passionista, do tempo de Paulo da Cruz) depôs no Processo para a sua Beatificação: “*Se soubessem os meus amigos quanta pena me dão quando me dizem que sou o Fundador desta santa Congregação! Não me lo diriam com certeza, pois atormentam-me ao dar-me este título de Fundador. O Fundador é o Crucificado, e não eu que sou um miserável.*”<sup>175</sup>

Não considero Paulo da Cruz um cientista, na acepção comum do termo. Se o foi, foi no contexto do espírito, pois apresenta um método, uma hermenêutica muito específica no que se relaciona com a ‘memoria passionis’, assunto relacionado com a Paixão de Cristo e o Amor de Deus ao Homem. É que este assunto é a chave que abre o segredo onde se encontra a solução para os males do mundo, e, por conseguinte, factor que preserva a subsistência humana... Paulo da Cruz foi um humanista que, por outros caminhos, defendeu o bem social, ao apontar caminhos de bem estar interior... É outro tipo de sabedoria, mas que se pode entrelaçar com o que Van Potter pensa quando escreve: “*A nova ciência bioethics combina o trabalho dos humanistas e cientistas, cujos objectivos são sabedoria e conhecimento. A sabedoria é definida como o conhecimento de como usar o conhecimento para o bem social. A busca de sabedoria tem uma nova orientação porque a sobrevivência do homem está em jogo. Os valores éticos devem ser testados em termos de futuro e não podem ser divorciados dos factos biológicos. Acções que diminuem as chances de sobrevivência humana são imorais e devem ser julgados em termos de conhecimento disponível e no monitoramento de ‘parâmetros de sobrevivência’ que são escolhidos pelos cientistas e humanistas.*”<sup>176</sup>

Facilmente nos apercebemos do que Van Potter pretende transmitir quando utiliza termos chave como *sobrevivência, valores éticos, factos biológicos*... Mas por outro caminho, o do seguido por Paulo da Cruz, pode chegar-se à defesa disso mesmo. Que caminho é esse, terei de o explicitar oportunamente, isto é, na análise dos temas seleccionados no seu epistolário e que nos comprovam o conteúdo da temática da tese. Mas Potter abre-nos também a hipótese de podermos intrrometer esse caminho para atingir o que ele pretende alcançar —‘o da sobrevivência da espécie humana numa civilização decente e sustentável- dependente do desenvolvimento e manutenção de um sistema ético’. De facto, será descabido pensar e defender que o caminho que informa e

<sup>175</sup> BARTOLOMEU, Irmão – *POR (Processo Ordinário di Roma)*, IV, p. 294 (f.2387 r – 2387 v), citado por NASELLI, Carmelo Amedeo – *Storia dei Passionisti*, Edizioni ‘Stauros’, Pescara, , 1981, p. 20, nota 9.

<sup>176</sup> POTTER, Van, R. – *Bioethics, bridge to the future*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1971, citado por PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.150.

ilumina o espírito, não conduzirá à defesa do que Potter defende? Penso que sim. E é que assim sendo, é um caminho bioético, que estabelece pontes. O caminho do espírito, duma recta consciência nos membros da sociedade humana, é ponte na confusão instalada quando se persegue um falso e perigoso conceito do progresso... É a conclusão a que chego quando releio atentamente o que Potter escreveu: *“Se existem duas culturas que parecem incapazes de dialogar –as ciências e humanidades- e se isto se apresenta como uma razão pela qual o futuro se apresenta duvidoso, então, possivelmente, poderíamos construir uma ponte para o futuro, construindo a bioética como uma ponte entre as duas culturas”*.<sup>177</sup>

Mais tarde, em 1988, Potter afirma que o que lhe interessava, quando tinha 51, anos *“era o questionamento do progresso e para onde estavam levando a cultura ocidental todos os avanços materialistas próprios da ciência e da tecnologia.”* O caminho do espírito, duma consciência recta, repito, é travão ao ‘avanço materialista’... Por isso ele perspectiva a missão da bioética como *“uma tentativa de responder à pergunta frente à humanidade: que tipo de futuro teremos? E temos alguma opção? Por conseguinte a bioética transformou-se numa visão que exigia uma disciplina que guiasse a humanidade como uma ‘ponte para o futuro’*.”<sup>178</sup> Mas esta disciplina enriquece-se com a interacção e interdisciplinaridade, quero referir-me à importância da perspectiva espiritual no âmbito da bioética que lhe aportará outra consistência. Penso que a perspectiva teológica em todo este contexto é importante. Parece-me redutora outra perspectiva que a elimine. Aliás, parece-me que a porta não se fecha quando leio este texto de Potter: *“Tal sistema (a implementação da bioética ponte) é a Bioética Global, fundamentada em intuições e reflexões fundamentadas no conhecimento empírico proveniente de todas as ciências, porém, em especial do conhecimento biológico... Na actualidade, este sistema ético proposto segue sendo o núcleo da bioética ponte com sua extensão para a Bioética Global, o que exigiu o encontro da ética médica com a ética do meio ambiente numa escala mundial para preservar a sobrevivência humana.*”<sup>179</sup>

---

<sup>177</sup> POTTER, Van, R. – *Bioethics, bridge to the future*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1971, citado por PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.151.

<sup>178</sup> POTTER, Van, R. – *Global Bioethics: building on the Leopold Legacy*. East Lansing, Michigan: Michigan State University Press, 1988 . Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1971, citado por PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.151.

<sup>179</sup> POTTER, Van, R. – *Global Bioethics: building on the Leopold Legacy*. East Lansing, Michigan: Michigan State University Press, 1988. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1971, citado por PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.152.



Insisto na ideia de que a teologia deverá ter o seu ‘espaço’ quando de bioética se fala. Aliás, num artigo publicado na revista *The Scientist*, intitulado “*A ciência e a religião devem partilhar da mesma busca em relação à sobrevivência global*”, Van Potter regista: “*Uma questão central para os nossos esforços deve ser a promoção do diálogo entre a ciência e a religião em relação à sobrevivência humana e da bioética. Durante séculos, a questão dos valores humanos foi considerada como estando para além do campo científico e propriedade exclusiva dos teólogos e filósofos seculares. Hoje devemos sublinhar que os cientistas, não somente têm valores transcendentais, mas também os valores que estão embutidos no **ethos** científico, necessitam ser integrados com aqueles da religião e filosofia para facilitar processos políticos benéficos para a saúde global do meio ambiente.*”<sup>180</sup> São estas achegas que me incentivam a fazer uma leitura bioética do pensamento de Paulo da Cruz, na certeza de que o seu pensamento – ora teológico, ora místico, ora ecológico, ora marcado por uma humanização fundamentada na dignidade da pessoa humana-, são um precioso contributo para ‘agarrar’ valores transcendentais e outros valores éticos que facilitem processos políticos benéficos para a saúde global do meio ambiente. Duma formação integral da pessoa, toda a Criação beneficiará.

Van Potter defende que a sobrevivência exige uma ética mundial e que a paz mundial dependerá também da paz entre as Religiões e de uma aliança entre crentes e não-crentes (ateus, agnósticos e outros que se respeitem mutuamente. Tudo isto pode ser necessário para a concretização de uma ética mundial comum a todos os humanos. Chegou a afirmar que “*precisamos unir as forças frente à responsabilidade global da sobrevivência humana e seu apelo pelo ‘respeito mútuo’, necessário para uma ética mundial comum.*”<sup>181</sup> Estes parâmetros fazem parte dos sonhos de Paulo da Cruz, desejando que os seus Religiosos rompessem fronteiras e fossem para os países não evangelizados, em trabalho missionário. Este seu desejo já consta explicitamente na primeira redacção das Regras e Constituições.<sup>182</sup> Em 1758, a Congregação de Propaganda da Fé pediu aos Passionistas para uma missão na Rússia, na zona do Cáucaso. Paulo da Cruz designou alguns Religiosos. E, a propósito, escreveu a M.M. Anna di S. Giuseppe, sem data: “*Tal missão seria de grande glória para Deus, mas não*

<sup>180</sup> POTTER, Van, R. – *Science, religion must share quest for global survival*. The Scientist 8 (10), 1-12, 1994, citado por PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, pp.153-154.

<sup>181</sup> POTTER, Van, R. – *Science, religion must share quest for global survival*. The Scientist 8 (10), 1-12, 1994, citado por PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.155.

<sup>182</sup> GIORGINI, F. – *Historia de la Congregación de la Pasión de Jesus Cristo, I: La época del Fundador*, Pasionistas, Bilbao-Zaragoza-Madrid, 1984 (traducción del italiano), pp. 508-510, com as referências às fontes.

*está ainda decidida. De nossa parte, aceitei-a e já destinei alguns Religiosos que estão dispostos e se alegram em Deus de poder ir quanto antes, mas quem sabe o que disporá o Senhor.*”<sup>183</sup> Este projecto falhou, tal como aconteceu com mais dois, a saber, para a Missão de Valacchia e Moldávia e também a de Mesopotâmia. Depois da morte de Paulo da Cruz, partiu o primeiro grupo de missionários para a Bulgária (1782)<sup>184</sup> e, gradualmente, os seus seguidores rasgaram o mundo, procurando ser fiéis a Paulo da Cruz.<sup>185</sup> E como foi relevante o papel que os Passionistas desenvolveram e desenvolvem nos 59 países onde estão radicados. E no que se refere à ‘paz entre as Religiões’, foi notável o papel dos Passionistas em Inglaterra, *concretamente com a religião anglicana*. Repare-se no seguinte pormenor histórico, narrado por Pablo Garcia: “Em 1967, ano centenário da canonização de S. Paulo da Cruz, foi consagrada solenemente a grandiosa catedral de Liverpool, dedicada a Cristo Rey (...). Entre as suas oito capelas, destaca uma dedicada a São Paulo da Cruz. Ao vê-la, pode-se perguntar: *Que motivo ou razão especial subjaz a isto? Uma capela a um santo italiano do século XVIII no coração da Inglaterra de hoje? A resposta deu-a Paulo VI nesse mesmo ano, numa carta que, devido ao referido centenário, escreveu aos passionistas. Dizia assim: ‘Legada a vós por S. Paulo da Cruz, existe também hoje outra preciosa herança, que não só se conservará fielmente, mas que há-de ser cuidadosamente ampliada. Na biografia de S. Paulo da Cruz lê-se que, desde os seus jovens anos, teve uma especial preocupação, como movido por um presságio maravilhoso e profético, pelas condições e a situação da religião em Inglaterra; e que, durante 55 anos, orou e pediu com lágrimas a fim de que se encontrasse o caminho para restaurar ali a unidade da fé católica. Ele próprio o anota no seu Diário: ‘Na oração da noite...senti-me movido a rogar particularmente pela Inglaterra, pedindo que nela seja levantado o ensinamento da fé...’*”<sup>186</sup>”<sup>187</sup> A mencionada carta de Paulo VI refere ainda: “Com estas orações e desejos de S. Paulo da Cruz, brilha mais a esperança de notáveis acontecimentos, pois o que em Inglaterra aconteceu depois da sua morte pelo

<sup>183</sup> Cartas, IV, 323.

<sup>184</sup> NASELLI, Carmelo Amedeo – *Storia dei Passionisti*, Edizioni ‘Stauros’, Pescara, , 1981, pp.355- 371 (*La Missione di Bulgária*).

<sup>185</sup> LIPPI, Adolfo – *San Pablo de la Cruz – Místico y Evangelizador*, Ediciones Sigueme-Salamanca, 1994, pp. 191-192.

<sup>186</sup> CRUZ, Paulo da – *Diário espiritual*. Introdução e anotações de Martín Bialas e apresentação do Cardeal Joseph Ratzinger, Verbo Divino, Estella, 1979, 86s, dia 29 de Dezembro de 1720, quando Paulo da Cruz tinha apenas 26 anos, citação no livro de GARCIA, Pablo – *Domingo Barberi – Precursor y Profeta. Que está sucediendo en el anglicanismo?* Ediciones Sigueme, Salamanca, 1997, p. 11., nota 1.

<sup>187</sup> GARCIA, Pablo – *Domingo Barberi – Precursor y Profeta. Que está sucediendo en el anglicanismo?* Ediciones Sigueme, Salamanca, 1997, p. 11.

*apostolado dos vossos Religiosos, especialmente pelo do Beato Domingos da Mãe de Deus, é a todos manifesto... Compete-vos a vós, na medida das vossas possibilidades, secundar a obra paterna, orando, pregado, actuando, sofrendo, até que amanheça a hora do ditoso dia em que se derrube o muro de tão lamentável separação e se consume a desejada unidade.*”<sup>188</sup> Domingo Barberi<sup>189</sup>, Passionista de profundos e sólidos conhecimentos filosóficos e teológicos foi o Apóstolo de Inglaterra, secundando a vontade de Paulo da Cruz que, desde 1720 e até ao final da sua vida em 1775 “foi um cruzado incansável de orações por Inglaterra, pedindo sempre por esta intenção e ordenando que nos seus conventos se rezasse por esta intenção.”<sup>190</sup> Domingo Barberi chegou a Inglaterra, depois de aguardar 26 anos e meio pela realização deste seu anseio, no dia 22 de Junho de 1840, ficando instalado no convento de Ere, sendo esta a primeira fundação passionista fora de Itália. Entre tantos convertidos, devido ao seu exemplo de vida e apostolado, está o que foi Cardeal John Henry Newman, convertido da Igreja anglicana à católica, que Bento XVI Beatificou na visita que fez a Inglaterra neste ano de 2010! <sup>191</sup> De Domingo Barberi, escreveu Newmann: “Não é de admirar que eu tivesse sido um convertido e penitente”. E Paulo VI: “Se não fosse por Domingo Barberi, Newmann não teria sido recebido na Igreja Católica”. Tudo quanto se registou é apenas para confirmar que tanto Paulo da Cruz, como os seus seguidores, lutaram e lutam por uma *ética comum, e pela unidade e paz entre as Religiões!* E a forma como ele quer que os seus seguidores perspectivem a pessoa humana, sobretudo os mais desfavorecidos, os mais pobres, é prova convincente da importância do ‘respeito mútuo’ em toda a sua envolvência. A estas conclusões nos leva a leitura atenta do seu epistolário e de alguns dos seus biógrafos.

**Ponto 2:** Sonhar e lutar pela sobrevivência implica sonhar e lutar pela qualidade de vida ou pelo bem-estar da pessoa. E isto é muito anterior ao que Van Potter nos refere no seu Credo. Já vimos que o neologismo *bioethics* surgiu pela intuição de Van Rensselaer Potter, em 1970. Vou tecer alguma que outra consideração acerca do credo

---

41GARCIA, Pablo – *Domingo Barberi – Precursor y Profeta. Que está sucediendo en el anglicanismo?* Ediciones Sigueme, Salamanca, 1997, p. 12.

<sup>189</sup> Domingo Barberi nasceu no dia 22 de Junho de 1792 e morreu a ..... Foi Beatificado no dia 27 de Outubro de 1963, pelo Papa Paulo VI e durante o Concílio Vaticano II. Tive a felicidade de assistir a este acontecimento, conservado uma preciosa recordação de uma fotografia tirada com a pessoa a quem foi concedida a graça de um milagre.

<sup>190</sup> GARCIA, Pablo – *Domingo Barberi – Precursor y Profeta. Que está sucediendo en el anglicanismo?* Ediciones Sigueme, Salamanca, 1997, p. 50.

<sup>191</sup> GARCIA, Pablo – *Domingo Barberi – Precursor y Profeta. Que está sucediendo en el anglicanismo?* Ediciones Sigueme, Salamanca, 1997, p. 117.

potteriano, apenas para provar que algumas das linhas que defende já preexistiam antes do termo ser criado. Para mim, esta premissa é indiscutível, com todo o respeito por outra qualquer opinião contrária. Aliás, e como se lê na Sagrada Escritura, *nihil novi sub sole* (nada de novo debaixo do sol)!... E é esta premissa que, a ser aceite, me permite reatualizar o pensamento de Paulo da Cruz, consignado no seu epistolário, e assumido, numa perspectiva diacrónica, como coadjuvante que ora confirma ora aporta linhas de acção para a implementação e defesa de princípios e orientações bioéticas, sempre relacionadas com o bem estar e *outra qualidade de vida* do ser e da pessoa humanos.

Passo, de seguida, a analisar o *Credo Bioético* de Van Potter, sempre numa linha da convergência ou da divergência com o pensamento de Paulo da Cruz, a partir de uma leitura bioética do mesmo, no seu epistolário.

São sete os *‘princípios e compromissos’* do Credo Bioético de Van Potter, documento revelador da sua personalidade e das suas convicções, a nível da bioética. Tentarei, repito, detectar pontos de convergência e divergência com o pensamento de Paulo da Cruz, expresso no seu epistolário. Escreveu Van Potter no seu *Credo*:

**1. *Creio na necessidade de uma acção terapêutica imediata para melhorar este mundo afligido por uma grave crise ambiental e religiosa.***

***Compromisso:*** *Trabalharei com os outros para aperfeiçoar a formulação de minhas crenças, desenvolver credos adicionais e procurar um movimento mundial que torne possível a sobrevivência e o aprimoramento do desenvolvimento da espécie humana em harmonia com o meio ambiente natural e com toda a humanidade.*

Comparando este primeiro princípio com o pensamento de Paulo da Cruz, ocorre-me registar:

Paulo da Cruz tocou-lhe viver numa parte deste mundo também ele afligido por uma grave crise ambiental e religiosa. Quanto à crise ambiental, penso que é elucidativa a sua acção nas áreas das marismas, acima referida. Não se esqueça que às marismas confluíam, por vezes chamados pelos desumanos latifundiários das mesmas, pessoas oriundas das mais diversificadas regiões, pessoas das classes mais baixas, mais pobres, mais exploradas, mais sofredoras da sociedade, atingidas pela malária, desnutridos, e aí morriam no mais horrível abandono.<sup>192</sup> Existe aqui uma particularidade que convém

---

<sup>192</sup> ZOFFOLI, P. Enrico, C.P. – *S.Paolo della Croce – Storia Critica*, vol. I, Cúria Generalizia PP.Passionisti – Commissione Storica, Roma, 1968, p. 6.

salientar: no que se relaciona ao seu trabalho em algumas áreas de marismas, em Itália, a acção de Paulo da Cruz não se direccionava directamente a solucionar o problema da sua existência, pois isso ultrapassava-o completamente. O seu trabalho foi *humanizante*, *bioeticista*, no sentido de estar com gente que sofria e apoiando-a no seu espírito, animando-a a viver com as circunstâncias que a rodeavam. E fê-lo com coragem e determinação, não temendo os perigos da malária, para estar junto do seu povo sofredor. Empenhou-se seriamente em restituir a dignidade a quem vivia afectado pela doença, lutando pela sobrevivência condigna a que todos têm direito. Mas esta acção terapêutica não se limitou unicamente a este estar com as pessoas afectadas pelos marismas, mas também em estar próximo de classes sociais marginalizadas, como bandidos, a fim de lhes restituir a sua dignidade.

O mundo do banditismo e dos marginais são um perigo para a *harmonia da sociedade*, desejável por Van Potter. Pois Paulo da Cruz teve uma atitude benéfica com estas classes sociais. Enrico Zoffoli analisa muito bem a situação do *banditismo* na Itália do setecentos e nos séculos precedentes e chama a Paulo da Cruz o *protector dos bandidos*.<sup>193</sup> Insuficiência da situação política e condições sociais insuficientes estão na base da existência e proliferação do banditismo. Paulo da Cruz, “*para estes tais bandidos e assassinos apareceu nos seus primeiros tempos mandado por Deus para a sua conversão.*”<sup>194</sup> Paulo atendia-os em confissão, com muita amabilidade, conquistando-os e levando-os ao arrependimento dos seus delitos. Chegavam a derramar lágrimas, ora os bandidos ora Paulo da Cruz, após a conversão. A sua solicitude por esta gente era tal que o levou a dizer: “*Se for para o Paraíso, quero ser o seu protector!*”<sup>195</sup>

Quanto à crise religiosa, nessa época, era evidente devido à ignorância de membros da Igreja e de grande parte dos seus membros. “*As circunstâncias em que viveu, escreve Enrico Zoffoli*<sup>196</sup>, *não permitiam a Paulo da Cruz conseguir uma cultura literária e filosófica, nem consta que tenha lido jamais obras divulgadoras de teorias subversivas. Em compensação, teve fontes seguras de informação: os frequentíssimos*

---

<sup>193</sup> ZOFFOLI, Enrico - *S.Paolo della Croce – Storia Critica*, vol. III, Cúria Generalizia PP.Passionisti –Commissione Storica, Roma, 1968, p. 1135-1157.

<sup>194</sup> ZOFFOLI, P. Enrico, C.P. – *S.Paolo della Croce – Storia Critica*, vol. III, Cúria Generalizia PP.Passionisti – Commissione Storica, Roma, 1968, 1141, citando o testemunho do Pe. António do Calvário, nos POC, 52.

<sup>195</sup> ZOFFOLI, P. Enrico, C.P. – *S.Paolo della Croce – Storia Critica*, vol. II, Cúria Generalizia PP.Passionisti – Commissione Storica, Roma, 1968, p. 1141, citando os testemunhos dos Padres Boaventura (POC 223-v) e G.Jacinto (PO 436).

<sup>196</sup> ZOFFOLI, P. Enrico, C.P. – *S.Paolo della Croce – Storia Critica*, vol.I, Cúria Generalizia PP.Passionisti – Commissione Storica, Roma, 1968, p.5.

contactos com o povo nos longos anos de actividade missionária, a amizade com nobres e altos oficiais italianos e estrangeiros dos Presídios de Toscana, do Reino de Nápoles, do Estado Pontifício; o relacionamento com o clero e o episcopado, altos prelados e vários Sumos Pontífices, numa participação sempre mais aflitiva à tragédia da Igreja.” E numa das suas Cartas, descreve-nos o ambiente da sua época: “*respiram-se ares empestados de tantos males que inundam por todos os lados.*”<sup>197</sup> E nesta outra, desabafa: “*Ah, pobre mundo! Como estás mal! Quantos males te inundam! A fé resfriada, a piedade arrefecida, quase por terra. Ai de mim, ai de mim, é de temer grandes flagelos.*”<sup>198</sup> “*Estamos em tempos demasiado calamitosos, pois a piedade está muito arrefecida e cresce muito a libertinagem, que se Deus não nos ajuda não sei o que acontecerá...*”<sup>199</sup> Pede aos seus Religiosos para que rezem a fim que Deus ilumine e fortaleça o Santo Padre a fim de que abata os inimigos que perseguem a Igreja e que refreie “*o orgulho daqueles que com a sua pestífera libertinagem e falsos erros arruinam o pobre mundo católico*”<sup>200</sup> Enrico Zoffoli<sup>201</sup> continua a descrever-nos a sociedade contemporânea de Paulo da Cruz, na sua obra. E foi neste ambiente que Paulo da Cruz encontra a solução, já referida oportunamente: o fazer memória da Paixão de Cristo, a obra maior do amor de Deus, resolve os problemas do mundo! A verdade é que o apelo a uma piedade esclarecida, a uma adesão aos valores autênticos, é a porta de entrada para a resolução dos problemas que afectam a sociedade, ora daquele tempo ora dos nossos tempos contemporâneos! E penso que a adopção destas e de outras medidas salutares correspondem ao que Van Potter regista no Ponto nº 1 do seu Credo: ***Creio na necessidade de uma acção terapêutica imediata para melhorar este mundo afligido por uma grave crise ambiental e religiosa!***

Todo este tipo de trabalho desenvolvido por Paulo da Cruz, e nos dias de hoje por todos os seus seguidores, presentes, sobretudo, nas áreas pobres da Humanidade,

<sup>197</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº DXXV, escrita Ao Rev. D. Antonio Pio Eleuteri – Città della Pieve, 1738 (a carta não tem data), Volume II, pp. 60-61 (Carta citada por ZOFFOLI, P. Enrico, C.P. – *S. Paolo della Croce – Storia Critica, III*, Cúria Generalizia PP.Passionisti – Commissione Storica, Roma, 1968, p. 429).

<sup>198</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº DCI, escrita ao Abate Conte Garagni (9ª) – Roma -, Viterbo per Orbetello nel Ritiro della Presentazione, no dia 20 de Junho de 1742, Volume II, pp. 228-230.

<sup>199</sup> Idem, Carta nº DCII, escrita ao Abate Conte Garagni (10ª) – Roma -, Viterbo per Orbetello nel Ritiro della Presentazione, no dia 19 de Junho 1743, Volume II, pp. 230-232.

<sup>200</sup> Idem, Carta nº DXCV, escrita ao Abate Conte Garagni (3ª) – Roma -, Viterbo per Orbetello nel Ritiro della Presentazione, no dia 10 de Março de 1741, Volume II, pp. 215-216.

<sup>201</sup> ZOFFOLI, P. Enrico, C.P. – *S. Paolo della Croce – Storia Critica, vol. I*, Cúria Generalizia PP.Passionisti – Commissione Storica, Roma, 1968, pp. 6 ss.

não me parece descabido nem fora do propósito ver coincidências de intenções e de ação entre Paulo da Cruz e Van Potter no consignado no *Compromisso* do Ponto nº 1 do seu *Credo*: *Trabalharei com os outros para aperfeiçoar a formulação de minhas crenças, desenvolver credos adicionais e procurar um movimento mundial que torne possível a sobrevivência e o aprimoramento do desenvolvimento da espécie humana em harmonia com o meio ambiente natural e com toda a humanidade.*

Pessini escreve que “*Van Potter estava essencialmente preocupado com o desenvolvimento de uma ética que pudesse guiar o comportamento para permitir a sobrevivência da humanidade e de outras espécies. A bioética de Potter era explicitamente orientada para o futuro, como sugere o título de seu primeiro livro, no qual considera o desenvolvimento do campo da bioética como um aspecto essencial da sobrevivência humana.*”<sup>202</sup> Whitehouse relata-nos ainda outros enfoques que Van Potter perseguiu alcançar com o termo *priviledge ethics*: “*problemas que dividem os povos do mundo entre os que têm acessos à riqueza e os que não têm a possibilidade desse acesso; (...) a necessidade de conectar diferentes formas de ética médica, ambiental, social e religiosa. E já no final de sua vida trabalhava a perspectiva de desenvolver a noção de uma ética de sustentabilidade da vida humana e qualidade do meio ambiente com um grupo de biotecnistas internacionais.*”<sup>203</sup>

*Van Potter* fala duma ética de sustentabilidade e de qualidade do meio ambiente. Este assunto é assumido por Paulo da Cruz, com muita garra e convicção. A ética de Paulo da Cruz é a que se fundamenta num modelo único: Jesus Cristo. Da reflexão permanente sobre a Paixão de Cristo, sempre presente no ser e pessoas humanos que sofrem, encontrava os valores que remediariam os males da humanidade. Atentemos neste excerto de Paulo da Cruz, para melhor compreendermos o que ficou transcrito: “*A memória da Paixão santíssima de Jesus Cristo e a imitação das suas virtudes é a porta que conduz a alma à íntima união com Deus, ao recolhimento interior e à mais sublime contemplação*”<sup>204</sup>

---

<sup>202</sup> PESSINI, Leo – *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.159.

<sup>203</sup> PESSINI, Leo – *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.160.

<sup>204</sup> CRUZ, S. Pablo de la – “*Cartas y Diario Espiritual de San Pablo de la Cruz, Fundador de los Pasionistas,*” Ediciones ‘El Pasionario’, Madrid, 1968, Carta nº 236, correspondente à edição de “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº CCCXXXII, escrita a Tommaso Fossi (25ª), (P. Tommaso di Gesù e Maria), - Poggio d’Elba, Viterbo per Vetralla, Ritiro di S. Angelo-, no dia 05 de Julho de 1749, Volume I, pp.582-584.

Este excerto foi retirado duma carta que S. Paulo da Cruz escreveu ao sr. Tomás Fossi, que, tendo ficado viúvo, enveredou pela vida eclesiástica e, depois, entrou na Congregação Passionista. Nele está contida a essência do 4º voto que realizam todos os Missionários Passionistas: *o de fazer contínua memória da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, pelo testemunho de vida, pelo anúncio de tão sublime mistério e pela solidariedade efectiva com todos os Crucificados de Hoje!*

O fazer memória não pode ficar-se no reviver o passado! O fazer memória, no sentido de Paulo da Cruz, é sentir, compartilhar, solidarizar-se, *hoje –aqui e agora-*, com a Paixão, o sofrimento, a dor, a injustiça, presentes em todos os recantos da Humanidade! Porque Cristo é de Ontem, de Hoje e de Sempre! O fazer memória do sublime mistério, porque maravilhoso, da Paixão de Jesus Cristo, é assumir, *hoje –aqui e agora-*, o Amor, a Justiça, a Solidariedade, o Altruísmo, a Entrega, a Dádiva, a Gratuidade, em suma, as *atitudes* de Jesus! O fazer memória da Paixão de Cristo é sentir, *hoje –aqui e agora-*, o que a Humanidade sofre; é assumir como nossos os sofrimentos dos outros; é senti-los como nossos. Só assim, seremos eficazes agentes de intervenção e não os sinos que tocam a rebate mas nunca saem do sítio! *Não basta anunciar!* É preciso amar, viver, sentir! Ao fazer memória da Paixão de Jesus deve aliar-se a imitação das virtudes do Mestre Nazareno! Se nos deixarmos mergulhar no mar profundo da Sua Paixão, começaremos a descobrir as maravilhas que ele contém, isto é, as virtudes praticadas por Jesus que passou a vida amando, no sofrimento, na dádiva, na compreensão, no perdão, no estar junto! Ele, sobretudo na Sua Paixão, é o nosso ponto de referência para acertarmos como devemos ser, como devemos pensar e como devemos agir. O caminho de *bem viver* descobre-se pela *meditação*, pela *reflexão* da Sua Paixão e pela *inserção* na envolvência das situações de dor e sofrimento que acompanham o ser e pessoa humanos.

Não basta viver! É preciso acertar com o saber viver! Mas um saber viver não ao estilo dos pragmáticos agnósticos e marxistas, e de outros derivados ou parecidos pensadores, mas é preciso acertar a bem viver, *estando* com os que sofrem! Não faltam os apregoadores de teorias de solidariedade! Faltam, sim, os que se decidem a estar junto de quem sofre, de quem os ame e a eles se entregue! O bem viver de Jesus começa pelo elevar-se à Transcendência, à íntima união com Deus para, depois, se situar correcta e devidamente junto do outro, dar-lhe as mãos em sinal de comunhão, confortá-lo, ajudá-lo, compreendê-lo, perdoar-lhe! Assumimos como nosso, o pensar de José A. Zamora, in Staurus, nº 37: “*O carácter ético da memória do sofrimento alheio*



*evidencia que esta não pode confundir-se com uma contemplação passiva do mesmo. No horizonte desse rememorar, desse fazer memória da dor e do sofrimento das vítimas, está implícita a oposição, o protesto, a luta contra eles, para mudar o que seja possível e acompanhar solidariamente a vivência dos males irremediáveis. Assumir a história do sofrimento como iniludível lugar hermenêutico da fé significa que apenas pode ser considerado verdadeiro crente o que procura a proximidade solidária e prática com os sofredores, ou, o que é o mesmo, o que se opõe ao que faz sofrer as vítimas". O contemplar, sentir próximo o outro que sofre, **hoje –aqui e agora-**, ao nosso lado ou em lugares distantes -cíclica realidade do ser e pessoas humanos-, e o procurar soluções –lutando contra as causas que provocam o sofrimento-, é fazer memória da Paixão de Jesus, que nos toca no íntimo da alma e nos ajuda a entrar no mistério da vida, provocando o misterioso encontro da alma, da nossa alma, com Deus, cujo encontro faz com que a alma passe a aceitar os Seus insondáveis mas amorosos desígnios, porque *Deus apenas quer o bem de cada um de nós!* Deus, pela Paixão, sofrimento e dor da Humanidade, só quer o bem de cada um dos seres e pessoas humanos. Este sublime mistério é caminho de libertação das amarras do sensível e do terreno, que encontrará a plenitude de sentido quando se atingir a derradeira etapa da vida, que dá precisamente sentido à nossa própria existência! Só situados no Além é que compreenderemos o que é mais fácil negar ou não aceitar enquanto andamos por aqui, como peregrinos!*

Quanto mais íntima for a nossa união com Deus, melhor entenderemos a louca sabedoria da cruz que se opõe à oca e vazia sabedoria do mundo, que não traz sentido nem responsabilidade para o viver mas acarreta vazios existenciais, que têm, por vezes, o seu desfecho no suicídio!

A Paixão, sofrimento, dor, amor têm uma extraordinária carga energética que fortalece o nosso espírito e remete-nos para a nossa interioridade, para o recolhimento interior, para a sublime contemplação do mistério da existência, com todas as envolvências incompreensíveis ao simples olhar, ajudando-nos a levar mais a sério a vida.

Fazer memória da Paixão de Jesus Cristo, presente na Paixão de toda a Humanidade, no sentido de que, sendo o passado de Cristo um presente em todos os Cristos vivos, dá sentido à vida e à morte, plenamente, e não permite que o Homem se acomode egoisticamente, porque *Homem acomodado não pode sintonizar com o fazer memória da Paixão de Cristo!* Fazer memória da Paixão de Cristo é incompatível

com o passar indiferente face às situações concretas da Paixão do Homem contemporâneo que suporta –como o de todos os tempos- uma cruz bem pesada, enquanto outros vivem embriagados num mundo que o despista da realidade da existência! Mas isto não é bem viver nem tampouco caminho de felicidade! Van Potter não perseguiria algumas das linhas de pensamento registadas? Eu acredito que uma das causas que poderá levantar interpelações sobre a Bioética actual, poderá estar no desvio e falta de princípios e valores duma ética do pensar agir, acarretando uma forte crise de humanização.

De aí que seja legítimo interpelarmo-nos: hoje, em que estado se encontra a Bioética? Há quem *“fale do renascimento da mesma, em termos de ir além das formulações originais de Potter.(...) E que a Bioética Global deve ser percebida como uma metáfora que comunica a preocupação para com todo o planeta bem como a abrangência do sistema intelectual.”*<sup>205</sup> Atente-se neste excerto de Whitehouse: *“O campo da bioética encontra-se hoje num estágio crítico de evolução, após trinta anos de desenvolvimento de programas de bioética. Encontra-se numa fase de profissionalização, respondendo a demandas éticas do contexto clínico e consultoria bioética para a indústria biotecnológica, bem como no nível académico organizacional surgem os primeiros departamentos e programas de doutorado na área.”*<sup>206</sup> É motivo de entusiasmo poder fazer uma leitura bioética do pensamento de Paulo da Cruz, assumindo este trabalho como tese de doutoramento em Bioética, na convicção de tal empreendimento pode corroborar a ideia de Potter ao definir *“a bioética como sendo uma ponte para o futuro, porque sem este pensamento bioético, do qual foi pioneiro, poderemos não ter um futuro.”*<sup>207</sup> Paulo da Cruz, pelo que fez e pelo que escreveu e pelo legado que deixou aos seus seguidores, estabelece pontes para o futuro. Basta ter presente o que se está a realizar em vários países da Africa e da América Latina, por exemplo. *“Para ser um verdadeiro bioeticista, na perspectiva de Potter, é necessário adoptar alguns comportamentos e decisões pessoais em relação ao cuidado com o meio ambiente, incluindo o uso dos recursos, o controle populacional e o comportamento com a sustentabilidade do planeta.”*<sup>208</sup> E é motivo de reflexão este pensamento de

---

<sup>205</sup> PESSINI, Leo – *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.160.

<sup>206</sup> WHITEHOUSE, P.J: The rebirth of bioethics: extending the original formulations of Van Rensselaer Potter. *American Journal of Bioethics* 3 (4): 26-31, 2003. Citado por PESSINI, Leo – *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.160.

<sup>207</sup> WHITEHOUSE, P.J: The rebirth of bioethics: extending the original formulations of Van Rensselaer Potter. *American Journal of Bioethics* 3 (4): 26-31, 2003. Citado por PESSINI, Leo – *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, pp.161-162.

<sup>208</sup> PESSINI, Leo – *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.162.

Pessini: “O ressurgimento da ética das virtudes pode renovar o interesse na visão de Potter, fortalecendo a ideia de que para alguém ser chamado de bioeticista é imprescindível adoptar valores pessoais e comportamento, consistentes com o sistema intelectual de crença por ele desenvolvido.”<sup>209</sup> Não é nossa pretensão chamar bioeticista a Paulo da Cruz mas sim de que, a partir do seu pensamento registado no seu epistolário, é possível constatar o seu contributo bioeticista, hoje, na consolidação do pensamento de Van Potter, no balizamento programático exposto. Atente-se agora no segundo ponto do seu *Credo*:

**2. Creio que a sobrevivência futura bem como o desenvolvimento da humanidade, tanto cultural quanto biológico, é fortemente condicionado pelas acções do presente e planos que afectam o meio ambiente.**

**Compromisso:** *Tentarei adaptar um estilo de vida e influenciar o estilo de vida dos outros, bem como ser promotor para um mundo melhor para as futuras gerações da espécie humana, e tentarei evitar acções que coloquem em risco o seu futuro, ao ignorar o papel do meio ambiente natural na produção de alimentação e fibras.*

Há palavras chave que se vão repetindo no *Credo* Potteriano: sobrevivência, desenvolvimento, aperfeiçoar, etc. A Van Potter preocupava-o o futuro das futuras gerações da espécie humana... Portanto, é condição favorável a isso a adopção de estilos de vida, contagiantes... assim como o evitar acções que coloquem em risco o tal futuro das futuras gerações. Neste contexto, não se pode ignorar o papel do meio ambiente natural na produção de alimentos e fibras. É mais do que evidente que as acções do presente e planos afectam o meio ambiente. Ora bem, tendo tudo isto presente, a vontade expressa por Van Potter neste segundo ponto do seu *Credo* assim como os alvos que pretende atingir não é que se revelem como algo inovador, no sentido de que tais explicitações não tenham sido adoptadas no agir ético-moral de pessoas do passado. Tendo presente o que pretendo defender acerca de Paulo da Cruz, não me parece que tais intenções não estejam presentes no seu agir ético-moral. Efectivamente, o seu estilo de vida pobre e solícito, humanizante e simples, influenciou e influencia uma incontável plêiade de seguidores, que perseguem, tal como ele o fez (já o provamos no caso concreto ambiental do trabalho nas marismas), na prossecução de um mundo melhor para as gerações do seu tempo e para as gerações da espécie humana, evitando acções que coloquem em risco o seu futuro. Normalmente, as chamadas

---

<sup>209</sup> PESSINI, Leo – *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.162.

Ordens Religiosas contribuíram para o progresso, não ignorando a importância do papel do meio ambiente natural na produção de alimentação e de fibras, em volta dos seus Conventos e ensinando as pessoas que rodeavam as suas casas e quintais a desenvolverem as actividades agrícolas. Vivi, pessoalmente, numa, onde inclusive era notável a cria de animais e a produção de leite e queijos! Normalmente, as Casas Religiosas da Congregação de Paulo da Cruz eram fundadas em lugares solitários, em florestas, onde não só se conservava o meio ambiente como se desenvolviam as tais actividades ligadas à agricultura. Hoje em dia, é notável a actividade da sua Congregação em muitos dos países onde estão radicados os seus membros, destacando-se as actividades ligadas ao incremento da agricultura, da educação e da saúde. Tive a oportunidade de referir isto mesmo numa Comunicação feita no *Congreso Mundial de Bioética, realizado em Maio de 2009, en Gijón – España*, conforme acima já fiz referência.

Os seus bens, de Paulo da Cruz e dos seus Religiosos, eram e são partilhados com os mais pobres; e a sua acção e estilo de vida continuam a orientar-se na conquista do bem-estar das populações, sobretudo das mais abandonadas da América Latina e de muitas partes dos cinco Continentes. Curiosamente, hoje, e porque se trata de pôr em prática o espírito da Congregação Passionista, esta tem programas específicos, a nível mundial, para a erradicação da pobreza e salvaguarda do meio ambiente onde estão inserido os seus membros. Prova evidente de que se prossegue a sua obra de lutar pela sobrevivência dos povos e por um mundo melhor ao seu alcance.<sup>210</sup>

**3. *Creio na unicidade de cada pessoa e na sua necessidade instintiva de contribuir para o aprimoramento de uma unidade maior da sociedade, de forma que seja compatível em longo prazo com as necessidades da sociedade.***

***Compromisso:*** *Ouvirei os pontos de vistas dos outros, sejam este de minoria ou de maioria, e reconhecerei o papel do compromisso emocional em produzir uma acção efectiva.*

Ao manifestar a sua ‘crença’ neste terceiro ponto do seu *Credo*, Van Potter enuncia o alvo que pretende atingir: *o aprimoramento de uma unidade maior da sociedade, e compatível com as necessidades da mesma sociedade!* É um desiderato a

---

<sup>210</sup> BEZERRA, João - Comunicação apresentada no VI Congreso Mundial de Bioética, realizado em Gijón (Espanha), de 18 a 21 de Maio de 2009, subordinada ao tema “Pobreza y mirada ético espiritual, sentiente y sanante”, publicado na Revista *Staurós – Teología de la Cruz*, nº 49, Madrid, 2010, pp.77-83.

ser alcançado a longo prazo, mas mediante acções efectivas, já no presente. Pelo diálogo dos membros das sociedades é possível alcançar o que Van Potter nos fala. Não deixa de ser complexo este seu desejo: *o do aprimoramento de uma unidade maior da sociedade* atendendo ou tendo presente que também é complexa a diversidade de pessoas que constituem uma sociedade e nem sempre o diálogo é possível devido às diversidades múltiplas das próprias pessoas e das circunstâncias em que cada uma vive. Isto exige que, de facto, se tente *ouvir os pontos de vistas dos outros, sejam este de minoria ou de maioria, e reconhecer o papel do compromisso emocional em produzir uma acção efectiva*. O que será que Van Potter entende por *compromisso emocional* tão relevante para ele na produção de uma acção efectiva? Isto leva-nos a rever o que se pensa sobre a interacção entre emoção e acção, de forma a que aquela torne a acção efectiva.

Penso que a reflexão que José Roberto Goldim apresenta num artigo extraído da Internet nos favorece um ponto de vista para a reflexão sobre a importância da *visão moral compartilhada* caracterizante de uma sociedade, de tal forma importante que *sem ela a sociedade não seria sociedade*. Passo a apresentar um excerto da sua reflexão que começa pela distinção entre *moral e ética*: “A Moral e a Ética se referem às acções humanas. A Moral refere-se às normas do agir correcto, enquanto que a Ética é a reflexão sobre as justificativas destas acções. A Moral é prescritiva enquanto que a Ética é o estudo geral do que é o bem ou mal. A palavra Moral tem origem no latim - *morus* - significando os usos e costumes. Ética, de origem grega, tem duas origens possíveis. A primeira é a palavra grega *éthos*, com e curto, que pode ser traduzida por *costume*, a segunda também se escreve *éthos*, porém com e longo, que significa *propriedade do carácter*. A primeira é a que serviu de base para a tradução latina *Moral*, enquanto que a segunda é a que, de alguma forma, orienta a utilização actual que damos a palavra *Ética*. **Warnock propôs que uma sociedade é caracterizada por uma visão moral compartilhada, sem ela não seria uma sociedade.**”

Assim sendo, será esta visão moral compartilhada que favorecerá o desejável diálogo, tornando possível ouvir os pontos de vistas dos outros, sejam este de minoria ou de maioria, e reconhecer o papel do compromisso emocional em produzir uma acção efectiva. Vemos a importância que assume a relação do indivíduo com a própria sociedade. “Esta característica expressa a forma individual ou colectiva com que cada pessoa do grupo ou categoria se relaciona socialmente. Os países anglo-saxões têm como marca o individualismo, a busca constante da preservação da autonomia do

*indivíduo frente a sociedade. Existe um reconhecimento e um incentivo à postura de que o indivíduo é o foco da discussão, o centro das atenções. Nos países latinos, em contrapartida, as famílias são mais amplas e os vínculos familiares mais perenes. Existe nestas culturas um grande compartilhamento de convívio e informações entre seus membros. Esta característica individual ou colectiva da sociedade tem grandes implicações na Ética Aplicada à Saúde. Situações que envolvem sigilo, privacidade, consentimento informado podem ser abordadas de forma bastante diversa, podendo ser consideradas adequadas de acordo com o grupo ou categoria a que estão sendo referidas. A noção de privacidade, por exemplo, é muito mais facilmente compreendida em culturas individualistas que colectivas. Nos países latinos os indivíduos expõe mais facilmente detalhes íntimos de sua vida que nos anglo-saxões. Desta forma, as pessoas compartilham mais informações pessoais umas das outras.*<sup>211</sup> Trago este excerto de José Roberto Goldim, como referi extraído da Internet, apenas para salientar a tal complexidade do ponto nº 3 do *Credo* de Van Potter.

Compreendo assim melhor que a salvaguarda da *unicidade da pessoa* não deverá ser obstáculo à *sua necessidade instintiva de contribuir para o aprimoramento de uma unidade maior da sociedade*. A *unicidade de cada um* esforçar-se-á por estabelecer permanente ponte bioética, através das gerações. Atentemos neste apontamento que também me parece interessante e significativo, tendo presente a tal *ponte*, termo acima mencionado, assim como a relevância de tópicos já acentuados com problemas ambientais, questões de saúde, etc. Vejamos: Na Internet deparei-me com este texto de José Roberto Goldim:

*“A melhor maneira de entender o que é Bioética talvez seja acompanhar a evolução de sua definição ao longo do tempo. O Prof. Van Rensselaer Potter propôs, em 1998, que a Bioética está actualmente no seu terceiro estágio de desenvolvimento. Caracterizou o primeiro estágio como sendo o da Bioética Ponte, o segundo como o da Bioética Global e o terceiro, e actual, como o da Bioética Profunda. A proposta original da palavra Bioética, feita em 1970, pelo Prof. Van Rensselaer Potter, tinha uma grande preocupação com a interacção do problema ambiental às questões de*

---

<sup>211</sup> Trabalho apresentado na I Jornada de Ética e Globalização, Porto Alegre, 26/03/98, pelo Professor José Roberto Goldim, subordinado ao tema *Bioética, Cultura e Globalização*.

*saúde. Suas idéias baseavam-se nas propostas do Prof. Aldo Leopold, especialmente na sua Ética da Terra. Actualmente, esta primeira proposta é classificada por ele próprio como Bioética Ponte, especialmente pela característica interdisciplinar que foi utilizada como base de suas ideias. Esta primeira reflexão incluía um grande questionamento sobre a repercussão da visão de progresso existente na década de 1960. O termo **Bioética**, ainda durante a década de 1970, devido à crescente repercussão dos avanços na área da saúde, foi sendo utilizado em um sentido mais estrito. Estas propostas foram feitas, especialmente, pelo Prof. Warren Reich e pelo Prof. LeRoy Walters, ambos vinculados ao Instituto Kennedy de Ética, da Universidade Georgetown/Washington DC, e Prof. David Roy, do Canadá. Estes autores restringiram esta reflexão apenas às questões de assistência e pesquisa em saúde. Outros autores, como o Prof. Guy Durant, do Canadá, também assumiram esta posição ao longo da década de 1980, mantendo a base interdisciplinar da proposta original. Esta visão restritiva foi incorporada pela base de dados Bioethicsline, que consolida a produção de conhecimento na área de Bioética. O Prof. Warren Reich reiterou, em 1995 sua perspectiva para o termo, incorporando à sua proposta de Bioética as perspectivas interdisciplinar, pluralista e sistemática. Em 1988, o Prof. Potter reiterou as suas ideias iniciais criando a Bioética Global. O Prof. Potter entendia o termo global como sendo uma proposta abrangente, que englobasse todos os aspectos relativos ao viver, isto é, envolvia a saúde e a questão ecológica. O Prof. Tristran Engelhardt defendeu a proposta de que a Bioética é uma proposta pluralista. Esta proposta também teve diferentes interpretações. Alguns autores, como os Profs. Alastair V. Campbell e Solly Benatar entenderam o termo global não no sentido de abrangente, desde o ponto de vista interdisciplinar, mas como uma visão uniforme e homogênea em termos mundiais, enquadrando-a no processo de globalização. Ou seja, que seria estabelecido um único paradigma filosófico para o enfoque das questões morais na área da saúde, caracterizando uma nova forma de "imperialismo". Com o objectivo de resgatar a sua reflexão original, o Prof. Potter propôs, em 1998, a nova definição de Bioética Profunda, em 1998. Esta denominação foi utilizada pela primeira vez pelo Prof. Peter J. Whitehouse, aplicando à Bioética o conceito de Ecologia Profunda, do filósofo norueguês Arne Naess. Esta proposta abrangente e humanizadora da Bioética já vinha sendo defendida por outros autores, tal como o Prof. André Comte-Sponville. Em 2001 o Programa Regional de Bioética, vinculado a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) definiu bioética igualmente de forma*

*ampla, incluindo a vida, a saúde e o ambiente como área de reflexão. O fundamental notar como é importante para Potter manter na Bioética as características fundamentais - ampla abrangência, pluralismo, interdisciplinaridade, abertura e incorporação crítica de novos conhecimentos - em todas as suas propostas de definições.*”<sup>212</sup>

Intencionalmente trouxe para aqui os excertos transcritos porque me ajudaram a contextualizar, não só este 3º ponto do *Credo* de Van Potter, mas também os anteriores e posteriores.

O alvo que Van Potter pretende atingir, acima mencionado, isto é o *aprimoramento de uma unidade maior da sociedade, e compatível com as necessidades da mesma sociedade*, assim como o seu desiderato de se alcançar a longo prazo, mas mediante acções efectivas, já no presente, e isto através do diálogo dos membros das mesmas, este ou estes alvos, pelas referências que já fiz e farei, vejo-os também na primeira linha do pensar e agir de Paulo da Cruz, bem visíveis nas suas acções efectivas junto dos mais desprotegidos da sociedade e a partir dum eficiente diálogo.<sup>213</sup> Sem margens de dúvida, Paulo da Cruz procurou também o *aprimoramento de uma unidade maior da sociedade*, partindo dum alicerce muito consistente fundamentado naquilo que foi o alicerce do seu pensar e agir: o levar soluções para os graves problemas de uma sociedade afectada por injustiças e imoralidades, por falta de cultura e de muitos outros males, para os quais encontrava o segredo do remédio para todos a partir da vertente espiritual: no fazer memória da Paixão de Jesus Cristo, presente sempre na humanidade, está a solução para os males de todos os tempos. Paulo da Cruz estabelece uma Ponte Bioética, que perdura até aos nossos dias, com *acções efectivas*!. Enrico Zoffoli considera “*formas extraordinárias de actividade apostólica de Paulo da Cruz aquelas relacionadas com circunstâncias excepcionais, como a necessidade de assistir ao*

---

<sup>212</sup> Texto de José Roberto Goldim, sobre A Evolução da Definição de Bioética na Visão de Van Rensselaer Potter 1970 a 1998 - Palestra apresentada em vídeo no IV Congresso Mundial de Bioética. Tóquio/Japão: 4 a 7 de novembro de 1998. Texto publicado em *O Mundo da Saúde* 1998;22(6):370-374. Campbel AV. Bioética Global: sonho ou pesadelo ? *O Mundo da Saúde* 1998;22(6):366-369. Benatar S. Imperialism, research ethics and global health, *J Med Ethics* 1998;24(4):221-222.

<sup>213</sup> Uma parte do tempo histórico de Paulo da Cruz foi passado durante a guerra presente em Itália. Enrico Zoffoli trata deste assunto no I volume de *S. Paolo della Croce – Storia critica*, vol. I, Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, cap. VII, pp. 425-457. O autor fala-nos da assistência que dava às tropas, da forma como era respeitado. Foi, inclusive, *capelão* das tropas austríacas, tendo sido o seu anjo. Entre tropas espanholas, austríacas, alemãs e outras ele circulava livremente, sendo acolhido por todos com a *acostumada e incondicional confiança de sempre* (p.431).



*próximo nos casos das epidemias, de guerras e de outros do género. Vimos e admiramos Paulo da Cruz no campo de batalha durante o cerco dos Presídios (Guarnição) de Toscana e sabemos que de bom grado estaria junto dos empestados, se fosse necessário.*”<sup>214</sup> Convince-nos, como ponto de convergência com os princípios bioeticistas de Van Potter, esta atitude revelada em *acções efectivas*, a partir da sua *unicidade como pessoa*, contribuindo **para o aprimoramento de uma unidade maior da sociedade**. Paulo da Cruz acredita que, ouvir e respeitar os pontos de vista dos outros pode ser útil para que os membros da sociedade se sintam mais felizes no reencontro com a fonte da felicidade que é o bem-estar interior ou a paz portadora de homeostase da pessoa.

Paulo da Cruz foi um exímio humanista que sabia “*ouvir os pontos de vista dos outros, sejam este de minoria ou de maioria, e reconhecer o papel do compromisso emocional em produzir uma acção efectiva*” sintonizando o seu agir com os sentimentos do outro, onde sempre via o Outro, na linguagem Bíblica e de Lévinas!

**4. Creio na inevitabilidade do sofrimento humano que resulta da desordem natural das criaturas biológicas e do mundo físico, mas não aceito passivamente o sofrimento que é resultado do tratamento desumano de pessoas ou grupos.**

**Compromisso:** *Enfrentarei meus próprios problemas com dignidade e coragem. Assistirei aos outros na sua aflição e trabalharei com o objectivo de eliminar todo sofrimento desnecessário à humanidade.*

Tendo presente o que já avancei na análise dos pontos anteriores do *Credo* de Van Potter, vou aferindo conclusões acerca de convergências e sintonia de pensamento entre Paulo da Cruz e Van Potter. Sobretudo, as afinidades convergem muito face a esta afirmação de Van Potter, quando diz que “*não aceita passivamente o sofrimento que é resultado do tratamento desumano de pessoas ou grupos.*” Um ponto de convergência perfeito com o sentimento e pensamento de Paulo da Cruz, acerca do sofrimento, ponto que, aliás, será um dos capítulos desta minha tese. Neste momento, e sobre o assunto em causa, Paulo da Cruz rubrica na totalidade o compromisso de Van Potter: “***Enfrentarei meus próprios problemas com dignidade e coragem. Assistirei aos outros na sua aflição e trabalharei com o objectivo de eliminar todo sofrimento desnecessário à humanidade.***” Face ao sofrimento, ora seu ora dos outros, são inúmeros os passos em

---

<sup>214</sup> Zoffolli, Enrico - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, vol. III, Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, p. 1900.

que Paulo da Cruz expõe o que pensa, e a sua atitude para resolvê-lo, é activa e não passiva. Mesmo a aceitação tem de ser perspectivada de uma forma activa! E sendo resultado *do tratamento desumano de pessoas ou grupos*, então a sua atitude é ainda mais activa, ora através da sua presença onde mais se sofre, ora por meio de Cartas encorajadoras, que o minorem ou eliminem. É natural que Van Potter se situe num outro plano, chamando a atenção para a questão da saúde, onde a falta de humanização ou de falta de formação integral ou de sentimentos nos agentes de saúde pode levar a esse *tratamento desumano de pessoas ou grupos*. Mesmo assim sendo, também Paulo da Cruz partilha deste ponto de vista ao posicionar-se, pela sua acção efectiva, junto dos doentes e das pessoas que viviam em situações de perigo, devido a factores ambientais (como o caso já dissecado neste trabalho relacionado com os habitantes das marismas), ou em situações de internamento em hospitais da época. Paulo da Cruz considerava o hospital como “*uma fornalha, um forno de caridade*”<sup>215</sup>. Ele trabalhou no hospital de S. Gallicano, em Roma, onde não era muito famosa a forma de tratamento usada neste hospital, incompatível com a sensibilidade de Paulo da Cruz, conforme nos relata Enrico Zoffoli na sua obra.<sup>216</sup> O trabalhar neste hospital, com uma determinada espiritualidade, só beneficia os doentes e também alimenta, realiza e enriquece o espírito dos agentes de saúde. Vejamos o que Paulo da Cruz escreve a propósito desta sua estadia neste hospital de S. Gallicano: “*Parámos no hospital, escreve a Tuccinardi, que nos apreço sempre oportuno para sermos todos sacrificados ao divino Amor*” (...) “*depois iremos juntos (ele e o seu irmão João Baptista) com santa alegria abraçar o nosso caro Jesus presente nos seus pobrezinhos.*”<sup>217</sup> Foram anos de serviço sacrificado ao serviço “*dos doentes tinhosos*”<sup>218</sup>, naquela “*vinha (...) preciosa ou, para melhor dizer, fornalha de caridade*”<sup>219</sup>, que assim considerava o hospital romano de S.

<sup>215</sup> Zoffoli, Enrico - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, vol. I, Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, p. 365; vol. II, 620, 623.

<sup>216</sup> Zoffoli, Enrico - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, vol. I, Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, p. 365; vol. I, pp. 362-363.

CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº XXXI, escrita a E. Tuccinardi (2ª), - SS. Annunziata, Gaeta -, no dia 21 Setembro de 1726, Volume II, pp. 69-70, citada também por Zoffoli, Enrico - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, vol. II, Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, p. 365; vol. II, 620..

<sup>218</sup> Idem – Carta nº XXXVII, escrita ao mesmo (8ª), no dia 11 de Março de 1728, Volume II, pp. 78-79, citada também por Zoffoli, Enrico - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, vol. II, Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, p. 365; vol. II, 620..

<sup>219</sup> Idem – Carta nº XXXIII, escrita ao mesmo (4ª), no dia 04 de Janeiro de 1727, Volume II, pp. 71-72, citada também por Zoffoli, Enrico - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, vol. II, Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, p. 365; vol. II, 620..

Gallicano.<sup>220</sup> Chamava de “*os meus queridos pobrezinhos*” às pessoas ‘pobres e abandonadas’, principalmente aos doentes. Já de idade avançada, em 1769, quando se radicou em Roma, manifestava-se desgostoso por não poder ir aos doentes e ouvi-los em confissão, para animá-los e encorajá-los. Tudo depende de uma perspectiva e a de Paulo da Cruz, era realizar *acções efectivas*, no dizer de Van Potter, que produzissem uma outra qualidade de vida a quem dela não usufruía e **“assistir aos outros na sua aflição e trabalhar com o objectivo de eliminar todo sofrimento desnecessário à humanidade”**. Assim o desejava Van Potter, e assim o fez Paulo da Cruz! É uma linha de pensar e agir bioeticista, a meu modo de ver, o que me justifica estudar ***o pensamento bioético de Paulo da Cruz, no seu epistolário!***

A confirmar ainda o acima transcrito, e efectivamente segundo os testemunhos de contemporâneos seus, por ex., do Passionista, Irmão Francisco, registo: “*Se não fosse surdo, queria ir ao hospital de S. Giovanni, pela manhã até ao meio dia, lá regressando depois do almoço até à tardinha para ouvir as confissões daqueles pobres doentes e ajudá-los com a maneira que me fosse possível. Mas faltam-me as forças!*”<sup>221</sup> E o Irmão Bartolomeu confessou nos Processos de Beatificação: “*repetia muitas vezes: Oh!, que grande vinha é o hospital! Um grande bem se faz juntos dos doentes. Sejam benditos, abençoados! – dizia aos Religiosos. Ide ajudar aqueles pobrezinhos! Ah, se eu não fosse surdo e assim indisposto, oh, como lá iria alegremente e de boa vontade. Mas Deus não o permite e fico contente*”.<sup>222</sup>

O Ponto nº 4 do *Credo* e respectivo *Compromisso* de Van Potter, indiciam o sentimento de solidariedade com que sofre e de vontade de resolver tal problema: *Assistirei aos outros na sua aflição e trabalharei com o objectivo de eliminar todo sofrimento desnecessário à humanidade*. Sentimento altruísta e profundamente humanista, que contrasta contra todo o tipo de acção deshumanizante e egoísta. A propósito, e para confirmar esta onda sintonizante com o pensamento de Van Potter face ao sofrimento, não resisti a deixar de transcrever o que se segue:

Sempre se sofreu. Sempre se sofre. Sempre se sofrerá. Os males do seu tempo

<sup>220</sup> Mais informação sobre a história da presença de Paulo da Cruz, juntamente com seu irmão João Baptista no hospital de S. Gallicano (Roma), e da sua relação com os doentes, in Zoffolli, Enrico - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, vol. I, Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, pp. 325- 344, 358, 360 ss.; vol. II, pp 619, ss., 623; vol. III, pp. 922, 2253..

<sup>221</sup> Irmão Francisco, POR 869, citado por Zoffolli, Enrico - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, vol. II, Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, p. 623..

<sup>222</sup> Irmão Bartolomeu, POR 2274, citado por Zoffolli, Enrico - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, vol. II, Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, p. 623..

continuam, infelizmente, a serem os do nosso. Curiosamente, numa circular enviada pela ‘Fundação Ajuda à Igreja que sofre’, de 07 de Novembro de 2007, pode ler-se o seguinte: *“Há muitos anos que a população do Darfur sofre consequências de uma guerra cruel no coração do continente africano. Como celebrar o Natal quando há pessoas que vivem com medo, na miséria e incerteza de uma paz que tarda em chegar? Recentemente o Papa Bento XVI explicou-nos que a paz de Cristo não é ‘ausência de conflitos’, mas ‘luta contra o mal’. Por este motivo, ‘ser instrumento da sua paz’ quer dizer ‘vencer o mal com o bem’. Isto está ao nosso alcance! (...) Devemos partilhar um pouco daquilo que somos e que temos com os que nos rodeiam e os que mais precisam, com os pequenos e marginalizados, com os que sofrem a solidão ou a perseguição. São eles os ‘privilegiados’ de Deus. Este ano temos a alegria de receber a visita do D. Daniel Kur Adwok, Bispo Auxiliar de Cartum, no Sudão, que vem falar-nos sobre os desafios e dificuldades de ser cristão no Sudão, no deserto, no Darfur, nos campos de refugiados... Tem nas suas mãos o relatório ‘Sem Lugar na Estalagem’, um texto esclarecedor sobre a situação difícil da Igreja do Sudão, numa clara alusão à cena bíblica onde Maria e José não encontraram lugar nas estalagens de Belém. Há precisamente 60 anos, ao iniciar a aventura de ajuda aos cristãos necessitados, o Padre Werenfried constata que as coisas não mudaram muito: ‘Continua a não haver lugar para Cristo. Porque as pessoas continuam a deixar-se conduzir pelo seu próprio egoísmo. E porque na realidade não lhes interessa desde que, elas próprias, estejam bem aquecidas e estejam em boas mãos (...) Muitos de nós estamos bem aquecidos. Temos uma casa, janelas de vidro para nos protegerem contra o frio (...) Mas será que nos lembramos que lá fora há milhares de ‘Marias’ e ‘Josés’? Que Cristo chora nos pobres, nos sem-abrigo e nos doentes e em todos aqueles a quem Ele chamou os mais pequenos de entre os Seus, e em cuja miséria Ele esconde o Seu rosto divino-humano’?”*

Como vemos, neste excerto perpassa uma ideologia, uma marcante espiritualidade, com o objectivo de sacudir o espírito das pessoas para a realidade do sofrimento, incentivando-nos à realização de *acções efectivas*! Sabemos que a Bioética é aconfessional. No entanto, para a resolução dos seus múltiplos problemas ou para a consecução dos seus objectivos, poderão contribuir os princípios humanistas/humanitários próprios de muitas convergências ideológicas, que accionam as ideias positivas e eficazes!.... De muitas, mesmo, e todas terão de ser aproveitadas para que realidades tão gritantes que ‘matam’ o ser e pessoas humanas possam ser

atenuadas e resolvidas.

Eis porque nos parece de importância muito relevante este aspecto da antropologia de Paulo da Cruz, que leva a marca de uma espiritualidade e que o levou a tentar resolver os problemas que afligiam os mais pobres do seu tempo, e cuja tarefa nos compete a todos, pois não nos parece que nos assista o direito de passarmos indiferentes às injustiças, à pobreza, ao sofrimento e à dor que afligem milhões em todo o Planeta Terra. A Bioética, assim penso, receberá de braços abertos todo o contributo e apoio que se possa prestar para minorar os males que afectam as pessoas e o ambiente.

Insisto, um pouco mais, para reforçar as suas convergências com Van Potter no que diz respeito a este ponto nº 4 do seu *Credo*, no que Paulo da Cruz, nos seus escritos, nos apresenta sobre pontos de vista concretos e operacionais no que se refere a este aspecto da sua antropologia: *A visão do homem e as propostas de solução para resolver problemas dos mais desprotegidos e injustiçados*.

Em determinada altura, Paulo da Cruz exteriorizou o que lhe ia na alma: sentia-se agastado com os reveses provocados pelas mais diversas causas e contingências da vida... Desabafou com João Baptista, seu irmão de carne e de vida religiosa, que, para o confortar, se limitou a dizer-lhe: Então, Pe. Paulo, não é o Senhor que nos diz ***que toda a obra de Deus leva a marca do sofrimento?***

A obra que Paulo da Cruz pretendia levar a bom termo era a fundação da Congregação da Paixão, ou, por outras palavras, a fundação dos Missionários Passionistas. Tal empreendimento revestiu-se de muitas dificuldades, de muitos sofrimentos, de muitas e muitas tribulações. Parece mesmo que isto é um condimento indispensável na realização de tudo quanto favorece o desenvolvimento da *Criação*, obra de Deus.

Esta reflexão pode centrar-se precisamente neste ponto: porque somos elementos do Universo, criados à imagem e semelhança de Deus, compete-nos continuar a desenvolver e accionar o que favorece o Progresso da Criação, realizando obras que correspondam à Vontade de Deus. O pensamento de Paulo da Cruz, de que "toda a obra de Deus leva a marca do sofrimento", estimular-nos-á a tomar consciência de que não devemos desanimar nem cruzar os braços perante os reveses, cruces, angústias, sofrimentos, etc., da vida, porque esta traz consigo inerentes todos esses e outros elementos! Também Paulo de Tarso, o Apóstolo, nos incita a não nos deixarmos perturbar pelas tribulações e pelos sofrimentos (1 Tes., 3,3-5).

Não se é masoquista quando se afirma que: O sofrimento avigora o carácter; (Ap., 2,10); O sofrimento amadurece a personalidade; O sofrimento forma integralmente a

pessoa humana; O sofrimento centra o homem na sua condição de ser humano; O sofrimento lima as ilusões e purifica as intenções; O sofrimento ajuda a ver o Mundo duma forma mais coerente e objectiva; sofrimento espicaça as vontades para realizações sempre criativas; O sofrimento dá mais consistência às raízes...; produz constância (Rom., 5,3-5; 12,12). O sofrimento leva-nos a orar (Tiago, 5,13). O sofrimento, por incrível que pareça, projecta-nos para novas aventuras, porque é a alavanca dos fortes de espírito!...

Flores há que rescendem por entre espinhos. Não são estes que abafam a sua missão de serem o que são: voz de Deus, pregadoras do poder, da beleza e da bondade do nosso Deus (S. Paulo da Cruz). As maravilhosas obras que o homem realiza são fruto de muito sofrimento. Não é este que impede a sua concretização. As mães aceitam o sofrimento, indispensável para dar vida... Os atletas lutam no sofrimento, para poderem triunfar... Os santos aceitam o sofrimento como caminho para a identificação com o modelo Jesus de Nazaré...

Pelo sofrimento aprende-se a obedecer: Jesus Cristo, "apesar de Filho de Deus, aprendeu a obedecer, sofrendo e, uma vez atingida a perfeição tornou-Se para todos os que lhe obedecem fonte de salvação eterna" (Hebreus, 5,8-9). Obedecer ao Evangelho, não é tarefa fácil... mas é obra de Deus... (1.ª Pedro, 4,17-19).

Jesus Cristo veio comunicar ao homem, pela Sua própria vida, que o sofrimento ou a teologia da Cruz não são nada de doentio. Na Sua Perspectiva, o sofrimento e a cruz são *Redentores! Libertadores! Salvadores!* Pelo menos, foi assim que Ele os assumiu: "Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na Sua glória?", (Lc. 24,26).

O sofrimento de Jesus é redentor, libertador, salvador, porque tem a seiva do AMOR! Este é o elemento que rejuvenesce e dá sentido a tudo quando existe... Jesus Cristo veio situar o homem no essencial da vida; veio despertá-lo para a verdadeira realidade da existência: viver-amando, servir-sorrindo;-sofrer-amando e sorrindo. Assim, completamos na nossa carne o que falta à Paixão de Cristo. (Col. 1,24).

O sofrimento permite-nos compreender melhor o nosso "mundo" e o daqueles que vivem ou se cruzam connosco, incentivando-nos a realizar "outras" obras de Deus: *"E porque Jesus Cristo sofreu e foi tentado é que pode socorrer os que são tentados"* (Hebreus 2,18); *"Deus consola-nos em todas as nossas tribulações a fim de podermos consolar, com a mesma consolação com que somos consolados, aqueles que estão atribulados. Pois, assim como crescem em nós os padecimentos de Cristo, crescem também por Cristo as nossas consolações. Se somos atribulados, é para vossa consolação; se somos confortados, é para vosso conforto e salvação, a qual I se efectua em vós pela*

*paciência em tolerar os sofrimentos que nós também suportamos"* (2.ª Cor., 1,4-6). Deus enxugará as lágrimas dos que choram (Ap. 21,4).

Não deixam, porém, de nos desconcertar, humanamente falando, as palavras de Pedro: *"É uma graça o suportar contrariedades, sofrendo injustamente por amor de Deus. Que mérito tereis, se, praticada a falta, sofreis pacientemente o castigo? Mas, se, fazendo o bem, sofreis com paciência, isto é agradável aos olhos de Deus. Ora, é para isto que fostes chamados, porque Cristo também sofreu por nós, deixando-vos o exemplo para que sigais os Seus passos. Ele que não cometeu pecado, e cuja boca não proferiu mentira"*, Ele que, quando O insultavam, não insultava, e sofrendo não ameaçava, mas Se entregava Àquele que julga com justiça. Ele que suportou os nossos pecados no Seu corpo, sobre o madeiro, a fim de que, mortos para o pecado, vivêssemos para a justiça: *"Pelas Suas chagas fostes curados"* (1.º Pedro, 2,19-24). E ainda: *"Alegrai-vos em ser participantes dos sofrimentos de Cristo, para que vos possais alegrar e exultar no dia em que for manifestada a Sua glória. Se sois ultrajados pelo nome de Cristo, bem-aventurados sois vós, porque o espírito de glória, o Espírito de Deus, repousa sobre vós. Que nenhum de vós sofra por ser homicida, ladrão, difamador, ou por cobiçar os bens alheios. Mas, se sofre por ser cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus por ter este nome"* (1.º Pedro, 4,13-16; 2.ª Cor. 12,10; 2 Tim. 1,10-12; 1.ª Pedro, 3,14-18).

Jesus Cristo transmitiu-nos, pelo Seu testemunho, pelas Suas palavras e pela Sua vida, que o sofrimento é inseparável das obras de Deus... Este assunto projecta-nos na contemplação dos Seus insondáveis desígnios de amor...

O sofrimento aceite e posto nas mãos de Deus é como o cinzel nas mãos do artista, como a lima na mão do artesão, ou como o bisturi nas mãos do médico: purifica, cura, lima arestas, dá formas e aperfeiçoa o encaracterístico; o sofrimento modela a alma, como o fogo modela os metais...

O sofrimento é uma linha azul que nos permite entrar em contacto com a eternidade...; aliás, ele só tem sentido, quando dimensionado pela linha azul da escatologia... A propósito, diz-nos Paulo da Cruz: *"Temos uma eternidade para gozar... Que são, portanto, as tribulações desta vida?"*. E ainda: *"É tão grande a felicidade que nos está preparada que devemos reputar em nada os nossos sofrimentos"*. De facto, os sofrimentos da vida presente não se comparam com a glória futura (Rom. 8,18).

Para se captar o valor do sofrimento há que estar com os olhos da alma muito

desembaciados... Até porque as grandes lições sobre o valor do mesmo, vêm-nos de quem nele vive mergulhado.

Senti-me muito animado e edificado quando ouvi duma mãe cancerosa o seguinte:

“Todos os dias, a minha oração da manhã, consiste nisto: Obrigado, Senhor, por mais este dia que me dás”. Esta mãe sabia (porque já faleceu) que Deus nos consola na tribulação (2ª Cor., 1,3-7). Por isso, ela vive plenamente o seu dia, dando graças, cantando louvores, servindo, sorrindo e amando..., apesar de apertada e sufocada pelos espinhos... Procura ser sorriso de Deus, no meio do sofrimento. Porque alegria, sorriso, compreensão, entreaajuda, dádiva, são obras de Deus..., e levam a marca do sofrimento!...

Tudo quanto registei, foi para reforçar este ponto de convergência do que pensam Paulo da Cruz e Van Potter, a propósito do *sofrimento*, expresso no seu **Ponto nº 4: *Creio na inevitabilidade do sofrimento humano que resulta da desordem natural das criaturas biológicas e do mundo físico, mas não aceito passivamente o sofrimento que é resultado do tratamento desumano de pessoas ou grupos.***

**Compromisso:** *Enfrentarei meus próprios problemas com dignidade e coragem. Assistirei aos outros na sua aflição e trabalharei com o objectivo de eliminar todo sofrimento desnecessário à humanidade.* Paulo da Cruz não aceitou passivamente o sofrimento, pois tudo depende **da perspectiva!** E que trabalhou activamente para o eliminar, foi o que tentei provar.

**5. *Creio na finalidade da morte como uma parte necessária da vida. Afirmo minha veneração pela vida, creio na necessidade de fraternidade agora, e que também tenho uma obrigação para com as futuras gerações da espécie humana.***

**Compromisso:** *Viverei de uma forma tal que será benéfica para as vidas de meus companheiros humanos de hoje e do futuro, e que serei lembrado com carinho pelos meus entes queridos.*

Este ponto nº 5 do *Credo* de Van Potter aborda um assunto (**a morte**) a que Paulo da Cruz acrescenta pormenores de relevo. O tema da *morte* fará parte de um capítulo desta minha tese. De momento, ocorre-me salientar:

-Indiscutível o posicionamento de Van Potter face à morte: ***Creio na finalidade da morte como uma parte necessária da vida.***



-Pertinente, muito expressivas e significativas as suas convicções ao ***afirmar a sua veneração pela vida***; ao ***crer na necessidade de fraternidade agora***; e a de ***que também tem uma obrigação para com as futuras gerações da espécie humana***.

Estas convicções levam Van Potter a assumir uma postura na vida, também ela significativa, através de um ***Compromisso: Viverei de uma forma tal que será benéfica para as vidas de meus companheiros humanos de hoje e do futuro, e que serei lembrado com carinho pelos meus entes queridos***.

O reflectir na inevitável realidade do deixar de viver biologicamente para se continuar a viver eternamente (para os crentes) só faz bem aos mortais, pois ajuda-nos a viver bem para um melhor morrer. Este viver bem é um ***afirmar a veneração pela vida***, é valorizá-la e aproveitá-la. Viver bem é ***fomentar a fraternidade –hic et nunc-***. Viver bem é uma aprendizagem contínua que enobrece o espírito, pois tendo presente a finitude da vida há que investir no essencial, o que exige *viver de uma forma tal que seja benéfica para as vidas de meus companheiros humanos de hoje e do futuro*; é este estilo de vida que faz com que alguém *seja lembrado com carinho pelos entes queridos*.

Paulo da Cruz foi muito sensível à realidade da morte. Posso afirmar que, também neste ponto, são muito acentuados os pontos de convergência com o enunciado de Van Potter. Vejamos algum que outro pormenor. A ***veneração pela vida*** leva-o a viver e aconselhar a viver com intensidade a vida de cada dia: ***“Vivei os vossos dias como se cada um fosse o último da vossa vida”***. Paulo da Cruz lança este apelo fundamentado em expressões bíblicas, principalmente neo-testamentárias. Trata-se duma chamada de atenção para que, na nossa vida quotidiana, não percamos de vista o essencial da existência, segundo a perspectiva de Jesus. De nada serve andarmos completamente distraídos, pondo em risco a finalidade da própria vida: ***«Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se, depois, perde a sua alma?» (Mt 16, 26)***. Paulo da Cruz apela á coerência do nosso dia a dia com os princípios da nossa fé, de tal forma que não tenhamos nada a recear com a vinda, sempre inesperada, da morte.

O pano de fundo evangélico que nos alerta para o encontro inesperado com Deus, fez com que surgissem inúmeras e variadas expressões de personagens célebres, quer pelo seu saber quer pela sua santidade, relacionadas com o pensamento de Jesus expresso nas seguintes passagens do Evangelho:

***«Vigiai, porque não sabeis em que dia virá o Senhor» (Mt. 24, 42); «Estai vós também preparados, porque o Filho do Homem virá na hora em que menos pensardes» (Mt. 24, 44; Lc 12, 40).***

Efectivamente, no que diz respeito ao dia ou à hora da morte, à vinda do Filho do Homem ou ao fim dos tempos, **«ninguém o sabe, nem os anjos do Céu, nem o Filho; só o Pai» (Mt. 24, 36; Mc. 13, 32).**

Devido precisamente à surpresa destes acontecimentos é que Jesus insiste na **Vigilância: «Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora» (Mt. 25, 13).**

O Filho do Homem (Jesus de Nazaré) já veio. Ele continua connosco. Ele vive na Sua Igreja por meio do Espírito Santo Consolador (Jo 14, 16; 14, 26; 15, 26; 16, 7). O que ignoramos é quando será a consumação final.

O assunto do último dia da nossa vida terrena penso que deverá preocupar todo o mortal. E, na prática, o fim do mundo coincidirá com o final da vida de cada um de nós. Este é que nos resultará história! A morte surgirá como um **«ladrão»**; como um **«relâmpago»**. São expressões evangélicas. Um dado certo podemos avançar: ela será de repente: **«Quanto ao tempo e à ocasião, irmãos, não precisais que vos escrevam, pois vós mesmos sabeis que o dia do Senhor virá como um ladrão» (I Tes 5, 1-2); «os céus passarão com grande estrondo, os elementos abrasados dissolver-se-ão e a terra e todas as obras, que nela há, serão consumidas» (2 Ped 3, 10).**

Em face desta situação, o Apocalipse (3, 3) recorda-nos: **«Lembra-te de como recebeste e ouviste a palavra; guarda-a e arrepende-te. Se não vigiares, virei a ti como um ladrão, e não saberás a que hora virei»**. E ainda (16,15): **«Eis que venho como um ladrão. Feliz aquele que vigia e guarda as suas vestes, a fim de não andar nu e de não deixar ver a sua vergonha»**.

Paulo da Cruz incentiva-nos a vivermos de tal forma que a morte não nos surpreenda com a consciência indevidamente preparada. Para isso há que guardar a Palavra de Deus na mente, coração e vida; há que permanecer num estado de conversão contínua; há que vigiar e orar constantemente; há que **«guardar as vestes»** da recta consciência...; **há que viver os nossos dias como se cada um fosse o último da nossa vida**.

Jesus Cristo dá-nos o exemplo. Viveu toda a vida a fazer o bem. Em cada dia e em cada momento cumpriu a vontade do Pai. Por isso pôde afirmar nos Seus últimos momentos de vida terrena: **«tudo está cumprido; tudo está consumado» (Jo 19, 30)**. É a exclamação de quem tem consciência em paz por ter realizado plenamente tudo quanto faz parte dos projectos amorosos de Deus sobre si próprio.

João XXIII, o Papa Bom, perante a expectativa da morte, afirmou: **«Tenho as malas preparadas»**.

São muito conhecidas as respostas de alguns santos, por ex. dos jovens São Luis Gonzaga e São Gabriel de Nossa Senhora das Dores (Passionista), à interpelação do que fariam se soubessem que iam morrer nesse dado momento: continuaríamos a fazer o mesmo que estamos a fazer!

Pode assim responder quem se esforça por realizar em cada momento a vontade de Deus, cumprindo com exactidão, fidelidade e amor as suas obrigações.

O que pensa Van Potter sobre a morte, e o mesmo se diga de Paulo da Cruz, é um incentivo para procurarmos manter a paz do nosso espírito em cada momento da nossa existência, para vivermos na alegria e na felicidade cada momento da nossa vida. O passado já se foi. O pensamento da morte deverá servir-nos apenas de experiência vivida, para dela extrairmos lições de sabedoria que nos estimulem a praticar o bem, libertos de toda mesquinhez. O futuro a Deus pertence. Então, vivamos o momento presente com intensidade no amor a Deus e aos irmãos, onde Deus se encontra, e na fidelidade às opções e compromissos assumidos. *Será uma forma inteligente e sábia de vivermos os nossos dias como se cada um fosse o último da nossa vida.* Será que tal forma de viver não estará em plena conexão com o pensamento de Van Potter?

Atentemos ainda nestas expressões de Paulo da Cruz, comprovativas de convergências com o pensamento de Van Potter: pensar na morte ou tê-la presente para valorizar a vida e se viver em fraternidade: -*“Estamos aproximando-nos da eternidade e há que preparar-se a tempo. Aquele que não avança, retrocede”*<sup>223</sup>;

-*“Morre-se, e a morte dos outros deve servir-nos de estímulo para vivermos sempre preparados para esse tremendo passo, que, no entanto, é suavíssimo e dulcíssimo para quem serviu fielmente a Deus, segundo a sua própria vocação”*<sup>224</sup>

- *“Por agora não tenho senão que pensar em cada momento em dispor-me para o meu passo para a eternidade.”*<sup>225</sup>

---

<sup>223</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº CXLI, escrita a D. Agnese Grazi (94ª) – Orbetello, nel Ritiro della Presentazione -, 04 Agosto 1740, Volume I, pp. 256-259.

<sup>224</sup> CRUZ, S. Pablo de la – “*Cartas y Diario Espiritual de San Pablo de la Cruz, Fundador de los Pasionistas*”, Ediciones ‘El Pasionario’, Madrid, 1968, Carta nº 91, escrita a Dª María Juana Venturi Grazi, de Orbetello, no dia 08, de Agosto de 1760, p. 334, correspondente à Carta D (500), na edição original italiana das “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Volume II, p. 32.

<sup>225</sup> Idem - Carta nº 365, escrita a Sor Columba Gertrudis Gandolfi – Toscanella -, no dia 04, de Junho de 1754, pp. 878-879, correspondente à Carta DCCXLXIX (749), na edição original italiana das “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Volume II, pp. 454-456.

Paulo da Cruz viveu em plenitude estes relevantes princípios bioeticistas. O seu estilo de viver influenciou a qualidade de vida de incontáveis pessoas, não só do seu tempo, como dos tempos futuros, sem limite de tempo!... ***Hoje é lembrado e festejado com todo carinho, como Van Potter preconizava para si também.*** São pontos de convergência de pensamento e de agir entre Van Potter e Paulo da Cruz! Mas sobre a morte, como já referi, tal assunto será analisado num capítulo posterior.

***6. Creio que a sociedade entrará em colapso se o ecossistema for danificado irreparavelmente, a não ser que se controle mundialmente a fertilidade humana, devido ao aumento concomitante na competência de seus membros para compreender e manter a saúde humana.***

***Compromisso:*** *Aperfeiçoarei as habilidades ou um talento profissional que contribuirão para a sobrevivência e aprimoramento da sociedade e manutenção de um ecossistema saudável. Ajudarei os outros no desenvolvimento de seus talentos potenciais, mas ao mesmo tempo cultivando o autocuidado, auto-estima e valor pessoal.*

Este tema ou temas abordados por Van Potter neste ponto nº 6 do seu *Credo* toca em assuntos que eu considero polémicos. Afirma que *a sociedade entrará em colapso se o ecossistema for danificado irreparavelmente, a não ser que se controle mundialmente a fertilidade humana*. A saúde, as questões ambientais, a fertilidade humana, etc., são relevantes para Van Potter. No entanto, a questão da fertilidade humana é uma espada de dois gumes, no meu humilde entender. Porquê? Repare-se o que se passa com esta caduca Europa. Devido à falta de fertilidade humana, os horizontes estão muito toldados e a tempestade pode irromper quando menos se pensa! No tempo de Paulo da Cruz, a Europa contava com inúmeras famílias numerosas. Nesse então, havia muita gente e muita fome, muita gente e muita miséria, muita gente e muita falta de saúde! Hoje, a falta de fertilidade na Europa, por exemplo, vai criar problemas sérios no futuro, pois já os está a criar no presente. É evidente também que o filme que passaria diante dos olhos de Van Potter era um filme realista duma China e de outros Países onde o crescimento demográfico acarretava os tais problemas de subsistência futura a que se referia Van Potter. Divergências ou convergências de pensamento entre

Paulo da Cruz e Van Potter neste ponto do seu *Credo*? Tendo presente o *Compromisso de Aperfeiçoar as habilidades ou um talento profissional que contribuirão para a sobrevivência e aprimoramento da sociedade e manutenção de um ecossistema saudável* e de *ajudar os outros no desenvolvimento de seus talentos potenciais, mas ao mesmo tempo cultivando o autocuidado, auto-estima e valor pessoal*, pois tendo isto presente, não duvido, pela leitura do epistolário de Paulo da Cruz, que as *convergências* são acentuadas. Paulo da Cruz *cultivou o autocuidado, a auto-estima e o valor pessoal* de todas as pessoas com quem lidava, ora através da palavra ora através das cartas, que é o que mais interessa realçar.

É conhecida a preocupação de Van Potter pelo rápido crescimento populacional. A questão demográfica preocupou-o. Quando Potter explicita “*que o compromisso em relação à saúde pessoal e familiar se expressa no sentido de limitar os poderes reprodutivos de acordo com os objectivos, nacionais e internacionais*” e que a limitação da superpopulação só se resolverá quando as maiores religiões deixarem de se opor a qualquer tentativa de limitar a fertilidade, “*deixa claro que o diálogo entre ciência e religião não é fácil.*”<sup>226</sup> E é fácil compreender esta dificuldade por motivos que também me parecem óbvios. Aqui há divergência com o pensamento de Paulo da Cruz. Apesar de no seu epistolário não ter encontrado casos ‘conflituosos’ no sentido de seguir uma ou outra corrente no que diz respeito à natalidade, penso que também o ‘respeito mútuo’ deve passar por aqui. O problema dos filhos deverá passar por opções voluntárias e esclarecidas dos progenitores. Paulo da Cruz pensava como era normal na época, no sentido de que o matrimónio se orientava para a reprodução. E isto não deve estranhar a ninguém, pois tal forma de pensar ainda está patente claramente na Encíclica ‘*Humanae Vitae*’ de Paulo VI. Tive a oportunidade de me debruçar sobre ela, num trabalho de Mestrado, subordinado ao tema “***Reler a Encíclica Humanae Vitae no ano de 2001. Encíclica de Paulo VI sobre a recta ordenação da transmissão da vida humana, de 24 de Julho de 1968.***” Em duas das alíneas que abordei, questionava o seguinte: “*Tendo presente o presente e olhando ao futuro, serão utópicos ou reais alguns pontos de vista enunciados na Encíclica?- Que rumo a seguir na praxis pastoral?*” Trago este apontamento apenas para deixar bem patente o que já se sabe: o assunto da natalidade não é tão linear como possa parece. Há países onde se ‘impõe’ uma cautela acerca da ‘redução’ consciente e bem formada, responsável, da natalidade,

---

<sup>226</sup> PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p. 155.

como noutros se deve desenvolver a cultura das famílias serem mais numerosas. Ora, na época de Paulo da Cruz, época em que vigorava o respeito pelo temor de Deus e o dever de se cumprir a Vontade de Deus no respectivo estado, neste caso, do casal, consequentemente as famílias eram numerosas. Basta ter presente que Paulo da Cruz tinha mais 13 irmãos! Por isso, era comum este tipo de aconselhamento, que nos aparece em várias cartas do seu epistolário. Escrevendo a D<sup>a</sup> Ana Cecília Anguillara (Bieda), no dia 09 de Março de 1754, por exemplo, aconselhava-a: “*Digo-lhe, pois, que a vontade de Deus conhece-se claramente e que o Senhor quer que vocês vivam como bons esposos*”<sup>227</sup> Para o nosso caso, não nos interessa muito o contexto, isto é, se a vontade de Deus seria o estarem ou não casados ou enveredar por outro estado de vida, como a consagrada, por exemplo, mas, no contexto deste trabalho, saliento a expressão: “*vivam como bons esposos*”, o que implicava assumirem o que a Igreja ensinava aos cristãos e que aparece bem patente nesta outra Carta de Paulo da Cruz dirigida a Teresa Sanchez-Zelli que, em 22 de Dezembro de 1764 lhe anuncia que estava novamente grávida: “*Agradeça a S.D.M a graça e a honra que lhe faz por fazê-la **fecunda de muitos filhos**; esta graça é muito grande e, por este meio, a senhora ficará enriquecida com as graças sobrenaturais*” (...).<sup>228</sup> O historiador Passionista, Enrico Zoffoli, regista, a propósito deste caso: “*Esta é, em síntese, a expressão mais simples e profunda de uma santidade, que a nenhuma mãe é jamais negada; aquela que tem o dever e o direito de conseguir a pessoa mais preciosa que temos sobre a terra, a mais verdadeira colaboração da Providência na obra da nossa salvação. ‘Acredite em mim, senhora Maria Teresa –insiste com íntima convicção o grande amigo dessa Família- que o Senhor a vê com olhos de especial benignidade e misericórdia, tornando-a mãe de muito filhos, que louvarão o Senhor e por si pelos séculos dos séculos e por toda a eternidade. (...) Jesus a faça santa quanto eu desejo com os seus benditos filhos.*”<sup>229</sup>”<sup>230</sup>

<sup>227</sup> CRUZ, S. Pablo de la – “*Cartas y Diario Espiritual de San Pablo de la Cruz, Fundador de los Pasionistas*”, Ediciones ‘El Pasionario’, Madrid, 1968, Carta nº 133, escrita a D<sup>a</sup> Ana Cecilia Anguillara - Bieda -, no dia 09, de Março de 1754, p. 389, correspondente à Carta MCLXXIX (1179), na edição original italiana das “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Volume III, p. 213-214.

<sup>228</sup> CROCE, S. Paolo dela - “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº MDXXXVIII, escrita a Maria Teresa Sanchez Zelli (4<sup>a</sup>) –Vetralla- no dia 22 de Dezembro de 1764, Volume III, pp. 669-670.

<sup>229</sup> Idem - Carta nº MDXXXVI, escrita a Maria Teresa Sanchez Zelli (6<sup>a</sup>)– Vetralla-, no dia 22 Julho de 1765, Volume III, pp. 672.

<sup>230</sup> ZOFFOLI, P. Enrico, C.P. – *S. Paolo della Croce – Storia Critica, III*, Cúria Generalizia PP.Passionisti – Commissione Storica, Roma, 1968, pp.551-552.

Como educar os filhos, Paulo da Cruz, em várias Cartas do seu epistolário, aconselha as mães e pais o como fazê-lo. Trata-se de uma educação integral, que inclui como ingrediente essencial a vida de oração, de meditação e de cultivo dos valores humanos e espirituais.<sup>231</sup> Como nos dirá Andy Andrews, ao longo do seu livro “*O Mensageiro*”, “*trata-se de uma questão de perspectiva!*”<sup>232</sup> ... É esta questão de perspectiva que explica as divergências possíveis, no que diz respeito ao “*compromisso em relação à saúde pessoal e familiar se expressa no sentido de limitar os poderes reprodutivos de acordo com os objectivos, nacionais e internacionais*”

No que à Família diz respeito, e no que se passa nos vários Continentes, é evidente que os tempos modificaram muito desde Paulo da Cruz até Van Potter! Por isso, compreende-se a expressão deste, respeitante ao compromisso “*em relação à saúde pessoal e familiar se expressa no sentido de limitar os poderes reprodutivos de acordo com os objectivos, nacionais e internacionais.*” No entanto, parece-me redutor e polémico este ponto de vista. A saúde pessoal e familiar que Paulo da Cruz tanto defende no seu epistolário não poderá ser perspectivada como Van Potter explicita. Isto, na minha modesta opinião, apesar de termos presente a sua contextualização, que também não deixa de ser polémica. Aliás, parece opor-se ao que ele regista, no contexto do diálogo entre ciências e religião e a propósito da “*Declaração das Religiões sobre uma Ética Global*”: “*Estamos conscientes de que as religiões não podem resolver os problemas económicos, políticos e sociais da terra. Contudo, elas podem prover o que não podemos conseguir através dos planos económicos, programas políticos e regulamentações legais. As religiões podem causar mudanças na orientação interior, na mentalidade, nos corações das pessoas e levá-las para uma ‘conversão’ de um ‘falso caminho’ para uma nova orientação de vida. As religiões, contudo são capazes de dar às pessoas um horizonte de sentido para suas vidas e um lar espiritual. Certamente as*

---

<sup>231</sup> CROCE, S. Paolo dela - “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº CDXXXIX, escrita a Tomás Fossi (132ª), no dia 11 de Julho de 1765, Volume I, pp. 759-761; Carta nº DCCCXXVII, escrita a Girolomma Ercolani (4ª), no dia 26 de Setembro de 1747, Volume II, pp. 575-576; Carta nº DCCCXXXIV, escrita à mesma Girolomma (10ª), no dia 02 de Agosto de 174, Volume II, pp. 582-583; Carta nº DCCCXLIX, escrita à mesma (25ª), no dia 24 de Abril de 1753, Volume II, pp. 598-599; Carta nº DCCCLXVI, escrita à mesma (42ª), no dia 22 de Julho de 1760, Volume II, pp. 619-620; Carta nº DCCCLV, escrita à mesma (31ª), no dia 22 de Março de 1755, Volume II, pp. 605-607; Carta nº DCCCLIII, escrita à mesma (29ª), no dia 20 de Julho de 1754, Volume II, pp. 603-604; Carta nº DCCCXXXVI, escrita à mesma (12ª), no dia, 28 de Março de 1750, Volume II, pp. 585-586; Carta nº DCCCLVII, escrita à mesma (33ª), no dia 02 de Março de 1756, Volume II, pp. 609-610; Carta nº DCCCXXXII, escrita à mesma (8ª), no dia 15 de Março de 1749, Volume II, pp. 580-581; Carta nº MDXXXVI, escrita a MariaTeresa Sanchez-Zelli (4ª) – Vetralla-, no dia 22 de Dezembro de 1764, Volume III, pp. 669-670; Carta nº MDLXXXV, escrita a E. Rebecchini (carta única), no dia 08 de Julho de 1765, Volume III, pp. 736-737; Cartas citadas em ZOFFOLI, P. Enrico, C.P. – S. Paolo della Croce – *Storia Critica, III, Cúria Generalizia PP. Passionisti – Commissione Storica, Roma, 1968, pp. 552-555.*

<sup>232</sup> ANDREWS, Andy – *O Mensageiro*, Pergaminho, 2010.

*religiões podem agir com credibilidade somente quando eliminarem os conflitos que surgem entre elas mesmas e desmantelarem imagens hostis e preconceitos, medos e desconfianças mútuas”.*<sup>233</sup> Fixemos, intencionalmente, a atenção no que acabamos de ler, texto de Van Potter: **“As religiões podem causar mudanças na orientação interior, na mentalidade, nos corações das pessoas e levá-las para uma ‘conversão’ de um ‘falso caminho’ para uma nova orientação de vida.”** Confirma-se a minha convicção da *eficácia e da utilidade de se fazer uma leitura bioética do pensamento de Paulo da Cruz* porque, de facto, ele, membro de uma Religião e Fundador de uma Congregação Missionária procurou, pelo seu epistolário, trabalhar na orientação interior das pessoas, na sua mentalidade, nos seus corações para levá-las à conversão de um falso caminho tendente a uma nova orientação de vida. Justifica-se o seu contributo, retomando hoje em dia o seu pensamento, na linha bioética de se apostar no bem estar e qualidade de vida das pessoas, através do encontro ou reencontro do sentido de vida. O pensamento de Van Potter também significa que ciência e religião podem caminhar juntas, de mãos dadas *“em função de um objectivo maior, uma causa que interessa a toda a humanidade: garantir o futuro da vida, humana e cósmico-ecológica, no planeta terra.”*<sup>234</sup>

**7. Creio que cada pessoa adulta tem uma responsabilidade pessoal em relação à sua saúde, bem como uma responsabilidade para o desenvolvimento desta dimensão da personalidade em sua descendência.**

**Compromisso:** *Esforçar-me-ei por colocar em prática as obrigações descritas como compromisso bioético para a saúde pessoal e familiar. Limitarei meus poderes reprodutivos de acordo com objectivos, nacionais ou internacionais.*

Não será utópica a visão de Van Potter ao acreditar **que cada pessoa adulta tem uma responsabilidade pessoal em relação à sua saúde, bem como uma responsabilidade para o desenvolvimento desta dimensão da personalidade em sua descendência?** Van Potter assim pensa, mas pessoalmente duvido que as pessoas adultas, de uma forma geral, tenham a desejada responsabilidade pessoal em relação à saúde, assim como que as mesmas desenvolvam tal responsabilidade na sua descendência. Uma das facetas da minha praxis de trabalho, materializada no

---

<sup>233</sup> POTTER, Van, R. – Science, religion must share quest for global survival. *The Scientist* 8 (10), 1-12, 1994, citado por PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.156.

<sup>234</sup> PESSINI, Leo – *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.156.



atendimento de pessoas, não me leva a pronunciar tal ponto do *Credo* de Van Potter com a mesma convicção. Infelizmente. Resta-me, porém, o entusiasmo e a vontade explícita no *seu respectivo Compromisso*. E seja-me permitida esta observação, no que diz respeito ao esforço pela aquisição da saúde pessoal e familiar. Eu acrescentaria também a expressão saúde pública! É evidente que aqui cabe no particular o todo, mas convém que se fale do todo –saúde pública- como consequência da pessoal e familiar! Mas o que está em causa é encontrar ou não divergências ou convergências do pensamento bioético de Paulo da Cruz com Van Potter, no assunto em causa.

Na leitura do seu epistolário nota-se o cuidado que tinha no aconselhamento da preservação da saúde dos seus dirigidos ou dos Religiosos da sua Congregação.<sup>235</sup> Enrico Zoffoli regista, a propósito: “*Sabedor do incomparável dom que é a saúde, principalmente nos membros de um Instituto nascente, Paulo da Cruz não poupava despesas e atenções a fim de que os debilitados não ficassem abatidos e os convalescentes recuperassem as forças. Esta é uma das características dominantes do seu epistolário, uma das provas mais sensíveis do seu excepcional bom senso. E quando os aconselhava, surpreende precisamente porque parece exagerar, sobretudo tendo presente o ascetismo no qual desejava que os seus Religiosos fossem temperados.*”<sup>236</sup> Portanto, é evidente esta convergência de Paulo da Cruz com Van Potter no consignado no *Compromisso* de Ponto nº 7: **Compromisso:** *Esforçar-me-ei por colocar em prática as obrigações descritas como compromisso bioético para a saúde pessoal e familiar.*

Quanto à segunda parte do referido **Compromisso:** *Limitarei meus poderes reprodutivos de acordo com objectivos, nacionais ou internacionais*, é evidente a divergência..., pois nada tem a ver com a vida de Paulo da Cruz! E isto por motivos óbvios! Sobre este pormenor, já me debrucei oportunamente neste III Capítulo, desta minha tese..

Van Potter manifestou-se um defensor relevante de uma ideia – o conceito de autonomia, que pautou seu comportamento pessoal e profissional e as responsabilidades pessoais. “*Ele viveu o seu credo de activista, formulado a partir da responsabilidade*

---

<sup>235</sup> ZOFFOLI, Enrico (Passionista) - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, vol. II., Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, 1963-1968, pp. 319-326.

<sup>236</sup> ZOFFOLI, Enrico (Passionista) - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, vol. II., Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, 1963-1968, p. 319. São muitas as Cartas que Enrico Zoffoli cita a propósito desta solicitude para com os doentes da sua Congregação, nas páginas dos seus três volumes: vol. I: pp. 649, 725, 729, 993, 1045, 1119, 1231, 1400; vol. II: pp. 296, 309-326, 362, 530 ss., 555 ss. 559, 567, 570 ss., 573, 576 ss., 588-601, 780 ss., 792, 799, 618 ss., 894; vol. III, p. 470. Muitas são também as Cartas dirigidas a seculares, onde revela a sua solicitude face à doença que atinge as pessoas.

*social e ambiental. Como bioeticista virtuoso que foi, não apenas viveu sua visão bioética, como também conclamou outros a fazê-lo, alertando que, para merecer ser chamado de bioeticista se deve seguir tal credo. A forte ênfase na ética das virtudes destaca-se na bioética potteriana, que adquire um tom quase de pregação*”<sup>237</sup>. Seguir o Credo de Van Potter dá estatuto de *ser bioeticista*. E cheguei à altura de me interpelar se se justifica continuar a defender a tese que me propus, isto é, a de *fazer uma leitura bioética do pensamento de Paulo da Cruz, expresso no seu epistolário*. Estou convicto de que tal é exequível e original. A esta conclusão me leva este trabalho que acabo de realizar sobre o encontro, reencontro de convergências ou divergências do seu pensamento como o fundador do vocábulo *Bioética* com o pensamento bioético de Paulo da Cruz. Portanto, não discordo da afirmação de *que, para merecer ser chamado de bioeticista, se deve seguir o credo de Van Potter*, apesar de, nalguns pormenores, ter apresentado também as minhas divergências, ou as de Paulo da Cruz. Mas foram muitos mais os pontos de convergência. Não sei até que ponto só se poderá aplicar o termo de *bioeticista* a partir de uma linha sincrónica, *cum aut post Van Potter!*. Pela diacronia, e num recuar, podem-se fazer as leituras bioéticas que só corroboram o pensamento e o agir bioético sempre actual –*hic et nunc*. É esta tarefa de fazer uma leitura bioética do pensamento de Paulo da Cruz no seu epistolário que me leva a passar de imediato a centrar a minha atenção em algumas questões ou assuntos da Bioética perspectivados por Paulo da Cruz. Farei isto, de imediato, nos capítulos que se seguem.

---

<sup>237</sup> PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, pp. 147.-148.

## CAPÍTULO IV

### **Solicitude, Vulnerabilidade, Humanização, a partir do salto da esfera do eros para a alteridade, no pensamento bioético de Paulo da Cruz confrontado com aspectos do pensamento de Levinás.**

Fundamentado nos alicerces apresentados nos três últimos capítulos desta tese, debruço-me, agora e concretamente, na *Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário*, sobre o tema com que abro este IV Capítulo. Dois objectivos pretendo salientar: o agir ético exigido pela vulnerabilidade e pela humanização, *através de atitudes de solicitude*, e o que fundamenta tal agir ético, *exigência da alteridade versus eros*. Estou face a uma pirâmide invertida, onde no vértice está a solicitude, movida pela alteridade, e nos outros dois extremos aquilo que beneficiará das atitudes movidas pela solicitude, a saber, a *vulnerabilidade e a humanização*. Assim, e na minha perspectiva, a solicitude é manifestação, revelação, expressão do agir ético, que se distancia da área do eros na direcção da alteridade; adquire-se um matiz próprio do agir ético que ora minora a vulnerabilidade ora potencia a humanização. Pretende-se, desta forma, via solicitude, activar o agir ético benéfico para a qualidade de vida desejável ora do próprio agente ora do outro!

É evidente que, sempre que for oportuno, me embrenharei no epistolário de Paulo da Cruz, para extrair as oportunas coordenadas do seu pensamento bioético, como coadjuvantes para accionar as atitudes de solicitude como resposta à vulnerabilidade e na prossecução de uma desejável humanização a nível da saúde e dos relacionamentos. A análise do epistolário de Paulo da Cruz, leva-me a aportar para este capítulo a *Solicitude*, como resposta à *Vulnerabilidade*, explícita em excertos do seu pensamento. Paulo da Cruz quis que se dê uma resposta concreta aos que a *Congregação da Paixão* chama ‘os *Crucificados de hoje*’, *a partir do fazer contínua memória da Paixão, Morte e Ressureição de Jesus Cristo*<sup>238</sup>. O que pretendo concluir é que o seu pensamento alerta para um *agir ético salutar*, benéfico para o outro, a partir do Outro, parafraseando o pensamento de um outro judeu, Lévinás. A Bioética procura precisamente o bem estar, a eudaimonia total da pessoa, objectivo da *Solicitude*. Seguirei a metodologia

---

<sup>238</sup> Para melhor se compreender o alcance do que implica *fazer memória*, é oportuno ler o que Mauro Odorísio, escreve no seu livro sobre “S. Paulo da Cruz – Uma leitura bíblica”, Edições Loyola, S. Paulo (Brasil), 1993, pp. 48, ss..

qualitativa, limitando o número de análise dos excertos epistolares, por questão metodológica.

Em *cuidados (serviços) de saúde e, num sentido mais amplo, na prossecução de uma desejável qualidade de vida* para o ser e pessoa humanos, não se poderá dissociar do agir ético dos agentes de saúde e de todos nós, em geral, *o descentramento do ego para servir o outro - fundamentação do agir na alteridade*. Veremos como, de facto, são evidentes os **pontos de convergência entre o pensamento de Paulo da Cruz e de Lévinas, para que se consiga tal objectivo**. Também se tornará relevante, neste contexto, a visão humanista dos doentes e dos hospitais, segundo Paulo da Cruz. A sua acção é um contributo para uma humanização mais visível, eficiente e prática. A solicitude na práxis de Paulo da Cruz revela-se nas suas cartas: a) na sua experiência hospitalar; b) na sua relação com pessoas que sofrem por situações de morte de alguém...; c) no encorajamento face às adversidade da vida. Como pano de fundo de tal agir ético está a **Solidariedade com os famintos e com as vítimas de pestes e outros**...No que diz respeito às vítimas da peste, é interessante o confronto do pensamento e agir de Paulo da Cruz com o pensamento de Camus. Como? Precisamente na resposta que Paulo da Cruz dá a uma situação de ‘inumanidade’ que fez com que pessoas ‘ilustres’ (inclusive eclesiásticos...) não se aproximassem dos lugares onde proliferava a malária, em áreas de marismas, como já referimos no capítulo anterior. Paulo da Cruz não abandonou as pessoas, dando uma resposta de humanidade a tais ‘inumanidades’! E é esta atitude de ternura e de felicidade que fortalecia e iluminava a esperança<sup>239</sup> de quem a via ameaçada! Na contracapa do livro “A Peste”, de Albert Camus, lê-se: *“A Peste é, sem dúvida, o romance de consagração de Albert Camus. Publicado em Junho de 1947, o seu sucesso foi imediato e avassalador. Em Orão, na Argélia, no início dos anos 40, tem início uma epidemia de peste. A cidade, sujeita a quarentena, torna-se um território irrespirável. É talvez por isso que as mulheres quase não são visíveis nestas páginas. Mas a sua ausência não deixa um espaço vazio. Pelo contrário. Sentida como uma falta, como uma ferida aberta (que as lágrimas de Grand, porventura uma das mais tocantes personagens do livro, tornam evidentes), essa ausência sublinha a importância da ternura e da felicidade. E, ao mesmo tempo, vem tornar claro o verdadeiro significado desta obra: trágica alegoria de um*

---

<sup>239</sup> Na aba esquerda do livro *A Peste*, de Albert Camus, pode-se ler: *“Na série de criações de Albert Camus, que o sufrágio do público e a alta consagração do Prémio Nobel colocaram na primeira fila da literatura contemporânea, A Peste marca um dos momentos mais elevados. É que, do espectáculo infernal de uma cidade de pestíferos, de condenados à morte soube Camus arrancar um grito de esperança. Esta alegoria da vida humana termina, portanto, com uma palavra que não é indiferente a ninguém – e muito menos àqueles que, precisamente, carecem de esperança”*.

*tempo consagrado à inumanidade. O Nosso*”.<sup>240</sup> No Nosso e no tempo de Paulo da Cruz, cuja atitude face às situações de peste ou de outras onde se fazem sentir os tais ‘*Crucificados de hoje*’, como já referimos, é um incontornável ponto de referência para as atitudes que se devem assumir onde a ‘inumanidade’ e os sofrimentos se tornam visíveis, palpáveis! O tal descentramento do ego para servir o outro é um imperativo da exigência da *dignidade e da vulnerabilidade da pessoa e ser humanos, em qualquer das circunstâncias onde a sua vida está presente e é uma atitude fundamental para a implementação de uma desejável humanização, a todos os níveis*. Pessoal ou agentes da saúde, por exemplo, que não possuam esta capacidade de descentramento do seu ego, nunca poderão ser os desejáveis profissionais...

**Ponto 1:** A Solicitude é uma resposta à Vulnerabilidade.<sup>241</sup> E é com o ‘agir ético’, com o ‘tal descentramento do ego’ que ela se manifesta, se revela.

Se considerarmos a vida *como Dom e Tarefa na perspectiva bíblica, poderemos encontrar* algumas coordenadas que dêem resposta a alguns dos múltiplos problemas contextualizantes da vulnerabilidade da pessoa, porque *Dom* implica uma tomada de consciência do que sou e do que ando ou devo andar a fazer e *Tarefa* que se manifesta na acção que tende à minimização dos reais problemas resultantes da vulnerabilidade da pessoa. Preocupa-me, em primeiro lugar, o balizamento do vocábulo *vulnerabilidade*. Ele vem do latim: *vulnus* = ferida! De aí, vulnerável! Relacionado com a pessoa, ela torna-se susceptível de ser ‘ferida’ ou ‘está ferida’! E face a este conceito, estamos situados perante uma amplitude muito vasta de situações que provocam feridas que podem ser fatais para quem por elas é atingido!

A Solicitude contribui para uma *outra* Qualidade de Vida de quem quer que seja, mas sobretudo dos mais vulneráveis. Já algures escrevi que “*Sendo a vida um Dom, este deve transformar-se em acção, porque a vida é Tarefa.*” Assim sendo, e assente sobre estes dois pilares, é possível pensar-se em assuntos como ‘humanização nos serviços de saúde’, ‘em solidariedade’, em ‘solicitude e vulnerabilidade<sup>242</sup>’, em ‘colaboração com países em desenvolvimento’, em ‘acções humanitárias’, em ‘minorar as feridas que

---

<sup>240</sup> CAMUS, Albert – *A Peste* - Editora Livros do Brasil, Lisboa, 2009.

<sup>241</sup> Renaud, Michel – ‘*Solicitude e Vulnerabilidade*’, in ‘Bioética e Vulnerabilidade’, coord. De Ana Sofia Carvalho, pp. 11-20. Edições Almedina, SA, 2008. No contexto deste ensaio, resulta conveniente a consulta deste estudo.

<sup>242</sup> Renaud, Michel – ‘*Solicitude e Vulnerabilidade*’, in Bioética e Vulnerabilidade, coord. de Ana Sofia Carvalho, Edições Almedina, SA, 2008, pp. 11-20.

atingem a pessoa no seu ciclo biológico de nascer, viver e morrer’! Preocupa-me, numa palavra, o aprender a levar o *pensamento*, o ‘nous’, à *acção*, no plano ético, que se manifeste *responsabilidade sentiente face à vulnerabilidade*! Sentindo porque se pensa, poder-se-á, assim penso, encontrar caminhos (acção ética), tendentes à minoração das imensas ‘*vulnera*’ (*feridas*) que nos atingem, a todos! Esta perspectiva insere-se no plano da Bioética precisamente porque esta, na sua transdisciplinaridade, abre as suas portas a focagens múltiplas, desde que contribuam para o ‘bem estar’ da pessoa, que passa pela sua ‘outra qualidade de vida’, suporte para evitar, tratar, curar, as feridas que a podem beliscar na sua essência mais profunda.

Quando Michel Renaud lança para o ar as pertinentes interpelações: - ‘*A solitudine é uma atitude ética, mas será isso o seu primeiro ou único sentido? – Quanto à vulnerabilidade, não pertencerá à teoria antropológica antes de ser cativada pela psicologia e pelas relações internacionais?*’, aceito plenamente a sua explicação: “*A solitudine evoca a relação de sujeito a sujeito, mas nas relações curtas que marcam o encontro de um ‘eu’ com um tu. Não sou capaz nem de conhecer nem de encontrar ‘pessoalmente’ senão uma quantidade limitada de seres humanos. A solitudine tem portanto um limite superior e inferior, porque não se fala de solitudine de mim para comigo; este tipo de atenção centrado sobre o ‘ego’, atenção que não se pode confundir com o egocentrismo, precisa de se abrir à alteridade de um outro em carne e ossos para se descentrar e tornar solitudine. O descentramento do ego está portanto implicado em todas as formas de solitudine*”<sup>243</sup>. Curiosamente, é neste excerto que está também o núcleo do que pretendo abordar acerca das convergências de pensamento entre Paulo da Cruz (através do seu epistolário, do anúncio da Palavra e do testemunho da sua vida) e Lévinas. Paulo da Cruz foca o *descentramento do ego* para se *preocupar com o outro*, para *cuidar o outro*, para lhe transmitir os alicerces de uma sólida *outra qualidade de vida*. O seu pensamento, fundamentado no fazer *permanente memoria passionis* do judeu Crucificado<sup>244</sup>, que em todas as épocas está *presente e exige a minha*

---

<sup>243</sup> Idem, pp. 11-12.

<sup>244</sup> Na carta nº XXI das “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, escrita aos seus irmãos e irmãs, no dia 21 de Fevereiro de 1722, Volume I, pp. 53-57, Paulo da Cruz utiliza, talvez a primeira vez, esta expressão do fazer memória da Paixão de Cristo, tendo registado: “*Fazei contínua memória das dores do nosso crucificado Amor e ficai a saber que aqueles grandes santos que agora triunfam no céu com o santo Amor, chegaram à mais alta perfeição precisamente por este caminho*”. Atrevo-me a afirmar que a praxis pastoral tem-me revelado que, sobretudo pessoas carregadas com doenças graves, conseguiram e conseguem qualidade de vida através deste caminho ‘bioético’. E a *Solitudine* encontra no mesmo o seu fundamento, porque *o fazer memória do crucificado Amor faz-me sentir o sofrimento e a*

atenção, ‘expresso’ nas atitudes, na acção, na vivência pessoal, conseguiu *minimizar*, repito, a vulnerabilidade do ser e pessoa humanos. No meu pensar, ou na minha perspectiva, trata-se de uma vivência e manifestação antropológicas, muito vincadas e eficazes para os agentes ‘atingidos’ pela presença e acção de alguém que aceita viver em permanente ‘estado’ de *Solicitude*. Faltando este sentido ético do pensar e agir segundo o que exige viver em *Solicitude*, agrava-se mais a ‘ferida’, o ‘vulnus’, dos agentes ‘atingidos’ negativamente pela minha ‘negativa acção’! A atitude antropológica de Paulo da Cruz manifesta-se precisamente na sua atitude ética para com o outro, nessa atitude de descentramento, de que nos fala Michel Renaud, e é por isso também que Paulo da Cruz sofre porque ama, como o judeu Crucificado sofreu porque amou.

*“Do ponto de vista ético, a entrada no mundo da solicitude é uma riqueza ética que faz também penetrar na terra desconhecida da vulnerabilidade. As surpresas serão de certeza múltiplas e exigirão uma real grandeza ética para quem quiser permanecer na atitude do cuidado. Aceitar o outro numa atitude de cuidado implica que se aceite igualmente a vulnerabilidade que faz indissociavelmente parte dela. Quem ama mais é mais vulnerável, dissemos. De onde provêm com efeito as grandes feridas psicológicas e ‘morais’ que mais nos fazem sofrer senão das pessoas que mais próximas nos são, isto é, cuja proximidade física é ao mesmo tempo proximidade afectiva?”<sup>245</sup>*

Este pensamento projecta-me na realidade da falta de uma virtude fundamental que, pela sua ausência, provoca feridas marcantes e mortíferas: a gratidão! O seu reverso, a ingratidão, mata mesmo! Paulo da Cruz, no seu encontro com o Outro, encontra comportamentos éticos que respondem às deficiências do pensar egocêntrico!

Ora Paulo da Cruz, de quem estou empenhado em descobrir o seu pensamento relacionado com a Qualidade de Vida, numa perspectiva Bioética, através da análise das suas mais de duas mil cartas conservadas, ‘accionou’ a *Solicitude* com acções concretas, que é o que, em última análise se pretende, quando se faz uma reflexão acerca de determinado assunto. Incentivando a que se ponha em prática, ele ajuda-nos a compreender a importância da *Solicitude* na vida da pessoa humana.

---

dor do outro e ilumina-me como agir face aos crucificados de hoje (os vulneráveis), com *Amor e Solicitude*!

<sup>245</sup> Renaud, Michel – ‘*Solicitude e Vulnerabilidade*’, in *Bioética e Vulnerabilidade*, coord. de Ana Sofia Carvalho, Edições Almedina, SA, 2008, pp. 18-19.

**A *Solicitude* implica respeito e reverência.** Na carta escrita à mãe<sup>246</sup>, após o falecimento de seu pai, Paulo da Cruz escreve-lhe, pedindo a todos os irmãos e irmãs “*que tenham muito respeito e reverência para com a mãe, consolando-a e assistindo-a em tudo, fugindo das más companhias, porque o mundo anda muito mal e temo pelos iminentes graves castigos*”. Registe-se: Consolar e assistir em tudo, animando-a.

**A *Solicitude* é benéfica e salutar** para quem a pratica e para o ser que é alvo, que é objecto dos seus efeitos. Salutar vem do vocábulo latino *salus*! Efectivamente, a *Solicitude*, que podemos considerar uma virtude, possuidora de uma *força positiva*, (partindo da etimologia da palavra *virtus*) trata o doente e a doença, ou, melhor, se assim o entendermos, é benéfica à pessoa e à sua doença!

Vejamos, então, alguns casos concretos do seu pensamento acerca deste assunto. Sendo Superior Geral da Congregação Missionária que fundou, dirigiu uma Carta<sup>247</sup> a um Irmão da Congregação, de nome Bartolomeu de São Luís, que era o enfermeiro da Comunidade, na qual regista a sua sensibilidade de gratidão pelo trabalho exemplar do referido Irmão Leigo no exercício da sua missão de enfermeiro, concedendo-lhe um privilégio: “*Tendo em conta que o nosso amadíssimo Irmão em Jesus Cristo, Bartolomeu de São Luís, exerceu para connosco uma contínua caritativa assistência, especialmente na longa e gravíssima doença do nosso chorado Padre João Baptista de São Miguel Arcanjo, meu irmão carnal, a quem assistiu com extremada caridade até ao último suspiro da sua vida...*”

Interrompendo a Carta, fixemos a atenção numa das características, que é de acção ética, por que não?!, da *Solicitude*: a atitude de *contínua caritativa assistência*, de entrega total ao doente, sem cansaço, pois ele manteve tal atitude na “*longa e gravíssima doença do doente, a quem assistiu com extremada caridade até ao último suspiro da sua vida...*”

**A *Solicitude* terá de ser persistente.** Há quem se canse, quando assiste doentes! A *Solicitude*, como atitude que parte do interior do coração, não dá espaço ao cansaço. É uma atitude ética fundamentada em convicções! Recorde-se apenas, a título de

---

<sup>246</sup> CROCE, S. Paolo della - “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº XLVI, escrita a Anna Massari Ved. Daneo, sua mãe (2ª) – sem data e sem menção donde escreve-, Volume I, pp. 91-94. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 4.

<sup>247</sup> CROCE, S. Paolo della - “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº MCCXLV, escrita a Fratel Bartolomeo di S. Luigi ( 4ª) – sem data e sem menção donde escreve-, Volume III, pp. 292-293. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 462.



exemplo, a atitude *permanente* de caritativa assistência aos *vulneráveis* que tinha a Irmã Teresa de Calcutá!

Continuemos a transcrição do excerto da Carta de Paulo da Cruz: “...*Para além disso, depois da morte de meu irmão, Padre João Baptista, seguiu incansavelmente prestando uma grande caridade à minha pobre pessoa, especialmente durante a minha gravíssima e mortal doença, sofrida no ano de 1767, e ainda continua assistindo-nos e servindo-nos de dia e de noite, ora no que diz respeito às minhas repetidas indisposições corporais, como noutras necessidades que padecemos devido à idade avançada em que me encontro...*”

**A Solicitude é serviço de gratuidade!** Este serviço enriquece-se e torna-se mais benéfico e salutar se for inspirado pela caridade! Sendo a Bioética *interdisciplinar e transdisciplinar* não pode eliminar a perspectiva espiritual da pessoa. Por isso, falar da caridade é um ingrediente como que indispensável quando se aborda a temática da Solicitude. Por isto também se justifica que seja aqui, e a propósito, recordada a belíssima carta de S. Paulo aos Coríntios:

*“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade sou como bronze que ressoa, ou como címbalo que tine. Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que possua a fé em plenitude, a ponto de transpor montanhas, se não tiver caridade, nada sou. Ainda que distribua todos os meus bens em esmolas e entregue o meu corpo a fim de ser queimado, se não tiver caridade, de nada me aproveita. A caridade é paciente, a caridade é benigna, não é invejosa; a caridade não se ufana, não se ensoberbece, não é inconveniente, não procura o seu interesse, não se irrita, não suspeita mal, não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo suporta. A caridade nunca acabará.”*<sup>248</sup>

Paulo da Cruz conhecia perfeitamente o conteúdo e exigência deste texto. Ele sabia que a Solicitude *tudo suporta*. Paulo da Cruz tinha perfeita consciência do estado vulnerável em que se encontrava devido à idade e a achaques vários. Ficou impressionado com a atitude de *Solicitude* revelada pelo Irmão em causa, que o tratou *com uma grande caridade*. Prova de que **o espírito da caridade evangélica deverá ser característica dum agir ético**, sobretudo de quem tem pela frente alguém atingido pela ferida do sofrimento, da deficiência, da idade ou da iminência da própria morte.

---

<sup>248</sup> 1ª Carta aos Coríntios, 13, 1-8.

Paulo da Cruz *responde* ao nobre gesto de quem pratica a *Solicitude* com “aquela gratidão que é tão do agrado do Coração de Deus”, tomando a atitude de recompensar o Irmão enfermeiro, concedendo-lhe, para toda a sua vida, a “*aposentação do seu trabalho*, o ‘direito’ a *escolher o quarto que mais lhe agrada em qualquer Convento da Congregação, para atender exclusivamente à sua santificação, e ficando isento e aposentado de todo o emprego, com liberdade, se ele assim o desejar, de exercitar-se na caridade para com os doentes ou fazer a seu gosto qualquer trabalho manual, com pleno direito para estar ou na igreja ou no quarto segundo o seu arbítrio e devoção. (...) E quero que os Superiores ‘pro tempore’, tanto os das Comunidades como os Provinciais, ponham em prática com ele toda a caridade possível nas suas eventuais necessidades.*”

Conclusão: O agir ético do enfermeiro Irmão Bartolomeu, no exercício *solícito* da sua missão de enfermeiro, levou Paulo da Cruz a *responder* com máxima gratidão. Deduzo que a *Solicitude*, dando qualidade de vida ao doente ou ao vulnerável, é-lhe benéfica, a tal ponto de suscitar sentimentos de gratidão em quem tem a sorte de ser atendido por quem consegue entender que o seu agir ético —em conformidade com a caridade evangélica— é salutar e deve ser posto em prática, e isto é a *Solicitude*.

Numa outra amostragem sobre o assunto em questão, Paulo da Cruz escreveu o seguinte numa Carta dirigida a um Superior de um Convento, de nome José André (06 de Novembro de 1764): “*Sinto vivamente as angústias que sofre pelos doentes crónicos que tem aí, e que não lhe serão uma pequena cruz. Mas, que se vai fazer? **Há que levar o peso um do outro.** Deus permite estas coisas para o exercício da virtude. Pratique com eles a mais perfeita caridade. (...) No meio destas coisas refugie-se na inexpugnável fortaleza da vontade divina e esteja seguro que nem os ventos nem as tempestades poderão retirar-lhe jamais a paz e a tranquilidade de espírito, tão necessárias para tudo fazer bem e para manter-se com viva fé **no seio de Deus**, e aí, como uma criança, embriagar-se bem do sagrado leite do santo amor de Deus. Ponha o máximo cuidado neste divino exercício e se fará santo*”.

Uma outra característica da *Solicitude* é *sentir* o que os outros sentem, seja doente seja familiar ou amigo do mesmo. Numa palavra, ser solidário! Para isso, e trata-se de uma outra característica, a *Solicitude* é *predispor-se efectivamente* a levar o peso da cruz dos outros, acção que alivia quem sofre. Como? São inúmeras as acções em que se traduz esta concretização. Concluimos ainda, da leitura deste excerto, que a *solicitude* é própria do homem virtuoso, que tem uma força interior que o move à com-

paixão e à prática do bem. E reforça-se o pensamento de que a *Solicitude* é *pôr em prática a mais perfeita caridade!*

Independentemente da ideologia que cada pessoa tenha ou da filosofia de vida que cada um possa ter e que oriente o seu agir, é-me gratificante, porque é motivador para o agir ético, o conselho de Paulo da Cruz que me remete para uma fonte ou para um foco onde se possa *beber* ou onde se possa *iluminar* para praticar a *Solicitude* com os doentes ou com os *Crucificados de hoje*: é um exercício que me projecta no *seio de Deus* (cada um chame-lhe o que quiser), pois é aí que, “*como uma criança, se embriaga do sagrado leite do santo amor de Deus.*” Quem assim age, age bem e alcança o grau sublime da virtude, o da santidade! Consolida-se a paz e a tranquilidade de espírito, ingredientes de uma *Outra Qualidade de Vida*, e características próprias de quem procura agir bem numa ética da vida, muito própria da Bioética, que persegue o *bem viver*, na linguagem do bieticista italiano, Salvino Leone. É que, segundo ele, *não basta viver mas é preciso viver bem.*<sup>249</sup> O assunto da *Solicitude* tem uma demarcação também teológica. Já fizemos aceno a isto, um pouco acima. E talvez neste âmbito é que tal conceito adquire uma circunscrição mais ampla e eficiente. Não me parece redutor este apontamento. Antes pelo contrário, porque enriquecido o conceito os beneficiados são sempre os seres e as pessoas humanos. Aliás, a teoria dos benefícios de uma reflexão bioético-teológica são-nos apresentados por um categorizado pensador bioeticista, médico e teólogo italiano, Salvino Leone.<sup>250</sup> Este registo aparece na minha

---

<sup>249</sup> LEONE, Salvino – *La riflessione bioética sulla qualità della vida*. In Revista *Bioética e Cultura* (ISB – Istituto Siciliano di Bioética), semestrale, I (1992), 2, pp. 138, ss.

<sup>250</sup> LEONE, Salvino – *La prospettiva teologica in Bioetica*. Acireale (Sicília): Ed. ISB (Istituto Siciliano di Bioetica), 2002. Lê-se na apresentação desta obra: “*A própria afirmação de que a teologia tem um papel a desenvolver na Bioética comporta o colocar-se perante um dilema. Ou os princípios que se aplicam na prática da medicina, ou da investigação biológica são tais de forma a poderem ser aprovados por qualquer pessoa de bom senso, não havendo, neste caso, necessidade de se recorrer à Teologia; ou então a religião fornece uma perspectiva entre as outras, a partir da qual se consideram os problemas morais, e não aparece claro porquê numa sociedade pluralista esta perspectiva deva ser preferida a uma outra. A teologia ou é supérflua ou é invadente (invasora, metedica). (...) Este livro procura dar, por um lado, uma verdadeira e própria fundamentação teológica à Bioética, e por outro procura aprofundar sob o plano especulativo as interações e as aberturas que o horizonte teológico oferece aos problemas bioéticos*”. Aceitando o princípio de que uma genuína reflexão ética encontra as suas fontes na teologia e na moral, compreenderemos a relevância que assume a perspectiva teológica na reflexão bioética. O autor supracitado, médico e teólogo, apresenta na sua obra uma exaustiva panorâmica das fontes teológicas: Sagrada Escritura, Tradição e Magistério, a partir das quais se poderá proceder a uma reflexão sistemática do valor da vida. As fontes apresentadas ajudam imenso a uma *reflexão bioética*. Salvatore Privitera escreve, na apresentação deste livro, que este é fundamental para uma recompreensão da reflexão bioética, não só em relação à tradição bíblico-teológica mas também ao seu estatuto epistémico de natureza essencialmente ética.

tese de Mestrado: “*Contributos para uma outra Qualidade de Vida, no âmbito da Bioética Teológica*”<sup>251</sup>

A *Solicitude* exige uma sensibilidade muito própria para tratar o ser e pessoa humanos, no ciclo completo biológico do nascer, viver e morrer. A *Solicitude* ajuda a bem viver e a bem morrer, processo marcado pela outra *Qualidade de Vida*.

Hoje em dia, fala-se também frequentemente da *Qualidade da Morte*. Ora a *Solicitude* tem, neste âmbito, uma relevância muito característica. Como é significativa a máxima de Leonardo da Vinci<sup>252</sup> “*assim como após um dia bem empregue dá prazer dormir, assim após uma vida bem vivida dá satisfação morrer*”. A isto leva uma vida vivida em plenitude, com “*Qualidade de Vida*”. Todo o ser humano tem direito a morrer com dignidade. Se a vida é um dom, também a morte o é. Sobretudo para doentes terminais, para quem a morte é liberação da dor ou de um estado de extremo sofrimento. Há um pormenor importante a salientar, segundo Salvino Leone<sup>253</sup>: se o homem não pode ser árbitro da vida não pode sê-lo também na morte. A sábia distinção entre meios proporcionados e desproporcionados conserva o seu imutável valor. Mas para além desta morte humanamente libertadora, já é tempo, afirma Salvino Leone, de *repensar globalmente na morte, como se pensa na vida, com a categoria de dom*. A tradicional concepção de um Deus que *dá e retoma* a vida talvez poderia ser substituída com a imagem de um Deus que *dá a vida mas dá também a morte em vista de uma vida definitiva que é o fim último da existência*. Trata-se de uma perspectiva que o Cristianismo deveria repensar profundamente e que levaria a renovar a catequese sobre a escatologia. A morte tem de ser adequadamente assistida como acontece com o nascimento. Com *Solicitude! A Qualidade da Morte*, de uma morte verdadeiramente humana, torna-se o melhor prelúdio daquela definitiva ‘*Qualidade da Vida*’, da qual a expressão terrena é somente expectativa na marca da esperança, uma ponte entre a vida do tempo e aquela da eternidade, entre o antes e o depois de cada existência humana. Roberto Pacini, por seu lado, escreve que a dignidade da pessoa humana encontra fundamento e sentido último na chamada à vida eterna em Deus, a viver a vida própria de Deus, a comunicar com Ele face a face, tornando-se a morte a nossa ‘páscoa’, a nossa ‘passagem’ para a vida eterna e o morrer tem um sentido, assim como o sofrer,

---

<sup>251</sup> BEZERRA, João - “*Contributos para uma outra Qualidade de Vida, no âmbito da Bioética Teológica*”, Bezerra Editora (Braga), 2004, p. 179.

<sup>252</sup> VINCI, Leonardo – *Scritti*. Roma, 1966, 401, nº 88.

<sup>253</sup> LEONE, Salvino – *La riflessione bioetica sulla qualità della vita*. In *Revista Bioetica e Cultura* (ISB – Istituto Siciliano di Bioetica), semestrale, I (1992) 2, pp. 147-148.

porque também a morte e o sofrimento são uma luta pela vida. Neste contexto, como em mil outros, a *Logoterapia* assume relevância especial, pois ao interiorizarmos palavras e expressões chave, oriundas da Sagrada Escritura, recuperamos coragem, entusiasmo, “*Qualidade de Vida*”. Face ao sofrimento, às adversidades e à morte, como são consoladoras e entusiastas as palavras de João: “*Eu vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do Céu, bela como uma esposa que se ataviou para o seu esposo. E ouvi uma grande voz, que saía do trono e que dizia: ‘Eis aqui o tabernáculo de Deus entre os homens! Habitará com eles, serão o Seu povo e o próprio Deus estará com eles. Ele enxugará as lágrimas dos seus olhos; não haverá mais morte, nem pranto, nem gritos, nem dor, porque as primeiras coisas passaram’* (Ap. 21, 4).” E, para finalizar, se o nascimento é um dom de Deus, a vida e a morte são o nosso ‘dar-se’ a Deus pelo Seu reino, um restituir o dom ao Pai<sup>254</sup>. Assumir conscientemente o conteúdo destas afirmações contribui para essa tal outra “*Qualidade de Vida*”, de que já falamos e que é objecto da *Solicitude*.<sup>255</sup>

A *Solicitude*, portanto, como acção ética, contribui para um bem viver e bem morrer. A *Solicitude* encoraja de uma forma realista ou optimista, se o quisermos, os atingidos pelas consequências da morte. Isto é, não só alivia quem está perante a iminência da mesma como aporta horizontes de esperança e de coragem para os doridos. Vejamos como Paulo da Cruz reagiu perante a morte de seu próprio pai, em Carta enviada a sua mãe:

“*A notícia recebida da morte do pai causou-me uma profunda aflição, sobretudo por não saber pormenores particulares. Contudo, adoramos, de seguida, a santíssima vontade de Deus e rogamos-lhe que saiba conformar-se*”.<sup>256</sup> Vejamos: A *Solicitude*, como atitude interior que se manifesta na acção, no agir, ***faz com que aqueles que a accionam, sintam o que os outros sentem***. Sem este envolvimento, não me parece que se possa falar de *Solicitude*. E esta aponta atitudes concretas que minoram a dor recíproca. E agora, chama-me a atenção, a atitude de *Solicitude* no conselho que se segue, na referida Carta: “*Querida mãe, fique contente, pois nós estamos seguros de que o pai já está no paraíso. Procure que todos se alegrem em casa.*” Sem comentário, pois este contexto confirma a firme convicção que tenho dos

---

<sup>254</sup> PACINI, Roberto – *Servire la vita – temi di bioetica* – Roma : Città Nuova Editrice, 1993, pp. 115-116.

<sup>255</sup> Cfr. BEZERRA, João - “*Contributos para uma outra Qualidade de Vida, no âmbito da Bioética Teológica*”, Bezerra Editora (Braga), 2004, pp. 215-216..

<sup>256</sup> CROCE, S. Paolo della - “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº XLV, escrita a Anna Massari Ved. Daneo, sua madre (1ª), no dia 18 de Agosto de 1727, desde Roma, Volume I, pp. 90-91. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é a Carta nº 3.

resultados positivos da *força de uma ideia força positiva na mente para uma outra verdadeira qualidade de vida*, e que tem também o seu espaço muito marcante no âmbito dum agir com *Solicitude*. A *Solidariedade*, em Paulo da Cruz, fá-lo sentir a dor e o sofrimento dos outros e anima-os a ultrapassar as dificuldades, fundamentado na força da sua ideia-força positiva.

A *Solicitude*, no meu modesto entender, não deverá ser perspectivada numa determinada óptica, por exemplo, só a nível filosófico, ou só médico, ou sou do direito. Seria reduzir a sua real potencialidade. Eis porque, e tendo em vista outros pontos de vista que potenciam o seu significado e a responsabilidade de a accionar, me atrevi a enriquecer o que é *realmente* com os contributos do pensamento de Paulo da Cruz no seu epistolário. Apenas apresentei algumas amostras que sintetizam as principais características da *Solicitude*, como resposta à *Vulnerabilidade*. Mas para uma mais profunda e contextualizada accionação da *Solicitude*, é fundamental uma reflexão sobre a alteridade, num processo de descentralização do egocentrismo, como resposta à *Vulnerabilidade* e à consecução duma progressiva Humanização. É o que pretendo atingir e demonstrar com a reflexão que se segue.

## **Ponto 2:**

*Convergências de ‘conteúdos’ com ‘terminologias’ diferentes, entre Paulo da Cruz e Lévinas como contributos para ‘minorar’ a vulnerabilidade e perseguir a humanização.*

Há que ter presente, ao iniciar esta secção, o que foi transcrito na Introdução sobre Paulo da Cruz. E tendo isso presente, continua a interpelação: “Quem foi esse homem e que méritos tem” para que seja motivo de estudo no âmbito da Bioética?!... É o estudo do seu epistolário que me espicou e me projectou na análise de pontos de convergência com valores e princípios sobre os quais a Bioética se debruça, desde que, em 1971, Potter aplicou o seu nome à nova “cultura” contemporânea. Esta perspectiva original é a que falta quando se estuda Paulo da Cruz! Temos de ter presente que a sociedade de então tem ainda muito de comum com a contemporânea!...

Tenhamos presente, sobretudo, que “Paulo da Cruz viveu numa sociedade marcada pelas ideias do Iluminismo, do século das Luzes, da Revolução Francesa. Confrontou-se, portanto, com uma sociedade desprovida de valores e influenciada pela corrente de pensamento que pairava nas ideias do Iluminismo e do Racionalismo. Com a Revolução Francesa, *“Quer-se elaborar uma nova imagem de homem e de mulher,*

*livres de todo o condicionamento à própria realização, nem que fosse do alto. A razão é a luz que conta, o resto é alienação. Paulo Danei experimenta e anuncia que **Cristo crucificado e ressuscitado** é o único homem bem sucedido e realizado. Logo, é a **única proposta válida sobre o sentido e o destino da pessoa humana**. Qualquer outra versão está destinada a ser um fiasco. O Crucificado é o desafio a todas as tentativas da história no realizar modelos de humanidade. (...) No entanto é evidente que nenhuma das tentativas então preparadas para resolver os nossos problemas. A época das Luzes deixou-nos às escuras mais do que dantes. A era da razão não conseguiu criar um mundo racional. A civilização da técnica reduziu o ser humano a um mecanismo de produção e de consumo. **O progresso científico, se não for guiado pelo ético, poderia resultar para a humanidade mais nocivo do que as epidemias e as guerras mundiais**. O socialismo real enterrou-se por si, sozinho, depois de setenta anos de experiência forçada. **A cultura capitalista está preparando-se para o seu funeral, porque não é capaz de evitar a pobreza, a injustiça e o desemprego, coisas que a colocarão em debandada**. Resta-nos a cultura do amor, chamada também caridade cristã. Aquela que brota da experiência única do Homem-Deus, Cristo crucificado e ressuscitado. Vivida e anunciada por Paulo Danei da Cruz com toda a vida e com as suas obras que ainda perduram. O repto continua.”<sup>257</sup> E porque o repto continua, pretendo entrar dentro do seu pensamento, numa perspectiva bioética. Porque o repto ‘obriga-me’ a continuar a defender eticamente tudo o que contribua para uma melhoria do ser e pessoa humanos. No seu epistolário descobrem-se temáticas bioéticas, como *a solicitude, o valor e sentido da vida e da morte -numa linha oposta ao niilismo-, a solidariedade com quem sofre, a solicitude, a humanização, a ecologia, ‘uma outra qualidade de vida’, etc.; tudo isto e muito mais, a partir das suas ‘Ideias-Força positivas na mente’ e da Logoterapia*.*

Paulo da Cruz, foi considerado um dos maiores místicos da sua época.<sup>258</sup> Era conhecedor da tradição de grandes místicos que influenciaram também o seu

---

<sup>257</sup> CINGOLANI, Gabriele – ‘Paolo Danei – La provocazione della croce’, Editrice Rogate, Roma, 1994, pp. 5-7.

<sup>258</sup> Irei citando, dentro do que pretendo defender em Bioética, muitos especialistas da Congregação de Paulo da Cruz que dele falam, sobre outros assuntos. Um dos aspectos que mais caracteriza o pensamento de Paulo da Cruz está relacionado com a teologia ascética e a mística. Dele se ocuparam grandes estudiosos, homens insígnies, como Arintero, De Guibert, Garrigou-Lagrange, Lebreton, Viller e outros. Quando se publicou o seu escrito sobre a ‘Morte Mística’, De Guibert escreveu: “*Muito me estranharia se este escrito de poucas páginas não figurasse dentro de pouco tempo entre os textos clássicos da mística católica*”. E o Viller escreveu: “*São Paulo da Cruz aparece como o místico mais esclarecido do seu século*.” O notável historiador Daniel Rops registou também o que segue, sobre a insígnie figura do pensador Paulo da Cruz: “*Desconhecia a obra e o pensamento de São Paulo da Cruz. Descobri, agora,*

pensamento, como S. João da Cruz, João Taulero (a quem Paulo da Cruz chamava “príncipe dos místicos”), Santa Teresa de Jesus, São Francisco de Sales,<sup>259</sup> mas a fundamentação da sua originalidade encontrou-a na meditação assídua da Paixão de Jesus Cristo, que via presente nos homens sofredores do seu tempo, *manifestando-lhes a sua solicitude*. Para além da sua intensa actividade apostólica, e do serviço inerente a um Fundador de uma Congregação Missionária, ele orientava as pessoas, contribuindo para a sua ‘*outra qualidade de vida*’, através das suas Cartas. Temos entre mãos mais de 2.000, exemplo e processo de como dar uma resposta antropológica à pessoa, contribuindo para o seu bem estar, para a sua saúde psicológica e como *força positiva* para remediar tantos males. Aliás, ele fundamenta o seu pensamento no fazer *memoria passionis Christi*, que, conforme já transcrevemos, considera **“a maior obra do Amor de Deus e remédio para todos os males da humanidade”**. Desta forma, tornou-se muito relevante a sua pedagogia junto dos mais carenciados, no processo de ajudar todo o tipo de pessoas, desde os marginais aos mais pobres, desde os militares aos nobres, desde os sem-sentido aos crucificados de ontem, de hoje e, infelizmente, de todos os tempos, no sentido de re-adquirirem ou manterem a sua ‘*Outra Qualidade de Vida*’, a partir de ‘*Ideias-Força*’ e da *Logoterapia*. A sua ‘mística’ permite-nos ‘sentir’ a presença do Outro que fortalece as nossas boas relações com o outro, que nos rodeia!

Tendo isto presente, procederei a uma breve apresentação de Lévinas.

**Emmanuel Lévinas**(1906-1995). Nasceu na Lituânia, de uma culta família judia, farisaica. Ficou marcado pela Bíblia hebraica e pelos escritores russos. O judaísmo lituano estava marcado, não pelo misticismo judaico, mas pela dialéctica rabínica do Talmude. Foi um judeu observante, respeitoso pela lei. Portanto, a raiz e a coluna vertebral de Lévinas é a influência hebraica, o intelectualismo judaico. Estudou Husserl, Heidegger.<sup>260</sup> Dominava o hebraico, o russo, o alemão, o francês. Foi feito prisioneiro no princípio da 2ª guerra mundial. A sua família, que vivia na Lituânia, foi toda

---

*uma figura admirável e, mais uma vez, fico assombrado com a riqueza desta herança inesgotável na qual a Igreja recolhe as colheitas de tantas almas nascidas no seu seio*”. (‘*San Pablo de la Cruz o La Gloria de un Centenário*’, in “*Cartas y Diario Espiritual de San Pablo da la Cruz*”, Ediciones “El Pasionario”, Madrid, 1968, p.12). E o Papa Paulo VI dissera: “*São Paulo da Cruz deve ser catalogado entre os místicos mais insígnies do cristianismo* (In “*Cartas y Diario Espiritual de San Pablo da la Cruz*”, Ediciones “El Pasionario”, Madrid, 1968, p.19).

<sup>259</sup> In “*Cartas y Diario Espiritual de San Pablo da la Cruz*”, Ediciones “El Pasionario”, Madrid, 1968, p.23.

<sup>260</sup> Escreveu, a propósito, um livro intitulado “*En Découvrant l’Existence avec Husserl et Heidegger*”, Réimpression conforme à la première édition suivie D’ESSAIS NOUVEAUX. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1967. Existe a tradução portuguesa “*Descobrendo a Existência com Husserl e Heidegger*”, Instituto Piaget, Lisboa, 1997. Este livro é uma recolha de artigos mais um inédito.



dizimada. **A vida que levou marca o seu pensamento. Lévinas começa a aprofundar, a nível filosófico, o que pensa sobre o Outro<sup>261</sup>! Tendo vivido em pleno nazismo (que era a negação do Outro...), ele via o outro como o rosto em que brilha o mandamento: ‘não matarás’...** A responsabilidade deve manifestar-se na relação eu-Outro. Ser eu é ser para o outro. O que torna o eu insubstituível é a responsabilidade que ele é pelo outro, isto é, *ser eu é ser para o outro*. Descartes já afirmava: *Eu encontro em mim o infinito*. Levinas dirá: *Eu encontro em mim o Outro – visage*. O “fazer memória” deverá levar-nos à responsabilidade. A memória de Aushwitz também levou Lévinas a pensar o Outro!... Em Paulo da Cruz, o “fazer memória” do Crucificado Nazareno, também o levou à responsabilidade de responder ao apelo do Outro!... <sup>262</sup>

Lévinas conhecia a história de Abraão que foi chamado pelo Outro. E esta relação projecta-o na resposta a dar ao outro! Pessoalmente, prevejo nesta dialéctica um aspecto ‘místico’ que permite a Lévinas fazer uma leitura ‘diferente’ do outro por causa do Outro. Este Outro é Deus. Vislumbro esta orientação na resposta que deu a quem o interpelou: *‘Lorsque vous êtes amené à parler à des chrétiens, vous dites volontiers que pour vous, l’incarnation se comprend à la lettre comme la présence de Dieu dans le visage de l’autre...’* Eis a sua resposta: *“J’emploie l’expression ‘sous les espèces’ de l’autre homme, mais je ne dis pas qu’autrui est l’incarnation de Dieu. En tout cas il y a relation entre l’affirmation de Dieu et mon rapport à l’humanité et à l’autre homme. C’est le moment paradoxal d’une logique. Vous rencontrez Dieu dans l’intimité à*

---

<sup>261</sup> Silveira de Brito, in “*Lévinas filósofo da diferença*”, (cfr. nota 8) regista na p. 10 desse trabalho: “O Outro é o próximo no qual se revela o Absoluto e perante o qual o eu não é indiferente. Mas esta não-diferença tem que ser minimamente explicada. (...) Repare-se que a relação Eu-Outro surge como a verdadeira relação de transcendência” Há relação e há separação. O Outro não é tema do meu conhecimento mas primordialmente ele é a presença do Infinito que, ausente, está como rasto no seu rosto”. Tenho consciência da ousadia e das ‘limitações’ deste meu trabalho, mas aventurei-me a elaborá-lo porque me parece fascinante o pensamento de Lévinas, tendo bem presente a sábia advertência do Professor Dr. Silveira de Brito: “Lévinas é uma tentação para nós, católicos. Aí encontramos muito do Evangelho na sua tonalidade mais hebraica, anterior à contaminação grega. Além disso, ser judeu na atmosfera levinasiana depois de Auschwitz é de uma tal grandeza que é lá que deve estar o humano.”!... Esta contextualização projecta-me no mundo dos que andam marcados por graves ‘agressões’ e que me interpelam como sendo Outros a quem se deve dar uma resposta humanista tendente ao seu bem-estar, ou qualidade de vida. Vejo neste caminhar convergências de pensamento com linguagens divergentes entre Paulo da Cruz e Lévinas, apesar de ter consciência da ‘ousadia’ deste meu ‘original’ intento!

<sup>262</sup> Um livro interessante sobre este assunto, é o intitulado “*De la mémoire à la responsabilité*”, de Michael de Saint Cheron – dialogue avec Genevière de Gaulle Anthonioz, Edgar Morin e Emmanuel Levinas. Éditions Dervy, Paris, 2000.

*travers l'autre homme. Il n'y a pas de plus grande intimité*".<sup>263</sup> Vejo neste 'movimento' –pensamento, agir– um ponto de convergência com Paulo da Cruz, a nível místico-bioético. Porque o que está em causa é toda uma antropologia que procura o bem estar do outro, a partir de um Outro, através de uma ética de 'relação' –Ele (Outro) ↔ eu ↔ outro– que provoca o bem estar do outro, contribui, por isso, para a Saúde! É relevante este excerto de Lévinas: *"Escutar um Deus não contaminado pelo ser, é uma possibilidade humana não menos importante e não menos precária do que tirar o ser do esquecimento onde ele terá caído na metafísica e na ontologia."* Efectivamente, o outro não é ser, é "Autrement qu'être". A relação com o outro é sempre relação com alguém, com o separado, dialogante e é sempre diferente. O Rosto<sup>264</sup> fala, não é máscara nem objecto. Cada um é o próximo mas tem-se de ver quem é o mais próximo. Para Paulo da Cruz, este mais próximo são os "crucificados de sempre", a quem se tem de apresentar horizontes de esperança!

Sabemos que Lévinas se manobra num campo filosófico<sup>265</sup> e não teológico. Como escreve J.H. Silveira de Brito, no comentário que faz ao texto *"La trace de l'autre"*<sup>266</sup>, *"a obra de Lévinas pretende superar a filosofia de tradição grega que visa elaborar uma ontologia, visa uma reflexão sobre o ser (...) Nos escritos recolhidos nos "Raccourcis – Ensaaios breves", nos parágrafos 1 ao 8, Lévinas caracteriza a filosofia de inspiração grega. Explicita no parágrafo nº 1 que a filosofia pretende reduzir a diversidade à mesmidade: o eu é a origem do próprio fenómeno da identidade. Porque sou o mesmo a identificar os objectos, tudo fica reduzido à mesmidade do eu. Nada quebra essa identidade do eu, nem o ser, nem o objecto que se conhece, no acto de ser conhecido, o objecto é captado pelo eu e, por isso, fica reduzido ao eu. (...) A intencionalidade da consciência tudo reduz à consciência. A filosofia de inspiração*

<sup>263</sup> LÉVINAS, Emmanuel – *"Pour une philosophie de la sainteté"*, in *"De la mémoire à la responsabilité"*, de Michael de Saint Cheron – dialogue avec Genevière de Gaulle Anthonioz, Edgar Morin e Emmanuel Levinas. Éditions Dervy, Paris, 2000, pp. 19-42.

<sup>264</sup> Um pouco mais à frente, nota 46, farei referência ao que o sr. Professor J. H. Silveira de Brito esclarece sobre o vocábulo 'Rosto'.

<sup>265</sup> José Henrique Silveira de Brito tem um expressivo e esclarecedor texto sobre *"Lévinas filósofo da diferença"*, publicado na Revista Portuguesa de Filosofia, Tomo XLI – 2 – 3, Faculdade de Filosofia, Braga, 1985. Recorda que Lévinas fala de "três mestres que guiaram o seu percurso intelectual: Husserl, Heidegger e Franz Rosenzweig." (p.1). Heidegger marcou Lévinas no seu itinerário filosófico, de tal forma que Lévinas lhe rasgou este elogio, a propósito do *Sein und Zeit*: *"é um dos mais belos livros da história da filosofia – digo-o após vários anos de reflexão. Um dos mais belos entre quatro ou cinco outros"* (p.2). Neste trabalho, Silveira de Brito aborda a "I-Leitura levinasiana de Heidegger; II – A subjectividade em Lévinas, 1. O face a Face; 2. O Rosto; 3. A Ideia de Infinito; 4. A Linguagem; 5. A subjectividade. Considerações finais".

<sup>266</sup> BRITO, J.H. Silveira de - *Comentário ao texto "La trace de l'autre"*, (texto cedido nas aulas de Doutoramento em Bioética), p. 2.

*grega é uma filosofia da imanência. A filosofia de inspiração grega é retratada pela viagem de Ulisses: apesar de viajar por mares desconhecidos sempre regressa a Ítaca*".<sup>267</sup> ***"A filosofia de inspiração grega é uma filosofia alérgica ao outro"***.<sup>268</sup>

Resultou-me muito rica a alusão à viagem de Ulisses, que retorna sempre ao ponto de partida, para melhor entender a viagem que Paulo da Cruz faz "*in sinu Patris*", isto é, até ao coração do Pai, onde tem experiências místicas que o projectam no outro! Não se fica no seu eu. Não regressa a ele. Assim como "*à viagem de Ulisses, Lévinas contrapõe a viagem de Abraão que sai de Ur para uma viagem sem retorno, pois a Terra da Promissão não é a identidade do eu mas o serviço ao outro: sair de si sem possibilidade de regressar a si*",<sup>269</sup> é o que Paulo da Cruz faz na viagem que estabelece até ao Ser-Puro, até ao Amor Cósmico, até ao "*seio do Pai*", para se entregar ao outro! Mas a 'aparente divergência' com a linguagem de Paulo da Cruz, aponta para a convergência no objectivo final a atingir: o que interessa é que eu me descentre, me des-interesse, accione a gratuidade, me deixe interpelar pelo outro, através de uma relação responsável, ajudando também a que esse outro se encontre com o sentido! Esta relação gira em volta do ser livre porque responsável (em Lévinas). Não há similitude entre o eu e o outro. Ser eu é estar submetido ao outro, ser refém do outro. Nunca fazemos tudo quanto deveríamos fazer!... Ser eu é trazer o outro em mim! Quanto mais o eu sai de si mais rico regressa (Heidegger). Não consigo dissociar este pensamento com o do outro Paulo, o de Tarso, que na carta aos Coríntios escreveu: ***"Cristo morreu por todos, para que os vivos deixem de viver para si próprios, mas vivam para Aquele que morreu e ressuscitou por eles. (...) Se alguém, pois, está em Cristo, é uma nova criatura"*** (II Cor. 5, 14-17). Quem ama descentra-se, em função do outro!... Não conheceria Lévinas, assim penso, esta linha de pensamento? Se a conhecia, é convergente com a de Paulo da Cruz! Tendo presente a filosofia de Lévinas e algumas das coordenadas do seu pensamento, foi isso que me entusiasmou a correlacionar alguns aspectos do seu pensamento com os de Paulo da Cruz, analisando as possíveis convergências de pensamento, com terminologias diferentes, inserido no âmbito da antropologia e ética, a nível de bioética! Lévinas, numa linha filosófica contemporânea, chama a atenção para a relevância dos conceitos de Rosto, do Outro, do Infinito, do Desejado, do Transcendente, da Totalidade, de Éros, de Alteridade. Comparativamente,

---

<sup>267</sup> Idem, pp.2-3.

<sup>268</sup> Idem. p. 3.

<sup>269</sup> Idem, p. 3.

anotaremos, oportunamente, os pontos de convergência do pensar de Paulo da Cruz com aqueles ítems de reflexão. Os seus seguidores lutam contra todas as formas desumanizantes, que atingem, principalmente, os mais ‘feridos’, os mais ‘vulneráveis’, assumindo as linhas antropológicas do seu ‘mentor’ que, por seu lado, vai buscar as linhas de força do pensar e agir no judeu Crucificado, no Monte Calvário. É facto histórico passado que se reavive permanentemente em qualquer espaço!... Há que dar respostas. Procurarei provar como o fez Paulo da Cruz, com a sua antropologia, isto é, com a forma como *viu* o homem e como tentou ajudá-lo, no caminho a percorrer...

O Rosto e o Outro são *mandamento* que libertam o homem porque o sublimam. Tentarei analisar como Paulo da Cruz encontrou ‘*in sinu Patris*’ a possibilidade da experiência de Deus, fundamental para que se consiga encontrar sentido nesse tal *mandamento* que nos é dirigido pelo Rosto e pelo Outro. ***Neste processo poderemos encontrar o caminho para uma efectiva humanização, como resposta à vulnerabilidade!***

Tal experiência de Deus, é também um resultado da saída da esfera do éros, para a do agapê, da alteridade. Na ascensão contínua, de purificação da *mundaneidade*, da *animalidade*, pode chegar-se a uma outra experiência de Deus muito mais profunda, exemplificada na *Morte Mística* de Paulo da Cruz. Mas tal experiência, também ela, se reveste de um significado peculiar: permite uma melhor intuição das essências do viver, uma melhor apreensão do alcance da *vida como Dom e Tarefa*, em cujo contexto surge a correcta perspectiva da *responsabilidade de e por Outro*, na decisão livre.

No fundo, trata-se, como diz o biblista espanhol António Maria Artola, de aprender a “*convertir el morir cotidiano que es la experiencia de la finitud humana, en un vivir nuevo de infinitud y eternidad. El morir místico es la vida de Dios en el hombre*”. E quando isto acontece, realizámo-nos na resposta que damos às exigências do Rosto, do Outro. No exórdio do seu manuscrito sobre a *Morte Mística*, Paulo da Cruz afirma que *tomou a resolução de cumprir constantemente tudo o que ele contém, servindo-lhe de estímulo para seguir sempre para a frente e superar generosamente as suas repugnâncias*. Se é verdade que *finis coronat opus*, não ficaria totalmente desiludido se a intenção com que pretendo abordar este humilde ensaio nos relançasse efectivamente no voo que nos permita alcançar o que, em verdade, pode dar sentido à vida, verdadeira ‘outra qualidade de vida’, sentido de responsabilidade que sente e, como tal, não cruza os braços frente a quem se encontra vulnerável e precisa do apoio

solidário, atitude antropológica rasgada, marcada por uma ética que permite perspectivar a vida, reconhecida e aceite, como *Dom e Tarefa*.

### **I - Responsabilidade “sentiente” face à vulnerabilidade do outro, ora em Paulo da Cruz ora em Lévinas. Convergências de sentido com linguagem diferente**

Insistimos na ideia de que *o pensamento e a acção* de Paulo da Cruz são fundamentais na elaboração deste ensaio. O século que lhe tocou viver, já o dissemos, tem muitos pontos convergentes com o dos nossos dias: Racionalismo? Iluminismo? Vazio existencial? Degradação dos costumes? Ausência de valores universais? Pobreza acentuada e generalizada? Proliferação de marginais e da marginalização? Crise de valores? Ausência de sentido? Exploração dos mais pobres? Sofrimento agravado pela falta de humanização? etc. Saliento, de novo, o já dito: Paulo da Cruz fundou uma Congregação que pudesse dar resposta aos males do mundo a partir de um evento que ele considerava a ‘maior obra do amor de Deus’. Referia-se à Paixão de Cristo-Paixão pelo Homem, paixão de amor que leva quem ama a dar a vida pela qualidade de vida dos outros.

Portanto, e em primeiro lugar, estabelecerei o ponto de partida, ou, se quisermos, os alicerces, precisamente no que diz respeito à relação da *manifestação* ou, se acharmos melhor, da *expressão* da *vontade* de se chegar *ao sentido do essencial, de se insistir no que realmente tem importância / ora em Paulo da Cruz ora em Lévinas*. Poder-se-ão detectar, assim pensamos, *convergências de sentido com linguagem diferente*. Trata-se de uma fundamentação a partir de princípios e objectivos convergentes. É o que passo a fazer, de imediato.

*“Emmanuel Lévinas é o filósofo da ética, sem dúvida, o único moralista<sup>270</sup> do pensamento contemporâneo. Mas aos que o consideram especialista da ética como se a ética fosse uma especialidade, estas páginas darão a conhecer a tese essencial: que a ética é a filosofia primeira, aquela a partir da qual os outros ramos da metafísica adquirem sentido. A questão primeira, pela qual o ser se dilacera e o humano se instaura como ‘diversamente de ser’ e transcendência relativamente ao mundo, aquela*

---

<sup>270</sup> Silveira de Brito, em comentário a este vocábulo, chama a atenção para o facto de que “não se pode classificar Lévinas de Moralista. Ele não elabora uma ética normativa, melhor, uma moral. Para Lévinas, a Ética de que ele fala é uma filosofia primeira. Jankélévitch, outro judeu, talvez se possa considerar moralista”.

*sem a qual, ao invés, qualquer outra interrogação do pensamento é apenas vaidade e corrida atrás do vento – é a questão da justiça.*”<sup>271</sup>

A expressão “o ser se dilacera e o humano se instaura como ‘diversamente de ser’ e transcendência relativamente ao mundo” traz-me à mente aquele outro pensamento de M. Viller sobre Paulo da Cruz: “*Lo que más me llama la atención en Pablo de la Cruz es lo que me atrevería a llamar el sentido de lo esencial, que no se encuentra en grado igual en ningún outro autor espiritual. Un hombre siempre enfermo, siempre con prisas, rápido en el actuar, porque no tiene tiempo que perder, pero que sabe apuntar certeramente a lo fundamental. Da la impresión de un hombre siempre a la búsqueda de cortos senderos y medios eficaces. Sin miedo a repetirse, posee el arte de insistir en lo que realmente posee importancia.*”<sup>272</sup> Perspectiva-se, desde já, como tanto Paulo da Cruz como Lévinas apontam para o que realmente possui importância na vida: Justiça e Amor!

Penso que é o “***insistir no que realmente possui importância***” na vida, que leva qualquer pensador a tentar encontrar-se com o “sentido do essencial”. Assim como essencial também é aceitar a vida como Dom e Tarefa.

Lévinas diz que “o sentimento de que a Bíblia é o Livro dos livros, é a extraordinária presença das suas personagens, é esta plenitude de ética e as misteriosas possibilidades da exegese que significam originalmente, para mim, a transcendência. (...) A leitura da Bíblia desempenhou um papel essencial –e, em grande parte, sem que eu o saiba -, na minha maneira de pensar filosoficamente, isto é, de pensar dirigindo-se a todos os homens.”<sup>273</sup> A filosofia de vida de Paulo da Cruz fundamenta-se precisamente na adesão à Palavra de Deus que o projecta precisamente na direcção do outro.

“Foi Bergson quem nos ensinou a espiritualidade do novo, o ‘ser’ libertado do fenómeno para um ‘diversamente de ser’.”<sup>274</sup> Lévinas coloca-nos perante uma nova exigência do ser. É a preocupação dos místicos, como veremos em Paulo da Cruz, na linha da libertação do ‘diversamente de ser’, experiência de uma espiritualidade do novo!

---

<sup>271</sup> NEMO, Philippe – in *Ética e Infinito*, pp. 10-11.

<sup>272</sup> ARTOLA, P. Antonio María – *La Muerte Mística*. Universidad de Deusto-Bilbao, 1986, p.19.

<sup>273</sup> LÉVINAS, Emmanuel – *Ética e Infinito*. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70, pp.17-18.

<sup>274</sup> Idem – *Op. cit.*, p. 21.

Ao falar da categoria do “há”, que para Lévinas é “o fenómeno do ser impessoal”<sup>275</sup>, este mesmo pensador refere: “*para sair do ‘há’ não é necessário pôr-se, mas depor-se; fazer um acto de deposição, no sentido em que se fala de reis depostos. A deposição da soberania pelo eu é a relação social com outrem, a relação des-interessada. Escrevo-a com três palavras para realçar a saída do ser que ela significa. Desconfia da palavra ‘amor’, que está estragada, mas a responsabilidade por outrem, o ser-para-o-outro, pareceu-me desde essa época parar o rumor anónimo e insignificativo do ser. É sob a forma de uma tal relação que me surgiu a libertação do ‘há’.*”<sup>276</sup> Entramos num dos campos ético-filosóficos mais relevantes do pensamento de Lévinas. Mas não nos restam dúvidas sobre a presença da exigência da linguagem que nos fala da responsabilidade por outrem, o ser-para-o-outro, no pensamento e vida de Paulo da Cruz. Atentemos agora em algumas explicitações do pensamento de Lévinas sobre o Rosto<sup>277</sup> e o Outro. Tendo presente os excertos que passamos a transcrever, surgem as intuições de paralelismo, orientadas na mesma direcção, daquilo a que chamaríamos filosofia de vida de Paulo da Cruz:

*“Não sei se podemos falar da ‘fenomenologia’ do rosto, já que a fenomenologia descreve o que aparece. Assim, pergunto-me se podemos falar de um olhar voltado para o rosto, porque o olhar é conhecimento, percepção. Penso antes que o acesso ao rosto é, num primeiro momento, ético. Quando se vê um nariz, os olhos, uma testa, um queixo e se podem descrever, é que nos voltamos para outrem como para um objecto. A melhor maneira de encontrar outrem é nem sequer atentar na cor dos olhos! Quando se observa a cor dos olhos, não se está em relação social com outrem. A relação com o rosto pode, sem dúvida, ser dominada pela percepção, mas o que é especificamente rosto é o que não se reduz a ele. Em primeiro lugar, há a própria verticalidade do rosto, a sua exposição íntegra, sem defesa. A pele do rosto é a que permanece mais nua, mais despida. A mais nua, se bem que de uma nudez decente. A mais despida*

---

<sup>275</sup> Idem – *Op. cit.*, p. 39

<sup>276</sup> Idem – *Op. cit.*, p. 43.

<sup>277</sup> Silveira de Brito, no seu ‘comentário’ ao texto “*La trace de l’autre*” teve o cuidado de esclarecer a diferença entre ler-se um texto no original ou numa tradução. E, depois de explicar numa das suas aulas de Doutoramento em Bioética na UCP sobre Lévinas a origem do vocábulo “rosto”, explicitou: “*Deu-se, com esta palavra, uma sinédoque... Como é evidente pela própria origem, o termo rosto implica uma certa fixidez, pelo que não é a tradução ideal para visage, porque não salvaguarda as ressonâncias que este termo francês tem, devido à sua origem etimológica. Poder-se ia traduzir visage por Olhar, como propõe Luis Carlos SUSIN (Cf. O Homem messiânico. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas, Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editorial Vozes, 1984, 203, nota 8), mas esta opção colide com a tradição de traduzir “visage” por “rosto”...*” (pp. 1-2 do mencionado ‘comentário’)

*também: há no rosto uma pobreza essencial; a prova disto é que se procura mascarar tal pobreza assumindo atitudes, disfarçando. O rosto está exposto, ameaçado, como se nos convidasse a um acto de violência. Ao mesmo tempo, o rosto é o que nos proíbe de matar.*<sup>278</sup>

Mais ainda: “O rosto é significação, e significação sem contexto. Quero dizer que Outrem, na rectidão do seu rosto, não é uma personagem num contexto. Normalmente, somos ‘personagem’: é-se professor na Sorbona, (...), filho de fulano (etc.). E toda a significação, no sentido habitual do termo, é relativa a um contexto: o sentido de alguma coisa está na relação com outra coisa. Aqui, pelo contrário, o rosto é sentido só para ele. Tu és tu. Neste sentido, pode dizer-se que o rosto não é ‘visto’. Ele é o que não se pode transformar num conteúdo, que o nosso pensamento abarcaria; é o incontível, leva-nos além. Eis por que o significado do rosto o leva a sair do ser enquanto correlativo de um saber. Pelo contrário, a visão é procura de uma adequação; é aquilo que por excelência absorve o ser. Mas a relação com o rosto é, num primeiro momento, ética”<sup>279</sup>. Outrem é rosto; mas outrem, igualmente, fala-me, e eu falo-lhe. “O rosto fala. Fala, porque é ele que torna possível e começa todo o discurso. Recusei, agora mesmo, a noção de visão para descrever a relação autêntica com outrem: o discurso e, mais exactamente, a resposta ou a responsabilidade, é que é esta relação autêntica.”<sup>280</sup>

Seguindo o pensamento de Lévinas, encontramos-nos perante a afirmação de que “**dizer** é o facto de, diante do rosto, eu não ficar simplesmente a contemplá-lo, respondo-lhe. O **dizer** é uma maneira de saudar outrem, mas saudar outrem é já responder por ele. (...) Há no aparecer do rosto um mandamento, como se algum senhor me falasse. Apesar de tudo, ao mesmo tempo o rosto de outrem está nu; é o pobre por quem posso tudo e a quem tudo devo. E eu, que sou eu, mas enquanto ‘primeira pessoa’ sou aquele que encontra processos para responder ao apelo”<sup>281</sup>.

“No acesso ao rosto, há certamente também um acesso à ideia de Deus. Em Descartes, a ideia do Infinito permanece uma ideia teórica, uma contemplação, um saber. Penso, na minha opinião, que a relação com o Infinito não é um saber, mas um

---

<sup>278</sup> LÉVINAS, Emmanuel – *Ética e Infinito*. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70, pp. 77-78.

<sup>279</sup> Idem – *Op. cit.*, pp. 78-79.

<sup>280</sup> Idem – *Op. cit.*, p. 79.

<sup>281</sup> Idem – *Op. cit.*, p. 80.



*Desejo. Tentei descrever a diferença entre o Desejo e a necessidade, pelo facto de o Desejo não poder ser satisfeito; que o Desejo, de alguma maneira, se alimenta com as próprias fomes e aumenta com a sua satisfação; que o Desejo é como um pensamento que pensa mais do que não pensa, ou do que aquilo que pensa. Estrutura paradoxal, sem dúvida, mas que o não é mais do que a presença do Infinito num acto finito.*”<sup>282</sup>

Estes longos excertos permitem-nos, assim penso, estabelecer *convincentes* relações convergentes do pensamento de Lévinas com expressões tão *simples como significativas* de Paulo da Cruz. O *fixar* o rosto de outrem abria-lhe os horizontes do que está *para lá ou encoberto* no rosto, despertando-lhe a responsabilidade da resposta ao mandamento que ele é: “*Olhai de frente os pobres*, dizia Paulo da Cruz: *todos têm gravado na fronte o nome de Jesus Cristo*”; ou então: “*A melhor homenagem que podemos prestar a Deus é servi-l’O nos membros sofredores do Corpo Místico de Jesus*”. No pensamento de Paulo da Cruz está implícita a ideia da *alteridade*. Mas atentemos seguidamente, e a propósito da *alteridade*, no que Lévinas registou:

“*O Outro metafisicamente desejado não é ‘outro’ como o pão que como, como o país em que habito, como a paisagem que contemplo, como, por vezes, eu para mim próprio, este ‘eu’, esse ‘outro’.* Dessas realidades, posso ‘alimentar-me’ e, em grande medida, *satisfazer-me, como se elas simplesmente me tivessem faltado. Por isso mesmo, a sua ‘alteridade’ incorpora-se na minha identidade de pensante ou de possuidor. O desejo metafísico tende para uma coisa inteiramente diversa, para o absolutamente outro*”<sup>283</sup>. “*O desejo metafísico não aspira ao retorno, porque é desejo de uma terra onde de modo nenhum nascemos. De uma terra estranha a toda natureza, que não foi nossa pátria e para onde nunca iremos. O desejo metafísico não assente em nenhum parentesco prévio; é desejo que não poderemos satisfazer*”<sup>284</sup>. “*O desejo metafísico tem uma outra intenção –deseja o que está para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo. É como a bondade –o Desejado não o cumula, antes lhe abre o apetite*”<sup>285</sup>. “*O desejo é absoluto se o ser que deseja é mortal e o Desejado, invisível. A invisibilidade não indica uma ausência de relações; implica relações com o que não é*

---

<sup>282</sup> Idem – *Op. cit.*, pp. 83-84.

<sup>283</sup> LEVINAS, Emmanuel – *Totalidade e Infinito*. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Edições 70, p. 21.

<sup>284</sup> Idem, pp. 21-22.

<sup>285</sup> Idem, p. 22.

*dado e do qual não temos ideia. A visão é uma adequação entre a ideia e a coisa: compreensão que engloba*<sup>286</sup>.

*“O Desejo é desejo do absolutamente Outro. Para além da fome que se satisfaz, da sede que se mata e dos sentidos que se apaziguam, a metafísica deseja o Outro para além das satisfações, sem que da parte do corpo seja possível qualquer gesto para diminuir a aspiração, sem que seja possível esboçar qualquer carícia conhecida, nem inventar qualquer nova carícia. Desejo sem satisfação que, precisamente, entende o afastamento, a alteridade e a exterioridade do Outro. Para o Desejado, a alteridade, inadequada à ideia, tem um sentido. É entendida como alteridade de Outrem e como a do Altíssimo. A própria dimensão da altura é aberta pelo Desejo metafísico. O facto de essa altura já não ser o céu, mas o Invisível, constitui a própria elevação da altura e a sua nobreza. Morrer pelo invisível –eis a metafísica. Mas isso não quer dizer que o desejo possa dispensar os actos. Só que tais actos não são nem consumo, nem carícia, nem liturgia*<sup>287</sup>. Platão<sup>288</sup> considera o invisível como real: “Sou incapaz de admitir que haja outro estudo que faça a alma olhar para o alto, a não ser o que se refere ao real que é o invisível.”

No contexto das “*Interacções místicas*” entre Paulo da Cruz e Lévinas, expressões como “*O desejo é absoluto se o ser que deseja é mortal e o Desejado, invisível. A invisibilidade não indica uma ausência de relações; implica relações com o que não é dado e do qual não temos ideia. (...)“O Desejo é desejo do absolutamente Outro.”* (...) transportam o meu pensamento precisamente para aquilo que entendo por “*experiências místicas*”: o ‘contacto’ experimental com o Invisível, com o Amor Cósmico –Ser<sup>289</sup> Puro- provoca ‘mudança’ no pensar e no agir.

---

<sup>286</sup> Idem, p. 22.

<sup>287</sup> Idem, pp. 22-23.

<sup>288</sup> PLATÃO – *República*, 529 b.

<sup>289</sup> Quando se fala do Ser, convém ter presente este apontamento: “*O Uno de Plotino, o Uno de Platão no Parménides. É um uno para lá do ser: é o ‘irrevelado’, é o ‘estranho’ à identidade e à diferença, à semelhança, ao ser e ao conhecimento. (230)*” “*O Uno está para lá do ser não porque dissimulado e oculto. Está dissimulado porque está para lá do ser, totalmente diferente do ser*” (EDE, 190) BRITO, J.H. Silveira de - *Comentário ao texto “La trace de l’autre”*, (texto cedido nas aulas de Doutoramento em Bioética), p. 3. A seguir (p.3), Silveira de Brito interpela: “*Mas como é que o ‘absolutamente outro me concerne (me diz respeito)? (230) Será que o contacto com a transcendência, com a alteridade radical não é possível à filosofia? Será possível a experiência do outro enquanto outro (231)?*” Tem que ser (p.4) uma experiência heterónoma (231). Porque “*não nos é ela fornecida por aquilo a que chamamos simplesmente a bondade e pela obra, sem a qual a bondade é apenas um sonho sem transcendência, um puro voto (blosser Wunsch), segundo a expressão kantiana?*” (EDE, 190-191). Como pensar essa Obra?, interpela Silveira Brito (p.4) “*Não como uma agitação ou uma energia ou uma técnica que reduz o estranho a um mundo sem alteridade. A obra exige uma generosidade na direcção do Outro, exige a*

O desejo do Transcendente invisível que se manifesta na visibilidade física do outro, ou melhor, diria eu, na *vulnerabilidade do outro*, onde a *presença* do Outro sofredor por excelência, ainda que invisível, justifica o agir humano, porque lhe dá sentido, não será uma razão relevante do *ser místico*? Tal interpelação será objecto de reflexão na terceira parte deste ensaio. De momento, fico-me numa outra etapa, na linha de uma gradual *ascensão*. É que, no meu humilde entender, para que possamos aceitar o *outro como mandamento*, face ao qual tenho de exercer a *solicitude* como suporte da desejável *humanização*, parece-me oportuno alicerçar a minha *fundamentação* numa das muitas bases advindas da *experiência do divino* que abrirá novos horizontes ao agir ético da nossa frágil humanidade. Permita-se-me, então, abordar a questão que se segue.

## **II – O salto da esfera do éros, da animalidade, como via de libertação e de apreensão exigencial da experiência do divino em ordem à responsabilidade por outrem e à prossecução da humanização desejável.**

Entro, agora, numa das formas metodológicas ou pedagógicas como Paulo da Cruz consegue *saltar* da *esfera do éros*, da *materialidade*, para uma outra superior, que lhe permite sentir-se amado por quem quer revelar-se, isto é, de sentir a experiência do *Ser Puro*, se tal é possível..., a fim de pôr em prática o mandamento do amor que o Outro lhe exige na liberdade e na responsabilidade.

Começo por distinguir o *princípio de identidade* do *princípio de alteridade*. Do primeiro fazem parte tópicos como auto-realização, satisfação, éros, inter-esse, dono, parte, natural, espontâneo, idolatria. Do segundo, auto destruição por auto-doação, agapê, des-inter-esse, Dom, partner, mandamento e liberdade, monoteísmo. Do des-inter-esse já acima referimos o pensamento de Lévinas.

O salto da esfera do *princípio de identidade*, exige que se acabe com os ídolos, que nos sugam... É o mundo da *animalidade*. O 2º princípio exige uma opção; o mandamento leva-nos à transcendência. É o mundo do divino, ou melhor, o divino chega até nós. Este princípio reconhece que Deus nos ama, que Deus vem até nós. O homem é sempre segundo, pois quem ama primeiro é Deus e depois surge a nossa resposta. Deus entrega-se a cada um de nós como Dom. Não podemos prescindir de

---

*ingratidão do outro*, pois que a gratidão seria um movimento de retorno que reconduziria o eu a si mesmo. (...) A obra é a passagem ao tempo do outro.” (p.4).

responder-Lhe. Se Deus nos dá o Seu amor, temos de dá-lo aos outros. Por receber e dar gratuitamente passa a nossa vida.

Ora Paulo da Cruz faz-nos sentir esta realidade conduzindo-nos, como veremos, até ao *coração* de Deus!

O ser humano age por necessidades, exigidas pela esfera do humano, como por exemplo, matar a fome, a sede; necessidade do carinho e das realizações afectivas, etc. É a caminhada pela via da *animalidade* que, por ser inevitavelmente finita, não aporta nem comporta razões últimas convincentes do ser e agir humanos. Estes, adquirirão uma outra dimensão metafísica, após o salto no ‘vazio’ do infinito, que facultará o encontro com o Transcendente, *Ser Puro, o Amor Cósmico*, última razão de ser do ser humano. É este encontro personalizado de *Quem* vem ao nosso encontro, que lhe concede a liberdade absoluta e que lhe permite gozar a felicidade a partir da descoberta desse Outro no outro finito que, já o dissemos, justificará, ou melhor, fundamentará, todo o seu ser e agir.

É que, de facto, há uma etapa no místico Paulo da Cruz que serve como de trampolim para o acolhimento do *Ser Puro, o Amor Cósmico*: é o situar-se permanentemente ‘*in sinu Patris*’! Esta como que materialização do Transcendente é um *processo sensível* que permite a Paulo da Cruz dar o salto para a vivência da ‘*Morte Mística*’, percursos ou experiências que visam pôr em prática o conteúdo e exigência da *alteridade*. Basta ter presente que Paulo da Cruz teve uma experiência muito forte no hospital de S. Galicano, em Roma, antes de fundar a Congregação da Paixão (Passionistas), outra forma muito especial e comprometida de viver o princípio da *alteridade*. Compreenderemos melhor onde poderá chegar esta sua visão do outro e do que ele lhe exige quando, por exemplo, falando dos hospitais, onde se encontra o outro fragilizado, nos diz que “*são uma vinha de preço inestimável ou, para melhor dizer, são a fogueira mais abrasadora da caridade.*”<sup>290</sup> Ou então: “*Quem duvidará que os hospitais são lugares de santificação e verdadeiras escolas do Calvário?...*” Por isso investiu algum do seu tempo num hospital, no serviço do outro.

Paulo da Cruz entendia que o *outro*, que está à nossa frente, comanda-nos. E nós somos reféns dele, sujeitos a ele, pois tudo temos de fazer para que esse outro seja mais feliz. Isto implica *auto-destruição* por amor (Carta aos Filipenses). Paulo da Cruz

---

<sup>290</sup> ZOFFOLI, Enrico (Passionista) - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, I volume., Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, 1968, p.365.

compreendia que a vida, sendo Dom, não se conquista; dá-se. O homem recebe-se de Deus como uma dádiva e é assim que deve viver. A esta dádiva responde-se – Tarefa-. O Dom de Deus tem de vê-lo, pois quanto mais rico e longo for o rio da dádiva, maior será o nosso compromisso (Tarefa). O encontro com Deus responsabiliza-me. Eis porque Paulo da Cruz nos incentiva a permanecer ‘*in sinu Patris*’, para aí *escutar* a Palavra... Esta Palavra que é o Verbo Joanino ou então, a própria Bíblia. Parafraseando o ‘pensamento’ de A. Couto, expresso nas aulas do Mestrado em Bioética Teológica, e penso que correctamente ‘apanhado’ de minha parte, Lévinas, interrogado sobre o que é a Bíblia para o Ocidente, respondeu que é a prioridade do *outro* sobre mim. O *outro* é mais importante do que eu e a minha identidade encontro-a em pôr-me ao serviço do *outro*. Aqui verifica-se o novo nascimento. Não é a partir de mim que encontro a minha identidade. O *outro* é que me institui como eu. Viver biblicamente é abdicar de nós próprios e dar prioridade ao *outro*. Sai de ti e vai. Este vai é o autêntico imperativo bíblico. A identidade ganha-se indo, não vindo. Oferece-te por amor; esta é uma novidade bíblica. Quando o *outro* se entrega a mim, ele entrega-me a mim, obriga-me a ter de tomar uma decisão livre, liberta-me dos meus instintos, dos meus programas, etc. Nasço de novo a partir do *outro*. É que quem está no *outro*, no moribundo, no pobre, é Deus! Entregando-me livremente a Ele, ele devolve-me a liberdade. Podemos perder as grandes experiências transcendentais não nos encontrando com o *outro*, pois Deus manifesta-se no débil. O débil, o pobre, são soberanos que nos enviam imperativos. Aparecendo Deus como o pobre e o débil é o Soberano. Há que *fazer experiências* de Deus, em troca de se *falar de Deus*.

O *mandamento* exige resposta. O *mandamento* leva-me a dar resposta a este Deus que vem, ao mendigo, ao frágil, etc. O *mandamento* é uma experiência que nos é oferecida e a que eu tenho de dar resposta. Uma experiência é mais profunda que um discurso. O povo de Israel modifica-se ao ser encontrado com Deus. O que implica morrer ao homem velho.

Estas coordenadas vamos encontrá-las reflectidas nos excertos que passamos a expor da *experiência de Deus* e da responsabilidade perante o outro em Paulo da Cruz. No estar com Deus, ele sabe que Deus vem ao seu encontro, pelo outro, a quem passa a amar com o amor de agapê, amor de *desvalor*, orientado para a realização do outro, em conformidade com o amor do Crucificado que *desce* até ao outro. Aliás, a teologia paulocricana fundamenta-se nesta vertente, que se descobre no *escutar* Deus, ‘*in sinu*

*Patris*, *experimentá-l'O*, e *reconhecê-l'O* no outro. Não tem sentido o amor/éros, possessivo, que se apodera do outro para que ele me responda ao meu desejo...

Fixemo-nos, de momento, na experiência do permanecer '*in sinu Patris*' como ponto de partida para a saída da esfera do *éros* e para a outra nova experiência com o *Ser Puro, o Amor Cósmico*, explicitada, como veremos na terceira secção deste ensaio, na sua '*Morte Mística*'.

São muitos os textos e muito variados os contextos onde Paulo da Cruz utiliza a expressão '*in sinu Patris*' ou '*in sinu Dei*' (viver no coração de Deus). A expressão condensa uma vontade de abertura ao Deus que vem até ao humano na tentativa de o libertar da esfera do *éros*, da *animalidade*, reconciliando-o com os valores da esfera oposta ao *éros*, e *com-vertendo-o* para essa área. Ora vejamos:

*“Rogo e seguirei rogando ao Soberano Divino Infante queira conceder-lhe asas de fogo, asas de viva fé, de confiança e de fervida caridade, para que o seu bendito espírito voe bem alto in sinu Patris, que é o lugar onde Ele está e quer que também estejam os seus eleitos: Filius Dei qui est in sinu Patris, etc., et ubi ego sum, illic et minister meus erit. (...) O mesmo acontece com o Místico Divino Nascimento, na meia noite mais escura da fé, etc.”*<sup>291</sup>

É muita expressiva a linguagem metafórica utilizada por Paulo da Cruz: voar com asas de fogo, asas de viva fé, de confiança e de fervida caridade até ao lugar onde o Pai quer que estejam os seus eleitos. Facilmente nos apercebemos da sua intencionalidade neste apelo à saída da área do *éros* para uma outra a partir da qual o *eleito* regresse convertido, transformado num outro que entenderá melhor o que significa o alcance da presença do Outro no outro que lhe vai *pedir* o cumprimento do mandamento do amor. Seria inútil o voar e permanecer '*in sinu Patris*' se não se verificasse o processo do retorno, convertido e transformado.

Aqui pode-se reflectir sobre o alcance desta experiência do viver na intimidade, na interioridade do coração de Deus Pai e sobre a exigência de tal experiência. Paulo da Cruz fê-la. Eis porque a sua vida ficou marcada pelo cumprimento do mandamento do amor, exigido pelo Outro e pelos outros com quem viveu. E foi a partir desta experiência que ele saltou para uma outra, a da experiência mística, de que

---

<sup>291</sup> CROCE, S. Paolo della - *“Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.”*, Carta nº MDCLXV, escrita ao P. Marco Aurelio del SS. Sacramento (professor e formador da juventude), no dia 22 de Dezembro de 1767, Volume IV, pp. 23-24. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 469.

continuaremos a falar brevemente. Trata-se de um processo de inserção no Coração de Deus que provocará um Místico Divino Nascimento!... A tal criatura nova, de que tanto nos fala a Bíblia Sagrada...

São muitos os excertos onde Paulo da Cruz nos fala desta *experiência de repousar 'in sinu Patris'*. Apenas registo, em nota, alguns desses passos muito significativos.<sup>292</sup> Como que conduzidos pela mão, com uma extraordinária pedagogia espiritual, Paulo da Cruz transporta-nos até ao lugar onde se deve realizar a verdadeira oração: no Coração do Pai! É aí que aprendemos a ter fé, a viver a verdadeira caridade, a recuperar a tranquilidade do coração, a realizar com perfeição o que temos a fazer e a saber lutar contra a ansiedade, após a recuperação da verdadeira Paz., bioeticamente com qualidade, porque nos permite tudo fazer bem. Ora este tudo fazer bem é uma resposta ao mandamento que o outro me exige! Situados no *coração de Deus* intuiremos, ou melhor, descobriremos, que a vida é um Dom. E quanto mais descobirmos a vida como Dom, a perspectiva de viver modifica-se. A vida não é uma coisa; é um Dom.

Portanto, penso que podemos afirmar que se reveste de muita actualidade insistirmos neste exercício de repousar no seio do Pai, pois vem ao encontro não só da luta contra o stress que a todos nos domina e que, por vezes ora nos afasta ora nos distrai do verdadeiro sentido da vida, como, sobretudo, nos permite realizar este salto de uma esfera inferior para outra superior, mais *próxima* do Desejado, do Transcendente, de Outrem que nos fará compreender o porquê de existirmos. Esta *aproximação* do *Ser*

---

<sup>292</sup> CROCE, S. Paolo della - “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº MDCI, escrita a Giovanni Battista di S. Ignazio (1ª), - Vetralla -, no dia 02 (sem referência ao mês) de 1766, Volume III, pp.761-763. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 468; Carta nº MDLXII, escrita ao P. Giovanni Battista di S. Vivenzo Ferreri (1ª), -Vetralla -, no dia 20 de Dezembro de 1764, Volume III, pp. 703-704. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 466; Carta nº XXII, dirigida aos seus Religiosos (3ª), no dia 02 de Maio de 1750, Apêndice no Volume IV, pp. 225-228. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 472; Carta nº MCCXLII, escrita ao Fratel bartolomeo di S. Luigi (1ª), no dia 30 de Janeiro de 1755, Volume III, pp.289-290. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 461; Carta nº MCLXI, escrita ao P. Giovanni di S. Raffaele (1ª), - Terracina -, no dia 12 de Junho de 1753, Volume III, pp. 188-189. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 456; Carta nº CDLXXIX, escrita a Tommaso Fossi (172ª), (que se tornou Passionista com o nome de Pe. Tommaso di Gesù e Maria) -Poggio d’Elba-, no dia 01 de Setembro de 1773, Volume I, pp. 819-820. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 439; Carta nº DCCLVII, escrita a Suor Colomba Geltrude Gandolfi (17ª), -Toscanella -, no dia 25 (sem indicação do mês) de 1755, Volume II, pp. 469-470. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 371; Carta nº DCCLVIII, escrita à mesma (18ª), no dia 03 de Fevereiro de 1755, Volume II, pp. 470-472. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 372..

**Puro**, se tal linguagem nos é permitida, a partir do tal repousar *‘in sinu Patris’* terá sempre uma outra linha direccional, tendo em vista esse outro que ficará tocado pela experiência de Deus de um outro, experiência marcada pela humildade e caridade. Compreendemos assim que Paulo da Cruz peça para repousarmos na solidão *‘in sinu Patris’*, isto é, que procuremos espaços de solidão para nos encontrarmos com Deus, para ouvi-Lo, para senti-Lo, para vivenciá-lo, para testemunhá-Lo, a Ele, que é justo porque é Amor!... Este permanecer no coração do Pai faz que renasçamos para uma vida deífica, pois o próprio Pai nos conduz por um caminho régio, o da humildade e prática da caridade.

A esfera que está para além da do éros, gradualmente situa-nos na eternidade! Entrar no coração de Deus – *‘in sinu Patris’* - faz com que entremos nessa ‘outra onda’ e permite-nos sermos iluminados pelas verdades eternas, hoje tão esquecidas, ao que parece, e leva-nos a que, focados pela luz eterna, nos convertamos e vivamos mais em conformidade com o projecto de Deus para cada um de nós: o de sermos santos e irrepreensíveis diante de Deus e dos homens (Ef. Cap. 1).

A solidão aparece em Paulo da Cruz como uma característica importantes da estratégia para a superação de temores, muito característicos também da esfera do éros e para o renascimento e conversão, próprios da esfera superior à da animalidade.<sup>293</sup> O processo de ascensão fundamenta-se na fé.<sup>294</sup> Cristo é a porta por onde se efectua esta passagem para além da esfera da animalidade, após se repousar *‘in sinu Patris’*.<sup>295</sup> Paulo da Cruz quer que aqueles com quem “lida” cresçam equilibradamente, com personalidade e boa formação. Os seus pensamentos, expressos no seu epistolário, contribuem para eliminar ‘feridas’, que agastam a existência e desequilibram a

---

<sup>293</sup> CROCE, S. Paolo della - *“Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.”*, carta nº DCCXLVI, escrita a Sor Columba Gertrudis Gandolfi (6ª), no dia 26 de Março de 1753, Volume II, pp. 449-450. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 363; Carta nº CMXCVII, escrita ao Rev. D. Giovanni Antonio Lucattini (9ª) –Piansano-, no dia 16 de Dezembro de 1751, Volume II, pp. 819-820; Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 288.

<sup>294</sup> Idem, carta nº CDXLIII, escrita a Tommaso Fossi (136ª), (Pe. Tommaso di Gesù e Maria), - Poggio d’Elba -, no dia, 18 de Março de 1766, Volume I, pp. 766-768. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 263; Carta nº CDXXXVI, escrita ao mesmo (129ª), no dia 27 de Novembro de 1764, Volume I, pp. 755-757. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 260.

<sup>295</sup> Idem, Carta nº MDXCII, escrita a Marianna Girelli (1ª), Urbana, no dia 02 (sem indicação do mês) de 1766, Volume III, pp. 745-746. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 70.



qualidade de vida desejável! É um extraordinário processo bioético de estar e proceder na vida!

A nossa humanidade eleva-se, diviniza-se, quando transformada pelo amor que temos a Deus e ao Outro, por Jesus Cristo. É uma interessante e profunda visão antropológica!

O seio de Deus resulta, então, como o verdadeiro lugar da oração, o Getsémani onde se aprende a aceitar a Vontade do Pai, a verdadeira escola, onde se aprendem as virtudes que nos permitirão realizar o projecto segundo o qual fomos criados: o de sermos santos e irrepreensíveis aos olhos dos homens e de Deus, a Quem temos de imitar, sendo santos como santo é o nosso Pai celestial, em cujo seio vamos tentar repousar e aprender as verdadeiras lições da vida!

Sair da esfera do éros implica sempre um despojamento: “*Ditasas as almas que se despojam de tudo para vestir-se só de Jesus*”, exclama Paulo da Cruz, numa outra sua carta. Este revestir-se de Cristo vai na linha do apropriar-se dos Seus sentimentos a fim de se poder viver ao ‘Seu estilo’! E quanto mais se vive como Jesus Cristo, mais nos despojamos do ‘material’, que, pouco a pouco, se vai divinizando! Em Cristo encontramos o sentido de viver e o sentido para viver. Ele actua em nós, desde que não se Lhe feche as portas. É imprescindível a nossa cooperação na acção que Ele quer realizar em cada um de nós, tendente a modificar-nos em criaturas novas, em agentes que, depois de renovados, vão criar um mundo mais justo, mais agradável para se viver, mais humano, com a qualidade de vida desejável para todos, fruto duma ética consensual, porque fundamentada nos valores do Evangelho, que são universais e se resumem na palavra Amor! Viver assim, poderá resultar numa ‘expressão vivencial’ do que implica assumir o valor da *vida como Dom e Tarefa*.

O respeito humano é uma característica da esfera do éros, que limita a personalidade do homem e o valor da sua vida. Eis porque se revestem de actualidade as palavras entusiastas de Paulo da Cruz, dirigidas a Inês Grazi: vivendo em Cristo e como Cristo, “*não duvide de que saberá vencer o respeito humano e Deus lhe dará a vitória*”! É noutra esfera que o homem se realiza, se personaliza, se dignifica.

Já dizia Platão que amar os belos corpos era o princípio para se amar as belas almas; poderá também isto significar a ascensão do domínio do sensível à esfera espiritual, da sensualidade/sensibilidade para a espiritualidade, considerada esta como fundamento do agir ético.

### III – Perspectiva da *morte mística* paulocruciana como possível etapa a atingir por quem se lança na aventura ou voo radical do salto para fora da esfera do éros, e consequente regresso que permite ver o rosto de outrem, em liberdade e responsabilidade, atenuar a sua vulnerabilidade e tornar possível a humanização!

Nesta última abordagem, tecerei algumas considerações sobre o alcance da morte mística, característica da espiritualidade paulocruciana e que nos parece ter mais sentido porque visa sempre a felicidade do outro, ‘*a tal outra qualidade de vida*’, o ‘*bem estar*’ que a Bioética persegue! As categorias das expressões da linguagem de Lévinas, e os conceitos que temos dos vocábulos éros, materialidade, animalidade, alteridade, servirão de suporte em todas a construção deste ensaio. Mas nesta última secção, o que mais nos interessa é apresentar a perspectiva da ‘*Morte Mística*’ paulocruciana como possível etapa a atingir por quem se lança na aventura ou voo radical do salto para fora da esfera do éros, para seguidamente se deixar *seduzir* pelo Rosto e *apostar* seriamente no mandamento que o Outro nos exige se cumpra. É o pensar transformado em acção eficaz, que minora a vulnerabilidade que a todos nos afecta, de uma ou outra forma.

O homem bíblico, já foi dito, não vive da vida natural nem deve morrer assim. Mas sim como Dom; de escolhas, de opções, da escuta da Palavra, de um partir sem pensar no retorno... Deve saltar da vida natural e viver na perspectiva da escuta, de Dom. Esta é outra forma de viver. Naturalidade, não; liberdade, sim. O difícil é morrer de morte não natural e de viver de forma não natural.... Esta afirmação resume o que pretendemos que seja motivo desta última reflexão: a *morte mística paulocruciana*, expressa no opúsculo escrito por Paulo da Cruz, com a denominação de ‘*Morte Mística*’. Enquadra-se no género literário do *Regulamento de Vida*, e aí aparece o conceito da Vida Religiosa como *morte mística*. O texto que seguimos tem como destinatário um público feminino, se bem que o texto base, do qual saíram cópias, era um texto redigido no género masculino. Isto pouco nos interessa, pois o essencial é analisar o pensamento de Paulo da Cruz sobre a Morte Mística<sup>296</sup>.

---

<sup>296</sup> Aproveitamos agora para sintetizar as características da vida e espiritualidade de S. Paulo da Cruz, segundo o biblista António M<sup>a</sup> Artola, passionista, no capítulo VII da obra citada: -*a sensibilidade tanatofílica* (a familiaridade com a morte, desde criança, ocorrida principalmente com os seus familiares, configura a sua psicologia e teve influência na sua predilecção pelo tema da morte e da morte mística divinamente sublimada); -*a cristopatia* (preferência pelo mistério da Paixão e Morte de Cristo); -*a mortificação e a austeridade de vida*; -*uma vida obediente até à morte*; a *experiência mística* (os autores consideram-no como o maior místico do século XVIII em Itália e um dos grandes místicos do Cristianismo); -*o purgatório místico* (a sua espiritualidade é um viver em perpétua agonia e uma vida em

À pergunta sobre o que é a Morte Mística, o biblista António M<sup>a</sup> Artola define-a: “é um modo de realizar a morte com Cristo, como Cristo, e por Cristo, de uma natureza muito singular. (...) Essencialmente consiste em antecipar o morrer com Cristo, como Cristo e por Cristo, a um momento anterior à morte física. A dinâmica de dito morrer leva consigo os seguintes actos: a aceitação amorosamente obediente do inexorável destino de morrer; morte ao eu que quer auto afiançar-se no criado, sem limite algum; morte ao querer próprio, mediante a aceitação da vontade de Deus; morte ao desejo de ser desde si, para não ser senão em Deus e desde Deus; morte da actividade, para não actuar senão do dinamismo infinito de Deus.”<sup>297</sup> Comparando este excerto de Paulo da Cruz com este outro, já acima citado, de Lévinas: “O Desejo é desejo do absolutamente Outro. Para além da fome que se satisfaz, da sede que se mata e dos sentidos que se apaziguam, a metafísica deseja o Outro para além das satisfações, sem que da parte do corpo seja possível qualquer gesto para diminuir a aspiração, sem que seja possível esboçar qualquer carícia conhecida, nem inventar qualquer nova carícia. Desejo sem satisfação que, precisamente, entende o afastamento, a alteridade e a exterioridade do Outro. Para o Desejado, a alteridade, inadequada à ideia, tem um sentido. É entendida como alteridade de Outrem e como a do Altíssimo. A própria dimensão da altura é aberta pelo Desejo metafísico. O facto de essa altura já não ser o céu, mas o Invisível, constitui a própria elevação da altura e a sua nobreza. Morrer pelo invisível –eis a metafísica. Mas isso não quer dizer que o desejo possa dispensar os actos. Só que tais actos não são nem consumo, nem carícia, nem liturgia”,<sup>298</sup> julgo ser-me legítimo, apesar de reconhecer a minha ‘ousadia’, pensar nas **“interacções místicas”**, entre os dois pensadores.<sup>299</sup> O outro, nos dois pensadores, é a ‘realidade’ que ‘preocupa’ e move o seu agir pressupondo sempre uma “mística de relação”, fruto de reencontros e de experiências íntimas tidas com o Transcendente, o Ser Puro, o Amor Cósmico, que os impele para o bem-estar e e outra qualidade de vida do outro!

---

continua morte); -o Fundador. No que diz respeito à Morte Mística, convém ter presente o seguinte: segundo S. Paulo da Cruz, uma das propriedades essenciais da Morte Mística é a *morte espiritual a tudo o que é criado. Morre-se ao criado para viver do Incriado. Este morrer a tudo recebe no santo uma denominação muito significativa: é um morrer místico, misterioso, escondido em Deus.* Seguem-se outras propriedades da M.M.: *morte ao próprio querer; o sofrimento como preparação para a M.M.; a morte física (é outra das realidades que servem para preparar a M.M.); a morte mística como com-morrer com Cristo; a morte da profissão religiosa; a morte de martírio (numa das suas cartas fala do martírio que é a M.M., no sentido de que viver moribundo inclui o mérito do testemunho martirial).*

<sup>297</sup> ARTOLA, António M<sup>a</sup> - La Muerte Mística, según S. Pablo de la Cruz. Universidade de Deusto. Bilbao, 1986, p. 10.

<sup>298</sup> LEVINAS, Emmanuel – *Totalidade e Infinito*. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Edições 70, pp. 22-23.

<sup>299</sup> Silveira de Brito chama a atenção e muito bem, para a ‘clarificação do conceito de mística. Ao pretender-se fazer a comparação entre estes dois autores.” Segundo ele, “Lévinas disse-lhe que a mística judaica lhe era totalmente estranha”. Ora bem: Esta anotação é relevante para um trabalho mais extenso e profundo sobre o assunto em questão. De todas as formas, parece-me estar explícito o essencial do que pretendo atingir neste humilde ensaio.

As coordenadas desta vivência enquadram-se perfeitamente no viver o amor/agapê em toda a sua dimensão, exigência e plenitude. Tal vivência poder-se-á compreender apenas pela abertura total ao Deus que vem ao nosso encontro e que se encontra no Rosto, n'Outrem. Recordando o que acima foi referido:

*“A própria dimensão da altura é aberta pelo Desejo<sup>300</sup> metafísico. O facto de essa altura já não ser o céu, mas o Invisível, constitui a própria elevação da altura e a sua nobreza.*

---

<sup>300</sup> Silveira de Brito relembra, no ‘Comentário’ ao texto *“La trace de l’autre”*, p. 5, entregue nas aulas de Doutoramento em Bioética na UCP, que *“a orientação da Obra é em sentido único, não tem regresso. É por isso que Lévinas diz que a obra não brota da necessidade mas do desejo.”* Porque *“a necessidade abre-se a um mundo que existe para o eu – ela regressa a si”* = EDE, 192 (*“Raccourcis”* (“Ensaio breves”) – *‘La trace de l’autre’*. Nestes “Ensaio breves” estão recolhidos quase todos, se não todos, os escritos de Lévinas. Nota: a sigla EDE corresponde a *“En Découvrant l’Existence avec Husserl et Heidegger”*, 1967. E a necessidade, refere Lévinas, *“opomos o Desejo do Outro que procede de um ser já preenchido e independente e que não deseja para si. (...) O desejo de Outrem nasce num ser a quem nada falta ou mais exactamente, ele nasce para lá de tudo o que lhe pode faltar ou satisfazê-lo. Esse Desejo de Outrem, que é a nossa própria sociabilidade, não é uma simples relação com o ser em que segundo as nossas fórmulas de partida o Outro se converte em Mesmo”* (EDE, 193). E passa a manifestar a ‘epifania’ de Outrem: *“ (...) A sua presença consiste em vir a nós, em fazer uma entrada. O que pode enunciar-se assim: o fenómeno que a aparição de Outrem é também rosto ou ainda assim (para mostrar essa entrada, a todo o instante na imanência e na historicidade do fenómeno): a epifania do rosto é visitação”* (EDE, 194). O outro, explicita Silveira Brito, é rosto, rosto que destrói a forma plástica em que se apresenta. A manifestação do rosto é linguagem, é o primeiro discurso. (p. 6). E Lévinas aprofunda o conceito de rosto (EDE, p.236), afirmando a certa altura: *“O rosto impõe-se-me sem que eu possa ser surdo ao seu apelo nem esquecê-lo – quer dizer, sem que eu possa cessar de ser tido por responsável pela sua miséria”* (EDE, 195).

Eu prevejo em todo este processo uma forma de ‘aniquilamento’ do meu ‘eu’ para ‘me deixar interpelar pelo outro’. Os místicos conseguem-no mais eficientemente, quando ‘penetram’ no ‘seio do Pai’ que os ‘projecta’ na alteridade desejável, através da responsabilidade ou diaconia, ‘como no capítulo 53 de Isaías’ (EDE 196)!... E como é significativa, entre tantas, mais esta expressão de Lévinas: *“Ser Eu significa desde logo não poder esquivar-se à responsabilidade (...) A responsabilidade que esvazia o eu do seu imperialismo e do seu egoísmo (...), ela confirma-o na sua ipseidade, na sua função de suporte do universo”* (EDE, 195-196). *“O eu perante o Outrem é infinitamente responsável”* (EDE, 196), p.6. *“À relação que liga o Eu a Outrem, chamámo-la Ideia de Infinito. A ideia do infinito é Desejo”* (EDE, 196), p.7). Como já explicitiei, esta terminologia permite-me perspectivar pontos convergentes na linha duma antropologia mística!... O rosto é visitação e entrada, porque não é sinal, não indica, não revela o ausente (239) (p. 7). *“O rosto é precisamente a única abertura onde a significância do Transcendente não anula a transcendência para a fazer entrar numa ordem imanente, mas onde, pelo contrário, a transcendência se mantém como transcendência sempre volvida do transcendente. A relação entre significado e significação está no rasto não correlação, mas a própria irrectitude”* (EDE, 198). Surge assim, logo de seguida, ‘a referência que o rasto faz à terceira pessoa, à eleidade’ (240). *“A ordem pessoal a que o rosto nos obriga está para lá do Ser. Para lá do Ser é uma terceira pessoa que não se define pelo si mesma, pela sua ipseidade”* (EDE, 198-199). *“O perfil que, pelo rasto, a apodera do passado irreversível é o perfil do ‘Ele’. O para lá de onde vem o rosto e a terceira pessoa. (...) A eleidade da terceira pessoa é a condição da irreversibilidade”* (EDE, 198). Na p. 241, Lévinas esclarece o que entende por rasto que *“não é um sinal como outro qualquer”* (EDE, 199). Mas *“o rasto autêntico desordena a ordem do mundo. Ocorre em sobreimpressão. (...) Aquele que deixou rastos ao apagar os seus rastos nada quis dizer ou fazer por meio dos rastos que deixa. Desordenou a ordem de uma forma irreparável. Passou em absoluto. Ser na acção deixar um rasto é passar, partir, absolver-se”* (EDE, 200). Silveira Brito interroga-se sobre se este rasto de que estamos a falar não será o rasto do ser, se não estaremos dentro da ontologia, não estaremos na diferença ontológica de Heidegger? (243), p.8. *“O rasto obriga relativamente ao Infinito, ao absolutamente Outro”* (EDE, 200), rasto que aponta para uma transcendência radical, para uma separação radical” (243). *“O rasto é a inserção do espaço no tempo, o ponto em que o mundo se inclina para um passado e um tempo (...). Só um ser que transcendendo o mundo pode deixar um rasto. O rasto é a presença daquilo que, falando com propriedade, nunca esteve lá, daquilo que é sempre*

*Morrer pelo invisível – eis a metafísica. Mas isso não quer dizer que o desejo possa dispensar os actos. Só que tais actos não são nem consumo, nem carícia, nem liturgia.*<sup>301</sup>

O invisível transcendente é real. É o que existe *per se*. É o **Ser Puro, o Amor Cósmico!** Ora na Sagrada Escritura Deus é Aquele que é. **É Ser!** A sua invisibilidade diante do olhar da materialidade não condiciona de forma alguma a sua existência. Porque Ele é **Ser**.<sup>302</sup>

*“Louca aspiração ao invisível quando uma experiência pungente do humano ensina, no século XX, que os pensamentos dos homens são conduzidos pelas necessidades, as quais explicam sociedade e história; que a fome e o medo podem vencer toda a resistência humana e toda a liberdade. Não se trata de duvidar da miséria humana – do domínio que as coisas e os maus exercem sobre o homem – da animalidade. Mas ser homem é saber que é assim. A liberdade consiste em saber que a liberdade está em perigo. Mas saber ou ter consciência é ter tempo para evitar e prevenir o momento da inumanidade. É o adiamento perpétuo da hora da traição – ínfima diferença entre o homem e o não-homem – que supõe o desinteresse da bondade, o desejo do absolutamente Outro ou a nobreza, a dimensão da metafísica.”*<sup>303</sup>

O homem místico parece-nos que é o homem que luta por evitar e prevenir o momento da inumanidade. Ele anseia por ser homem, lutando pelo desejo do absolutamente Outro ou a nobreza, a dimensão metafísica. A antropologia mística de Paulo da Cruz não é fechada, porque vê a perspectiva de que a resposta a Deus implica

---

passado” (EDE, 201). Face a uma linguagem que se torna difícil, Silveira Brito observa: “A posição do rosto, a que Lévinas chama Eleidade, de que se fala aqui ‘não começa nas coisas’ (244). Ele é rosto do rosto que leva a um passado imemorial e a um futuro escatológico.” Com palavras do autor (244-245) “o rosto como rosto não leva apenas para o passado, mas é a própria passagem para um passado mais longínquo que todo o passado e todo o futuro, os quais ainda se ordenam no meu tempo, para o passado do Outro, onde se desenha a eternidade – passado absoluto que reúne todos os tempos” (EDE, 201). E, finalmente, atentemos neste último excerto de Lévinas: “A eleidade desse Ele não é o mesmo da coisa que está à nossa disposição e a quem Buber e Gabriel Marcel tiveram razão em preferir o T para descrever o encontro humano. O movimento do encontro não se junta ao rosto imóvel. Ele está nesse mesmo rosto. O rosto é por si mesmo visitação e transcendência. Mas o rosto, totalmente aberto, pode simultaneamente ser nele mesmo porque é no rosto da eleidade. A eleidade é a origem da alteridade do ser em que o em si da objectividade participa, traindo-o” (EDE, 202). E concluímos a citação destes excertos que nos obrigam a profunda reflexão e alertam para novas perspectivas de palavras chave no vocabulário de Lévinas, com o comentário de Silveira Brito: “E o filósofo termina lembrando a resposta dada pelo Senhor, no capítulo 33 do Êxodo, quando Moisés lhe pede para ver a sua glória: ninguém pode ver o Seu rosto e ficar vivo. Deus diz a Moisés que O verá apenas pelas costas (Ex. 33,23). A desproporção entre Moisés e Deus é a desproporção que Lévinas considera existir entre o eu e o Outro!” (p. 9).

<sup>301</sup> LEVINAS, Emmanuel – *Totalidade e Infinito*. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Edições 70, pp. 22-23.

<sup>302</sup> Torna-se muito relevante, sob o meu ponto de vista, o que pensa Lévinas sobre o *ser*. Silveira de Brito, no seu artigo sobre ‘Lévinas filósofo da diferença’, in *Revista Portuguesa de Filosofia* (Tomo XLI – 2 -3 – Faculdade de Filosofia, Braga, 1985, apresenta uma ‘leitura levinasiana de Heidegger’, onde nos esclarece sobre a problemática do ser em Heidegger e Lévinas, pp. 2-6.

<sup>303</sup> LEVINAS, Emmanuel – *Totalidade e Infinito*. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Edições 70, p. 23.

os outros. Paulo da Cruz experimentou o Dom e começou a dizer a vida de uma forma diferente. Aprendeu a dar resposta, recitando. É que quem começa a recitar faz experiência da dádiva. Aliás, o próprio acto de recitar supõe o reconhecimento prévio da graça, a experiência de Deus na sua vida, de que Deus faz maravilha. E quem acolhe a dádiva sente alegria em dizer-se na recitação. Só quem teve experiência de Deus, quem fez a experiência da dádiva de Deus, dos dons de Deus, só esse pode fazer recitação. O grande recitador foi Jesus. O homem que recita, não se recita a si, mas as maravilhas que recebeu de Deus. A vida resulta uma longa ou breve recitação. Quem quiser responder sem recitar, não resulta. A recitação do que Deus operou em nós é receptividade. E recita-se para chegar-se à decisão, porque a recitação faz-se em ordem à decisão. A nossa decisão não parte de nós, mas vem-nos da graça, que vem de fora, isto é, precede-nos a acção de Deus. Paulo da Cruz fez experiência de Deus. Recitou a Palavra, facto que o *transformava* numa nova criatura, responsabilizando-o na resposta de compromisso pela felicidade do Outro. Transformar-se numa nova criatura exige morrer a muitas das satisfações da área da animalidade. A isso o leva a recitação, a escuta da Palavra.

Será que o místico procura metafisicamente *totalizar-se* com o Outro, no processo ou movimento metafísico?

*“O movimento metafísico é transcendente e a transcendência, como desejo<sup>304</sup> e inadequação, é necessariamente uma trans-ascendência. A transcendência pela qual o metafísico o designa tem isto de notável: a distância que exprime -diferentemente de toda a distância – entra na **maneira de existir** do seu exterior. A sua característica formal –ser outro- constitui o seu conteúdo, de modo que o metafísico e o Outro não se **totalizam**; o metafísico está absolutamente separado. O metafísico e o Outro não constituem uma qualquer correlação que seria reversível. A reversibilidade de uma relação em que os termos se lêem indiferentemente da esquerda para a direita e da direita para a esquerda ligá-los-ia **um ao outro**. Completar-se-iam num sistema, visível de fora. A transcendência pretendida fundir-se-ia assim na unidade do sistema que destruiria a alteridade radical do Outro.”<sup>305</sup>*

---

<sup>304</sup> Apenas a título de curiosidade e a propósito da palavra ‘desejo’ inserido neste contexto da ‘mística’, fiquemos com a definição do místico, feita por Michel de Certeau, in ‘La Fable Mystique’, p. 24, transcrita num trabalho realizado por Javier Melloni Ribas, S.J., sob o título *Michel de Certeau, un historiador seducido por la mística*, in *Revista MANRESA*, vol. 70 (1997), pp. 73-83: “El místico es aquél o aquélla que no puede dejar de avanzar y que, con la certeza de Aquél que le falta, sabe de cada lugar y de cada objeto que no es eso, que no se puede instalar aquí ni contentarse con eso otro. El deseo crea un exceso. El deseo le excede, y excedido, transpasa los lugares y se pierde, porque hay que ir siempre más allá, siempre a otra parte. El místico no habita en ninguna parte, sino que es habitado”.

<sup>305</sup> LEVINAS, Emmanuel – Idem, p. 23.

Ora o místico tem plena consciência da impossibilidade desta totalização, apesar da traição da linguagem com que por vezes exprime o seu desejo de  *fusão* no Outro. Porque “*a alteridade, a heterogeneidade radical do Outro, só é possível se o Outro é realmente outro em relação a um termo cuja essência é permanecer no ponto de partida, servir de entrada na relação, ser o Mesmo não relativa, mas absolutamente. Um termo só pode permanecer absolutamente no ponto de partida da relação como Eu.*”<sup>306</sup>

António Artola, referindo ao manuscrito de Paulo da Cruz, sobre a ‘*Morte Mística*’, diz que este assunto nos ensinará “*a convertir el morir cotidiano que es la experiencia de la finitud humana, en un vivir nuevo de infinitud y eternidad. El morir místico es la vida de Dios en el hombre*”<sup>307</sup>. Trata-se de uma linguagem teológica, na vertente da espiritualidade. Mas este processo literário de expressão não nos parece que se afaste da revelação filosófica acerca do Desejo, do Infinito e do Transcendente. O místico procura ardentemente encontrar-se com o Desejado, com o Infinito, com o Transcendente invisível, mas existente, real, que o transformará, provocando tal encontro pessoal com esse Outro o movimento de saída da esfera da animalidade para uma outra superior, a partir da qual sentirá o outro, seu próximo, como realidade representativa e expressiva do Outro transcendente que passa a ser a razão de ser do seu viver e agir. O místico, envolvido pelo amor totalizante, irradia-o no ambiente que o circunda, na tentativa por devolver à Criação a sua fisionomia original, com a marca de qualidade do Amor, da Justiça e da Verdade.

O místico liberta-se do éros, da satisfação pessoal; procurando a qualidade de vida do outro, ele auto-realiza-se gratuitamente. Não o faz, por uma satisfação pessoal, pois o seu processo de vida existencial é de morte quotidiana ao seu *interesse*, não masoquista porque altruísta. Eis como tem consistência a afirmação acima transcrita: O homem bíblico não vive da vida natural nem deve morrer assim. Mas sim como Dom; de escolhas, de opções, da escuta da Palavra. Deve saltar da vida natural e viver na perspectiva da escuta, de Dom. Esta é outra forma de viver. Naturalidade, não; liberdade, sim. O difícil é morrer de morte não natural e de viver de forma não natural...

Vivendo a experiência de Deus, a partir da recitação e da escuta da Palavra, o místico tem uma outra intuição da *responsabilidade*, como resposta. Tal intuição está próxima da conceito que dela tem Lévinas:

---

<sup>306</sup> Idem, p. 24.

<sup>307</sup> ARTOLA, P. Antonio María – *Op. cit.*, p.16.

“Entendo a responsabilidade como responsabilidade por outrem (...) Desde que o outro me olha, sou por ele responsável, sem mesmo ter que **assumir** responsabilidades a seu respeito; a sua responsabilidade **incumbe-me**. É uma responsabilidade que vai além do que faço. Habitualmente, somos responsáveis por aquilo que pessoalmente fazemos. Digo, em *Autrement qu’être* que a responsabilidade é inicialmente um por **outrem**. Isto quer dizer que eu sou responsável pela sua própria responsabilidade (...) O laço com outrem só se aperta como responsabilidade, quer esta seja, aliás, aceite ou rejeitada, se saiba ou não como assumi-la, possamos ou não fazer qualquer coisa de concreto por outrem. Dizer: eis-me aqui. Fazer alguma coisa por outrem. Dar. Ser espírito humano é isso. (...) Dia-conia antes de todo o diálogo: analiso a relação inter-human como se, na proximidade com outrem – para além da imagem que faço de outro homem -, o seu rosto, o expressivo no outro (e todo o corpo humano é, neste sentido mais ou menos, rosto), fosse aquilo que me **manda** servi-lo. Emprego esta forma extrema. O rosto pede-me e ordena-me. (...) Sou responsável por outrem sem esperar a recíproca, ainda que isso me viesse a custar a vida”<sup>308</sup>.

O místico faz-nos compreender o sentido profundo desta como *dependência* do outro, mas que o faz ser autenticamente ‘sujeito’.<sup>309</sup> Quanto mais intensa for a *experiência* de Deus, maior será o sentido de responsabilidade por outrem. Além disto, o místico nunca se sente superior a ninguém. Aplica-se-lhe a frase de Dostoievsky: “Somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais do que os outros.”<sup>310</sup>

Paulo da Cruz sentiu a exigência de Deus e esta exigência desperta-o para superar a preguiça, para deixar o caminho da infidelidade, características do domínio do éros sobre a natureza humana, e empreender o caminho da perfeição. O que consigna no seu manuscrito será compromisso e será “*estímulo para seguir adelante y superar generosamente mis repugnancias: concédame pues Jesus la gracia de un breve principio y santa perseverancia.*”<sup>311</sup>

O Santo tem consciência de que “*una sola cosa exige Dios de mí*”<sup>312</sup>, que é precisamente **morrer e obedecer**. Ora isto supõe uma resposta a muitas outras *exigências* de Deus, presente no *Rosto*, no *outro*, o que é violência. Sair do éros, no pensamento de Lévinas, é também uma exigência. O saltar para esferas *superiores* diferentes é sempre violência:

<sup>308</sup> LEVINAS, Emmanuel – *Ética e Infinito*, op. cit., pp. 87-90.

<sup>309</sup> Por vezes, Lévinas utiliza este termo no sentido de ‘submetido’ (Comentário de Silveira de Brito).

<sup>310</sup> DOSTOIEVSKY – *Les Frères Karamazov*. La Pléiade, p. 310. Segundo Silveira de Brito, Lévinas cita esta frase.

<sup>311</sup> CRUZ, S. Paulo – “*La Morte Mistica*”, texto transcrito in “*La Muerte Mística*” de P. Antonio María Artola, op. cit., p. 22.

<sup>312</sup> Idem - p. 22.



*“me despojaré de todo interés mio propio, no aspirando a pena ni premio, sino sólo a la gloria de Dios y al puro gusto suyo, no buscando permanecer sino entre estos dos términos: agonizar aquí hasta que Dios quiera y morir aquí de puro amor suyo. Oh cuán bendito el Amor de Jesús!”*<sup>313</sup>

Paulo da Cruz explicita em que consiste esta exigência do *Outro*, Deus feito carne em Jesus, e do Rosto, e que se consubstancia em mil mortes diárias:

*“Me pedís demasiado en una cosa, pues queréis que muera con Vos sobre la Cruz, con una muerte mística: muerte para mí demasiado dura pero suave, porque antes de morir debo someterme a mil muertes Señor, con sólo pensar en ello se horroriza, tiembla y se desalienta la humanidad, pero el espíritu según Vos lo ordenáis, está ya pronto para alcanzarla con la infalible certeza de que, si Vos lo queréis, no faltará vuestro auxilio para lograrla.”*<sup>314</sup>

A humanidade treme e desalenta perante a exigência do Transcendente à ascensão, à saída da esfera do éros, porque este processo implica mortes diárias. Trata-se do *quotidie morior* de Paulo Apóstolo. Um requisito importante para que se verifique o processo da ascensão: querer, disponibilidade, gratuidade: *“el espíritu está ya pronto para alcanzarla* (a morte mística)”. Não menos importante *“la infalible certeza de que, si Vos lo queréis, no faltará vuestro auxilio para lograrla* (a morte mística)”. Paulo Apóstolo também nos dirá que tudo podemos nAquele que nos conforta, ou então: *“Basta-te a Minha graça, pois na fraqueza é que a Minha força actua plenamente.”*<sup>315</sup> Aqui entrecruzam-se os planos da racionalidade e da fé. A saída da área do éros, para esferas mais sublimes, é possível pela conversão da vontade a novos valores existenciais. A mística de Paulo da Cruz utiliza uma linguagem que, diríamos, personaliza o Transcendente – Deus,<sup>316</sup> a esfera para além da animalidade – morte mística, a força para conseguir a meta – do querer e auxílio divino. A fim de se tornar mais evidente a comparação entre Paulo da Cruz e Lévinas, atentemos nestes dois excertos:

*“A vida dos verdadeiros servos e amigos de Deus consiste no morrer cada dia. ‘Quotidie morimur: mortui enim estis et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo’. Pois bem, esta é a morte mística que desejo para você: (...) que renasça em Jesus Cristo a uma nova*

---

<sup>313</sup> Idem – p. 27.

<sup>314</sup> Idem, pp 22-23.

<sup>315</sup> II Cor 12, 9.

<sup>316</sup> Para melhor compreensão do que se afirma, recordemos o que ficou transcrito sobre o ‘repousar in sinu Patris’... Cfr. também o capítulo XIII, “*Stare nel seno del Padre*”, in “*La spiritualità di San Paolo della Croce*”, de S. Vincenzo Maria Strambi, C.P. – Vezcovo di Macerata – Tolentino ( – nel terzo centenario della nascita (1694-1994), Editoriale Eco, Macerata, 1994, pp. 112-120.

*vida deífica e que morra misticamente em Cristo cada dia mais e que faça desaparecer da sua mente tantas borboletas que a rondam, por coisas de nada, submergindo-as no abismo da Divindade, ‘et vita tua abscondita sit cum Christo in Deo’. (...) Pense na morte mística. O que está morto misticamente não pensa noutra coisa senão em viver uma vida deiforme; não quer outro objecto a não ser o Deus Optimo Maximo; elimina todo pensamento, mesmo que seja de coisas boas, a fim de possuir apenas o de Deus ótimo; suprime tudo o que vem do exterior, a fim de não lhe servir de obstáculo ao trabalho divino que se processa dentro da alma, no gabinete íntimo, onde não pode chegar criatura alguma (...) porque só Deus habita nessa secreta essência, mente ou santuário da alma, em que as mesmas potências estão atentas ao trabalho divino e a esse divino nascimento que se realiza em todo o momento em quem tem a sorte de estar morto misticamente”.*<sup>317</sup> A ‘vida deífica’ ter-se-á de revelar por um agir ético-sentiente e responsável face ao outro! Não é egocêntrica, porque, sendo Deus Amor, quem ‘possui’ essa vida deífica tem de amar o outro!

E agora, prestemos atenção ao seguinte excerto de Lévinas:

*“Ser humano significa: viver como se não se fosse um ser entre os seres. Como se, pela espiritualidade humana, se invertessem as categorias do ser, num ‘de outro modo que ser’. Não apenas num ‘ser de modo diferente’; ser diferente é ainda ser. O ‘de outro modo que ser’, na verdade, não tem verbo que designe o acontecimento da sua in-quietude, do seu des-inter-esse, da impugnação deste ser – ou do esse-, da impugnação deste ser – ou do esse – do ente. Sou eu que suporto outrem, que dele sou responsável. Vê-se assim que no sujeito humano, contemporânea de uma sujeição total, se manifesta a minha promo-genitura. A minha responsabilidade não cessa, ninguém pode substituir-me. De facto, trata-se de afirmar a própria identidade do eu humano a partir da responsabilidade, isto é, a partir da posição ou da deposição do eu soberano na consciência de si, deposição que é precisamente a sua responsabilidade por outrem. A responsabilidade é o que exclusivamente me incumbe e que, **humanamente**, não posso recusar. Este encargo é uma suprema dignidade do único. Eu, não intercambiável, sou apenas na medida em que sou responsável. Posso substituir a todos, mas ninguém pode substituir-me. Tal é a minha identidade inalienável de sujeito. É precisamente neste sentido que Dostoievsky afirma: ‘Somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais do que os outros’.”*<sup>318</sup>

<sup>317</sup> CROCE, S. Paolo della - “Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.”, Carta nº CDLIV, escrita a Tommaso Fossi (147ª), no dia 29 de Dezembro de 1768, Volume I, pp. 787-788. Na edição espanhola das Cartas, organizada pelo Pe. B. Monsegù, é o nº 434. Tomás Fossi, após a morte da esposa, fez-se Passionista, com o nome de P. Tomás de Jesus e Maria..

<sup>318</sup> LEVINAS, Emmanuel – *Ética e Infinito*, op. cit., pp. 92-93.

Lendo e relendo este excerto, não me parece difícil encontrar convergências de pensamento com linguagens diferentes... A vida do místico Paulo da Cruz é uma *manifestação* do *essencial* do conteúdo do texto apresentado de Lévinas. Tendo presente, mais concretamente, o seguinte passo de “como se, pela espiritualidade humana, se invertessem as categorias do ser, num ‘de outro modo que ser’, Paulo da Cruz, como místico, transforma o seu ser num ‘outro modo de ser’: a ‘vida deífica’, a experiência de Deus leva-o a isso mesmo. Mas também o outro é *epifania* de Deus. Lévinas dirá que “*não tenho receio da palavra Deus, que aparece muitas vezes nos meus ensaios. O Infinito vem-me à ideia na significância do rosto. O rosto **significa** o Infinito*”<sup>319</sup>. É uma outra forma de expressar o Deus que vem ao encontro de Paulo da Cruz, sempre disposto a dizer: “eis-me aqui”.

Pois “*quando, na presença de outrem, digo ‘Eis-me aqui!’ é o espaço por onde o Infinito entra na linguagem, mas sem se deixar ver. (...) No ‘Eis-me aqui!’ da aproximação a outrem, o Infinito não se mostra. Como adquire, então, sentido? Direi que o sujeito que diz ‘Eis-me aqui!’ dá testemunho do Infinito. É por este testemunho, cuja verdade não é verdade de representação ou de percepção, que se produz a revelação do infinito. É por este testemunho que a própria glória do Infinito se glorifica. O termo ‘glória’ não pertence à linguagem da contemplação.*”<sup>320</sup>

Pensamos que a atitude interior que leva alguém a dizer “Eis-me aqui!” é consequência de quem vive a experiência de Deus, de “*quien corre con fe y a ciegas con toda indiferencia, como ciervo sediento, a la fuente de las divinas disposiciones, com um abandono total en Vos, dejándome guiar como Vos queréis, donde queréis e cuando queréis no buscandome a mí misma, sino unicamente que Dios se complazca a si mismo con el cumplimiento de su voluntad.*”<sup>321</sup> Num certo sentido, vemos nesta atitude o despojamento total, como criatura, para que resplandeça a Glória de Deus! E como consequência deste despojamento, uma outra atitude fundamental, essencial, manifesta quem tem consciência do seu ser e do que Deus representa na sua vida: a de deixar-se interpelar pelo mandamento que o Rosto nos dirige e que se sintetiza na disponibilidade –decisão livre e responsável- o do saber-se dizer: “Eis-me aqui!”<sup>322</sup> Isto implica o viver só em

---

<sup>319</sup> Idem – *Op. cit.*, p. 97.

<sup>320</sup> Idem – *Op. cit.*, p. 98.

<sup>321</sup> ARTOLA, P. Antonio María – *Oo. cit.*, p.23.

<sup>322</sup> Silveira de Brito refere, a propósito e no seu comentário a este passo, que, em Lévinas, o ‘eis-me aqui!’ não tem origem numa decisão do eu.

Deus, que é ‘morrer para si mesmo’ para viver para o outro. Aliás, a obediência de Cristo ao Pai deve-se ao Amor que teve para conosco:

*“Moriré del todo a mí misma para vivir sólo en Dios y para Dios. Y ciertamente moriré porque sin Dios no puedo vivir. Oh qué vida! Oh qué muerte! Viviré, pero como muerta, y con esta reflexión pasaré mi vida situándola en una continua muerte. Quiero resolverme a morir por obediencia. Bendita Obediencia!”*<sup>323324</sup>

Viverá os votos religiosos com a máxima perfeição, consequência da experiência da morte mística, e do desejo de imitar a Jesus, paupérrimo, casto e obediente, disponibilizando-se a viver ao serviço dos outros.

E é precisamente quando fala da obediência que Paulo da Cruz se *entrecruza*, passe o termo, com o pensamento de Levinás, na responsabilidade de resposta ao mandamento do outro:

*“Moriré en la Obediencia. (...) Oh feliz muerte la del que muere por Obediencia! Como lo hizo Jesús, querido esposo de mi alma. No sólo obedeceré además a quien debo, sino también a los iguales e inferiores, procuraré ser todo de todos, a fin de que todos me puedan mandar con libertad; permaneceré indiferente en todo, no mostrando desagrado o amargura en cosa alguna, para dejar una santa libertad de mandarme.”*<sup>325</sup>

A atitude do bom Samaritano, que, parando, se deixou interpelar pelo mandamento do débil, do ‘ferido’, do ‘vulnerável’, exige renúncias várias. Paulo da Cruz, pela obediência, aceita essa atitude:

*“Estaré sobre mí misma siempre para no dar a entenderla mínima inclinación para que no me sea satisfecha, ni a esto ni a aquello, incluso bajo título de mortificación, queriendo también en esto hacer que languidezca, el amor próprio, haciendolo morir en todo; y más que nada contenta con aquellas repugnancias de modo que se me mande siempre contra mi querer y voluntad, conociendo por luz de Dios que consiste en este fuerte punto la sólida virtud y la Obediencia que se llama verdadero sacrificio del espíritu”*<sup>326</sup>.

Com respeito ao falar, diz “que a língua me sirva unicamene para exemplo e nunca para escândalo”. Como resumo, aponta o viver como Jesus: “sólo **desejar, saber y entender** la vida de Jesús, humilde, despreciada y no conocida. Este es el camino, la

---

<sup>323</sup> Idem – *Op. cit.*, p. 30.

<sup>324</sup> Em Lévinas, o eu é para o outro, não propriamente para Deus, salienta Silveira de Brito, no seu comentário a propósito do transcrito.

<sup>325</sup> Idem – *Op. cit.*, p. 35.

<sup>326</sup> Idem – *Op. cit.*, pp. 35-36.

verdad y la vida.”<sup>327</sup> A caridade leva-o a *privilegiar* aquelas pessoas por quem se poderá ter antipatia, assumindo como projecto de vida:

*“Con las defectuosas, impacientes, soberbias, dirá: Señor, he aquí mi ganancia, he aquí mi paz, vencerme a mí misma, devolviendo bien por bien, amor por odio, humildad por desprecio, y paciencia por impaciencia. Quien está muerto no se resiente; así quiero hacer yo. Cuanta más caridad hacia el prójimo tanta más la tendrá Jesús conmigo: aquí no yerro. La caridad roba el corazón de Jesús, con ésta puedo ser una gran santa. Sí, quiero serlo. Quiero morir para morir a sí misma”*<sup>328</sup>.

Finalmente, e no XVII ponto do tratado da ‘*Morte Mística*’, temos a confirmação da intencionalidade da abordagem de tal assunto, isto é, depois dos voos místicos, a *alma* acaba por *regressar à terra* com um projecto concreto que visa a felicidade do outro:

*“No sentiré ninguna compasión de mí misma, llevando así el estado de una persona penitente que quiere ganar el Cielo a fuerza de violencia. Me fatigaré incansable por la gloria de Dios y por la santa Religión, para aliviar en sus fadigas a los demás, me ofreceré a hacer cuanto pueda, y entregarme toda en mi oficio, dejaré la dirección a mi compañera, estando yo allí solo para trabajar, para servir, para humilarme, y ser mandada como la menor de Monasterio. (...). Dios mío, esto y lo demás haré con vuestra gracia; pero si os apartáis un tanto de mí, causaré un mal mayor al bien que ahora propongo hacer; a fin de que esto no me sobrevenga para mí desgracia, lo que mucho temo, pero mucho más confío en Vos. Procuraré estar siempre unida a Vos y temeré apartarme un instante de Vos, ya que un solo momento apartada de Vos puedo perderos, y perdiendoos a Vos, todo lo pierdo”*<sup>329</sup>.

É bem certo que os actos da recitação e da escuta da Palavra resultam fundamentais para a descoberta das maravilhas de Deus na vida, perspectivada como Dom e Tarefa e para um assumir com responsabilidade a resposta ao mandamento que o *Outro* constantemente nos *impõe*. ***É um inacabado caminho a percorrer, num contexto bioético, que aponta para o bem estar do ser e da pessoa, para a sua ‘outra qualidade de vida, e é resposta às violações dos seus Direitos Fundamentais e Universais.***

Concluindo, afirmo que a tão badalada e desejada ***humanização***, a todos os níveis da vida das pessoas e dos seres vivos e em todos os sectores onde se concretiza o

---

<sup>327</sup> Idem – *Op. cit.*, p. 38.

<sup>328</sup> Idem – *Op. cit.*, pp. 38-39.

<sup>329</sup> Em várias citações do texto da ‘*Morte Mística*’, de S. Paulo da Cruz, verificou-se que a ‘primeira pessoa’ que fala é feminina. Sobre este assunto, já fizemos a devida referência nas páginas 20-21 deste ensaio.

agir humano, poderá encontrar caminhos de viabilização concreta através do que humildemente apresentei no decorrer deste Capítulo IV. Caso contrário, poder-se-á ficar sempre numa utopia não conseguida! E só uma perspectiva correcta de como se conseguir a *humanização* se resolverão os inúmeros problemas reais advindos da *vulnerabilidade*. Este é o meu ponto de vista fundamentado na *Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário, e nas convergências essenciais do seu pensamento com o de Lévinas*.

## CAPÍTULO V

"Benefícios da interiorização da finitude humana, como contributo para a aquisição de uma 'Outra Qualidade de Vida', na leitura bioética do pensamento de Paulo da Cruz, no seu epistolário." Contributo do pensamento do Professor Doutor Daniel Serrão sobre a finitude e a morte.

Palavras chave aparecem no enunciado proposto: *benefícios, finitude, 'outra qualidade de vida'*. A minha reflexão fundamenta-se no *pensar a finitude* de forma a que este processo aporte *benefícios* a quem aposte na interiorização/reflexão do termo *finitude*. Resultado deste processo, aquisição de uma 'outra qualidade de vida'! Começo, então, por esclarecer o termo *finitude, condição inerente a todos os elementos do Cosmos!*

*Finitude* é vocábulo formado de *finito* + sufixo – (t)ude e significa “ *qualidade ou estado daquilo que se apresenta como finito. É igual a contingência, limitação.*”<sup>330</sup> O elemento que lhe dá o sentido é o *finito*, de origem latina e que significa: *Que acaba ou tem fim, limitado; que é transitório, que possui carácter temporário, contingente; o que tem limites.*<sup>331</sup>” Ao falar-se de *finitude humana*, tal expressão traz-nos ao pensamento a transitoriedade de tudo, pois tudo é relativo. ***O conceito da finitude tem espaço na Bioética porque sendo esta a ética da vida vê-se atingida pelo mesmo que prestará um precioso contributo ao agir.*** Isto é, quando nos persuadimos de que tudo é finito, a nossa forma de viver, de estar, de agir, encontra no conceito de *finitude* um forte estímulo para alterar atitudes e comportamentos, benéficos para quem nele pensa e benéficos para aqueles com quem vivemos. É também um forte incentivo para a *superação*, consequência de quem se conhece e aceita como é e de quem aceita realisticamente a própria *finitude!* Perspectivam-se, desta forma, os *benefícios de pensar a finitude!*

**Ponto 1:** Começo por explicitar a minha crença de que *pensar a finitude* faz com que a veja como *algo frutífero*. Esta palavra deriva do latim: *fructus* = igual a fruto, a

---

<sup>330</sup> In *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* – Academia das Ciências de Lisboa. Editorial Verbo, 2001, 1º Volume..

<sup>331</sup> Idem.

benefício retirado de, e *fero*, que significa também produzir, causar, suportar, produzir. Finitude é produtiva, frutifica, é fecunda, é como a semente que morre, para se transformar e produzir. A isto me leva o ***pensar a finitude, numa primeira fase. Mas pensar a finitude leva-me a pensar a vida!*** Isto é acto criador, produtivo, fecundo, frutífero. É que pensando a vida, sob o foco da finitude, aprenderei a vivê-la com sentido, assumindo-a como *projecto e relação*. Atentemos nestes excertos de Daniel Serrão<sup>332</sup>:

*“A vida que é significado, é nexos entre matéria e tempo ou seja entre estrutura e função. A vida terminará quando a energia total se transformar em matéria definitivamente inerte, arrefecida ao zero absoluto ou quando se libertar da constrição material regressando a energia pura. Vida é significado. (...) Só que eu, homem, sou essencialmente um quantum da energia total primordial que se estabilizou em partículas elementares activas mas estáveis, os átomos, os quais se agruparam nas moléculas elementares de que sou formado e sem as quais não poderia existir (...) Quero dizer que o quantum de energia total primordial de que sou feito está distribuído por miríades de significantes estruturais, articulados entre si e dependentes uns dos outros segundo uma linha de complexificação progressiva (...) Vida atómica, vida molecular, vida celular, vida animal, vida humana, são na sua base um só e mesmo fenómeno: utilização controlada da energia capturada mediante a expressão temporal de uma forma física definida (...) Toda a vida é um projecto, essencialmente projecto; como todo o projecto é uma estrutura desenhada para cumprir uma função, desenvolve-se no tempo e no tempo se esgota ou se transforma... Mas só a vida humana é projecto consciente e assumido.”*<sup>333</sup>

---

<sup>332</sup> Ao longo deste Capítulo V, surgirão citações longas. Assumo aqui o pensamento de Diego Gracia quando escreve em 2007, no Prólogo à Segunda Edição do seu livro “Fundamentos de Bioética”, Editora Gráfica de Coimbra 2, 2008, pp.6-7: “Esta segunda edição reproduz exactamente a primeira. Inclusivamente nos seus defeitos. Alguns criticaram o meu empenho e introduzir textos dos autores estudados, às vezes de uma considerável extensão. Ainda que de um certo ponto de vista isso possa ser considerado um defeito, decidi mantê-los. Por experiência própria sei que nada enriquece tanto como o contacto com os textos originais. Isto deve-se ao facto de que as obras clássicas não o são apenas nem principalmente porque foram capazes de desafiar o passar do tempo, mas sobretudo porque possuem esse toque de genialidade que enriquece o leitor sempre que recorra a elas. Os clássicos nunca defraudam, e o diálogo com eles torna-se insubstituível. Certamente que este livro é um diálogo com algum ou com muitos desses textos. Mas o meu desejo seria que o leitor pudesse levar a cabo, ao menos em certa medida, o seu próprio diálogo. Isso permitir-lhe-ia repetir de certa forma o processo intelectual do autor deste livro, e realizar uma leitura crítica do seu conteúdo. O leitor não deve aspirar a menos, e o autor também não”. **Faço minhas estas palavras, e seja-me perdoada a ousadia...**

<sup>333</sup> SERRÃO, Daniel – “Vida humana, um projecto e uma relação”, in “Da Vida à Morte”, da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, Gráfica de Coimbra, 1988, pp. 91, 93-94.



Resultou-me muito esclarecido e formativo o excerto exposto de Daniel Serrão, tal como o que se segue, pois entrevejo neles luz verde para poder afirmar a que balizamentos me leva a *pensar a finitude*:

*“Nenhuma realização cultural por mais espantosa que seja como exercício de inteligência, deixa de constituir mero acontecimento individual que a morte irá transformar em facto histórico ou sepultar no esquecimento total... Vemos assim que a angústia da vida humana solitária impõe que a vida seja assumida como relação e que cada homem se considere como um ser para os outros e não um ser para a morte... Quando penso na vida humana como relação quero significar que nenhum homem do mundo me é estranho, que todos estão comigo e eu estou com todos neste brevíssimo intervalo que é a minha vida pessoal e durante o qual me é dado usar um maravilhoso instrumento com que me conheço a mim próprio, conheço os outros e conheço o mundo, e com o qual sou capaz de conceber Deus como origem deste Universo de que sou partícula infinitesimal; instrumento maravilhoso que me permite amar os outros, todos os outros seres humanos como meus iguais e meus irmãos.”*<sup>334</sup>

*Pensar a finitude* é fecundo pois me entusiasma a *ser para os outros e não um ser para a morte*... No entanto, esse *pensar a finitude* também me leva a perspectivar a morte como realidade que deve ser assumida como benéfica e frutífera, pois atinge o meu agir, impulsionando-me a bem viver, para além de que “o pensamento da morte é urgência de dar sentido à existência”<sup>335</sup>, ou então:

*“É urgente reconquistar a sabedoria da meditação da morte, para que a existência readquira dimensão autêntica. (...) Trata-se, pois, de pensar na morte, na minha morte, não para, morbidamente, envenenar a vida, mas para começar a viver de outra maneira: em autenticidade ética. O pensamento da morte liberta da alienação, faz a triagem entre o que vale e o que não vale, liberta para a liberdade. Na antecipação da minha morte, compreendo-me como totalidade daquilo que, entretanto, fizer de mim mesmo: aí, está o meu valor, e não no conjunto dos meus haveres – títulos académicos ou de banca, vaidades -, que, no instante de morrer, não terei possibilidade de levar comigo. Na antecipação da morte, capto o valor único da pessoa, que vale*

---

<sup>334</sup> SERRÃO, Daniel – “*Vida humana, um projecto e uma relação*”, in “*Da Vida à Morte*”, da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, Gráfica de Coimbra, 1988, pp. 97-100.

<sup>335</sup> BORGES, Anselmo – “*A necessidade de morrer*”, In “*Da Vida à Morte*”, da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, Gráfica de Coimbra, 1988, p. 296.

mais do que todas as coisas. As coisas são meio, só a pessoa é fim.”<sup>336</sup> Tratando da “Finitude corpórea e consciência da inevitabilidade de morrer”, Anselmo Borges “dada a sua condição corpórea, o homem é um ser inevitavelmente mortal. O morrer está inscrito no nosso programa genético. Biologicamente, estamos condenados à morte. (...) Na iminência de morrer, Sócrates, com o fulgor da sua ironia, lembrará a Críton que é devido um galo a Asclépio. Sendo costume oferecer um galo ao deus da medicina, Sócrates queria dizer que a sua morte era a cura da doença da vida. Já antes, tinha recordado que a filosofia é um treino para morrer. (...) Não é o corpo que morre. Quem morre é o homem. (...) Como escreveu I. Kant, na **Crítica da Razão Prática**, o homem, de acordo com a sua animalidade, é uma criatura que ‘tem de devolver ao planeta (um mero ponto no universo) a matéria de que foi feito, depois de ter sido provido (não se sabe como), por um curto espaço de tempo, de força vital.’”<sup>337</sup>

E acerca de “A morte como enigma e experiência do nada”, Anselmo Borges transcreve, citando L. Wittgenstein: “A morte não é um acontecimento da vida. A morte não se vive”; e afirma que “a morte é o mistério puro e simplesmente” e “no centro da vida, a morte está presente. (...) A morte pertence à estrutura ontológica da existência. (...) A morte é a nossa sombra.”<sup>338</sup> E citando Albert Dondeyne, Anselmo Borges regista ainda: “É uma verdade reconhecida por todos que a proximidade da morte possui o poder misterioso de abalar-nos e despertar-nos para a seriedade da vida. (...) Perante a realidade da morte, fico como que só comigo mesmo e, nesta solidão, percebo-me como totalidade. (...) A solidão cara à morte faz-me compreender ou, pelo menos, pressentir, que a vida autêntica não consiste em fazer o que me apetece (...), como se a minha vida possuísse um sentido que está em mim, e não um sentido que não vem unicamente nem, em última análise, de mim.”<sup>339</sup>

---

<sup>336</sup> BORGES, Anselmo – “A necessidade de morrer”, In “Da Vida à Morte”, da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, Gráfica de Coimbra, 1988, p. 295.

<sup>337</sup> BORGES, Anselmo – “A necessidade de morrer”, In “Da Vida à Morte”, da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, Gráfica de Coimbra, 1988, pp. 276-278.

<sup>338</sup> BORGES, Anselmo – “A necessidade de morrer”, In “Da Vida à Morte”, da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, Gráfica de Coimbra, 1988, pp. 279-283.

<sup>339</sup> BORGES, Anselmo – “A necessidade de morrer”, In “Da Vida à Morte”, da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, Gráfica de Coimbra, 1988, p. 297.

Anselmo Borges conclui, citando também Theodor W Adorno, que “*Confrontada com a morte, é desse sentido que a filosofia trata. É impensável a ideia de que a morte é verdadeiramente o último.*”<sup>340</sup>

Fica bem explícito o *benefício de pensar a finitude*. Concretamente a morte...Passo então por repensar a objectividade da *morte*! Existem mil e um estudos sobre a mesma.<sup>341</sup> Mas será que ela existe? A morte, quem o duvida, nasce com a vida. Duas irmãs gémeas que conviverão até à separação do espírito, da consciência, da auto consciência, do corpo. *Mas com a morte nada se acaba*. Esta aparente *finitude humana* produz. A propósito, e no que diz respeito à *perspectiva da morte, a partir do benefício do pensar a finitude*, são muito elucidativos os seguintes excertos do Sr. Professor Doutor Daniel Serrão<sup>342</sup>, extraídos da sua intervenção sobre a **Entrega dos Prémios de Investigação, em 1988**<sup>343</sup>:

“(…) A “morte do homem”, como “a casa queimada” é sempre uma surpresa. Entronizado no universo cultural o homem está no tempo, é consciência do tempo; como consciência do tempo recusa a morte individual enquanto fim absoluto, aniquilação total. **A morte não é fim da natureza material do homem: o carbono, o azoto, o cálcio, o ferro, todos os átomos de que sou feito vão regressar, com a minha morte física, à sacralidade da Terra-Mãe como diz Mircea Eliade e aí são integrados no tempo cósmico que está fora da medida humana. Não morrem. Também a morte não é o fim da natureza espiritual do homem: as criações do espírito humano permanecem indiferentes ao tempo sejam elas uma construção megalítica, prenhe de significado, ou o discurso de Sócrates aos atenienses levianos, ou o pensamento de Kant. O sentido último da cultura é, rigorosamente, este: a inteligência humana substituindo “o tempo da natureza”, o homem fazendo mais depressa e melhor a obra**

---

<sup>340</sup> BORGES, Anselmo – “A necessidade de morrer”, In “Da Vida à Morte”, da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, Gráfica de Coimbra, 1988, p. 297.

<sup>341</sup> Chamou-me particularmente a atenção o livro “Da Vida à Morte”, da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, Gráfica de Coimbra, 1988, e que contém Depoimentos muito interessantes de Jorge Biscaia, Walter Oswald, Formosinho Simões, Amândio Tavares, Miguel Leão, Paulo Cravo, Daniel Serrão, Alberto de Brito, Francisco Faria, Joaquim Matos Chaves, Robalo Cordeiro, Henrique Martins da Cunha, Lobato Faria, Armando Porto, Pe. Victor Feytor Pinto, Adelino Marques, João Barreto, António Barbosa de Melo, Pe. Anselmo Borges, Vasco Pinto de Magalhães.

<sup>342</sup> Médico, Professor de Anatomia Patológica. Sabedoria e Humildade são duas das muitas características desta ilustre personalidade. Concordo plenamente com o que João Paulo Lobo de Sena Carneiro (Director de Formação da COFANOR) escreveu na *Nota Introdutória* do Livro de Daniel Serrão “Procurar a Sabedoria, partilhar o conhecimento”, Editor COFANOR+Formação, Porto, 2010, p. 8: “O Professor Daniel Serrão faz-nos lembrar um célebre ditado oriental: ‘Os sábios são como as espigas cheias, curvam-se humildemente para a terra...’”.

<sup>343</sup> SERRÃO, Daniel – Conferência sobre a “**Entrega dos Prémios de Investigação, em 1988**”, Sessão presidida por Sua Excelência a Ministra da Saúde – Dr<sup>a</sup> Leonor Beleza..

*da natureza porque a sua inteligência lhe desvendou os segredos; por isto a criação cultural é rigorosamente intemporal.”*

Como resulta entusiasmante pensar que *a morte não é o fim da natureza material nem espiritual do homem!* Ora este axioma é um dos benefícios da reflexão sobre a *finitude*! Afinal, nada se acaba, apenas se transforma, porque, continua Daniel Serrão,

*“Temporal é, apenas, cada homem. A sujeição à temporalidade, a consciência individual da finitude de cada um de nós neste formato biológico-espiritual em que cada um se apresenta, eis o preço da imortalidade do fenómeno humano, no que ele tem de radicalmente novo, único e específico. A saída do paraíso natural ou hominização foi o assumir da consciência da intemporalidade do espírito e da finitude contingente do corpo.”*

O corpo é finito, o espírito é intemporal! Este é um pressuposto que nos revela a *finitude* como uma realidade optimista, esperançosa, alegre, carregada de uma ‘outra qualidade de vida’ positiva! A *dimensão espiritual do ser e pessoa humanos* são o suporte único para uma ‘outra qualidade de vida’. Temos um espírito. Cristo, na Cruz, proferiu as suas últimas palavras dizendo: ***“Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito. Dito isto, expirou”***<sup>344</sup>! A finitude do corpo é iluminada pela intemporalidade do espírito, colocado nas mãos do Pai. Poderá acontecer que, para muitos, talvez e com todo o respeito o digo, marcados por uma profunda miopia cultural ou daltonismo intelectual, pretendam refugiar-se na afirmação gratuita , mas cientificamente não fundamentada, da negação de evidências. O ar que respiramos ninguém o vê. Sente-se! O Espírito não se vê! Ele é a minha consciência ou auto-consciência! Por não se ver não se pode negar!... Nem o meu espírito nem o Espírito do Criador, imanente em cada ser e pessoa humanos, que tudo vivifica, fazendo nascer uma nova terra e novos céus!...

Justifica-se, portanto, pensar nos *efeitos benéficos do pensar a finitude* e no seu *poder criativo e frutífero*! No reverso da medalha, isto é, no medo, receio, no não querer *pensar na finitude*, a ideia desta pode tornar-se desespero quando falta a dimensão espiritual do ser e pessoa, da consciência de se possuir consciência, espírito! ***Eis porque***

---

<sup>344</sup> Lc , 23, 46.

*o pensar na finitude nos centra na realidade do que somos: matéria e espírito, e esta realidade dá sentido à vida e estimula a um viver bem!* Pelo *pensar na finitude* chega-se a ter consciência do que se é. O Salmo 79 confirma isto mesmo: “*Estendei, Senhor, a mão sobre o homem que escolheste, sobre o filho do homem que para vós criastes, e não mais nos apartaremos de Vós, fazei-nos viver e invocaremos o vosso nome*”. Saber *olhar a finitude*, ajuda a criatura (ser e pessoa) a adquirir a sua *fisionomia original*! Afinal, fomos criados à semelhança e imagem de Deus, e por isso é que a pessoa é ser racional, criado livre e senhor dos seus actos!<sup>345</sup> E ainda: “*Foi assim que Deus nos escolheu em Jesus Cristo antes da constituição do mundo, para sermos santos e imaculados (irrepreensíveis) diante dos Seus olhos*”<sup>346</sup> Sem a dimensão espiritual a pessoa reduz-se, vive num sem-sentido, auto-destrói-se, perde o norte quando reflecte na *finitude da vida*! Os *tempos da ignorância* de que nos fala o Livro sagrado dos Actos dos Apóstolos (17, 30) repetem-se sucessivamente. Tais tempos não dão resposta à *finitude*! Eis porque é pertinente ter presente o expressivo discurso do Apóstolo Paulo no Areópago de Atenas onde se confronta a fé cristã e a ciência pagã, tão em voga também nos nossos tempos e que fortalece o sentido da *finitude* de tudo com *o renascer de uma esperança sem ocaso nem limites de tempo nem espaço*. Vejamos o que nos diz o Apóstolo Paulo, no seu discurso no Areópago de Atenas<sup>347</sup>, revestido de uma impressionante actualidade:

*“Os que acompanhavam Paulo conduziram-no até Atenas. Depois, voltaram com ordens para que Silas e Timóteo fossem ter com ele o mais depressa possível. Enquanto Paulo os esperava em Atenas, ficou revoltado ao ver a cidade cheia de ídolos. Por isso, discutia na sinagoga com os judeus e pagãos que adoravam o Deus único. E todos os dias discutia na praça pública com aqueles que ia encontrando. Também alguns filósofos epicureus e estóicos começaram a conversar com ele. Alguns diziam: «O que querará dizer este charlatão?» Outros diziam: «Deve ser um pregador de divindades estrangeiras». Porque Paulo anunciava Jesus e a Ressurreição. Tomando Paulo consigo, levaram-no ao Areópago, dizendo: «Podemos saber que nova doutrina é essa que ensinas? De facto, as coisas que dizes são-nos estranhas; queremos, portanto, saber do que se trata». Com efeito, todos os atenienses e os*

---

<sup>345</sup> BEZERRA, João – *Contributos para uma outra ‘Qualidade de Vida’, no âmbito da Bioética Teológica*, Bezerra-editora, Braga, 2004, pp. 226-232.

<sup>346</sup> Ef 1, 4.

<sup>347</sup> Act 17, 15-34.

*estrangeiros residentes passavam o tempo a contar ou a ouvir as últimas novidades. De pé, no meio do Areópago, Paulo disse: «Senhores de Atenas, em tudo eu vejo que sois extremamente religiosos. De facto, passando e observando os vossos monumentos sagrados, encontrei também um altar com esta inscrição: "Ao Deus desconhecido". Pois bem, esse Deus que adorais sem conhecer, é exactamente Aquele que eu vos anuncio. O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe. Sendo Senhor do Céu e da Terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Também não é servido por mãos humanas, como se precisasse de alguma coisa; pois é Ele que a todos dá vida, respiração e tudo o mais. De um só homem, fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da Terra, tendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação. Assim fez, para que procurassem a Deus e para ver se O descobriam, ainda que seja às apalpadelas. Ele não está longe de cada um de nós, pois n'Ele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dentre os vossos poetas disseram: "Somos da raça do próprio Deus". Sendo, portanto, da raça de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem. Mas Deus, sem levar em conta os tempos da ignorância, agora anuncia aos homens que todos e em todo o lugar se arrependam, pois Ele estabeleceu um dia em que irá julgar o mundo com justiça, por meio do Homem que designou e creditou diante de todos, ressuscitando-O dos mortos». Quando ouviram falar de ressurreição dos mortos, alguns troçavam e outros diziam: «Ouvir-te-emos falar disso em outra ocasião». Foi assim que Paulo saiu do meio deles. Alguns, porém, uniram-se a ele e abraçaram a fé. Entre esses estava Dionísio, o areopagita, uma mulher chamada Dâmaris e outros com eles.»*

A citação é longa, mas o seu conteúdo é fundamental para nos *centrar* na vida, nestes tempos, repito, também eles marcados pela ignorância... O conteúdo deste excerto abre perspectivas de esperança à própria *finitude*! A Sabedoria dá respostas à ignorância. E como resulta entusiasmante a leitura do livro de Daniel Serrão “*Procurar a Sabedoria, Partilhar o conhecimento*.”<sup>348</sup> A páginas tantas, lemos:

“A grande aventura humana, vivida por cada um no breve tempo que medeia entre ser ‘pó levantado e pó caído’ (Vieira), é a de conhecer para sobreviver. Não é

---

<sup>348</sup> SERRÃO, Daniel - “*Procurar a Sabedoria, partilhar o conhecimento*”, Editor COFANOR+Formação, Porto, 2010.

*mais a Natureza que nos sustenta vivos, somos nós que nos sustentamos vivos na Natureza; apesar da Natureza e, algumas vezes, contra a Natureza. A Sabedoria, portanto, será um conhecimento absoluto e global, que encerre, em si, o significado completo e universal, da natureza do ser dos humanos e do seu estar no mundo”.*<sup>349</sup>

A propósito da expressão “*Deo Ignoto*”, o poema de Almeida Garret, em *Folhas Caídas*, e com o mesmo nome, acentua, efectivamente, a necessidade do reencontro do espírito com o que está na sua origem e no seu regresso, resultado do processo de se pensar a finitude. Atente-se no belíssimo poema de Garret:

“*IGNOTO DEO - D. D. D. . Creio em ti, Deus: a fé viva / De minha alma a ti se eleva / És: -- o que és não sei. Deriva / Meu sêr do teu: luz... e treva, / Em que -- indistinctas! -- se envolve / Este espirito agitado, / De ti vem, a ti devolve. / O nada, a que foi roubado / Pelo sôpro creador / Tudo o mais, o há-de tragar. / Só vive de eterno ardor / O que está sempre a aspirar / Ao infinito d'onde veio / Belleza és tu, luz és tu, / Verdade és tu só. Não creio / Senão em ti; o olho nu / Do homem não vê na terra / Mais que a dúvida, a incerteza, / A fôrma que engana e erra. / Essencial! a real beleza, / O puro amor -- o prazer / Que não fatiga e não gasta... / Só por ti os póde vêr / O que inspirado se affasta, / Ignoto Deus, das ronceiras, / Vulgares turbas: despidos / Das coisas vans e grosseiras / Sua alma, razão, sentidos, / A ti se dão, em ti vida, / E por ti vida têm. Eu, consagrado / A teu altar, me prostro e a combatida / Existencia aqui ponho, aqui votado / Fica este livro -- confissão sincera / Da alma que ti vôou e em ti só spera.*” É mesmo para se dizer: sem comentários!

Portanto, o pensar na finitude é um acto criador, cujos frutos são benefícios, sobretudo porque salienta a relevância da **dimensão espiritual do ser e pessoa humanos**, na sua ânsia da imortalidade. Imortais, portanto, são o espírito, a consciência, a auto consciência. O corpo, também frutifica, conforme vimos. A nível da **antropologia e saúde –área da bioética-**, a dimensão espiritual é um pilar importantíssimo, pois na medida da sua relativização perdem consistência os suportes da solicitude e da humanização, aspectos analisados no Capítulo IV desta tese.

---

<sup>349</sup> SERRÃO, Daniel - “*Procurar a Sabedoria, partilhar o conhecimento*”, Editor COFANOR+Formação, Porto, 2010, p. 19.

**Ponto 2.** Paulo da Cruz potencia a reflexão sobre a *finitude* e salienta os seus *benefícios* ao falar-nos da *vida deífica ou deiforme* a que somos chamados e que, sentindo-a e tornando-a presente nas nossas vidas, permite que usufruamos alegremente da uma '*outra qualidade de vida*', isto é, de um bem-estar perene e eterno, porque não se acaba, dada a sua profunda e inesgotável dimensão espiritual! Ora aqui está um dos *principais benefícios do pensar na finitude*, que nos impele para um *aprender a viver ou a um viver bem*. Como se pode antever, a dimensão escatológica é fundamental para dar *consistência ao pensar-se a finitude!*

É indesmentível o contributo de Paulo da Cruz para o *bem estar da pessoa*. Este bem estar exige um *aprender a viver*, na terminologia do Bioeticista italiano, o médico Salvino Leone. Por isso, penso, nesta Tarefa, apresentar o contributo de Paulo da Cruz, retirando *ideias força do seu pensamento*, numa linha da Logoterapia, como contributo para uma '*outra*' qualidade de vida e bem estar do ser e da pessoa. Apresentarei o que penso sobre esta *Relação/Interacção de uma 'Outra' qualidade de vida como suporte do bem estar do ser e da pessoa, da sua saúde individual e pública*. Interessa-me provar como a visão antropológica de Paulo da Cruz é '*coadjuvante*' em questões da Bioética.

A expressão de "aprender a viver" é uma expressão inserida no âmbito da Bioética precisamente porque esta aponta para um bem viver e bom morrer em todas as suas áreas temáticas. A "*Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário*", contribui para esse objectivo do "aprender a viver", no ciclo biológico da existência: nasce-se, vive-se e morre-se. A *finitude* está presente neste ciclo desde que surge a fecundação do ser humano!

O Professor José Roberto Goldim, num trabalho que apresentou na *I Jornada de Ética e Globalização*,<sup>350</sup> referiu que "*Levi-Strauss afirmava que uma cultura não tem critérios absolutos para julgar as atividades de outras culturas como "inferior" ou "nobre". (...) Segundo Tugendhat, no passado eram consideradas apenas as normas que desempenhavam um papel na vida intersubjetiva de adultos contemporâneos,*

---

<sup>350</sup> Trabalho de José Roberto Goldim sobre *Bioética, Cultura e Globalização*, apresentado na I Jornada de Ética e Globalização, Porto Alegre, 26/03/98 (In Internet).



*situados em uma proximidade espaço-temporal. Os novos desafios da área da saúde - aborto, reprodução assistida, terapia gênica, clonagem - trazem consigo uma nova dimensão à Ética, a da responsabilidade para com as pessoas ainda não existentes, com as pessoas distantes de nós. O processo de globalização, apesar de sua força, não tem conseguido homogeneizar integralmente as culturas. (...) A sociedade do século XXI terá possivelmente o seu foco em valores mundialmente compartilhados tais como os direitos humanos fundamentais, a realidade da limitação de recursos e da autonomia relativa, isto é, do aumento da necessidade de mútua cooperação entre contemporâneos e do respeito para com os direitos das gerações futuras. Esta era a base, já proposta em 1970, por Potter, quando cunhou o termo Bioética, a de que ela seria uma ponte entre as ciências e as humanidades e desta visão conjunta com o futuro.”*

Trago este excerto para aqui, porque me parecem relevantes algumas expressões de Goldim que contextualizam e dão pertinência ao assumir como tema da minha tese a “*Leitura do pensamento bioético de Paulo da Cruz, no seu epistolário*”. Em plena época de globalização, o ter presente o seu pensamento em assuntos relacionados com a Bioética vem contribuir para um agir ético desejável. Efectivamente, a *cultura do tempo de Paulo da Cruz* teve e tem *princípios e valores* que, concretamente, aplicados no âmbito da saúde ligada a substratos da nossa sociedade contemporânea resultam precioso contributo “*como resposta ética ao sofrimento e solidão*” tal como a perspectiva “*da ‘cruz’, como caminho de qualidade de vida – felicidade!*” A “*leitura que Paulo da Cruz faz da Paixão de Cristo e da Paixão pelos crucificados ou mais fragilizados de hoje*” é a alavanca do seu processo de intervenção eficaz junto de quem mais sofre. E há que ter presente que os novos desafios da área da saúde não se podem limitar ao que acima Goldim referia: “*Os novos desafios da área da saúde - aborto, reprodução assistida, terapia gênica, clonagem - trazem consigo uma nova dimensão à Ética, a da responsabilidade para com as pessoas ainda não existentes, com as pessoas distantes de nós.*” A responsabilidade, e a resposta que cada pessoa deve dar ao outro, num processo de descentramento numa actuação muito mais abrangente na área da saúde é que levou Paulo da Cruz a assumir compromissos concretos de um responsável agir ético. De facto, os seus *Compromissos existenciais* fundamentam-se no pressuposto expresso de fazer permanente memória da Paixão e Ressurreição de Cristo e no saber que o amor e o sofrimento ou amar e sofrer / a *συν-πάθος* (*sim-patia*), são resposta ética ao sofrimento e à solidão. Perspectivo em tudo quanto fica expresso a sintonia do

pensamento bioético de Paulo da Cruz com o pensamento bioético, assunto já explícito em capítulos anteriores e aos problemas que mais afligem os *crucificados ou mais fragilizados de hoje*.

O aprender a viver, no contexto da *finitude*, parte de pressupostos, ou neles se fundamenta. Concretamente, este aprender a viver enriquece-se com a recuperação da *dimensão espiritual da pessoa, da sua consciência, da sua auto-consciência*, a partir do contributo que Paulo da Cruz nos dá, quando escreve sobre a *vida deiforme ou deífica, revelação e fundamento de outra qualidade de vida, como benefício do pensar a finitude*. Atentemos, então, em passos do seu epistolário.

a) A vida deífica ou deiforme implica “*um encontro* (com Deus)” e “*uma vontade perfeitamente unida à de Deus, porque amá-Lo quer dizer procurar despojar-se e desnudar-se de tudo aquilo que não é Ele*”.<sup>351</sup> O conteúdo deste excerto de S. João da Cruz,<sup>352</sup> está muito presente no epistolário de Paulo da Cruz. Nesta tese, o assunto da *vida deífica ou deiforme* é comprovado com muitos excertos das suas Cartas.

O *encontro* a que nos referíamos realiza-se “*só a sós*”, na proximidade de quem se ama e se sente amado. Assim, torna-se possível a concretização da *vida deiforme ou deífica*, realidade frutífera de paz e bem estar perfeito. Vem a propósito o que Santo Agostinho cita no seu livro *As Confissões*: “*Fizeste-nos, Senhor para Ti, e inquieto (intranquilo) está o nosso coração enquanto não descansar em Ti*”. A propósito, e saindo destes contextos ‘religiosos’, vejamos o que Albert Camus nos diz, na sua obra *A Peste*. Rambert é um jornalista estrangeiro<sup>353</sup> que deseja voltar ao seu País, mas, devido à peste provocada pelos ratos, não lhe é permitido sair de Orão (Argélia). É fácil compreender o quanto deveria sofrer por não poder regressar às suas origens e estar com quem amava... Ao ver “*cartazes que ofereciam uma vida feliz e livre em Bandol ou em Cannes, Rambert sentia aqui essa espécie de terrível liberdade que se experimenta no fundo da privação. As imagens que lhe eram então mais difíceis de suportar eram as de Paris*.”<sup>354</sup> E a imagem da mulher que tinha deixado em Paris e ao recordar a hora “*que gostava de acordar (quatro da manhã), hora em que ele podia apoderar-se dela*”,

<sup>351</sup> ZOFFOLI, Enrico (Passionista) - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, 3 voll., Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, 1968, pp 832, ss.

<sup>352</sup> CRUZ, S. João - *Salita del Monte Carmelo*, II, c. 5., citado por Zoffoli, Enrico, in Op. cit., nota 173, pp- 812-183

<sup>353</sup> CAMUS, Albert – *A Peste* - Editora Livros do Brasil, Lisboa, 2009., pp. 97-101.

<sup>354</sup> Idem, p. 100.

Albert Camus regista: “*que o grande desejo de um coração inquieto é possuir interminavelmente o ser que ama e poder mergulhar esse ser, quando chegou o tempo da ausência, num sono sem sonhos, um sono que só possa acabar no dia da união.*”<sup>355</sup>

Com divergências de conteúdo contextual, entre Santo Agostinho e Albert Camus, existe a convergência do que procura um coração inquieto: *o ser que ama...* Pensar a *finitude*, já o temos dito, conduz-nos à conquista do que é essencial (numa perspectiva teológico-bioética), e partindo da relevância da dimensão espiritual que reveste o ser e pessoa humanos. Paulo da Cruz alerta permanentemente para nos centrarmos dentro deste paradigma. *O encontro, só a só, realizado na proximidade ou posse do Ser amado (Deus) é fonte de paz e de bem estar*, perspectiva que a bioética não deve rejeitar. Esse encontro favorece um *novo estilo de viver, de sentir, de se ser*, que poderemos chamar de *vida deífica ou deiforme*.

Enrico Zofolli salienta que este processo do **encontro**, “*desta recíproca presença (de Deus na alma e da alma em Deus) que atinge sublimes níveis de intimidade, é expressa por Paulo da Cruz em termos de **contacto** e reclama a quente e fascinante experiência do abraço de amor que vincula a alma a Deus, no mais inefável repouso da criatura nele*”<sup>356</sup> E prova-o com excertos do epistolário de Paulo da Cruz:

“*Abandonai o vosso espírito nas mãos de Deus e vereis depois as maravilhas de amor que Sua Divina Majestade operará com isso.*”<sup>357</sup>

“*Reavivai frequentemente a santa fé e refugiai-vos com um salto amoroso no seio e nos braços de Deus!...*”<sup>358</sup>

“*estando sempre em repouso amoroso nos braços divinos do Esposo celeste, ardendo sempre de amor por Ele.*”<sup>359</sup>

“*abandonado como uma criança nos divinos braços do Senhor...*”<sup>360</sup>

Portanto, **repousando** “*no peito divino do Pai celestial.*”<sup>361</sup>

---

<sup>355</sup> Idem, pp.100-101.

<sup>356</sup> ZOFFOLI, Enrico (Passionista) - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, 3 voll., Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, 1968, p. 835.

<sup>357</sup> CROCE, S. Paolo della - “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº MDCXLI, escrita a Anna Maria Calcagnini (12ª), - Gaeta -, no dia 31 (sem indicação do mês) de 1769, Volume III, pp. 820-822.

<sup>358</sup> Idem - Carta nº MCCCXX, escrita a Teresa Palozzi (23), (M. Angela dell’ Assunzione) -, - Ronciglione -, no dia 26 de Maio de 1764, Volume III, pp. 388-389.

<sup>359</sup> Idem - Carta nº CCC, escrita a Suor Maria Cherubina Bresciani (42ª), no dia 01 de Abril, de 1756, Volume I, pp. 517-518.

<sup>360</sup> Idem - Carta nº XXX, escrita ao Sacerdote D. Erasmo Tuccinardi (1ª) – SS. Annunziata -, Gaeta -, no dia 29 de Agosto de 1726, Volume I, pp. 67-68.

<sup>361</sup> Idem - Carta nº MLXXIII, escrita a Faustina Giannotti (1ª), no dia 30 de Junho, de 1750, Volume III, p. 64.

“Ó, quanto diz a alma amante ao Seu Deus naquele sagrado silêncio de amor.”<sup>362</sup>

“Repousar a alma com grande calma e paz em Deus.”<sup>363</sup>

São muitos os passos, como já vimos na Capítulo IV desta tese, nos quais Paulo da Cruz faz referência ao *repousar no seio de Deus!* Trata-se de uma expressão muito característica sua: *Repousar in sinu Patris, in sinu Dei, no seio do Pai, no seio de Deus!* Em 1952, por exemplo, aconselhava a Tomás Fossi: “*Repouse no seio do Pai Celestial, onde está Jesus Cristo, verdadeiro Filho de Deus vivo e onde Ele conhece as suas queridas fiéis ovelhinhas.*”<sup>364</sup>

Deixamos de lado outras citações a propósito do que estamos a tratar. Fiquemos apenas nestes outros excertos onde Paulo da Cruz esclarece gradualmente o seu pensamento sobre a *vida deífica ou deiforme*. Efectivamente, escrevendo aos seus dirigidos aconselha-os a que não podendo meditar, “*repouse em Deus, num sagrado silêncio de amor...*”,<sup>365</sup> “*com paz amorosa e atenção suave*”<sup>366</sup>, “*vivendo a vida deífica, vida de amor e vida santa, renascendo em cada momento e cada vez mais no divino Verbo Cristo Senhor nosso*”<sup>367</sup>, “*com abstracção amorosa de qualquer imagem e de tudo o criado*”<sup>368</sup>, “*não querendo outra coisa a não ser o que quer Sua Divina Majestade.*”<sup>369</sup>

Concluindo esta alínea: a nossa dimensão espiritual, parte integrante da nossa consciência, do nosso espírito, fornece-nos energias positivas face à *finitude* de tudo o que nos diz respeito e do que nos rodeia. Esta dimensão espiritual assume uma consciência própria quando aceitamos fazer a caminhada do *encontro com Alguém Superior (Amor)*, do *contacto com esse Amor*, do *repousar nEle* e do *aceitar experimentar a presença do Espírito* que nos embala para um outro tipo de viver, a que podemos chamar a *vida deífica ou deiforme!*<sup>370</sup> A *solidão* e a *finitude* encontram

---

<sup>362</sup> Idem - Carta nº LXXXVII, escrita a Agnese Grazi (40ª), -Orbetello -, no dia 09 de Fevereiro de 1737, Volume I, pp.171-172.

<sup>363</sup> Idem - Carta nº CXXXIX, à mesma (92ª), no dia 07 de Julho, de 1740, Volume I, pp.252-254.

<sup>364</sup> Idem - Carta nº CCCXLIX, escrita a Tommaso Fossi (42ª), futuro Passionista, com o nome de Pe. Tommaso di Gesù e Maria – Poggio d’Elba -, no dia 06 de Julho, de 1752, Volume I, pp. 616-618.

<sup>365</sup> Idem - Carta nº CCLXII, escrita a escrita a Suor Maria Cherubina Brescianni (4ª), no dia, 03 de Setembro, de 1735, Volume I, pp. 442-444.

<sup>366</sup> Idem - Carta nº CCLXXXIX, escrita à mesma (31ª), no dia 08 de Julho de 1745, Volume I, pp. 497-499.

<sup>367</sup> Idem - Carta nº CCCLXIII, escrita a Tommaso Fossi (56ª), futuro Passionista, com o nome de Pe. Tommaso di Gesù e Maria – Poggio d’Elba -, no dia, 22 de Junho, de 1754, Volume I, pp. 640-642.

<sup>368</sup> Idem - Carta nº CCCLXIV, escrita ao mesmo (57ª), no 25 de Julho, de 1754, Volume I, pp.642-645.

<sup>369</sup> Idem - Carta nº CDIX, escrita ao mesmo (102), no dia 13 de Junho, de 1760, Volume I, pp. 717-718.

<sup>370</sup> Enrico Zofolli ajuda-nos a encontrar *outras expressões* nos três Volumes da sua obra, que consta na Bibliografia desta Tese: I vol., p.1356, ss; II vol., pp. 154, 174, 176 ss., 1224, 1392 ss; III vol. pp. 493, 603 ss., 67, 673, 682 ss., 688-694, 708 ss., 717 ss., 780-783, 82 ss., 86 ss., 843-847.

nessa vivência uma resposta positiva para um viver bem, em paz, mesmo nas mais adversidades (finitudes...) inerentes ao percurso existencial humano, sendo um antídoto contra o desespero! Esta forma de viver é activa, e não passiva, pois exige de quem vive tal experiência de Deus a ser mais fiel no cumprimento dos seus deveres e na aceitação da finitude da própria existência e de quanto a rodeia<sup>371</sup>! Penso que é nestas coordenadas que se encontra o sentido do viver e do morrer, com *outra qualidade de vida*!

*b) A vida deiforme ou deífica, é essencialmente fruto da morte mística*<sup>372</sup>, segundo Paulo da Cruz, resultando um benefício do pensar a *finitude*! Voltemos a prestar a nossa atenção no passo do seu epistolário: ***“Pense na morte mística. Quem está morto misticamente não pensa noutra coisa senão em viver uma vida deiforme.”***<sup>373</sup>

Pensar na morte é salutar. É um pensamento benéfico, é um pensamento libertador! Queremos com isto dizer que quem o faz consegue desligar-se das amarras do que é transitório, passageiro, revestido do verniz das ilusões, e consegue abraçar, alegre e entusiasticamente, o que acarreta atrás de si a perenidade, o eterno, os valores consistentes da vida que não acaba mas que se transformará no além! Eis porque pensar na morte faz com que nos viremos para o essencial da própria existência, entusiasmando-nos a viver uma *vida deiforme*, isto é, segundo o critério de Deus, ao estilo de Deus, à maneira de Deus!...

Ao longo da história, registam-se curiosos episódios relacionados com as reacções das pessoas que pensavam na morte. O papa João XXIII, tendo-a sempre presente, procurava ter as malas aviadas..., preocupando-se apenas em viver recta e santamente. Pura e simplesmente, recta e santamente! E isto é viver uma *vida deiforme*, como nos aconselha Paulo da Cruz, ao dirigir este seu apelo a um seu dirigido, o sr. Tomás Fossi que, após a morte da sua esposa, se fez passionista.

---

<sup>371</sup> Idem - Cfr. nota 366..

<sup>372</sup> O assunto da “morte mística” é muito querido por Paulo da Cruz, aparecendo em muitas citações. Já fiz e forei, oportunamente, referências a esta sua *vivência*. Para além da bibliografia indicada ou a indicar, faço ainda alusão a; “*Spiritualità Sacerdotale*” – *Riflessioni di un canacolo sacerdotale, a cura del Segretario Francesci Tudda*”, LER – Napoli Roma, 1980: “b) *La morte Mistica*”; “c) *Morte mística ed efficacia del ministero sacerdotale*”, pp. 118-121.

<sup>373</sup> Idem - Carta nº CCLVII, escrita a D. Francesco Antonio Appiani (P. Francesco Antonio del Crocifisso) – Rio – Isola dell’Elba (22ª), no dia 19 de Março de 1755, Volume I, pp. 434-435.

-Idem - Carta nº CCLXIX, escrita a Suor Maria Cherubina Brescianni (11ª), no dia 20 de Novembro de 1737, Volume I, pp. 454-456.

Um desafio programático fica já no ar, lançado pelo apelo de vivermos uma *vida deiforme*!

Paulo da Cruz aponta um caminho, estranho e raro para muitas mentalidades, e que nos leva a viver a tal *vida deiforme*: **morrer misticamente**.

Compreendendo a teologia do Apóstolo Paulo de que há que morrer para viver, é que Paulo da Cruz afirma que para se viver uma *vida deiforme* há que **morrer misticamente**. E passa a explicar:

*“Quem está morto misticamente não pensa noutra coisa senão em viver uma vida deiforme; não quer outro objecto a não ser Deus Óptimo Máximo; corta com todo outro pensamento, ainda que seja de coisas boas, a fim de não possuir outro que não seja o de Deus óptimo; e espera sem solicitude o que Deus disponha de si, suprimindo tudo quanto venha do exterior, para que não lhe sirva de obstáculo ao trabalho divino que se opera dentro da sua alma no gabinete íntimo, aonde não pode chegar criatura alguma, nem angélica nem humana, porque unicamente Deus habita nessa secreta essência, mente ou santuário da alma, em que as mesmas potências estão atentas ao divino trabalho e a esse divino nascimento que se celebra em todo o momento em quem tem a sorte de estar morto misticamente”*.

Paulo da Cruz apela a que, na nossa vida, se dê o espaço que deve ser dado a Deus; a que nos abramos à Sua acção naquilo que fazemos; e que permitamos o nascimento de uma nova criatura, que viva segundo o tal estilo, maneira, critério de Deus! Isto exige “morrer diariamente”, na linguagem do Apóstolo Paulo, que nos diz na 2ª Carta aos Coríntios (4, 11-12): *“Estando ainda vivos, somos a toda a hora entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal”*. Este morrer diariamente manifesta-se nos mais variados padecimentos que todos temos de sofrer em todos os momentos da nossa vida, na cruz de sermos verdadeiras testemunhas d’Aquele em quem acreditamos: Jesus Cristo Crucificado e Ressuscitado! O teólogo Moltmann escreveu que *“crer na cruz significa tomar a cruz de Cristo como própria, isto é, deixar-se crucificar com Cristo”*, tendo sempre no horizonte a vida futura que nos espera e que ilumina a cruz que carregamos, dando sentido pleno a este morrer diariamente, que é como a semente lançada à terra, que consegue produzir frutos diários de libertação, de redenção e de salvação. É que *“quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por Jesus e pelo Evangelho, salvá-la-á”* (Mc 8, 35).

Seguir a Jesus Cristo é um desafio muito exigente. Quem O segue e aceita as regras do Seu jogo, a fim de “conquistar” o Reino de que nos fala, tem de renunciar a muitas comodidades em função do Outro que sofre e necessita de alguém que o ajude e também tem de ter reservas interiores de fé muito fortes que lhe permitam aceitar e levar com alegria a própria cruz até à passagem para o outro lado da vida terrena...

***“Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo ou a espada? Conforme está escrito: por Tua causa, sofremos a morte durante o dia inteiro; fomos tomados por ovelhas destinadas ao matadouro. Mas em tudo isto somos nós mais que vencedores por Aquele que nos amou. Porque estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, Nosso Senhor”*** (Rom 8, 35-39).

Tudo se resume numa palavra: **Amor!** Se amamos de facto a Deus e se seguimos verdadeiramente a Jesus Cristo, a nossa vida adquire expressões e dimensões totalmente opostas às de quem alicerça as suas convicções noutros amores... Cristo é um modelo de **Amar**. Duas palavras definem tal modelo: entrega e oblação total! Quem O quer seguir e imitar é capaz de pronunciar: ***“por Tua causa, sofremos a morte diariamente”***. E aqui se inicia o processo da morte mística, de Paulo da Cruz nos fala num expressivo e significativo documento acerca da *“Morte Mística ou Holocausto do puro espírito de uma alma religiosa”*. Este tratado de Paulo da Cruz sobre a Morte Mística destina-se a quem abraça a Vida Religiosa, e, em segundo lugar, à formação do Passionista, homem da Paixão, da Cruz e da Ressurreição!

Descendo um pouco à terra a fim de podermos extrair linhas de acção concretas, começamos por recordar a necessidade que o homem de todos os tempos tem de fazer diariamente memória da Paixão de Jesus, presente em cada ser humano. É nessa escola que se aprende a verdadeira sabedoria. Quando a cruz de Cristo tiver deitado raízes profundas na mente e no coração, então cantaremos, no dizer de Paulo da Cruz: ***“sofrer e não morrer”***, ou melhor ***“ou sofrer ou morrer”***, ou melhor ainda ***“nem sofrer nem morrer, mas somente uma perfeita conversão à vontade de Deus”***. A meditação na

Paixão de Cristo produz, em primeiro lugar, um sentimento de conversão e de horror ao pecado. Seguidamente, amando a Cristo Crucificado, compreende-se que ***“é necessário morrer e obedecer”***: ***“Vós me pedis demasiado numa coisa, meu Jesus, pois quereis que morra convosco sobre a cruz. Morte mística, morte para mim muito dura, mas suave, porque antes de morrer devo submeter-me a mil mortes”*** (Paulo da Cruz). Perfeita sintonia com o que Paulo Apóstolo escreve em 2ª Cor 4, 10-11.

Todos, efectivamente, temos de passar por mil mortes no dia a dia para que Cristo se manifeste através do nosso testemunho! Façámo-lo entusiasticamente, como expressão da nossa adesão ao Cristo a Quem seguimos e como acto de esperança no Reino futuro que nos espera e no qual já estamos inseridos pelo testemunho coerente de quem acredita nos frutos do fazer memória da Paixão de Jesus!

Estas mortes diárias levam Paulo da Cruz a entrar ***“numa agonia espiritual”*** que fazem com que destrua ***“todo o seu amor próprio, inclinações, paixões e vontade, desejando, assim, morrer na cruz com aquela santa morte de Jesus, com a que morreu no Calvário (...), para ressuscitar depois com Jesus triunfante no Céu. Feliz de mim, afirma S. Paulo da Cruz, se praticar esta santa morte”***. Falando da Pobreza Religiosa, Paulo da Cruz exemplifica em que consiste morrer misticamente. Propositadamente não citamos esse precioso excerto porque se relaciona muito especificamente com a Pobreza professada pelos Consagrados.

De todas as formas, para sermos testemunhas credíveis de seguidores de Jesus, temos de sacrificar muito o nosso amor próprio, más inclinações, paixões desordenadas, a fim de acertamos a nossa vontade com a vontade de Deus e vivermos segundo o estilo do fascinante Jesus de Nazaré! São estas e muitas outras mortes diárias, exigidas pelo espírito de doação e oblação total, que nos fazem viver, gradualmente, a tal morte mística de que nos fala Paulo da Cruz.

Este processo da morte mística, por incrível que pareça a quem navega noutras mares “ideológicos”, ***é caminho de felicidade!*** Aliás, Paulo da Cruz já referiu acima: ***“feliz de mim, se praticar esta santa morte”!*** E ainda:

***“Não procurarei, nem amarei outra coisa senão a Deus, porque somente com isto gozarei no paraíso a paz, a satisfação e o amor; e terei um ódio santo e inexorável a tudo quanto me possa apartar d’Ele”; “Fundamentarei sempre o meu coração em Deus, apartando-o, com todo o meu poder, com toda força, da terra e de tudo quanto não seja Ele. Quero que seja habitação de Jesus, e convertê-lo-ei num calvário de***



*penas, entregando a sua chave unicamente a Ele, a fim de que seja o seu dono absoluto, para nele habitar a seu contento e nele pôr o que Lhe agrade”: “Morrerei totalmente para mim mesmo para viver só para Deus e certamente morrerei em Deus, porque sem Deus não posso viver”.*

Esta é a vivência dos místicos que arrancaram todos a partir da mesma máxima: *“Se queres chegar ao tudo, não queiras ter nada”!* A partir do nada (despojamento), chega-se ao ser nada (morte mística).

*“Renascidos em Cristo para uma vida deífica, morre-se misticamente em Cristo cada dia mais, o que faz com que desapareçam da nossa cabeças tantas borboletas que a rodeiam, por coisas de nada, submergindo-as no abismo da Divindade, e assim a nossa vida encontrar-se-á escondida com Cristo em Deus”.*

Há situações e acontecimentos na vida que têm transformado a vida e a forma de viver das pessoas, enveredando-as por caminhos mais fecundos de felicidades, repletos de mortes diárias. É o caso de alguém que conheci e que me contou recentemente o seguinte: o meu pai era muito rico. Deixou-nos muitos bens. Perante o seu cadáver e o indispensável que o caixão albergava, perguntei-me: *“e tu, pai, que tanto trabalhaste e que tanto tinhas, levavas somente isto contigo?”*... Este pensamento tão simples levou esta pessoa a encontrar-se com o essencial da vida e a dedicar-se mais à prática das Obras de Misericórdia, preocupando-se agora em morrer diariamente a uma vida mais cómoda, deixando-se incomodar pela cruz dos outros... Assim, esforça-se por se enriquecer interiormente a fim de levar uma “bagagem mais rica” para a eternidade!... Ora aqui está, repetindo o dito ao iniciar este Ponto nº2, um dos *principais benefícios do pensar na finitude*, que nos impele para um *aprender a viver ou a um viver bem*, no meio das mil e uma situações que a vida nos apresenta! E não me parece que seja difícil vislumbrar o porquê do que ficou expresso como sendo benéfico para o ser e pessoa humanos, numa linha da *antropologia e saúde*, área da bioética.

**Ponto 3:** *Pensar a finitude equilibra a pessoa face às contingências e objectividades da vida; é antídoto contra fobias (medos) e obsessões, e centra a pessoa no essencial da vida, conferindo-lhe sentido.* Resultou-me interessante a forma como Ernest Becher aborda a *finitude humana*, numa perspectiva psicológica, no seu livro “A

negação da morte”.<sup>374</sup> Na capa fronteira deste livro, escreve Elisabeth Kübler Ross, autora de “*Sobre a morte e o morrer*”: “*A Negação da Morte é uma daquelas obras de arte raras, que estimulam o pensamento, a curiosidade intelectual e, não menos importante, a alma...*”.

Espicaçam a vontade de ler este livro, resenhas como esta que aparece na Internet<sup>375</sup>:

*“De todas as inquietações que movem o ser humano, a mais forte e determinante é o medo da morte. O temor, que o acompanha desde que assomam em sua mente as primeiras noções de mundo, é a mola mestra de quase todas as suas atividades, assim como a principal fonte de angústia. Ernest Becher baseia-se, entre outros, em Freud, Jung e Rank para abordar o problema da mentira vital – a tendência humana de reprimir o reconhecimento da mortalidade. A negação revela-se a fonte inequívoca de grande parte do comportamento ocidental moderno, assim como de seus problemas. “A negação da morte” é uma leitura estimulante. Não só para o público especializado, como também para todos aqueles que desejam desvendar os misteriosos mecanismos da psique humana”. Neste excerto, são-nos fornecidas premissas importantes, a saber: “De todas as inquietações que movem o ser humano, a mais forte e determinante é o medo da morte”; “Ernest Becher baseia-se, entre outros, em Freud, Jung e Rank para abordar o problema da mentira vital – **a tendência humana de reprimir o reconhecimento da mortalidade**. A negação revela-se a fonte inequívoca de grande parte do comportamento ocidental moderno, assim como de seus problemas.”*

Acredito e aceito que exista uma tendência humana de reprimir o reconhecimento da mortalidade. Ora no *pensar a finitude* prevejo que possa ser uma tarefa cujo objectivo é mesmo centrar o homem no que lhe é essência vital, com um outro olhar positivo e realista, isto é, a morte dá sentido à vida, porque desde que se nasce inicia-se o processo de morrer. Processo inevitável mesmo que seja adiável. A *finitude*, centrando o homem no essencial da vida, dá-lhe sentido. Negar a morte é um sem sentido.

---

<sup>374</sup> BECHER, Ernest (vencedor do prémio Pulitzer 1974)– “*A negação da Morte: Uma Abordagem Psicológica da Finitude Humana*”, Editora Record, Rio de Janeiro, 2007. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva, do original *The Denial of Death*, 1973, 363 páginas.

<sup>375</sup> Sem referência ao nome de quem faz tal apreciação.

Rodrigo Inácio<sup>376</sup>, na recensão que faz à obra “*A Negação da Morte: Uma Abordagem Psicológica da Finitude Humana* (1973), de Ernest Becker, em *Hypnos* de 03 de Agosto de 2009, refere que “*é um livro iluminador que analisa, a partir de uma abordagem multidisciplinar fincada na psicanálise, o problema da morte na vida humana, a relação íntima e problemática que se configura entre o homem e esta realidade tão aterradora quanto inescapável, da qual ele possui uma angustiada consciência. (...) O livro parte da premissa de que “a idéia da morte e o medo que ela inspira perseguem o animal humano como nenhuma outra coisa”, representando, em realidade, “uma proposição universal da condição humana” (BECKER 2007: 11). Nesta perspectiva, as diferentes culturas constituem sistemas simbólicos complexos que têm por função negar a realidade da morte, permitindo assim que as pessoas vivam com a ilusão de estarem imunes ao Inevitável, sem o fardo de sua constante e penosa consciência. O título em si já sugere uma idéia central no livro: o conceito de mentira vital serve para explicar que, a morte desempenhando um papel crucial na existência, a tendência humana mais instintiva é negá-la através de artifícios psicológicos subconscientes de auto-engano e auto-ilusão.*” Repete-se aqui a ideia atrás transcrita de Elisabeth Kübler Ross: “*Ernest Becher baseia-se, entre outros, em Freud, Jung e Rank para abordar o problema da mentira vital – a tendência humana de reprimir o reconhecimento da mortalidade.*”

Ora, já o dissemos, é salutar pensar a *finitude* como antídoto contra esta tendência distorcida face ao inevitável. Porque a *finitude* projecta-nos no trajecto que ilumina a realidade da vida. A morte ilumina a vida e o que é finito, se se aceita a abertura à *dimensão espiritual* da pessoa e à realidade da *Transcendência*. Conseguir este objectivo é um dos principais *benefícios do pensar a finitude*, que permite ‘novos olhares’ sobre o que é inevitável!

Continuando a sua reflexão, Rodrigo Inácio pontualiza que “*o narcisismo é a causa do egoísmo instintual que nos torna seres essencialmente associiais e agressivos, mas essa tendência narcisística tem o seu lado positivo, dir-se-ia vital, pois “um grau prático de narcisismo é inseparável da auto-estima, de um sentimento básico de valorização de si mesmo” (BECKER 2007: 21). Ademais, afirma Becker, sem um mínimo de vaidade e ilusão sobre nós mesmos, sobre nossa condição e nosso valor,*

---

<sup>376</sup> Mestre em Ciências da Religião. PUC-SP. Fez a recensão da edição de 2007.

*cairíamos numa depressão profunda. Em função do nosso narcisismo natural, somos seres com expectativas, exigências e ansiedades, das quais os animais estão livres por não possuírem uma consciência individual abstrata, encerrados como estão no automatismo inconsciente da natureza, na ordem da generalidade e do anonimato. Os adultos, segundo o autor, reproduzem um comportamento que aparece com muito mais nitidez nas crianças: o desejo de afirmar-se como centro do universo, reconhecido e admirado por todos, de ser o primeiro e o único, o que se torna ainda mais problemático quando há mais de uma criança – ou um adulto – competindo por esses privilégios. A esta carência de nossa psique corresponde um estatuto ontológico desejável, ao qual Becker dá o nome de significância cósmica: um sentimento oceânico de ser parte dos planos da Criação, dotado de importância e valor absolutos. Seja como for, mais do que expressar um problema pedagógico ou cultural, redutível às formas de educação adequadas (“apenas as crianças mimadas se comportam assim...”), a necessidade de significância cósmica é, segundo o autor, um dado antropológico estrutural, diretamente ligado ao terror da aniquilação pela morte e à percepção da própria nulidade na economia do universo.”*

Sinceramente, é aqui onde me afasto um pouco do pensamento exposto. Explico-me: precisamente a minha significância cósmica, centrada, por exemplo, na Carta de S. Paulo aos Efésios, capítulo 1, versículo 3, faz-me encontrar com o sentido da minha vida e da missão que tenho a cumprir para um viver com sentido. E esta significância, esta real percepção do que sou, da minha consciência, do meu espírito, liberta-me de psicoses e atenua situações depressivas, aumentando a auto-estima e o gosto de viver intensamente cada momento que é sempre um caminhar para a morte.

É fácil ver este meu distanciamento do seu pensamento se temos ainda em conta o que se segue: “Em termos filosóficos, Becker parte da premissa de que o homem não possui uma “essência”: “algo fixado em sua natureza, como uma qualidade ou substância especial” (BECKER 2007: 48), como postularam durante muito tempo a teologia e a metafísica. Ao buscar-se esta suposta essência do animal racional, nada se encontra além de uma consciência angustiada, incorporada provisoriamente a um composto orgânico “que vale cerca de 98 centavos de dólar” (BECKER 2007: 50). **É justamente esse o dilema existencial do ser humano, que o autor nomeia em termos de uma condição de individualidade dentro da finitude: ele se encontra cindido entre**

*a finitude e a necessidade da parte física do seu ser, e a dimensão da infinita possibilidade que constitui sua consciência reflexiva, seu universo simbólico, sua capacidade de abstração e imaginação. Inserindo-se numa tradição de pensadores como Pascal e Kierkegaard (ao qual ele recorrerá mais adiante), Becker aponta esta condição paradoxal, possibilitada pela presença de uma consciência dilacerada, como a causa do fardo experiencial humano, incapaz de suportar o peso esmagador de uma realidade que parece, mais do que indiferente, hostil, aos nossos sonhos e expectativas. Nosso eu, formado em tensão com aquilo que Freud chama de princípio de realidade, desenvolve, desde cedo, barreiras para impedir que o terror da aniquilação nos paralise por completo, tornando-nos presas fáceis de predadores e outras ameaças; estruturado sobre camadas de proteção simbólica contra as contingências que nos ameaçam, ele simplesmente se recusa a aceitar que esteja submetido a uma realidade que o transcende e sobre a qual não tem nenhum controle. “O homem está literalmente dividido em dois: tem consciência de sua esplêndida e ímpar situação de destaque na natureza, dotado de uma dominadora majestade e, no entanto, retorna ao interior da terra, uns sete palmos, para cega e mudamente apodrecer e desaparecer para sempre. Estar num dilema desses e conviver com ele é assustador”, e é por isso que Becker acredita que “têm razão, absoluta razão, aqueles que acham que uma plena compreensão da condição humana levaria o homem à loucura” (BECKER 2007: 49).*

Será mesmo assim? A dimensão escatológica da vida permitirá que tal aconteça? São interpelações relevantes para que o homem se encontre com o seu sentido e possa dar sentido ao inevitável, de uma forma positiva...

Resulta interessante também ter presente o excerto que se segue: “No capítulo sobre “o caráter como mentira vital”, é analisada a maneira pela qual o ego se constitui como uma defesa neurótica contra o desespero provocado pela verdade da condição humana. Trata-se, com efeito, de uma “desonestidade necessária e básica acerca da própria pessoa e de toda sua situação” (BECKER 2007: 80). Segundo Becker, o sentimento básico da criatura consciente de si mesma é o medo, e o homem, mesmo depois de crescido, carrega em si, ainda que escamoteado, o terror profundo que a criança sente perante os mistérios e os perigos da vida. Ele é um covarde inveterado que se engana acerca de suas forças e capacidades, de sua importância e

*valor, para não sucumbir ao completo desespero em um mundo que pode engolfá-lo a todo momento. No fundo, ele se sabe frágil, impotente, ignorante, sem a força necessária para tornar-se o deus que desejaria ser; mesmo assim, segue adiante, mentindo para si mesmo sobre sua condição insuficiente.”*

Como há pouco referi, não concordo com a radicalidade como é apresentada ou focada a existência humana nem como é perspectivado o homem. A covardia de que se fala ou a fragilidade inerente ao ser humano, ou, se quisermos, à sua *finitude*, acaba por não ser realidade quando o homem analisa, interioriza e vive a antropologia cristã. E esta linha de pensamento que me fazem permanecer incrédulo face a estas novas afirmações.

*“Becker assume a tese de que o ser humano não possui autonomia ontológica, recebendo do exterior suas idéias, crenças, valores e significados – sua identidade mesma: “Todos os nossos significados nos são inculcados pelo lado de fora, pelas nossas relações com os outros. É isso que nos dá um ‘eu’ e um superego. Todo o nosso mundo de certo e errado, bom e mau, nosso nome, exatamente quem somos, tudo isso é enxertado em nós. Nunca sentimos que temos autoridade para oferecer coisas por nossa conta” (BECKER 2007: 72), mas isso é tudo o que nos recusamos a aceitar e admitir. Aquilo que chamamos de “caráter” – a pretensão de uma individualidade simbólica auto-subsistente – é uma ilusão, uma falsidade, uma mentira vital resultante de uma negação, de uma covardia instintiva. Assim, nossos “traços de caráter” seriam pequenas neuroses que refletem a maneira como reagimos ao problema da vida e da morte, da existência consciente em meio à cadeia alimentar. **Eis porque o auto-conhecimento é tão amargo e indesejável: “A hostilidade contra a psicanálise, no passado, hoje e no futuro, será sempre uma hostilidade contra o reconhecimento de que o homem vive à custa de mentir para si mesmo sobre si mesmo e sobre o mundo, e de que o caráter [...] é uma mentira vital” (BECKER 2007: 76).**”*

O auto conhecimento, desprovido da óptica antropológica cristã não é amargo nem indesejável. Precisamente porque ele permite que o homem se aceite como é e que não se minta a si mesmo, mas que forje um carácter forte que lhe permite assumir a vida com realismo e objectividade e sentir-se feliz no meio das contingências e circunstâncias várias que rodeiam a própria vida e face à *bendita finitude!* Bendita, porque é esta que abre à pessoa, à sua consciência, à sua identidade, as portas da vida em plenitude.

Unicamente uma perspectiva antropológica, fundamenta na escatologia, resolve o problema da *finitude*! Aliás, é a perspectiva que aparece agora no excerto que se segue, de Rodrigo Inácio na análise que faz à obra de Ernest Becker:

*“O problema da negação da morte leva o autor de encontro ao filósofo dinamarquês Kierkegaard, que produziu importantes reflexões sobre o problema existencial da morte. Becker apresenta “o psicanalista Kierkegaard”, buscando mostrar a relevância psicanalítica de sua obra, que segundo ele antecipou muitos dados da moderna psicologia clínica. Neste âmbito, **Becker afirma que o maior mérito de Kierkegaard foi haver demonstrado a relação íntima que se configura entre a psicologia e a religião, no sentido de que “a melhor análise existencial da condição humana leva diretamente ao problema da existência de Deus e da fé” (BECKER 2007: 94), e vice-versa. O ponto de partida kierkegaardiano para o problema da consciência da morte é o mito bíblico da Queda, que, segundo Becker, aponta para o paradoxo existencial que é o início comum da psicologia e da religião. Ele aposta numa convergência destas duas formas culturais no sentido de iluminar o fato de que “a angústia da morte é a angústia característica, a mais intensa angústia do homem” (BECKER 2007: 96). O postulado comum entre o cristão Kierkegaard e a psicologia secular moderna é que “o homem é uma união de contrários, de autoconsciência e de corpo físico”, um ser que experimenta o paradoxo de ser meio anjo, meio besta, um animal com um rosto único e um nome próprio, mas que tem “consciência do terror do mundo e de sua morte e deterioração” (BECKER 2007: 95).***

*Becker segue para mostrar quão grande conhecedor dos mecanismos psicológicos de negação da morte Kierkegaard mostra ser, sugerindo já no século XIX a idéia do caráter como uma “estrutura erguida para evitar a percepção do ‘terror, perdição [e] aniquilamento [que] são vizinhos de todo homem’”. Segundo ele, Kierkegaard “entendia a psicologia tal como um psicanalista contemporâneo a entende: sua tarefa é descobrir as estratégias que uma pessoa usa para evitar a angústia” (BECKER 2007: 96). O filósofo estaria interessado em entender os estilos adotados pelas pessoas para viver sem serem perturbadas pelo terror existencial. Para ele, o confinamento em si e o automatismo cultural (“filistinismo”) seriam duas destas formas. A moderna compreensão psiquiátrica das psicoses também seria, na visão de Becker, tributária das reflexões kierkegaardianas sobre o desespero e a loucura. Sua*

*reflexão sobre as diferentes formas do desespero, o da finitude e o da infinitude – relacionados, respectivamente, ao fator corporal limitante e ao fator espiritual, expansivo e ilimitado, da síntese humana – mostram como o indivíduo pode beirar o colapso psíquico caso afirme em excesso, ou suprima, um de seus pólos ontológicos.”*

Ora bem, tal colapso psíquico, pela experiência tida no processo de ‘aconselhamentos’, pode ser evitável por outras vias, isto é, por exemplo, o da profunda reflexão sobre ideias força-positivas na mente fundamentadas num pólo ontológico perceptível a partir da análise da dimensão espiritual do homem e do apontar para a Transcendência, etapa definitiva da vida. É este posicionamento do pensamento que é fundamental para a compreensão do homem. Vejamos com se entrelaçam estas ideias com o último registo acerca da obra de Ernest Becker, perspectivado por Rodrigo Inácio:

*“Em matéria de psicanálise, a referência principal de A Negação da Morte não é Freud, que, aliás, Becker critica por haver se esquivado do verdadeiro problema da morte, transformando o que seria uma necessidade indesejável num impulso inconscientemente desejado – a “pulsão de morte”. É o brilhante ex-discípulo e colega de círculo psicanalítico de Freud, Otto Rank, que Becker considera haver melhor trabalhado o problema da morte na psicanálise, e ele recebe em sua obra um tratamento mais elaborado. Em se tratando dos temores básicos de todo ser humano, escreve Becker, “na ciência do homem foi Otto Rank, acima de tudo, quem colocou esses temores em evidência, baseando todo seu sistema de pensamento neles e mostrando o quanto são fundamentais para uma compreensão do homem” (BECKER 2007: 78).*

*Por fim, neste formidável livro, que vai muito além da psicanálise e pode ser do interesse de qualquer pessoa, especialista ou não, Ernest Becker realiza uma verdadeira anatomia da consciência humana angustiada pelo drama da finitude, dissecando com uma coragem admirável os temores, obsessões e traumas que têm concurso nos mecanismos instintuais da nossa vida psíquica. Uma deliciosa leitura que, por outro lado, pode ser desconfortável e amarga, pois desarma nossas armaduras de caráter e revela as formas essenciais de mentira das quais dependemos para nos mantermos de pé. Mas desagradável e amarga tão-somente na medida em que funciona*



*como uma espécie de remédio salutar, que tomamos na expectativa de que faça bem à alma, pela virtude do auto-conhecimento.*”<sup>377</sup>

Já falamos sobre a morte. Já dela falaremos no último Capítulo (VI) desta Tese. Agora, tenho tentado manter presente tal realidade (a da morte) como *benefício do pensar a finitude* que está intimamente relacionado *com a perspectiva da morte* que, aparentemente, põe fim a tudo, e torna-se num pesadelo (como já observamos na análise da obra de Ernest Becher) e a *relevância da dimensão espiritual da pessoa e da experiência da Transcendência* como âncoras firmes do viver quotidiano, com sentido.

**Ponto 4:** No *pensar a finitude*, e a partir da *dimensão espiritual da pessoa e da perspectiva escatológica* encontra-se a resposta para a *solidão* e para o *sofrimento* em que se vêm projectados os atingidos pelas *inúmeras agressões, desilusões, frustrações, limitações e morte!* Já fiz, oportunamente, breves alusões a estas coordenadas. Sobre o sofrimento, vivido ou assumido a partir da *finitude*, já me debruçarei num dos pontos que se seguem. Agora, porém, vou centrar-me em alternativas possíveis que respondam à *solidão*, característica da *finitude da vida*. Como encará-la? Vejamos:

a) Daniel Serrão, na Conferência que fez na Escola Secundária de Baltar, no dia 21 de Janeiro de 2003, sob o título *Viajando pela Solidão*<sup>378</sup>, fornece-nos profundos fundamentos para o que pretendemos provar. Iniciou desta forma a sua comunicação:

*“Sigo o conselho de Fernando Pessoa – não evoluo, viajo. De facto, viajar é estar aberto e atento ao que nos rodeia e que sempre se muda enquanto nós viajamos, no tempo e no espaço. José Régio (...) escreveu: “Não porque não viajasse! O mundo é vasto, mas repete-se e é fácil esgotá-lo se uma vez viste o céu com olhar casto que outro céu poderá ultrapassá-lo? Certo é, sim, que ante mim girei de rasto com sempre o mesmo giro e o mesmo embalo mas não! Não porque não tenha viajado longe do escano em que fiquei sentado. Por solidões sem fim vagueei, à hora em que, maga das mágicas, a Lua abre, nos céus, seu irreal alvor de aurora. A crueza das formas atenua,*

---

<sup>377</sup> Recensão à obra de BECHER, Ernest (vencedor do prémio Pulitzer 1974)– *“A negação da Morte: Uma Abordagem Psicológica da Finitude Humana”*, Editora Record, Rio de Janeiro, 2007. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva, do original *The Denial of Death*, 1973, 363 páginas, feita por **Rodrigo Inácio, Mestre em Ciências da Religião. PUC-SP** (edição de 2007).

<sup>378</sup> SERRÃO, Daniel- Conferência proferida pelo Sr. Professor Doutor Daniel Serrão, na Escola Secundária de Baltar, no dia 21 de Janeiro de 2003, sob o título *Viajando pela Solidão*.

*nas águas de si própria se enamora No coração dos bosques se insinua e filtra um sol que ao dar-lhe contra a face num sonho de si próprio desmaiasse...*”

Registei este belo e expressivo excerto de Daniel Serrão a fim demonstrar que, efectivamente, todos podemos afirmar que *“Por solidões sem fim vagueei, à hora em que, maga das mágicas, a Lua abre, nos céus, seu irreal alvor de aurora.”*... Daniel Serrão explicita, de seguida, o como e onde encontrou a solidão. Para ele, esta é uma interpelação, porque a conclusão é que a solidão não existe, a partir da palavra chave **“relação”**:

*“Quando me propuseram o tema da solidão – e eu agradeço o convite e o tema - logo pensei que iria contar-vos as minhas viagens pela solidão, pela minha solidão e pela solidão dos outros. Antes, porém, **responderei à questão base: como e onde encontrei a solidão?** Eu, um humano qualquer, filho de homem e de mulher, colocado no mundo **para nele viver como um ser de relação** e não como um ser solitário, como encontrei a solidão? Com efeito, **o próprio à vida do homem é a relação não é a solidão.**”* E prova-o, explicando cientificamente a relação do embrião *“com as franjas e os cílios da mucosa da trompa uterina para poder viajar até chegar ao corpo do útero; quando lá chega - e esta viagem pode demorar seis dias -, relaciona-se com a mucosa uterina e aí faz o seu ninho de desenvolvimento; para exprimir depois o programa que lhe é próprio, para se desenvolver, estabelece relações vasculares e passa a receber da mãe a alimentação por um cordão que irá ser cortado quando se relacionar com o meio aéreo. **Então inicia a mais valiosa e permanente de todas as relações que é a respiração do ar natural**, relação que vai persistir até à morte. Tão estranha e misteriosa era esta relação do homem com o ar que a mitologia hebraica fixou, no Génesis, a ideia de o sopro, a respiração, o ruah, ser a forma como a transcendência se relaciona com o homem vivo e ser mesmo a origem da própria vida em **Iavé. Não há solidão na relação do homem com o ar.**”*

Surgem-nos, neste precioso excerto, palavras chave: *solidão, relação, respirar!* É o que passa a confirmar: *“Porque respiro não estou em solidão. Pela relação com o ar, crio o mais poderoso dos vínculos ao mundo natural, logo ao sair ex utero matris meae, do útero da minha mãe, ao passar de um ser aquático a um ser aéreo, que vive no ar e pelo ar. É no ar que estamos; é com o ar que falamos, gritamos, soluçamos, choramos.”*

Como cientista que é, Daniel Serrão continua a fundamentar o seu pensamento sobre a *solidão e o respirar*:

*“Depois o ser humano abre os olhos e vê, saboreia com a boca sensível, escuta os sons próximos ou longínquos, palpa e manuseia os objectos físicos, fixos ou móveis. (...) Assim, imerso no mundo natural não encontro nunca a solidão.”*

Mas, afinal, quando aparece a solidão? E o que é? Daniel Serrão elucida:

*“A emergência da palavra – na evolução filogenética, archeobiológica e, agora, na maturação biogenética de cada um de nós – esta emergência da palavra, dizia, foi e é um corte radical na nossa vivência pacífica no e com o mundo natural, sem solidão. Mas quando o homem pôde representar o mundo natural por um código verbal, puramente convencional, que foi primeiro oral e logo depois escrito, iniciou um processo de rotura e de afastamento entre o mundo natural que está aí, a imagem interna do mundo natural que está aqui no meu cérebro e a representação abstracta desse mesmo mundo natural, que não sabemos onde está. Rotura trágica que abriu o caminho para que, insidiosamente, a solidão possa acontecer, como irei mostra.” (...) Toda a cultura que aí temos à nossa volta, todos os objectos que nos envolvem, desde uma simples esferográfica a um avião super-sónico, são produtos desta cultura exterior simbólica que o homem inventa na intimidade da sua auto-consciência, no seu universo pessoal interior, e que depois projecta e realiza no exterior de si próprio. (...) **Não há solidão possível na relação do homem com a realidade como Gegenstand**, como o mundo real que está aí, porque ele impõe-se-nos e eu não posso fugir-lhe salvo nas raras situações de autismo verdadeiro. Mas atrevo-me a dizer que no autismo verdadeiro não há solidão porque, não havendo nenhuma leitura do mundo exterior, não há percepção da realidade e, portanto, não há possibilidade de vivenciar um estado de solidão; **para sentir solidão, em relação ao mundo, é preciso saber que há mundo e que eu sou parte desse mundo**, que conheço por representação, e estou nesse mundo no qual semeio os meus objectos. No autismo verdadeiro há vazio perceptivo mas não há solidão porque **a solidão é auto-consciência do vazio** e esta não a pode ter o autista. (...) **Queria fugir a avançar já com um conceito de solidão mas escapou-me este: é auto-consciência do vazio; ou seja de estar vazio algo que poderia e deveria estar cheio. Uma vez, dissertando sobre o vazio, escrevi assim sobre a auto-consciência vazia que leva à auto-consciência do vazio que é, então, a solidão.**”*

Segue-se uma brilhante exposição sobre o papel da auto-consciência vazia e da auto-consciência como ‘campo ordenado’...

*“Uma auto-consciência vazia será um eu, um sujeito, que quer conhecer-se, a si, como objecto e não encontra nada: nada memorizado que possa ser evocado, nada que chegue pelas percepções sensitivas ou sensoriais, nenhum conteúdo afectivo ou emocional, nenhum conceito intelectual abstracto que entenda o presente e projecte o futuro”. Digo agora que este tipo de vazio não é solidão é autismo, é como representar a morte sem estar morto. A solidão é um vazio fabricado, construído pela auto-consciência, por meio de um jogo complexo entre afectividade instintiva, inteligência emocional e inteligência reflexiva.”*

Passando pela citação de filósofos, acerca do tema em causa, sobretudo de **Sartre** e **Heidegger**, Daniel Serrão diz que “o discurso da solidão alimenta-se, principalmente, da opacidade do futuro para a auto-consciência, a partir de um presente tido como medíocre, insuportável ou ameaçador pela mesma auto-consciência. A mediocridade do presente, como suporte da opacidade do futuro, cada um a encontrará na sua auto-consciência; e tem leituras diversas. Para uns arranca da perspectiva cósmica.”

Como que conduzindo-nos pela mão, Daniel Serrão leva-nos a reflectir sobre ‘o lugar do homem no mundo e da solidão angustiante que daí deriva, tal como da angústia ecológica’:

*“É assim: Este planeta Terra, dizem, é como um minúsculo grão de areia numa praia imensa, porque são imensas as galáxias e é imensa aquela na qual viajamos pelo espaço sideral; então o homem, que emergiu na minúscula Terra é ele, também, tão minúsculo que bem se pode afirmar que não é coisa nenhuma; o seu orgulho é vão, as suas preocupações são inúteis, a sua origem incerta e o seu destino insondável. Esta visão do lugar do homem no mundo, quando bem interiorizada, cria, na auto-consciência, uma solidão angustiante que só é parcialmente compensada com os grandes mitos, ditos fundacionais, que os homens narram entre si, de geração em geração, ao calor afectivo dos quais se consolam para suportar a vida, em solidão. Para outros, a génese da solidão é bem diferente. Olham a natureza explorada e poluída pelo homem moderno e pressentem o fim próximo da vida, de todas as formas*

*de vida, humana, animal e vegetal. Esta angústia ecológica, este ver a vida submersa por toneladas de crude, por chuvas ácidas, por monóxido de carbono ou pela radiação brutalmente liberta dos átomos de urânio, esvazia a auto-consciência dos conteúdos efectivamente positivos e intelectualmente tranquilizadores; e este esvaziamento gera uma solidão bio-ecológica como antecipação do fim da vida natural, na Terra, e da vida individual.”*

Este discurso, leva-o a concluir que *“tão dramática é esta percepção do fim próximo da vida na Terra que um investigador americano, **Van Potter** anunciou ao mundo, já em 1970, a necessidade urgente de criar uma nova disciplina do conhecimento que cruzasse os saberes sobre a vida, quer os biológicos quer os sociais, culturais, antropológicos, filosóficos e outros, para criar uma sabedoria que salvasse a vida da iminente destruição. Chamou a esta nova disciplina **Bioética**, apresentou-a como uma estratégia de sobrevivência e como a ponte para o futuro, para um futuro no qual o homem possa usar a ciência em benefício da vida. O êxito da palavra **bioética**, mesmo que o conceito não seja por vezes bem assimilado por quem a usa, mostra que está aqui um caminho para combater a solidão de tantos homens, abismados pela iminência da catástrofe ecológica que fará da vida humana um despojo sem valor nenhum.”*

A finalizar a sua conferência, não pude excluir mais este profundo excerto de Daniel Serrão:

*“Sem pretender ser exaustivo aponto ainda uma terceira linha de reflexão que também conduz à postura pessoal de solidão; é o profundo cepticismo quanto à organização sócio-política que regula as relações entre os seres humanos. Olhando as sociedades humanas, de todas as latitudes, verifica-se que o homem é lobo do próprio homem, mata, explora, humilha, degrada, os seres humanos à sua volta, usa a violência como instrumento de poder social e político, com democracia ou sem ela; muitos seres humanos vivem em submissão, aplaudem quem os domina mesmo a morrer de fome, de sede, de doenças evitáveis.*

*Então as grandes palavras como a dignidade humana, os direitos do homem, o homem criado à imagem e semelhança de Deus, tornam-se ocas e vazias de sentido e deixam a auto-consciência numa forma de solidão que chamarei metafísica ou*

*transcendental: não há nada que possa ser feito para salvar o homem ou para melhorar a sua condição, ele está irremediavelmente condenado a ser um vil e pequeno bicho da terra, como também lhe chamou José Régio. (...) A impotência de um ser humano isolado para contrariar esta leitura da situação sócio-política remete-o para a solidão, como silêncio absoluto da auto-consciência: faça eu o que fizer de nada me servirá a mim, de nada servirá aos outros; sou como uma ilha deserta num oceano de indiferença e de silêncio. Regresso à ideia que já enunciei porque é tempo de terminar.*

*A rotura entre o homem e a natureza, revelada pela cultura exterior simbólica na qual o homem moderno vive, de facto, abriu ao homem a possibilidade da solidão. (...) Em qualquer momento do seu processo de inculturação evolutiva, pode o homem regressar à solidão inicial, à auto-consciência vazia, ao eu silenciado que se dobra sobre si próprio e não encontra nada.*

*Viver em si esta solidão ou testemunhá-la no outro, não é uma tragédia é o princípio de uma exaltação. Cair por um instante, uma hora, uns dias, em solidão sempre foi, para mim, um passo necessário para a criatividade. Só na escuridão podemos valorizar a luz, lutar por ela e conseguir que a luz triunfe sobre as trevas e tudo nos apareça belo à clara e meridiana luminosidade dos dias perfeitos. Na solidão o homem fica nu e despojado perante si próprio e pode partir, para uma nova viagem; partirá de mãos abertas para receber, inteligência lúcida para criar e afectividade livre para amar. A solidão, para o homem moderno, é uma pausa no fluxo permanente da percepção do mundo exterior, é uma suspensão da auto-consciência por ela própria e pode criar assim um ser humano novo. A solidão é criativa e regeneradora. Bem vinda sejas, solidão”.*

Estou convicto de que a solidão, tal como a *finitude*, é criativa e regeneradora, porque, e talvez noutra linha de pensamento, ela permite-me sentir o Espírito que nunca me deixa só! E como o Espírito é criador, numa aparente solidão, posso criar, recriar, servir, amar... Por isso, também exclamo: *Bem vinda sejas, solidão. Pensar a finitude* característica das limitações humanas, permitir chegar a estas e muitas outras conclusões!

***b) O sofrimento faz pensar na objectividade da finitude da vida. Abertura à Transcendência e finitude.***

Há quem fale da finitude como ‘drama’<sup>379</sup>! Pessoalmente, não aceito a perspectiva da *finitude* como um *drama*, pois perspectivo tal vocábulo de uma forma positiva e como benéfico para uma *outra qualidade de vida e para o bem estar da pessoa*, no sentio que nos lança na aposta permanente de *um bem viver!* O vocábulo *finitude* centra-nos ‘fria’ e alegremente, com esperança, na objectividade indiscutível da realidade da vida, resultando num apelo permanente a captar a ‘essência vital’ da própria existência finita! A perspectiva escatológica –dimensão teológica – é um dos alicerces para se viver numa saudável esperança, tão necessária para o *morior quotidie* (morrer quotidianamente), inevitável! A escatologia é será um foco iluminador do sofrimento e da morte que dá sentido à *finitude*. Anselmo Borges confirma este ponto de vista:

*“É perante a morte que o homem faz a experiência da sua radical e absoluta impotência. Confrontado com a morte, nada, absolutamente nada posso fazer nem por mim nem por ninguém. Sitiado pelo nada, apenas posso confiar que o Outro Transcendente me acolha, nos acolha, me salve, nos salve do naufrágio devastador. Na confiança incondicional, posso entregar-me ao Mistério Pessoal Transcendente, Fundamento último, e por isso primeiro, da esperança esperante, da pessoa e de toda a realidade. E é no próprio acto de confiar, **não antes nem depois**, que eu experimento o carácter sensato e razoável do meu acto. Aquele que diz não a Deus acaba por não encontrar o fundamento e sentido últimos para a realidade e a existência na sua radical problematicidade, revelada, em última instância, na morte. Apenas aquele que arrisca, em confiança radical, o sim a Deus, encontra um fundamento e um sentido últimos para a realidade e a própria existência, que se apresentam fundamentalmente enigmáticas, problemáticas e, em última análise, não fundamentadas. Kant viu bem, ao mostrar que liberdade, imortalidade e Deus são questões que mutuamente se implicam. No fundo, são a mesma e uma só questão”*<sup>380</sup>

É sabido que “uma coisa é certa: na vida todos enfrentaremos sofrimentos e todos nos depararemos com o drama de nossa finitude. O sofrimento é um componente inerente a condição humana, e de certa forma, como diz uma máxima da filosofia: “viver é aprender a morrer”. Sim, nossa existência, à medida que vai se desvelando no tempo, encaminha-se inevitavelmente para o encontro com o seu fim. Todos passaremos

---

<sup>379</sup> ZANDONÁ, Adriano – *O drama de nossa finitude x nossa vocação à eternidade*. In Internet.

<sup>380</sup> BORGES, Anselmo – In

*por sofrimentos em algum momento da vida, todos passaremos, e morreremos um dia. Isso é fato. Contudo, quando o olhar se deixa iluminar pela luz da fé, o drama da finitude não mais é percebido como um fim ausente de sentido, mas, como uma concreta possibilidade de encontro com a Infinitude.*”<sup>381</sup>

Como referi, apenas não concordo com a utilização do termo ‘drama’, no contexto da **‘finitude’**. Aliás, a rectificação do sentido do mesmo aparece no final do excerto que acabei de transcrever. O encontro com a **Infinitude** (dimensão escatológica) é a esperança e o anseio face à **finitude**! Eis porque me parece oportuno apresentar um apontamento da perspectiva escatológica, que fortaleça a mente a partir de **um novo olhar** sobre a solidão, sofrimento e morte! No fundo, procura-se encontrar **sentido**<sup>382</sup> (o sentido de Eternidade<sup>383</sup>), a partir do encontro com **essências vitais!...**

*“Precisamos contemplar o finito com um olhar de Infinitude, e a dor como uma rica possibilidade de crescer e de ser mais na compreensão do que na vida precisa realmente ser valorizado. As dores de nosso tempo, se vividas com um sentido de Eternidade – como alguém que constrói já no tempo, através do amor, o “Eterno” para além de nossa imperfeição finita – podem amadurecer profundamente nosso relacionamento com o mistério do mal/sofrimento, oferecendo-nos a oportunidade de nos reconciliarmos com tal mistério, sendo que este será um companheiro constante em nossa trajetória de vida. Precisamos lidar com o mistério do fim com serenidade e paciência: assim ele não será um peso, mais uma concreta oportunidade de transcendência, nos possibilitando não estacionarmos na dor do que finda, mas, oferecendo-nos a possibilidade de contemplar a alegria do que começa através do limite de nossa dor e de nosso fim (morte). Fomos criados para o Infinito, e as teias de nossos sofrimentos temporais nunca poderão furtar de nós essa realidade: um pedaço do Eterno já reside dentro de nós! Assim, contemplando a vida, as dores, e até mesmo a próprio finitude sob a ótica da Ressurreição, tudo se torna preñado de “um novo significado e de uma nova percepção”, e a angústia dá lugar à alegria de saber-se*

---

<sup>381</sup> ZANDONÁ, Adriano – *O drama de nossa finitude x nossa vocação à eternidade*. In Internet.

<sup>382</sup> Haverá algum mortal que não tenha consciência da sua *finitude*? É precisamente a consciência desta objectividade (*finitude*) que nos faz pensar no sentido da existência, no sentido orientador dum viver orientado por objectivos que permitem uma realização pessoal. Quanto mais alicerçado for este sentido e orientação da vida, maior consistência terá a relação das pessoas, valorizando-se a solidariedade e humanização.

<sup>383</sup> Idem. ‘Sentido de Eternidade’ é uma feliz expressão de Adriano Zandoná, no artigo citado.



*chamado a uma vida que não é perenemente refém da finitude, mas que caminha ao encontro de uma Eterna Alegria, que jamais há de passar.”*<sup>384</sup>

Perfeitamente de acordo com o conteúdo do excerto transcrito que coincide com o que penso e com o que outros também aceitam: “*A religião e o sentido da existência – Experiência da finitude e abertura à transcendência*”<sup>385</sup> Aportei este artigo, extraído da Internet, apenas para salientar a expressão da *finitude como abertura à transcendência*. A *finitude*, olhada desta forma, contribui para o encontro com o sentido da vida e ajuda a superar as mil e uma agressões que nos surgem. A *finitude* não deverá provocar dor ou angústia, nem resultar algo de trágico face à evidência da dor, da doença ou da morte; pelo contrário, deverá provocar esperança e alegria; paz e serenidade, precisamente porque é *abertura à transcendência*. Quando Paulo da Cruz nos fala do *Tudo e do Nada*, expressão presente em muitas das suas Cartas, o que pretende é salientar a importância deste salto da experiência da *finitude* para a *Transcendência*, o que altera os pontos de vista dos mortais! Trata-se de forte apelo de Paulo da Cruz a que se deixe desaparecer o “*N do teu nada no infinito Tudo, que é Deus, Ótimo Máximo, e aí embrenhados totalmente no abismo da imensa Divindade. Ó como é nobre este trabalho*”, como explicitação à premissa “*Para se ser santo é preciso um N e um T...*”<sup>386</sup> Curiosa caminhada ‘proposta’ por Paulo da Cruz para se atingir a plenitude da vida, anunciada por Jesus: “Eu vim para trazer a vida em abundância”. Caminhada que requer um *aniquilamento, um embrenhar-se, um perder-se no seio do Pai, na Divindade*, resposta plena de significado à *finitude*! Esta perspectiva de Paulo da Cruz é apresentada em várias Cartas:

- “*Perca de vista o céu, a terra, a areia do mar e toda a coisa criada, e deixe que esta gota de espírito que Deus lhe deu se perca na sua Origem que é Deus, Ótimo Máximo, e aí, escondida na Divindade, deixe operar o amor*”<sup>387</sup>;

- A Suor Maria Querubina Bresciani escreveu: “*Queria que se exercitasse muito no perfeito conhecimento do seu nada e queria também que inundara esse seu nada no imenso Tudo (Todo) que é o nosso Bom Deus. Ó perdida felicíssima, pela qual a alma*

---

<sup>384</sup> Idem.

<sup>385</sup> Artigo de pesquisa In Internet

<sup>386</sup> CROCE, S. Paolo della - “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, carta nº MDXCIII, escrita a Mariana Girelli (2ª), no dia 11 de Março de 1766, Volume III, pp. 746-748.

<sup>387</sup> Esta citação aparece no III Volume da obra de Enrico Zoffoli, na parte do índice, sob a expressão “*perdersi in Dio*”, mas não é possível encontrar a respectiva Carta de Paulo da Cruz, por erro do número da página aí indicado.

*perdendo-se em Deus, totalmente, fica encontrada! (...) Deus é Deus de verdade e o que conhece e permanece no seu nada, conhece a verdade. E por meio da santa contemplação, em que se conhece esta grande verdade do próprio nada e do Divino Tudo (Todo), fica a alma totalmente imersa no amor infinito do Supremo Bem.*”<sup>388</sup>

-Ao P. Bartolomeo di S. Giovanni, aconselhou-o a que estivesse “no seu nada passivo modo, desnudo, pobre, etc., atribuindo a Deus todo o bem, Deus de quem todos os bens procedem. O nosso é o nada, nada ter, nada poder, nada saber. (...) Faça depois desaparecer esse seu nada no infinito todo que é Deus. (...) Quanto mais frequentemente se reencontre em Deus, na mais profunda da solidão interior tanto mais frequentemente se celebrará no seu templo interior o místico divino nascimento e você renascerá, passo a passo, à vida deífica, deiforme e santa.”<sup>389</sup>

-“Mostre-se agradecido a Deus e fique no seu horrível nada, desnudo, pobre de espírito, desprendido de toda coisa criada, fazendo desaparecer esse seu nada no infinito Todo, que é Deus”<sup>390</sup>;

-“Alegra-me saber que tem um vivo desejo de ficar-se no seu nada”<sup>391</sup>, e Paulo da Cruz explica o que significa este ficar-se no seu nada, precisamente nessa mesma carta: “Queria que o efetuasse de verdade. Sabe como? Vou dizê-lo. O que está nesse nada com verdade não fingida, é como uma árvore plantada próximo das águas, que dá fruto a seu devido tempo. Explico-me. Deus é a mesma verdade por essência e quando vê uma alma no seu próprio nada, que dá glória a sua Divina Majestade, nada lhe roubando para atribuir-se-Lo a si mesma, então é quando, encontrando-a sempre na verdade e não na mentira, absorve-a, em si, por amor, e com as águas da sua glória triunfadora rega-a, cada vez mais, até que se torne uma árvore frutuosa, que é a mesma no Inverno, o Inverno das desilusões e dos sofrimentos interiores e exteriores, que na primavera, verão e Outono das consolações, etc, dá sempre frutos, frutos de caridade,

---

<sup>388</sup> CROCE, S. Paolo della - “Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.”, Carta nº CCLXXXV, escrita a Suor Maria Cherubina Bresciani (27ª), nel Monastero di S. Chiara in Piombino, no dia 02 de Dezembro de 1743, (no original italiano das Cartas não aparece o mês. Zofoli é quem o menciona), Volume I, pp. 487-490.

<sup>389</sup> Idem - Carta nº MCCXCII, escrita ao P. Bartolomeo di S. Giovanni (2ª), - Ritiro della Presentazione, Orbetello -, na Vigília do Natal de 1767, Volume III, pp. 347-348. O P. Bartolomeo foi o enfermeiro muito querido de S. Paulo da Cruz).

<sup>390</sup> Idem - Carta nº MCLXIII, escrita ao P. Giovanni di S. Raffaele (3ª), - Terracina -, no dia 16 de Agosto (sem data do ano, original italiano das Cartas), (1753 ?), Volume III, pp. 191-192.

<sup>391</sup> Idem - Carta nº MCCXLII, escrita a Fratel Bartolomeo di S. Luigi (1ª), - Ritiro della Presentazione, Orbetello -, escrita no dia 30 de Janeiro de 1755, Volume III, pp. 289-290. O Irmão Bartolomeu era o enfermeiro muito querido de S. Paulo da Cruz.

*frutos de sujeição e obediência a todos, frutos de mortificação e penitência, fruto de todas as virtudes, etc, porque esta alma, vestida de Jesus Cristo, penetrada nas suas penas das quais o amor lhe causa uma doce impressão, se está sempre in sinu Dei, no reino interior, etc.*”<sup>392</sup>

*-“Fiquemos no nosso nada com suma deífica pureza de intenção, buscando em tudo o divino beneplácito, conservando-nos sempre com verdadeira fidelidade e grande resignação à divina vontade, procurando que o nosso interior esteja bem ajustado, esteja tranquilo, sereno, desprendido de toda coisa criada, para que possamos ser a delícia de Jesus Cristo e estar cada dia mais dispostos para receber a graça do recolhimento interior e para sermos verdadeiros e constantes adoradores, em espírito e verdade do Altíssimo. (...) Desta maneira, manteremos sempre aceso o fogo do santo amor sobre o altar do nosso coração.*”<sup>393</sup>

Repare-se como a proposta de Paulo da Cruz relacionada com a experiência do Nada e do Tudo é fonte de outra qualidade de vida: procure-se que “o nosso interior esteja bem ajustado, esteja tranquilo, sereno, desprendido de toda coisa criada...”

Efectivamente, sou defensor, em Bioética, de uma ‘outra’ qualidade de vida como fonte de felicidade, de paz, de serenidade! O conteúdo do que defendo reside precisamente no vocábulo ‘outra’. A qualidade de vida pode ser perspectivada sob vários ‘olhares’. Já o provei em vários escritos. Mas a essência da qualidade de vida pode encontrar-se, na minha modesta opinião, precisamente no termo ‘outra’, pois será o seu conteúdo bem contextualizado que prova tal afirmação. Este termo remete-nos para a interiorização, para esse tal ‘altar do nosso coração’ de que nos fala S. Paulo da Cruz, e no qual deve estar ‘sempre aceso o fogo do santo amor’. O ‘amor’ é o alicerce e fonte da verdadeira qualidade de vida, expressão dum bem estar interior que se manifesta ou revela na serenidade do nosso ser e do nosso agir. Mas quanto a este agir, é preciso não esquecermos que valemos pelo que somos e não pelo que aparentamos ser. Temos de aceitar e reconhecer que somos uns excelentes artistas, uns malabaristas natos para fazermos o jogo que nos convém, enganando os outros sobre a nossa pessoa e enganando os outros a quem pretendemos fazer passar uma imagem que não

---

<sup>392</sup> Idem – Carta n<sup>a</sup> MCCXLII, escrita ao mesmo, no dia 30 de Janeiro de 1755. Trata-se da mesma Carta mencionada na nota anterior.

<sup>393</sup> Idem – Carta n<sup>o</sup> MCCLXXXVIII, escrita a um Rettore di Congregazione, no dia 05 de Julho de 1755, Volume III, pp. 340-341.

corresponde ao nosso interior. Ora o termo ‘*outra*’ centra-nos no nosso interior, *altar sagrado* onde está o que somos e onde se deverá recolocar o que devemos ser. E neste trabalho, que exige permanente *superação*, isto é, vontade de se ser transparente, coerente, fiel, caminhada que aponta para a aquisição de uma *outra qualidade de vida*.

O processo de *superação* a que nos referimos inclui a procura de que **“o nosso interior esteja bem ajustado, esteja tranquilo, sereno, desprendido de toda coisa criada, para que possamos ser a delícia de Jesus Cristo e estar cada dia mais dispostos para receber a graça do recolhimento interior e para sermos verdadeiros e constantes adoradores, em espírito e verdade do Altíssimo.”** É impressionante esta metodologia ou estratégia de Paulo da Cruz que nos estimula a sermos nós a manter **“o nosso interior bem ajustado, tranquilo, sereno, e desprendido de toda coisa criada”**(...) Assim sendo, podemos **“receber a graça do recolhimento interior e poderemos ser verdadeiros e constantes adoradores, em espírito e verdade do Altíssimo.”** Nisto consiste a *outra qualidade de vida*, que dá resposta e sentido à finitude da nossa própria vida, a partir dum **“interior bem ajustado, tranquilo, sereno, e desprendido de toda coisa criada.”** E assim, **“desta maneira, manteremos sempre aceso o fogo do santo amor sobre o altar do nosso coração.”** E quem sente e vive o amor é detentor de uma *outra qualidade de vida, fonte de paz e de perene felicidade!*

Concluindo, confesso que este assunto da *valorização do nada* é um processo de resposta à *finitude* que aporta um *novo olhar* sobre as objectividades da vida (p.ex., sofrimento, desencantos, desilusões, ingratidões, morte, etc.) e *acciona um estilo de agir a condizer com a vida deífica ou deiforme a que somos chamados*. Tal assunto aparece em muitos outros excertos no epistolário de Paulo da Cruz. Deixando-me conduzir por Enrico Zoffoli, apenas recordo o que ele regista no Índice do III volume da sua extensa obra *Paolo della Croce*, pp. 2435-2436, sob o vocábulo *nulla* = nada. Assim, **“o homem é nada, ou melhor um ‘horível nada’.”**<sup>394</sup> **“Quem estuda a ciência do próprio nada, aprende a conhecer o verdadeiro Todo que é Deus.”**<sup>395</sup> Do **“conhecimento do próprio nada nasce o desprezo próprio e o grande ardor de amar o sumo Bem.”**<sup>396</sup> ‘É a fé que

---

<sup>394</sup> Referência extraída do epistolário de Paulo da Cruz, registada in ZOFFOLI, Enrico (Passionista) - “S. Paolo della Croce – Storia critica, II vol., pp. 172, 180, 184, 472, 1088, 1235, 1255; III vol. 402, ss., 570, 585, 625-630, 634, 665 ss., 695 ss., 760, 753.

<sup>395</sup> Idem - II vol., pp. 457, 1012.

<sup>396</sup> Idem - II vol., pp. 141, 1012.

nos revela o nosso nada'.<sup>397</sup> Este ponto de vista 'não se deve perder jamais na oração'.<sup>398</sup> Paulo da Cruz faz referências ao 'permanecer no próprio nada para ser atraídos para o Todo que é Deus.'<sup>399</sup> "*Permaneçamos no nada e não subiremos até que Deus não suba Ele.*"<sup>400</sup> 'Esta consciência do próprio nada é condição indispensável para o místico renascimento.'<sup>401</sup> 'A alma deve preparar-se para o último encontro com o Todo na plena compreensão do próprio nada.'<sup>402</sup> 'Paulo da Cruz implora a graça de permanecer no verdadeiro nada.'<sup>403</sup> 'Enterrado no seu horribilíssimo nada, espera que Deus o absorverá no seu imenso Tudo.'<sup>404</sup>

O conceito da *finitude* ensina-nos a amar e a sofrer, dois pilares da condição humana. Tal conceito dá uma resposta ética à solidão, como vimos, e ao sofrimento. Vejamos, de seguida, uma deambulação sobre o tema do sofrimento, perspectivado de uma forma 'espiritualista' e de uma forma científica.

De facto, *Pensar a finitude* faculta dar respostas éticas ao *sofrimento e como perspectivá-lo ou aceitá-lo* <sup>405</sup>, no sentido de que *o sofrimento faz-nos pensar na objectividade da finitude da vida, encontrando sentido na abertura à Transcendência e finitude*. O sofrimento contribui para o tal *novo olhar e sentir* que a leitura que Paulo da Cruz faz da Paixão de Cristo e da Paixão pelos crucificados ou mais fragilizados de hoje, na tentativa de encontrar solução para os males existentes. É que *pensar na finitude de tudo centraliza o ser e pessoa humanos no essencial e consistente da existência. A centralização do ser, na problemática da existência produz a aquisição de uma outra qualidade de vida e faz compreender a interacção do amar/amor com o sofrimento!* O nascimento de um ser-pessoa, é fruto do Amor que permite que a obra do Criador continue, também esta com o sinal do Amor. Mas o amor ou o amar implica sofrimento. E é sobre esta realidade que passo a reflectir.

<sup>397</sup> Idem - II vol., pp. 1012. .

<sup>398</sup> Idem - I vol., p.1369; II vol., pp. 1236, 1457 ss., 1461; III vol, pp. 404, 626, s., 630 s., 636-641, 659, 712, 714 s., 739, 742, 750, 754, 764, 791, 830 s., 844 s., 864 s.

<sup>399</sup> Idem - II vol., pp. 151 ss, 176-184, 012, 1112, 1235 s., 1458 s.; III vol., pp. 402 s., 650.

<sup>400</sup> Idem - II vol., p. 143.

<sup>401</sup> Idem - I vol., p. 1356; II vol., pp. 175 s., 179, 182 s., 1169; III vol., pp. 493, 672 S, 715. 41, 1012. .

<sup>402</sup> Idem - II vol., p. 1255; III vol., 627 s.

<sup>403</sup> Idem - I vol., p. 538 s.

<sup>404</sup> Idem - II vol., p. 1342.

<sup>405</sup> Dionigi Tettamanzi, no seu livro *Nuova Bioética Cristiana*, Edizioni Piemme, ASTI, 2000, aborda na Terceira Parte, sob o título '*Il Divenire della vita*', "O sofrimento itinerário de liberdade", "O sofrimento e libertação" – 'A libertação *do* sofrimento; A libertação *no* sofrimento e A libertação *através* do sofrimento'. Leitura que enriquece a reflexão sobre o sofrimento, pp. 345-356.

Paulo da Cruz afirmou em certa altura: “***Toda a obra de Deus leva a marca do sofrimento***”. É nesta *dimensão espiritual e na respectiva relação com a Transcendência* que Paulo da Cruz encontra remediação e como encarar a marcante característica humana da *finitude: o sofrimento!*

Efectivamente, em determinada altura S. Paulo da Cruz exteriorizou o que lhe ia na alma: sentia-se agastado com os reveses provocados pelas mais diversas causas e contingências da vida... Desabafou com João Baptista, seu irmão de carne e de vida religiosa, que, para o confortar, se limitou a dizer-lhe: ‘*Então, Pe. Paulo, não é o Senhor que nos diz que toda a obra de Deus leva a marca do sofrimento?*’

A obra que Paulo da Cruz pretendia levar a bom termo era a fundação da Congregação da Paixão, ou, por outras palavras, a fundação dos Missionários Passionistas. Tal empreendimento revestiu-se de muitas dificuldades, de muitos sofrimentos, de muitas e muitas tribulações. Parece mesmo que isto é um condimento indispensável na realização de tudo quanto favorece o desenvolvimento da Criação, obra de Deus.

Esta reflexão pode centrar-se precisamente neste ponto: porque somos elementos do Universo, criados à imagem e semelhança de Deus, compete-nos continuar a desenvolver e accionar o que favorece o Progresso da Criação, realizando obras que correspondam à Vontade de Deus. O pensamento de Paulo da Cruz, de que “*toda a obra de Deus leva a marca do sofrimento*”, estimular-nos-á a tomar consciência de que não devemos desanimar nem cruzar os braços perante os reveses, cruces, angústias, sofrimentos, etc., da vida, porque esta traz consigo inerentes todos esses e outros elementos! Também Paulo de Tarso, o Apóstolo, nos incita a não nos deixarmos perturbar pelas tribulações e pelos sofrimentos (1 Tes., 3,3-5).

Não se é masoquista quando se afirma que: O sofrimento avigora o carácter; (Ap., 2,10); O sofrimento amadurece a personalidade; O sofrimento forma integralmente a pessoa humana; O sofrimento centra o homem na sua condição de ser humano; O sofrimento lima as ilusões e purifica as intenções; O sofrimento ajuda a ver o Mundo duma forma mais coerente e objectiva; O sofrimento espicaça as vontades para realizações sempre criativas; O sofrimento dá mais consistência às raízes...; produz constância (Rom., 5,3-5; 12,12); O sofrimento leva-nos a orar (Tiago, 5,13). O sofrimento, por incrível que pareça, projecta-nos para novas aventuras, porque é a alavanca dos fortes de espírito!... Flores há que recendem por entre espinhos. Não são estes que abafam a sua missão de

serem o que são: voz de Deus, pregadoras do poder, da beleza e da bondade do nosso Deus (S. Paulo da Cruz). As maravilhosas obras que o homem realiza são fruto de muito sofrimento. Não é este que impede a sua concretização. As mães aceitam o sofrimento, indispensável para dar vida... Os atletas lutam no sofrimento, para poderem triunfar... Os santos aceitam o sofrimento como caminho para a identificação com o modelo Jesus de Nazaré...

Pelo sofrimento aprende-se a obedecer: Jesus Cristo, *"apesar de Filho de Deus, aprendeu a obedecer, sofrendo e, uma vez atingida a perfeição tornou-Se para todos os que lhe obedecem fonte de salvação eterna"* (Hebreus, 5,8-9). Obedecer ao Evangelho, não é tarefa fácil..., mas é obra de Deus... (1.ª Pedro, 4,17-19).

Jesus Cristo veio comunicar ao homem, pela Sua própria vida, que o sofrimento ou a teologia da Cruz não são nada de doentio. Na Sua Perspectiva, o sofrimento e a cruz são Redentores! Libertadores! Salvíficos! Pelo menos, foi assim que Ele os assumiu: *"Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na Sua glória?"*, (Lc. 24,26).

O sofrimento de Jesus é redentor, libertador, salvador, porque tem a seiva do Amor! Este é o elemento que rejuvenesce e dá sentido a tudo quando existe... Jesus Cristo veio situar o homem no essencial da vida; veio despertá-lo para a verdadeira realidade da existência: viver-amando, servir-sorrindo;-sofrer-amando e sorrindo. Assim, completamos na nossa carne o que falta à Paixão de Cristo. (Col. 1,24).

O sofrimento permite-nos compreender melhor o nosso "mundo" e o daqueles que vivem ou se cruzam connosco, incentivando-nos a realizar "outras" obras de Deus:

*"E porque Jesus Cristo sofreu e foi tentado é que pode socorrer os que são tentados"* (Hebreus 2,18); *"Deus consola-nos em todas as nossas tribulações a fim de podermos consolar, com a mesma consolação com que somos consolados, aqueles que estão atribulados. Pois, assim como crescem em nós os padecimentos de Cristo, crescem também por Cristo as nossas consolações. Se somos atribulados, é para vossa consolação; se somos confortados, é para vosso conforto e salvação, a qual I se efectua em vós pela paciência em tolerar os sofrimentos que nós também suportamos"* (2.ª Cor., 1,4-6). Deus enxugará as lágrimas dos que choram (Ap. 21,4).

Não deixam, porém, de nos desconcertar, humanamente falando, as palavras de Pedro:

*"É uma graça o suportar contrariedades, sofrendo injustamente por amor de Deus. Que mérito tereis, se, praticada a falta, sofreis pacientemente o castigo? Mas, se,*

*fazendo o bem, sofreis com paciência, isto é agradável aos olhos de Deus. Ora, é para isto que fostes chamados, porque Cristo também sofreu por nós, deixando-vos o exemplo para que sigais os Seus passos. Ele que não cometeu pecado, e cuja boca não proferiu mentira, Ele que, quando O insultavam, não insultava, e sofrendo não ameaçava, mas Se entregava Àquele que julga com justiça. Ele que suportou os nossos pecados no Seu corpo, sobre o madeiro, a fim de que, mortos para o pecado, vivêssemos para a justiça: "Pelas Suas chagas fostes curados" (1.ª Pedro, 2,19-24). E ainda: "Alegrai-vos em ser participantes dos sofrimentos de Cristo, para que vos possais alegrar e exultar no dia em que for manifestada a Sua glória. Se sois ultrajados pelo nome de Cristo, bem-aventurados sois vós, porque o espírito de glória, o Espírito de Deus, repousa sobre vós. Que nenhum de vós sofra por ser homicida, ladrão, difamador, ou por cobiçar os bens alheios. Mas, se sofre por ser cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus por ter este nome" (1.ª Pedro, 4,13-16; 2.ª Cor. 12,10; 2 Tim. 1,10-12; 1.ª Pedro, 3,14-18).*

Jesus Cristo transmitiu-nos, pelo Seu testemunho, pelas Suas palavras e pela Sua vida, que o sofrimento é inseparável das obras de Deus... Este assunto projecta-nos na contemplação dos Seus insondáveis desígnios de amor...

O sofrimento aceite e posto nas mãos de Deus é como o cinzel nas mãos do artista, como a lima na mão do artesão, ou como o bisturi nas mãos do médico: purifica, cura, lima arestas, dá formas e aperfeiçoa o incaracterístico; o sofrimento modela a alma, como o fogo modela os metais...

O sofrimento é uma linha azul que nos permite entrar em contacto com a eternidade...; aliás, ele só tem sentido, quando dimensionado pela linha azul da escatologia... A propósito, diz-nos S. Paulo da Cruz: *"Temos uma eternidade para gozar... Que são, portanto, as tribulações desta vida?"*. E ainda: *"É tão grande a felicidade que nos está preparada que devemos reputar em nada os nossos sofrimentos"*. De facto, os sofrimentos da vida presente não se comparam com a glória futura (Rom. 8,18).

Para se captar o valor do sofrimento há que estar com os olhos da alma muito desembaciados... Até porque as grandes lições sobre o valor do mesmo, vêm-nos de quem nele vive mergulhado.

Senti-me muito animado e edificado quando ouvi duma mãe cancerosa o seguinte:



“Todos os dias, a minha oração da manhã, consiste nisto: Obrigado, Senhor, por mais este dia que me dás”. Esta mãe sabe que Deus nos consola na tribulação (2ª Cor., 1,3-7). Tendo bem presente a *finitude da vida, pela doença grave que a atinge e consciente do seu fim terreno iminente*, ela vive plenamente o seu dia, dando graças, cantando louvores, servindo, sorrindo e amando..., apesar de apertada e sufocada pelos espinhos... Procura ser sorriso de Deus, no meio do sofrimento. Porque alegria, sorriso, compreensão, entrelaçada, dádiva, são obras de Deus..., e levam a marca do sofrimento!...

A este tipo de discurso ‘espiritualista’ quero juntar o pensamento científico de Daniel Serrão, centrado na ética e sofrimento. No XIX Encontro de Filosofia, realizado em Coimbra, no dia 10 de Fevereiro de 2005, o Professor Daniel Serrão proferiu uma conferência subordinada ao tema “*A ética e o sofrimento na perspectiva da neuro-biologia humana moderna*”.

Escreveu, então, que tal assunto “*é uma matéria palpitante, atrevida, ainda não aquietada em conceitos firmes e definições rigorosas pelo que a nossa inteligência é particularmente solicitada a intervir e a inovar. (...) A relação entre o cérebro e os desempenhos especificamente humanos foi suspeitada desde a antiguidade clássica, aflora em alguns filósofos como uma verificação de facto, mas é prejudicada pelo total desconhecimento da estrutura e do funcionamento do sistema nervoso central, nesses tempos antigos.*”

E Daniel Serrão continua a sua exposição apresenta uma panorâmica deste assunto, perspectivado desde a “*cultura hebraica*”, passando pela opinião de David Abram, expressa no seu livro “*The spell of the sensuous*”, que denomina de ‘notável e profético’, e no qual *encontra “uma rigorosa interpretação dos termos usados na escrita do Génesis e que o introduz, directamente, na questão central da minha breve apresentação e que é a da relação entre cérebro e os desempenhos humanos que lhe são específicos.*” Citando Augusto Comte, Daniel Serrão transcreve que “*o cérebro segrega o pensamento, como o fígado segrega a biliar*”, afirmação que “*suscitou uma rejeição quase universal.*” Apesar dos avanços científicos nos séculos XIX e XX, na área da ‘estrutura e das funções dos nossos outros órgãos’, “*o cérebro, porém, continuava fechado à investigação como se o mistério da consciência perceptiva inibisse a intervenção da consciência cognitiva.*” “*Foram as descobertas absolutamente seminais de **Ramón y Cajal**, no plano da morfologia microscópica do cérebro, que permitiram criar um novo paradigma e abrir o cérebro a uma investigação científica,*

*primeiro descritiva, que foi fundamental, e depois morfo-funcional...*”

E depois de uma profunda dissertação sobre a contextualização cerebral, Daniel Serrão interpela: **“Mas será que há, já, uma compreensão neuro-biológica do sofrimento?”** E estamos situados no que me interessa fundamentar: a relação do *pensar a finitude* como suporte eficaz para *dar sentido ao sofrimento*. Daniel Serrão avança, cientificamente, com a seguinte explicação:

*“Seguindo Damásio direi que o sofrimento não é uma emoção porque exige o que chamarei representação imagética da emoção, com a atribuição de um nome ao estado emocional. Imaginemos uma facada nas costas que não podemos ver, mas apenas sentir. Os receptores nervosos sensitivos e sensoriais da zona cortada pela faca vão ser instantaneamente activados e miríades de estímulos eléctricos vão correr pelos prolongamentos neuronais até atingirem em milésimos de segundo, a espinal medula e o bolbo os quais respondem com múltiplos efeitos locais e gerais (...). (...) As perturbações sensitivas e sensoriais da facada nas costas produzem alterações neurais às quais a consciência cognitiva reage com múltiplas respostas – fico pálido, grito, fujo ou desmaio – que, no conjunto, constituem o estado emocional; a consciência mais elaborada deste estado leva-me a atribuir-lhe um nome transformando-o, assim, em sentimento. A palavra dor é simultaneamente o nome da emoção e a designação do sentimento que provoca. A análise afectiva do sentimento, efectuada pelo que Goleman chama inteligência emocional, e a análise racional, finalmente efectuada pela inteligência reflexiva e simbolizadora, dão uma ampla interpretação ao sentimento dor e preparam-no para ser arquivado na memória consciente como sofrimento, com carga afectiva negativa – isto quando o sentimento não se furtou a ambas as análises e foi aninhar-se, rapidamente, na sub-consciência, porque então tudo pode complicar-se no futuro. A questão que temos de nos colocar é a de saber onde é que acontecem as fases pós-neuronais, ou seja, como é que acontece a percepção da perturbação neuro-química, como é que esta percepção se transforma em consciência, como é que a consciência cognitiva e emocional a representa, a memoriza, a evoca e sobre ela constrói ideias abstractas representadas por uma linguagem simbólica. Este é o enorme desafio colocado à neuro-biologia humana.” (...)*

Apresentando a perspectiva de *“Francis Crick que tentou investigar o problema a partir da neuro-fisiologia da visão...”*, Daniel Serrão deduz que **“é este ser autobiográfico que tem conteúdos conscientes, memorizados e evocáveis, e conteúdos sub-**

*conscientes, que vai usar a qualidade ética da sua inteligência para defrontar o sofrimento. (...).*

Finalmente, Daniel Serrão, conclui que “*a capacidade ética de lidar com o sofrimento depende, portanto, da experiência de vida de cada um. As terríveis imagens de sofrimento silencioso das crianças africanas com fome e das mães, de peito seco e sem nada para lhes darem, comparadas com as das crianças que nos bons e caros restaurantes deitam a comida fora, fartas e com a complacência das mães, entretidas com bisbilhotices, dão-me para acreditar que a experiência de vida, a autobiografia, condiciona a resposta ética ao sofrimento pessoal. E nós, que nos consideramos bem equipados com os valores sociais, os grandes pilares da ética social, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a dos Direitos das Crianças, o que é que somos capazes de fazer pelo sofrimento dos outros? Esta é, para mim, a pergunta-chave, a pergunta radical num debate sobre ética, sofrimento e vida.*”

Dentro ou fora do contexto, a reflexão sobre o cérebro, que produz o pensamento, resulta-me motivadora, porque há pensamentos positivos e negativos... Aqueles, aportam-me felicidade, qualidade de vida; os negativos acarretam sofrimentos, infelicidade... Mas para tudo existe uma solução, uma alternativa. Impõe-se uma correcta aprendizagem de viver, de saber viver, a partir da vontade, do querer, que se interligam com o pensamento, na sua origem cerebral! O sofrimento, elemento da *finitude*, é ultrapassável pela focagem duma mente esclarecida. Bom, face a tudo isto, resta-me interpelar-me finalmente: Como posso ser capaz de fazer algo pelo sofrimento dos outros se não encontro suporte para responder e aceitar o meu? O belíssimo e riquíssimo texto de Daniel Serrão leva-me a acreditar que pensando e aceitando a *finitude*, o meu sentir e agir perante realidades quase inevitáveis (caso do sofrimento), poderão encontrar sentido positivo a partir da consciência da dimensão espiritual e da presença da Transcendência em mim próprio. A isto me levou também a leitura do pensamento bioético de Paulo da Cruz, como referi logo no início deste ponto.

**Ponto 5:** A reflexão sobre o conceito de *finitude*, sobre a *solidão*, sobre o *sofrimento*, sobre a *morte*, apresenta-nos um **novo olhar** para tudo o que nos rodeia. **Novo olhar** que contribui para um usufruir *estético* das *objectividades* da vida, consolidando-nos ou proporcionando-nos uma *Outra Qualidade de vida*, um viver com

*alegria!* Exemplifico: olhemos para uma moçoila esbelta, com as suas formas corporais atraentes... Com um **novo olhar** e pensando na *finitude* que a atingirá, passo a perspectivá-la já velhinha e com as formas já ‘degradadas’... Ou então estou extasiado perante uma bela flor, mas *um novo olhar* apresenta-ma já com as pétalas caídas!... A *finitude atinge todos os elementos deste Cosmos mas é benéfica a sua perspectiva pois ela potencia e valoriza o momento presente que vivemos*. Isto é, tal conceito faz com que não perca a minha qualidade de vida em cada acontecimento efémero mas contribui para o viver bem e mais intensamente! É um dos benefícios extraordinários da interiorização/reflexão sobre a *finitude*. A sua implicação no âmbito da Bioética é perceptível, pois esta procura o bem estar do ser e pessoa humanas e persegue o objectivo dum agir ético a condizer com tal aspiração. Assim que se justifica pensar nos *benefícios da interiorização/reflexão da finitude humana, no âmbito da Bioética e como contributo para a aquisição de uma 'Outra Qualidade de Vida', na leitura bioética do pensamento de Paulo da Cruz, no seu epistolário.*" E é o que passo a analisar neste ponto.

Na minha tese de mestrado: “*Contributos para uma outra ‘qualidade de vida’, no âmbito da Bioética Teológica*”<sup>406</sup>, apresentei o que penso sobre esta *outra qualidade de vida!* Sintetizando, refiro que o núcleo desse trabalho concentra-se no vocábulo *outra*. É este vocábulo que nos remete para a *dimensão espiritual* de que falei no ponto anterior. Aliás, é o que um consagrado bioeticista, Francisco Javier Elizari, também salienta<sup>407</sup>:

*“O conceito de qualidade de vida é muito difícil de definir com precisão, pois ele anda sempre ligado a uma determinada concepção do ser humano, das suas necessidades e aspirações. Todos sabemos que este nosso mundo é cheio de complexidades e está sujeito a constantes variações temporais, pessoais e vitais. Estas dificuldades, porém, não nos devem impedir de fazer algumas aproximações.*

*No nosso contexto geográfico, a qualidade de vida é inimaginável sem uma componente económica que nos permita um certo estilo de vida, embora reconheçamos que a demasiada importância dada à economia e à folgada satisfação das necessidades*

---

<sup>406</sup> BEZERRA, João – *Contributos para uma outra ‘Qualidade de Vida’, no âmbito da Bioética Teológica*, Bezerra-editora, Braga, 2004.

<sup>407</sup> ELIZARI, Francisco Javier. – *Questões de Bioética – Vida em Qualidade* -. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1996, p. 203. Citado em BEZERRA, João – *Contributos para uma outra ‘Qualidade de Vida’, no âmbito da Bioética Teológica*, Bezerra-editora, Braga, 2004., p. 44-45.

*materiais constitua, precisamente, uma das maiores deficiências da nossa sociedade. Para uma verdadeira qualidade de vida, mais importantes que os consumos materiais são os ‘consumos não materiais’, isto é, a cultura e a satisfação das necessidades psicológicas e relacionais. Ora, a importância desta dimensão ressalta sem dúvida de uma maneira muito clara através da experiência da doença. Uma satisfatória relação familiar, o contar com amigos em quem se possa confiar, o sentir-se estimado e querido pelos outros, são elementos verdadeiramente fundamentais para uma vida com qualidade. E aqui não podemos esquecer a contribuição que uma vivência religiosa lúcida e coerente também pode aportar ao caso”.*

Elizari apresentou algumas estratégias que considera fundamentais para uma vida com qualidade: satisfatória relação familiar, o contar com amigos em quem se possa confiar, sentir-se estimado e querido pelos outros. No pano de fundo contextual está inserido o doente. Mas insistimos uma vez mais na abertura do leque a outras pessoas com quem lidamos, ora a nível do trabalho, ora a nível de contactos de amizade, ora a nível de direcção espiritual, ora a nível de quem nos procura como sacerdotes, também na linha da prevenção e do alerta, para que não se perca uma vida de equilíbrio e qualidade que já se possa possuir. E aí está uma característica que consideramos relevante e que diz respeito à contribuição que uma vivência religiosa lúcida e coerente, porque convincente, pode aportar ao caso. Estamos, assim, situados num processo de trabalho de Bioética Teológica.

Tendo presente as afirmações feitas, atentemos finalmente no seguinte: “Para uma verdadeira qualidade de vida, mais importante que os consumos materiais são os ‘consumos não materiais’, isto é, a cultura e a satisfação das necessidades psicológicas e relacionais”. É muito relevante este excerto, que nos alerta para ‘os consumos não materiais’, isto é, para a cultura e satisfação das necessidades psicológicas e relacionais. Tal assunto leva-nos a orientarmos as nossas considerações para o capítulo das estratégias direccionadas para a obtenção ou manutenção de uma ‘Qualidade de Vida’.”<sup>408</sup> Evidentemente, os capítulos que se seguem na minha tese de Mestrado em Bioética, centram-se no estudo e análise do que implica possuir essa tal ‘outra qualidade de vida’!...

Portanto, o **novo olhar** a vida a partir da sua finitude potencia o aprender a viver ou a viver bem, amando, assim como a sofrer com *qualidade* (α συν-πάθος (*sim-patia*)). A interiorização da finitude do ‘criado’, a partir do ‘**novo olhar**’ as coisas, serve-se da

---

<sup>408</sup> BEZERRA, João – *Contributos para uma outra ‘Qualidade de Vida’, no âmbito da Bioética Teológica*, Bezerra-editora, Braga, 2004., p. 44-45.

*ecologia para um viver com qualidade, em volta do foco da aposta no essencial, no ciclo biológico do nascer, viver e morrer. São muitos os excertos de Paulo da Cruz relacionados com o bem estar que produzem a ‘leitura ecológica’<sup>409</sup> e o usufruir da beleza da Natureza. Este exercício alivia o que de peso possa ter em certos espíritos o pensar a finitude. A título de exemplo, apenas saliento algum que outro excerto transcrito nas páginas 76-82 desta minha tese:*

*-“Saia até ao campo para se entreter um bocadinho por amor de Deus, e não mantenha sempre o arco tenso, porque assim não resiste.”<sup>410</sup>*

*-“Distraia o seu ánimo com alguma diversão honesta, com o conveniente repouso, indo a passear sozinho e ouvindo a pregação que lhe farão as flores, as árvores e as ervas, o céu e o sol, e todas as coisas, e já verá como lhe fazem um sermão cheio de amor, de louvores a Deus e de convite a bendizer as grandezas d’Aquele Soberano Artífice que lhes deu o ser.”<sup>411</sup>*

*“Divirta-se santamente, saia de casa para a cidade como costumava fazer e ajude a todos como antes, com os seus bons conselhos e com a caridade para com os pobres. Vença-se a si mesmo.”<sup>412</sup>*

Nas referidas páginas 76-82, apresentei uma reflexão sobre a relevância da “comunhão com a natureza” para se poder manter ou adquirir uma desejável e saudável qualidade de vida. Balizado nas vantagens do *pensar a finitude para essa tal outra qualidade de vida*, insisto no bem estar que nos transmite a perspectiva ecológica de Paulo da Cruz. Quando tocava nas flores, dizia: “*Calai-vos, calai-vos*”... “*Se ides ao jardim*, dizia também, *e vedes nele flores, perguntai a uma delas: ‘Quem és tu?’ Sem dúvida, não vos responderá: eu sou uma flor. Não. Mas sim, vos dirá: ‘Ego vox, eu sou um pregador: eu prego o poder, a sabedoria, a bondade, a prudência do nosso grande*

---

<sup>409</sup> MACHO, Pablo Garcia – “*Pablo de la Cruz y la Ecología*”, in “*San Pablo de la Cruz – Fundador de la Pasionistas*”, pp. 201-207; - “*Pablo de la Cruz y la investigación espacial*”, in “*San Pablo de la Cruz – Fundador de la Pasionistas*”, pp. 209-213.

<sup>410</sup> CROCE, S. Paolo della - “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº CCXXXVIII, escrita a Francesco Antonio Appiani (3º), (P. Francesco Antonio del Crocifisso) – Rio, Isola dell’Elba, no dia 23 de Março de 1736, Volume I, pp. 396-398. Nas Cartas da edição espanhola, do Pe. Bernardo Monsegú, é a Carta nº 27.

<sup>411</sup> Idem – Carta nº CCXLVIII, escrita ao mesmo Francesco Antonio Appiani (13ª), no dia 16 de Julho de 1738, Volume I, pp. 417-418.

<sup>412</sup> Idem – Carta nº DCCXV, escrita a Giovanni Francesco Sancez (21ª) – Orbetello -, no dia 27 de Agosto de 1760, Volume II, pp. 400-401. Nas Cartas da edição espanhola, do Pe. Bernardo Monsegú, é a Carta nº 103.

*Deus. Imaginai que vos dá esta resposta e deixai que o vosso coração se submerja, se penetre, embeber-se nela totalmente”.*<sup>413</sup>

*“Noutra ocasião, ia de terracina para Ceccano. Chegado ao bosque de Fossanova, deixou o caminho para visitar a igreja do mosteiro onde morreu o angélico doutor S. Tomás de Aquino. Metendo-se depois num carro, pôs-se a dizer com extraordinário ardor ao seu companheiro: “Ah! Não ouvis que estas árvores e estas folhas nos gritam: ‘Amai a Deus! Amai a Deus!...’” Tendo pedido ao companheiro para avançar um pouco, ele parou. Olhando para trás, o seu companheiro viu-o resplandecente como o sol. O bemaventurado Paulo da Cruz seguia andando e repetindo-lhe: “Como será possível que não ameis a Deus?”*<sup>414</sup>

Encontrando-se doente, em certa ocasião, na casa de um bemfeitor, em Civitavecchia, aconteceu que uns canários cantavam deliciosamente numa habitação próxima. Paulo, entusiasmado, pediu ao bemfeitor que trouxesse os canários para o seu quarto, para poder deliciar-se com as suas melodias. O bemfeitor disse-lhe que eles poderiam não cantar, intimidados. *‘Trazei-os, trouxe-os, replicou o santo, e depois veremos o que fazem’.* Tendo-os trazido, os canários cantaram maravilhosamente e batiam graciosamente as asas, olhando para Paulo da Cruz, que *“desabafava em terníssimos afectos de amor a Deus: dir-se-ia que o santo e as avezinhas cantavam com admirável concerto o Amor infinito num hino sublime, que nunca se tinha ouvido”...* *Os canários continuaram, por largo espaço de tempo, o seu maravilhoso canto”.*<sup>415</sup>

Como Cristo, Paulo também gostava de se recolher em lugares desertos. Obtida a licença do General espanhol Espejo y Vera, em Orbetello, para poderem habitar no Monte Argentário, tomaram conta da ermida da Anunciação, no dito monte. Estamos em 1721-1723. *“A uma hora marcada, separavam-se os dois irmãos para ir à selva e ali, à sombra das azinheiras, ocultos no fundo de alguma gruta, abandonavam a sua alma a tudo o que a fé, ajudada por aquela grande e austera natureza, podia oferecer-lhes de inspiração e fervor”.*<sup>416</sup>

---

<sup>413</sup>LUIS-TERESA DE JESÚS – P. - *“Vida de S. Pablo de la Cruz, Fundador de la Congregación de la Santa Cruz y Pasión de Jesú Cristo,”* por el R.P. Luis-Teresa de Jesús, agonizante, del mismo Instituto, traducida al castellano de la 3ª edición francesa por Sor Maria del Patrocinio de San José, Religiosa carmelita Descalza del Convento de S. José en Ruiloba, Diócesis de Santander, com un Prólogo de D. Cayetano Fernandez, Pro. Com licencia eclesiástica. 2ª edición corregida. Barcelona, Imprenta y Librería de la Inmaculada Concepción, 13 Buensuceso, 13, 1889, Capítulo XXVII, p. 296.

<sup>414</sup> Idem - p. 297.

<sup>415</sup> Idem – pp. 302-303.

<sup>416</sup> Idem - Capítulo IX, pp. 118-119.

Este deambular pela Natureza concentra e alivia o espírito. É um espaço privilegiado para recuperar energias e superar as tensões e as ‘agressões’ múltiplas com que a vida nos presenteia. São produtos inerentes à própria *finitude* humana! O mais importante é que saibamos aprender a viver com e a Natureza, para sentir a presença do Criador e sentirmo-nos elementos também criadores. Neste processo, venceremos a vida, conquistando uma outra mais abundante e perene!

A *finitude*, em conclusão, não tem limites, nem de tempo, nem de espaço, (tudo acontece quando menos se espera), e atinge a todos os mortais e a todas as ‘coisas’. É salutar, pois pode-se afirmar que dá saúde, precisamente porque sendo realidade inerente ao meu processo de nascer, viver e morrer, a aceitação alegre e entusiasta da *finitude*, quando me revejo no espelho da vida, ela deve abrir-me ao tal *novo olhar*, numa doce quietude de que tudo se transforma ou se acaba, e a aceitação do que se é, em cada momento da vida, com as inevitáveis limitações e transformações, é fonte de paz, de serenidade de esperança... A *finitude abre-me as portas para novas etapas dum bem viver, fazendo-me ‘ver’ que ainda posso ser útil e servir o outro. E se tal não for já possível, resta a resignação corajosa de quem procurou bem viver e a sensação dum dever cumprido! Pensar a finitude* é um voo livre que nos liberto das ilusões e do verniz inerente a tudo o que é transitório! *Pensar a finitude* é capítulo que fica em aberto, até que se acabem os dias de férias que a morte nos dá, como diz Vítor Espadinha no seu álbum ‘Do fundo do coração’.

*Pensar a finitude*, afinal, é benéfico e criador, pois é uma realidade face à qual poderemos exclamar, parafraseando Daniel Serrão ao referir-se à solidão: ***Bendita sejas, finitude!***



## CAPÍTULO VI

### **A morte encarada como benefício. Perspectiva da morte em Paulo da Cruz e em Bocage. (Interacções na qualidade de vida e saúde, individual e pública)**

A *morte*, pertinente e relevante assunto bioético, é o fecho dos capítulos desta minha tese. Inserido neste contexto, acho muito elucidativa a expressão do Bioeticista italiano Elio Sgreccia, sob o título “*Reconciliar-se com o sentimento da morte*”. Efectivamente, Elio Sgreccia, Presidente da Academia Pontifícia para a Vida, num Congresso celebrado no dia 10 de Dezembro de 2007, no centro de Congressos IFO, fez referência a esta importante componente para ‘*uma outra*’ qualidade de vida, no âmbito da Bioética: ***a reconciliação com o sentimento da morte***.

Surpreende-me a posição de muitas pessoas que têm pavor face à realidade da morte. Esta atitude retira muita qualidade de vida a quem mantém um sentimento negativo face à mesma. Dom Sgreccia afirmou “*que o próprio itinerário vital influi no enfoque da morte: um indivíduo saudável que não consegue aceitar, ‘reconciliar-se’ com o pensamento da morte, pode inclusive desenvolver ‘transtornos de personalidade’.*” É também tendo isto presente que vou debruçar-me, neste Capítulo VI, sobre ***A morte encarada como benefício. Perspectiva da morte em Paulo da Cruz e em Bocage***.

Pretendo descobrir, neste último Capítulo, o pensamento bioético acerca da morte em Paulo da Cruz e Bocage, que permita consolidar uma outra qualidade de vida, como contributo para um bem estar, para um bem viver e para um bem morrer. Não duvido que aceleramos a chegada da morte pelo estilo de vida que levamos. Neste ciclo biológico do nascer-viver-morrer, em cada momento que passa, aproxima-se inevitavelmente a morte que assusta muita gente. Muitas vezes, somos nós –e as nossas circunstâncias- que a aproximamos cada vez mais por não acertarmos a bem viver para melhor morrer. A falta de uma perspectiva escatológica da morte contribui para uma diminuição da qualidade de vida desejável ou para uma aceitação e preparação da morte inevitável, abalando ou agravando a saúde, ora a nível individual ora público. É essa outra qualidade de vida que persigo na análise da perspectiva da morte em dois pensadores completamente opostos na maneira de viver: o místico Paulo da Cruz, e Bocage, um libertino que perdeu a sua qualidade de vida, acelerando conscientemente a morte, mas que teve a lucidez de escrever arrependido, na

proximidade da mesma: “Saiba morrer o que viver não soube”<sup>417</sup>!... Porque reconheço pontos convergentes e divergentes nestas duas personalidades, no que diz respeito à morte, eis porque me aventurei a elaborar este Capítulo, como fecho da minha tese.

O enquadramento bioético parece-me evidente, porque a Bioética persegue o bem estar da pessoa em toda a complexidade dos assuntos que lhe dizem respeito. E a morte é assunto indiscutível no âmbito da Bioética.

Explicitei na Introdução desta tese (p. 10) que “*escolhi o estudo e a análise do pensamento de Paulo da Cruz, integrado no âmbito da Antropologia – Ética e Saúde - (ensaio inserido no módulo dos “Depoimentos Literários” ) - pela simples razão de Paulo da Cruz ser um Homem Virtuoso que assumiu estar sempre com os chamados crucificados de hoje, a quem levou e há que levar ‘Outra Qualidade de Vida’, pelo reencontro com princípios, valores e ideais.*”<sup>418</sup> E isto é estar situados no ‘patamar’ da Bioética, que procura essencialmente o *bem estar e o bem viver* da pessoa, para melhor morrer! Esta reflexão não serve unicamente para quem perspectiva a morte como iminente, mas também, se sobretudo, para aqueles que lidam com o ser e pessoas humanos nesta sua última fase terrena. De Paulo da Cruz, já falei oportunamente; agora resta-me apresentar uma breve contextualização da personalidade que entra em linha de convergência com Paulo da Cruz sobre o assunto da morte. Chama-se **Bocage** (1765 - 1805). Nasceu em Setúbal. Seu nome completo é Manuel Maria Barbosa du Bocage. Aos 18 anos frequentou por um triénio a Academia Real da Marinha. “Mais do que nos estudos, gastava então o tempo ‘na dissipação e na dicacidade ou lírica exaltação das tertúlias de café, na estroinice das feiras e praças públicas’ (H. Cidade, *Bocage*, Arcádia, p. 31).”<sup>419</sup> Andou pela Índia (1786), passou pelo Brasil e regressou a Lisboa em 1789. “*Retoma sem demora a antiga vida de boémio, tornando-se suspeito à Monarquia e à Inquisição por causa das sátiras irreverentes que escrevia. É encarcerado no Limoeiro em 1797. O Santo Ofício mandou-o recolher ao Mosteiro de S. Bento. Dali passou em seguida para os Oratorianos, onde começou a fazer traduções para levar a vida. Os padres foram seus amigos. Bocage reconsiderou muito na existência desgraçada que até então levara e, quando em 1798 recuperou a liberdade, era outro homem. Passou a viver com uma irmã, que sustentava. Estava-se em 1805. Bocage, com diz Vitorino Nemésio, tinha*

---

<sup>417</sup> BOCAGE - “*Sonetos*”, Texto Integral, Publicações Europa América, nº 328, CCCLXXIII, p.222.

<sup>418</sup> Paulo da Cruz trabalhou também no Hospital de S. Galicano, onde “*comprovou mais de parte e com maior intensidade o sofrimento humano*” (...): BIALAS, Martín – “*La Pasión de Cristo en San Pablo de la Cruz*” – Ediciones Sigueme, Salamanca, 1982, p. 27.

<sup>419</sup> BARREIROS, António José- “*História da Literatura Portuguesa*”, 1, séc. XII-XVIII, 14ª Edição, Editora PAX, Braga, 1992, p. 597.

*quarenta anos de idade e mais de vinte de genebra e de noites, com passeatas que tinham ido desde o Bairro Alto, pela rua das Violas no Rio de Janeiro até às tabernas de Surrate na Índia e aos pangaos de Cantão na China, para terminarem no Botequim das Parras, outra vez em Lisboa. Por cima disto tudo, uma dilatação da aorta (Vitorino Nemésio, 'Bocage-Sonetos', Lisboa, 1961, p. 29). O médico desenganou-o. Confessou-se e comungou. E em 21 de Dezembro de 1805, entregou a alma a Deus. (...) Reconheceu o mal que fez e palpou na própria carne os desenganos a que costuma levar uma existência desenfreada.*"<sup>420</sup>

Foi sobretudo nos Sonetos que revelou o seu génio. E é precisamente dos Sonetos que vou extrair alguns excertos que se enquadram no trabalho que pretendo realizar, isto é, sobre a *morte*. Atendendo ao limite de páginas, terei de restringir, evidentemente, as citações. Como Pré-Romântico que foi, revela a *obsessão da morte e do lugar horrendo*. "*Grande parte da sua poesia surge arrepiada de medo ou de olhos ansiosos ante a visão espantosa da morte. (...) Mas, ao fim e ao cabo, não sabemos se Bocage tem horror da morte, ou se, pelo contrário, encara 'a morte na noite como um amor'. (...) Talvez que só na morte encontre Bocage a verdadeira paz: 'E, enquanto insana multidão procura / Essas quimeras, esses bens do mundo, / suspiro pela paz da sepultura'.*"<sup>421</sup>

Como se pode observar, estamos perante duas personalidades numa mesma moeda mas em lados opostos pela vida que levaram. Mas no que à perspectiva da morte diz respeito, pareceu-me 'interessante' colocá-las de frente, face à mesma realidade. Afinal, se há divergências de vida e até acerca da morte, também existem convergências no que a esta diz respeito. Já o veremos.

A relevância bioética da perspectiva da morte apresentada por Paulo da Cruz<sup>422</sup>, um dos maiores místicos do século XVIII, está patente no seu epistolário e tem marcas de

---

<sup>420</sup> Idem, pp. 597-598.

<sup>421</sup> Idem, p.604.

<sup>422</sup> Ana Paula Coutinho, nas aulas de Doutoramento em Bioética, na U.C.P., dissertou acerca das '*representações literárias da morte*'; '*na tradição do cruzamento das experiências e dos saberes*'; '*A literatura e os grandes temas universais definidores da humanidade*'; '*a literatura e a morte, ou as várias mortes :biológica, psíquica, espiritual e social*'. Tendo sido analisados excertos de autores preferencialmente do século XX (a morte nas sociedades contemporâneas), a minha preferência centra-se na perspectiva bioética da morte num dos que é considerado dos maiores místicos do século XVIII (Paulo da Cruz). E 'se a as palavras podem falar da presença do ausente como do ausente presente... e se a palavra presentifica o ausente, nos contos de Miguel Torga' (Ana Paula Coutinho, no comentário das aulas), constato que Paulo da Cruz, no seu epistolário, na presentificação do ausente (escatologia) dá uma explicação para a morte, portadora de uma 'outra' qualidade de vida, incentivando atitudes bioéticas face à realidade da morte. É o que procuro fazer neste capítulo, relacionado com a morte. Os excertos dos autores analisados centraram-se em Miguel Torga (*análise do conto 'Madalena'*) - '*Bichos*' (1940), in '*Contos*', Lisboa, D. Quixote, 3ª ed., 2002, pp. 37-42; em Fernando Namora (*análise do excerto 'A Prima Cláudia'*) - '*Retalhos da Vida de um Médico*', Primeira Série, 22ª edição, 1979 (1949), pp. 45-52; em José Saramago, '*As intermitências da Morte*', Lisboa, Caminho, 2005, pp. 25-36; em Virgílio Ferreira, '*Em nome da terra*', Lisboa, Bertrand Editora, 1990, pp. 219,230; em Virgílio Ferreira, '*Para Sempre*', Lisboa, Bertrand, 1983, pp. 287-299; em Lev Tolstói, '*A morte de Ivan Iliitch*',

originalidade no sentido de que apresenta uma leitura da mesma de uma forma realista a partir de uma reacção positiva face á mesma, porque parte da visão escatológica da vida. Bocage ‘insinua’, por vezes, esta mesma perspectiva ao tratar o tema da morte, nos seus sonetos. Evidentemente, existem divergências também.

A morte, perspectivada escatologicamente contribui para uma outra qualidade de vida, face à sua inevitabilidade. A visão deste evento, inerente ao processo biológico do nascer e viver, merece ser analisado e registado no âmbito da bioética, porque ambos os pensadores se fundamentam em princípios nos quais acreditam e que são um precioso contributo para que não se perca a paz, bem universal desejável e que toda a pessoa aspira possuir, e sobretudo não quer perder na fase terminal da sua existência.

***Ponto 1. Contextualização do assunto em questão: Contributos para uma leitura bioética da morte, na perspectiva de Paulo da Cruz e de Bocage***

Nesta minha tese, e chegado a este ponto, optei pela pesquisa do pensamento bioético em Paulo da Cruz acerca do tema da **Morte** presente no seu epistolário, procurando encontrar pontos de convergência e ou divergência com o pensamento de Bocage (poeta do século XVIII-XIX) sobre o mesmo assunto, na sua poesia. É sem dúvida uma ousadia aproximar focagens de duas personalidades completamente distantes na vida que levaram mas convergentes, por vezes, no ponto de vista sobre a **Morte**. Desta intenção, surgiu-me o título deste último Capítulo, o VI: ***A morte encarada como benefício. Perspectiva da morte em Paulo da Cruz e em Bocage. (Interacções na qualidade de vida e saúde, individual e pública)***.

Penso ser indiscutível a relevância do tema da morte no âmbito da Bioética! Efectivamente, o ‘assunto’ da Bioética orienta-se para uma ética da vida, aplicada ao ciclo biológico do nascer, viver e morrer! A morte é inegável porque evidente! Se o não fosse, também haveria quem a negasse! Poucos querem morrer, mas todos, na prática, andamos a aproximar a sua vinda pela vida que levamos! Eis porque defendo uma ‘outra’ qualidade de vida, assunto relevante em Bioética e na Saúde! Para ‘minorar’ o risco de apressarmos a vinda da morte pela vida que levamos, sem qualidade, muitas das vezes, é que me interessa ressaltar como o *pensar na morte* é benéfico e salutar! A **Tanatofilia**,<sup>423</sup> em Paulo da Cruz,

---

Lisboa, Relógio de Água Editores, Clássicos, 2007, pp. 66-75; em Marguerite Yourcenar, ‘*Memórias de Adriano*’, Editora Ulisseia, pp. 230-244; em Hervé Guibut, ‘*Ao amigo que não me salvou a vida*’, trad. João Luís Gomes, Lisboa, Livros do Brasil, 1993 (1990)., pp. 6-14.

<sup>423</sup> ARTOLA, P. Antonio María, C.P. – “*La muerte Mística, según San Pablo de la Cruz*”, Universidad de Deusto (Bilbao), 1986, p. 150.

contribui para uma *outra qualidade de vida*, para um *'aprender a viver'* (Silvino Leone), para um bem estar e harmonia psíquica, contribuintes para a Saúde, e para um aprender a morrer (Bocage) que afirma, num verso dum seu terceto “*Saiba morrer o que viver não soube*”!<sup>424</sup>

Começo então por perscrutar o ‘pensamento’ acerca da morte numa ‘leitura bioética’ e assumindo-o como ‘depoimentos bioéticos’ nos dois pensadores que escolhi – Paulo da Cruz e Bocage- para extrair conclusões práticas acerca do objectivo a atingir: uma ‘vacinação interior’ que me permita ver, aceitar e viver com qualidade de vida o que é mais normal do que aquilo que de ‘anormal’ diariamente fazemos. Porque normal é aprender a conviver com a morte, para se acertar com um normal viver que seja fonte de qualidade de vida, de bem estar interior e de equilíbrio sadio da mente, face à realidade da Morte, a quem Francisco de Assis tratava por *Irmã Morte!* Este assunto da morte está muito presente na poesia de Bocage como no epistolário de Paulo da Cruz. E a morte aparece-nos como libertação do efémero e do sofrer humano. Em 376 poesias analisadas de Bocage, encontrei muitas que nos falam da morte. Assim como também tenho de limitar o número de citações sobre a morte no vasto epistolário de Paulo da Cruz. Não posso, evidentemente, citar tudo, por razões óbvias, ligadas ao ‘espaço’ limitado deste Capítulo Eis porque apenas vou abordar os pontos que se seguem.

***Ponto 2. A morte desejada como libertação do sofrimento motivado por provações e dificuldades da própria vida. Morte: libertação do efémero e do sofrer humano, e abertura para a Paz definitiva; incentivo para a luta por um bem... Pela beleza das criaturas, chega-se a Deus!***

É frequente este desejo do espírito de desejar a morte por motivos vários. Em Agosto de 1736, época de fundação de novas Casas da Congregação, Paulo da Cruz teve de passar por duras provações que o levaram a proferir, em certa altura: “(...) *Espero de bom grado a morte... No dia da Assunção, peço a caridade das orações de muitos para pedir a graça de fazer a divina vontade e de preparar-me para a minha próxima morte...*”<sup>425</sup> Noutra ocasião, sentindo a ‘agressão’ de pessoas más que ataçavam fogo ao que construía e lhe levantavam complicações, mantendo-o “*em contínuas, duras, e violentas tempestades de dentro e de fora*, Paulo proferiu: *Ah! Se Deus quisesse fazer a esmola da morte, que peço*

---

<sup>424</sup> BOCAGE - “*Sonetos*”, Texto Integral, Publicações Europa América, nº 328, CCCLXXIII, p. 222.

<sup>425</sup> ZOFFOLI, P. Enrico – “*S. Paolo della Croce*” – *Storia Critica, Volume I*”, Cúria Generalizia PP. Passionisti – Commissione Storica, SS. Giovanni e Paolo, Roma, 1965, p. 452.

para maior glória de Deus, oh, que nova feliz!”<sup>426</sup> Por vezes, chegou a ser maltratado, quando pedia esmolos.<sup>427</sup> Por motivos óbvios, não me posso alongar a trazer mais excertos comprovativos deste desejo de morrer de Paulo da Cruz.<sup>428</sup>

Bocage, em mais do que um Soneto revela esta ânsia de morrer, para se libertar do sofrimento causado por motivos ligados a questões amorosas. Aqui, há convergências e divergências com a perspectiva de Paulo da Cruz, no que ao desejo da morte se refere. Em Paulo da Cruz, não encontrei qualquer alusão que ‘visse’ a morte como algo a ser maltratado. Em Bocage, sim. Vejamos como ‘mexe connosco’ a forma como a ‘vê’, por exemplo, no soneto “Sobre a sepultura de Tirsália”: “*Negra fera, que a tudo as garras lanças; / Já murchaste, insensível a clamores, / Nas faces de Tirsália as rubras flores, / Em meu peito as viçosas esperanças: // Monstro, que nunca em teus estragos cansas, / Vê as três Graças, vê os nus Amores / Como praguejam teus cruéis furores, / Ferindo os rostos, arrancando as tranças! / Domicílio da noite, horror sagrado, / Onde jaz destruída a formosura, / Abre-te, dá lugar a um desgraçado: / Eis desço... eis cinzas palpo... Ah, Morte dura! / Ah, Tirsália! Ah, meu bem, rosto adorado! / Torna, torna a fechar-te, ó sepultura!*” Neste soneto, encontramos divergências sobre a forma como Bocage vê a morte comparada com a de Paulo da Cruz. Sofrendo, sobre a sepultura de Tirsália, ele pede *Abre-te, dá lugar a um desgraçado!*... No fundo, ele anseia pela libertação de algo muito diferente das motivações de Paulo da Cruz, para quem a morte não é um corte da vida mas a abertura para uma nova vida, a deiforme!<sup>429</sup> **“Pense na morte mística. Quem está morto misticamente não pensa noutra coisa senão em viver uma vida deiforme”**<sup>430</sup>

No entanto, no poema *Insónia*, de Bocage, podemos fazer uma outra leitura da morte, libertadora. Lemos nos dois últimos tercetos: “*Só eu velo, só eu, pedindo à sorte / Que o fio com que está minha alma presa / À vil matéria lânguida me corte: // Consola-me*

---

<sup>426</sup> Idem, p. 454, citando a carta de S. Paulo da Cruz (CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº XXXII, escrita a Agnese Grazi (35º)- Orbetello, no dia 13 de Dezembro de 1736, Volume I, pp. 161-162.

<sup>427</sup> Idem - p. 454.

<sup>428</sup> Cfr. pp. 457, 463, 465, 511, 516, 618, 960, 1141, 1341 sg, do Volume I de E. Zoffoli; pp.268, 278, sg.,483 sg., 486, 968, 1080, sg.,1084 sg., 1097, 1105 sg., 115 sg., 1199, 1246, 1249, 1260, 1262, 1264, 1289, 1308, sg., 1314, 1428, 1434, do Volume II de E. Zoffoli; 896, do Volume III de E. Zoffoli.

<sup>429</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº CDLIV, escrita a Tommaso Fossi (147ª), que mais tarde se tornou Passionista, com o nome de P. Tommaso di Gesù e Maria – Poggio d’Elba, no dia 29 de Dezembro de 1768, Volume I, pp. 787-788.

<sup>430</sup> Idem – pp. 787-788, excerto da Carta CDLIV, mencionado por ZOFFOLI, P. Enrico – “*S. Paolo della Croce*” – *Storia Critica, Volume I*”, Cúria Generalizia PP. Passionisti – Commissione Storica, SS. Giovanni e Paolo, Roma, 1965, nas pp. 434 – 454.

*este horror, esta tristeza; / Porque os meus olhos se afigura a morte / no silêncio total da natureza.*”<sup>431</sup>

Mas pela beleza das criaturas, Bocage chega também a Deus. *Celebrando as graças de Elmira*, registou no último terceto: “*O sacrílego ateu, sem lei, sem siso, / Contemple-te uma vez, que então conhece / Que é força haver um Deus e um Paraíso.*”<sup>432</sup> No terceto final dum outro seu soneto, onde Bocage *antepõe o Amor de Jónia às honras e riquezas*, ele escreve: “*Quero da morte o formidável tiro, / Contanto, ó Jónia, que meus lábios soltem / Nesses teus lábios o final suspiro*”. Curioso: não se importa de morrer se puder satisfazer os seus desejos!... Efectivamente, este viver de Bocage leva-me a pensar a verdadeira abrangência da palavra amor! Porque não resulta o amor em fonte de equilíbrio? Que tipo de amor é esse? É eros ou agapê, de que nos fala Bento XVI? A verdade é que para Paulo da Cruz “*O Amor é força que une e faz seus os tormentos do Bem que se ama*”. “*Este fogo, que é o Amor, penetra até à medula e transforma o amante no amado*”. À primeira vista, seria muito provável que alguém, mais familiarizado com autores da nossa Literatura Portuguesa, afirmasse que esta citação fosse de Camões ou de Almeida Garrett!

Mas não é. Trata-se dum pensamento de S. Paulo da Cruz. Podemos lê-lo em algumas das suas Cartas.<sup>433</sup>

### ***Ponto 3. A morte desejada como libertação do corpo para unir-se ao Sumo e Infinito Bem. Amor e Morte, unidos na caminhada de purificação. “Vida moriente e morte de amor”***

O desejo da morte, na perspectiva apresentada, é frequente em almas santas. Paulo da Cruz, em mais do que uma ocasião, manifesta este desejo da morte para se unir estritamente ao Sumo e Infinito Bem.<sup>434</sup>

Uma das características marcantes da vocação contemplativa de Paulo da Cruz, como Mestre Espiritual, é esta relação, frequente no seu epistolário.<sup>435</sup> “*Vida moriente e*

---

<sup>431</sup> BOCAGE - “*Sonetos*”, Texto Integral, Publicações Europa América, nº 328, V, p.33.

<sup>432</sup> Idem, XXIX, p. 45.

<sup>433</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Cartas nº XVI e XVII, escritas à Marquesa D. Marianna della Scala del Pozzo (10ª e 11ª) – Retorto, nos dias 03 de Janeiro de 1729 e 22 de Maio de 1730, respectivamente, Volume I, pp. 42 – 47; Carta nº DCCXLI, escrita à Irmã Colomba Geltrude Gandolfi (1ª) – Toscanella, no dia 10 de Julho de 1743, Volume II, pp. 439-441; Carta nº MI, escrita ao Rev. D. Giovanni Antonio Lucattini (13ª) – Piansano, no dia 16 de Setembro de 1752, Volume II, pp. 825-826.

<sup>434</sup> ZOFFOLI, P. Enrico – “*S. Paolo della Croce*” – *Storia Critica, Volume I*, Cúria Generalizia PP. Passionisti – Commissione Storica, SS. Giovanni e Paolo, Roma, 1965, p. 129.

<sup>435</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº CCCI, escrita à Irmã Maria Cherubina Bresciani (43ª) – Monastero di S. Chiara in Piombino, no dia 19 de Janeiro de 1757, Volume

**morte de amor**” é um assunto muito relevante em Paulo da Cruz, como Homem Contemplativo.<sup>436</sup> Efectivamente, Paulo da Cruz escreveu ao Pe. Bartolomeu de S. João: “...e entretanto procure, com a graça divina, viver uma vida moriente...”<sup>437</sup> Compreende-se esta dinâmica, tendo presente, por exemplo, esta outra sua expressão: Caminhar pelo

---

I, pp. 519-520; Carta nº CCCXVIII, escrita a Tommaso Fossi (11ª), futuro Passionista, Pe. Tommaso di Gesù e Maria – Poggio d’Elba -, no dia 11 de Agosto de 1746, Volume I, pp. 554-555; Carta nº CCCLXXXVII, escrita ao mesmo Tommaso Fossi (80ª), no dia 13 de Agosto de 1757, Volume I, pp. 685-686; Carta nº LXXXVII, escrita a Agnese Grazi (40ª) – Orbetello-, no dia 09 de Fevereiro de 1737, Volume I, pp. 171-173; Carta nº LXXIII, escrita à mesma (26ª), no dia 29 de Junho de 1736, Volume I, pp. 139-143. Nesta Carta lê-se esta belíssima mensagem: “*Como é bom estar na Cruz com Jesus, sem vê-lo e sem gozá-lo. Este é o caminho curto para chegar àquela feliz morte a tudo o que é criado, para viver purissimamente no Incruido e Imenso Bem*”. Carta nº CLXV, escrita à mesma (118ª), no dia 29 de Junho de 1743, Volume I, pp. 298-299; Carta CXVII, escrita à mesma (70ª), no dia 05 de Novembro de 1738, Volume I, pp. 221-222; Carta nº CDLIV, escrita a Tommaso Fossi (147ª), que mais tarde se tornou Passionista, com o nome de P. Tommaso di Gesù e Maria – Poggio d’Elba, no dia 29 de Dezembro de 1768, Volume I, pp. 787-788. Repare-se na densidade espiritual deste excerto, retirado desta última Carta: “*A vida dos verdadeiros servos e amigos de Deus é a de morrer cada dia (...). Esta é aquela morte mística que eu lhe desejo*”; Carta nº CCCLXIII, escrita ao mesmo (56ª), no dia 22 de Junho de 1754, Volume I, pp. 640-642; Carta nº CDLII, escrita ao mesmo (145ª), no dia 06 de Outubro de 1768, Volume I, pp. 783-785; Carta nº CMXVIII, escrita ao Rev. Giovanni Bernardino Forlani (2ª) – Capranica -, no dia 30 de Junho de 1748, Volume II, pp. 704-795; Carta nº DCCXLVI, escrita à Irmã Colomba Geltrude Gandolfi (6ª), - Toscanella -, no dia 26 de Março de 1753, Volume II, pp. 449-450; Carta nº \CMXCIV, escrita ao Rev. Giovanni Antonio Lucattini (6ª), - Piansano -. No dia 17 de Agosto de 1751, Volume II, pp. 813-815; Carta nº DLXIV, escrita ao Pe. Fulgenzio di Gesù (35ª), no dia 31 de Julho de 1748, Volume II, pp. 149-151; Carta nº CMXXXI, escrita a Lucia Burlini (4ª), - Piansano -, no dia 17 de Agosto de 1751, Volume II, pp. 724-726; Carta nº \CMXC VII, escrita ao Rev. Giovanni Antonio Lucattini (9ª), - Piansano-, no dia 16 de Dezembro de 1751, Volume II, pp. 819-820; Carta nº DCCXCIII, escrita à Irmã Colomba Geltrude Gandolfi (53ª), - Toscanella -, (sem data), Volume II, pp. 521-523; Carta nº MCL, escrita à Madre Superiora do Ven. Monastero del Monte Carmelo (10ª), - Vetralla -, no dia 11 de Março de 1766, Volume III, pp. 100-101; Carta nº MDCXLI, escrita a Anna Maria Calcagnini (12ª), no dia 31 de Janeiro de 1769, Volume III, pp. 820-822; Carta nº MDCXLVII, escrita à mesma (18ª), no dia 26 de Novembro de 1770, Volume III, pp. 831-832; Carta nº MCCXLVIII, escrita ao Irmão Bartolomeo di S. Luigi (7ª), - Ritiro della Presentazione – Orbetello -, no dia 1º de 1770 (é assim que aparece a data, no original), Volume III, pp. 296-297; Carta nº MXCVII, escrita à Madre Superiora do Ven. Monastero del Monte Carmelo (6ª), - Vetralla -, no dia 23 de Dezembro de 1757, Volume III, pp. 95-96; Carta nº MCLXIII, escrita ao P. Giovanni di S. Raffaele (3ª), no dia 16 de Agosto (sem indicação do dia nem do ano), Volume III, pp. 191-192; Carta nº MCCXCII, escrita ao P. Bartolomeo di S. Giovanni (2ª), -Ritiro della Presentazione, Orbetello-, na vigília do Natal de 1767, Volume III, pp. 347-348 (nesta Carta, Paulo da Cruz fala do **nada**, no reconcentrar-se com frequência em Deus na mais profunda solidão interior para que aí aconteça a Divina natividade e para que renasça para a vida deífica...); Carta nº MDCXXVIII, escrita ao Cardeal Lorenzo Ganganelli (2ª), - Roma -, no dia 15 de Dezembro de 1767, Volume III, pp. 800-801; Carta nº MCCLXXXV, escrita à Irmã Maria Maddalena Anselmi (1ª), -Monastero di S. Agata, Spoleto -, no dia 21 de Junho de 1755, Volume III, pp. 336-337; Carta nº MCCCXXVI, escrita a Teresa Palozzi (29ª), (M. Angela Teresa dell’Assunzione), -Ronciglione-, no dia 19 de Dezembro de 1764, Volume III, pp. 396- 397-398; Carta nº MDCXLVIII, escrita a Anna Maria Calcagnini (19ª), - Gaeta -, em Dezembro de 1770 (sem outra indicação da data), Volume III, pp. 833-834; Carta nº MDCCXLIV, escrita a uma Senhora (não parece identificado o nome), no dia 28 de Dezembro de 1769, Volume IV, pp. 125-126; Carta nº MDCCIX, (desconhece-se o destinatário), Volume IV, pp. 84-85.

Fico-me por aqui, pois estes excertos das Cartas são comprovativos do que acima afirmamos. Com muita frequência aparecem assuntos importantes relacionados com a **vida deífica, a vida deiforme, a morte mística, e temas afins...** Para uma informação mais pormenorizada, consulte-se E. Zoffoli, pp. 889-898. Volume III.

<sup>436</sup> ZOFFOLI, P. Enrico – “S. Paolo della Croce” – *Storia Critica, Volume III*, Cúria Generalizia PP. Passionisti – Commissione Storica, SS. Giovanni e Paolo, Roma, 1965, pp. 889-898.

<sup>437</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº MCCXCI, escrita ao P. Bartolomeo di S. Giovanni (1ª), -Ritiro della Presentazione, Orbetello-, no dia 12 de Agosto de 1755, Volume III, pp. 345-346, citada por E. ZOFFOLI, in op. cit., p.893.



caminho que realizou Jesus “*é o mais curto para chegar àquela feliz morte a tudo o que é criado para viver purissimamente no incriado e imenso Bem*”. E era nesta dinâmica que Paulo da Cruz adquiria uma impressionante qualidade de vida interior. Trata-se, afinal, da tal “*outra*” qualidade de vida!. Quem vive com esta disposição de espírito não teme a morte. Em certa altura, escreveu a uma senhora: “*Porque teme tanto a morte? (referindo-se a uma amiga da senhora a quem escreveu). Fora com isso! Expulse tal temor Confie em Deus, pois a sua morte será um princípio de eterna vida que não terá fim, no Paraíso, onde cantaremos juntos as divinas misericórdias*”.<sup>438</sup> E como é sábio este princípio de que no momento de morrer se conhece distintamente aquilo que noutros momentos (tempos) não é possível!<sup>439</sup> A morte mística é “*uma vida deiforme*”<sup>440</sup> e é o princípio de uma “*nova vida de amor*.”<sup>441</sup>

Para Bocage, a morte é incentivo a ganhar com ousadia um bem que se deseja. Para Bocage, *a posse da sua amada incentiva-o a ganhar pela ousadia*: “*Aflito coração, que o teu tormento, / Que os teus desejos tácito devoras, / E ao doce objecto, às perfeições que adoras, / Só te vás explicar co pensamento / Infeliz coração, recobra alento, / Seca as inúteis lágrimas, que choras; / Tu cevas o teu mal, porque demoras / Os voos ao ditoso atrevimento. / Inflama surdos ais, que o medo esfria; Um bem tão suspirado, e tão subido, / Como se há-de ganhar sem ousadia? / Ao vencedor afoute-se o vencido; / Longe o respeito, longe a cobardia; / Morres de fraco? Morre de atrevido*.”<sup>442</sup> Este “*bem tão suspirado e tão subido*” é, para Paulo da Cruz, o Deus máximo óptimo que tem de se possuir pela ousadia de um viver deífico, portador de uma *outra qualidade de vida, a vida em abundância!* Por isso, aconselha a que se corte “*com todo outro pensamento, ainda que seja de coisas boas para não ter outro que o de Deus óptimo...*”<sup>443</sup> A finitude ganha sentido com esta perspectiva, uma vez que o finito acarreta desilusão e tristeza. *Lamentando solitário a perda da sua amada*, Bocage escreveu: “*O corvo grasnador e o mocho feio, / O sapo berrador e a rã*

<sup>438</sup> Idem – Carta MCCLXXX, escrita a Anna M. Feliziani, (sem data, no original), Volume III, pp. 330-331. Nesta Carta, lê-se o seguinte passo: “*Porque teme tanto a morte? Eh! Afaste tal temor; Confie em Deus, pois a sua morte será um princípio de vida eterna que não acabará jamais no Santo Paraíso, onde cantaremos juntos as Divinas Misericórdias*”. E. ZOFFOLI cita esta Carta no Volume II, in op. cit., p. 1256.

<sup>439</sup> ZOFFOLI, P. Enrico – “*S. Paolo della Croce*” – *Storia Critica*, Volume II, Cúria Generalizia PP. Passionisti – Commissione Storica, SS. Giovanni e Paolo, Roma, 1965, p. 1339.

<sup>440</sup> ZOFFOLI, P. Enrico – “*S. Paolo della Croce*” – *Storia Critica*, Volume III, Cúria Generalizia PP. Passionisti – Commissione Storica, SS. Giovanni e Paolo, Roma, 1965, pp. 594, 603 sg., 671, 731.

<sup>441</sup> Idem, pp. 1339-1340.

<sup>442</sup> ZOFFOLI, P. Enrico – “*S. Paolo della Croce*” – *Storia Critica*, Volume I, 1356; Volume II, pp. 176 sg., 1224; Volume III, pp. 588, 644, 673, 688-693, 824 sg., 842., Cúria Generalizia PP. Passionisti – Commissione Storica, SS. Giovanni e Paolo, Roma, 1965.

<sup>443</sup> BOCAGE - “*Sonetos*”, Texto Integral, Publicações Europa América, nº 328, XVIII, p. 40.

<sup>443</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, Carta nº CDLIV, escrita a Tommaso Fossi (147ª), que mais tarde se tornou Passionista, com o nome de P. Tommaso di Gesù e Maria – Poggio d’Elba, no dia 29 de Dezembro de 1768, Volume I, pp. 787-788.

*molesta / São meus únicos sócios na floresta, / onde carpindo estou, de angústia cheio: //*  
*Perdi todo o prazer, todo o recreio... / Ah, malfadado amor, paixão funesta! / Urselina*  
*perdi, nada me resta; / Madre terra! Agasalha-me em teu seio: / Da víbora mordaz permite,*  
*ó Sorte, / Que nos matos aspérrimos que piso / As plantas me envenene o ténue corte! / Ah!*  
*Que é das Graças? Que é do Paraíso? / A minha alma onde está? Quem logra... ó Morte, /*  
*Quem logra de Urselina o doce riso?”<sup>444</sup>*

Curiosamente, Bocage vê como o ciúme era como “a serpe que as entranhas lhe roía”... dos seus ‘ministros’ ou dos seus ‘sócios’ (do ciúme) gerados no ‘báratro’ (abismo, precipício, inferno), ele profere “dá-me um só, que te invejo, a Morte, a Morte” / “Cessa”, (diz), os teus rogos são baldados: *Querem ter-te no mundo Amor, e a Sorte, / Para consolação dos desgraçados.*”<sup>445</sup> Mas face a isto, é a Morte que o aliviará do sofrimento provocado pelos ciúmes... Passeando com Marília, ele regista: “*Que alegre campo! Que manhã tão clara! / Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira, / Mais tristeza que a morte me causara.*”<sup>446</sup> Obcecado pela ‘materialidade’, pelo ‘éros’, Bocage perspectiva aqui a morte como um fim triste face à perda de um bem terreno. Mas *desenganado do Amor e da Fortuna, porque “fiei-me nos sorrisos da ventura / Em mimos feminis, como fui louco!” (...)* “*Pareço, até no tom lúgubre e rouco, / Triste sombra a carpir na sepultura: //* (...) *// Ah!, não me roubou tudo a negra sorte: / Inda tenho este abrigo, inda me resta / O pranto, a queixa, a solidão e a morte*”.<sup>447</sup> Afinal, a morte vê-a como ‘saída’ para a finitude! Paulo da Cruz também a via como caminho, ‘abertura’, para a vida!

#### ***Ponto 4. Morte: seu sentido a partir da morte de Cristo; causa de alegria pessoal e familiar.***

Paulo da Cruz encontrou na Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo a “maior prova de amor de Deus para com os homens”. Por isso, no “fazer memória” desses acontecimentos ele encontra o sentido para a existência terrena e a com-paixão para com os ‘crucificados’ de todos os tempos. A Paixão e Morte de Cristo continua permanentemente na Humanidade. Este fazer memória leva à ‘conversão’, ao ‘arrependimento’, à ‘superação’. E é causa de alegria pessoal e familiar. Ninguém morre! Continua a vida! É o resultado do ‘fazer memória’ de um acontecimento do passado mas actualizado e vivido sempre no momento

<sup>444</sup> BOCAGE - “Sonetos”, Texto Integral, Publicações Europa América, nº 328, XXI, p. 41.

<sup>445</sup> Idem - XXII, p.42.

<sup>446</sup> Idem - XXIV, p. 43.

<sup>447</sup> Idem - XXV, p. 43.

presente. *“A memória da Paixão santíssima de Jesus Cristo e a imitação das suas virtudes é a porta que conduz a alma à íntima união com Deus, ao recolhimento interior e à mais sublime contemplação.”*<sup>448</sup>

Bocage também ‘fez memória’ da Paixão, Morte e Ressurreição do Nazareno! Vejamos o que nos transmite neste sobre *A Paixão de Jesus Cristo*: *“O filho do grã rei, que a monarquia / Tem lá nos Céus, e que de si procede, / Hoje mudo e submisso à fúria cede / De um povo, que foi seu, que à morte o guia: // De trevas, de pavor, se veste o dia, / Inchado o mar, o seu limite excede, / Convulsa a Terra, por mil bocas pede / Vingança de tão nova tirania: // Sacrílego mortal, que espanto ordenas, / Que ignoto horror, que lúgubre aparato!... / Tu julgas teu juiz!... Teu Deus condenas! / Ah! Castigai, Senhor, o mundo ingrato: / Caiam-lhe as maldições, chovam-lhe as penas, / Também eu morra, que também vos mato.”*<sup>449</sup> E a complementar a contextualização deste soneto, atentemos neste outro sobre os *Sentimentos de conformidade, colhidos na Religião*: *“Se considero o triste abatimento / Em que me faz jazer minha desgraça, / A desesperação me despedaça / No mesmo instante o frágil sofrimento: / Mas súbito me diz o pensamento / Para aplacar-me a dor, que me trespassa, / Que este, que trouxe ao mundo a lei da graça, / Teve num vil presepe o nascimento: / Vejo na palha o redentor chorando, / Ao lado a mãe, prostrados os pastores, / A milagrosa estrela os reis guiando: / Vejo-o o morrer depois, ó pecadores, / Por nós, e fecho os olhos adorando / Os castigos do Céu como favores.”*<sup>450</sup> O fazer memória do mistério da Redenção, desde o nascimento à morte, aplaca-lhe a dor pensando na ‘lei da graça’ pela morte pela humanidade, o que o leva a ‘adorar os castigos do Céu como favores’. Será a morte um castigo do Céu?!... Ela tem sentido, no entanto, devido à Morte e Ressurreição de Cristo

João Paulo II, em carta enviada ao Superior Geral da Congregação Passionista no dia 14 de Setembro de 1994, salientava:

*«O aniversário de São Paulo da Cruz convida a dirigir o olhar para a Paixão de Jesus, em torno da qual ele centrou toda a sua vida e o próprio apostolado, fazendo dela, em primeiro lugar, uma experiência mística, e, depois, anunciando-a aos outros, tanto na pregação como na direcção espiritual. (. ..) Permanecem justamente célebres algumas expressões com que ele manifestava a sua profunda compreensão do mistério da Cruz: “A*

<sup>448</sup> CROCE, S. Paolo della – *“Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.”* Carta n° CCCXXXII, escrita a Tommaso Fossi (25<sup>a</sup>), futuro Passionista, Pe. Tommaso di Gesù e Maria – Poggio d’Elba -, no dia 05 de Julho de 1749, Volume I, pp.582-584. Na edição espanhola das Cartas, do Pe. B. Monsegù, aparece com o n° 236.

<sup>449</sup> BOCAGE - *“Sonetos”*, Texto Integral, Publicações Europa América, n° 328, CCXXVIII, p.148.

<sup>450</sup> Idem - CCXXIX, p. 148.

*Paixão de Jesus é a maior e a mais estupenda obra do Divino Amor.*" *"Do mar da Divina Caridade -costumava dizer- procede o mar da Paixão de Jesus, e estes são dois mares num só».*

Para São Paulo da Cruz, recorda João Paulo II, *«não havia nada tão adequado a converter os corações endurecidos, como o anúncio da Paixão de Jesus.»*

O Papa, a propósito do nascimento de São Paulo da Cruz e na mencionada carta ao Superior Geral, recordou que:

*-«A Cruz é o sinal característico que identifica o cristianismo como tal e o distingue de qualquer outra religião»;*

*-«A Paixão de Jesus e o sofrimento humano formam hoje um dos temas mais actuais, respectivamente da Teologia e das Ciências Humanas»; -«Os Passionistas devem ser intimamente entusiastas da Cruz de Cristo; loucura também hoje para o mundo, mas sabedoria profundíssima para quem procura Deus, a justiça e a paz»;*

*-«O homem do nosso tempo percebe, com singular intensidade, a dramaticidade do sofrimento e sente fortemente a urgência de fazer com que a pessoa não seja deixada só consigo mesma diante da dor. Nesse sentido, muito pode fazer a solidariedade de quem é movido pela caridade, sobretudo quando ele é capaz de transmitir a boa nova da redenção do sofrimento, mediante a Paixão de Jesus.»* E mais: "Na audiência concedida aos Religiosos Passionistas que participaram no XLIII Capítulo Geral, João Paulo II frisou ainda:

*-«São Paulo da Cruz, foi, antes de mais, um homem de Deus. Atormentado pelo facto da Paixão de Jesus, da qual nos vem todo o bem, estar tão esquecida. Ele compreendera que na Paixão de Jesus encontra-se a salvação eterna do homem, e também o segredo para a superação do egoísmo, da rivalidade e da dureza de coração, que tanto mal causam à humanidade.» (...) S. Paulo da Cruz «tinha compreendido bem como os mecanismos do poder, da avidez e do protagonismo eram incompatíveis com os sentimentos do Crucificado.»*

*"A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre gravada nos nossos corações",* são palavras de Paulo da Cruz. Assim como estas: *"A memória da Paixão santíssima de Jesus Cristo e a imitação das suas virtudes é a porta que conduz a alma à íntima união com Deus, ao recolhimento interior e à mais sublime contemplação."*<sup>451</sup>

---

<sup>451</sup> CROCE, S. Paolo della – *"Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione."* Carta nº CCCXXXII, escrita a Tommaso Fossi (25<sup>a</sup>), futuro Passionista, Pe. Tommaso di Gesù e Maria – Poggio d'Elba -, no dia 05 de Julho de 1749, Volume I, pp.582-584. Na edição espanhola das Cartas, do Pe. B. Monsegù, aparece com o nº 236.

No meu entender, os sonetos de Bocage a que acabamos de fazer referência interagem com este contexto relacionado com Paulo da Cruz.

***Ponto 5. A tranquilidade de consciência ajuda a bem viver e a morrer bem! Encontro de um sentido para a vida, face ao pressentimento da chegada da morte, fonte de serenidade, qualidade de vida e saúde psíquica!***

Paulo da Cruz não teme a morte. Em Dezembro de 1771, estando doente, com febre, sentindo-se perto do sepulcro, proferiu: *“Morro contente (repetia frequentemente), Não me preocupo mais de viver!”*<sup>452</sup> No 18 desse mesmo mês, decide receber a Santa Unção, e diz aos seus Religiosos: *“Recebo de bom grado a morte como penitência dos meus pecados. A morte costuma naturalmente provocar temor: comigo isso não acontece”*. E confidenciou ao confessor: *“Verdadeiramente não tenho nada que me inquiete e me agrave a consciência; mas para realizar este acto de obediência ao Senhor, quero reconciliar-me!”*. (...) *“Espero que o Senhor usará de misericórdia para comigo. E também espero que os pobres bandidos que ajudei nas pregações rezem por mim.”*<sup>453</sup> No dia 22 de Dezembro de 1771, teve um momento de debilidade, e confidencia ao confessor: *“Aproxima-se de mim algum temor da morte, mas isto é efeito da humanidade.”*<sup>454</sup> Mas confortado com o Santo Viático, exclama: *“Agora, já não tenho medo de morrer. (...) Quando um grande Senhor envia um seu ministro para uma grande viagem, dá-lhe o necessário viático e com isso chega ao lugar destinado. O meu grande Pai e Senhor Deus, para a grande viagem da eternidade, deu-me por viático o Seu Filho Unigénito. Já não tenho medo! Não chega a hora de partir!”*<sup>455</sup> Sentindo-se pecador (ele que era santo...), declarou ao 1º Consultor Geral, Pe. João Maria: *“Aceito de boa vontade a morte; quem é réu de ‘lesa majestade’ divina deve morrer. Eu sou réu e por isso é justo que morra”*. No entanto, e de seguida, afirmou: *“Espero eficazmente em Deus: os méritos de Jesus são os meus capitais.”*<sup>456</sup> Curiosamente, Zoffoli narra que a vontade do Papa era de que não morresse ainda Paulo da Cruz e que lhe transmitissem para que se ‘dilatasse’ a sua vida e que ele rogasse ao Senhor para alongá-la. E Paulo da Cruz, moribundo, suplicou ao Criador: *“Senhor, eu quero ser filho da Santa*

---

<sup>452</sup> ZOFFOLI, P. Enrico – *“S. Paolo della Croce” – Storia Critica*, Volume III, Cúria Generalizia PP. Passionisti – Commissione Storica, SS. Giovanni e Paolo, Roma, 1965, p. 1339.

<sup>453</sup> Idem - pp. 1339-1340.

<sup>454</sup> Idem - p. 1341.

<sup>455</sup> Idem - pp. 1341-1342.

<sup>456</sup> Idem - p. 1342.

*Obediência. O Santo Padre manda-me dizer que Vos peça de me alongar um pouco mais a vida!”* E a verdade é que Paulo da Cruz recuperou desta greve crise de saúde.<sup>457</sup>

Em Setembro de 1775, nova crise afecta Paulo da Cruz. Imobilizado e com muito sofrimento, dizia: *“Não quero nem viver nem morrer, mas somente aquilo que quer o meu bom Deus.”*<sup>458</sup> E no dia 29 de Setembro, agravando-se cada vez mais a sua saúde, disse a quem estava junto de si (o Primeiro Consultor Geral, o Procurador e o Superior da Casa): *“Morro contente, porque deixo a Congregação nas suas mãos.”*<sup>459</sup> E Paulo da Cruz morreu precisamente no 18 de Outubro de 1775.

A escatologia assume uma relevância iluminadora da realidade da morte. Sem ela, nadamos no mar da vida em águas muito turvas que não permitem perspectivar a realidade da morte de uma forma objectiva nem clarividente. A escatologia rasga o horizonte da morte, vendo nela a continuidade da vida! No meu modesto entender, a antropologia teológica presta um precioso contributo nas respostas que temos de encontrar para problemas da nossa própria condição humana, marcada pela finitude. Por isso, a morte tem de ser encarada como um processo normal no qual devemos intervir de uma forma consciente para não acelerar a sua chegada. Também a perspectiva que dela possamos ter –e refiro-me à perspectiva escatológica da existência- pode ajudar-nos –não o duvido- a uma aquisição ou manutenção de uma desejável qualidade de vida. É precisamente essa perspectiva que me permite falar de uma *‘outra qualidade de vida’*, cuja experiência tem repercussões evidentes numa vida saudável ou na posse de um estado de espírito diferente face ao inevitável – o morrer. Portanto, a dimensão escatológica da vida assume uma relevância muito importante para uma saudável perspectiva da morte. Para os crentes, *“é fundamental a aceitação da seguinte premissa: participaremos realmente de uma vida que alcançará a sua plenitude somente na eternidade. São inúmeros os textos bíblicos que se referem a isto mesmo. O âmbito deste trabalho limita-nos a sua referência específica. No entanto, é nessa premissa que radica o sentido da nossa existência humana, como tal. É que, aqui, na terra, já participamos da luz e da força do Senhor, que nos ilumina, nos sustenta e nos inspira em toda a boa obra; mas ainda “trazemos este tesouro em vasos de argila” (2ª Cor 4, 7). Já estamos unidos a Deus e Ele habita em nós, porém, só O vemos “como em espelho confusamente” (1ª Cor 13,12). De momento, ainda não podemos ser aquilo a que estamos destinados a ser, na ‘cidade futura’ (Hb 13, 14). Agora, inseridos em Cristo e alimentados por Ele que é o Pão da Vida,*

---

<sup>457</sup> Idem - pp. 1342-1343.

<sup>458</sup> Idem - p. 1510.

<sup>459</sup> Idem - p. 1511.

*caminhamos à espera desse dia que nos proporcionará o nosso pleno desenvolvimento na ressurreição final. “A nossa leve e momentânea tribulação prepara-nos, para além de toda e qualquer medida, um peso eterno de glória. Por isso, não olhamos para as coisas visíveis, mas para as invisíveis, porque as visíveis são passageiras, ao passo que as invisíveis são eternas. Todos nós sabemos que, quando for destruída esta tenda em que vivemos na terra, temos no Céu uma casa habitação eterna. Gememos nesta tenda, desejando ser revestidos da nossa habitação celeste, contanto que nos encontremos vestidos e não nus. Porque, enquanto estamos nesta morada, gememos oprimidos, pois não queremos ser despidos mas revestidos, a fim de que o que é mortal seja absorvido pela vida. Ora quem para isso mesmo nos preparou foi Deus que nos deu por penhor o Seu Espírito. Portanto, estamos sempre cheios de confiança. Sabemos que todo o tempo que passamos no corpo é um exílio longe do Senhor, pois caminhamos à luz da fé e não da visão. Cheios de confiança, desejamos sair deste corpo para habitar com o Senhor. Por isso, presentes ou ausentes, esforçamo-nos por Lhe agradecer. Porque todos havemos de comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o que mereceu, conforme o bem ou o mal que tiver feito, enquanto estava no corpo” (2ª Cor 4, 13-18; 5, 1-10). Este é o nosso pensar de crentes.*”<sup>460</sup>

A propósito ainda da escatologia, sempre me fascinou o exemplo de Sócrates, na obra Fédon de Platão, onde verificamos que, pela simples razão, a vida humana – e sobretudo a morte – só têm sentido a partir da perspectiva escatológica. Efectivamente, a posição de Sócrates perante a morte é uma posição marcada pela aceitação ‘gozosa’ da mesma, porque “se um homem, o verdadeiro filósofo, está convencido de tudo o que se disse sobre a ascética e mística filosóficas, não é difícil adivinhar qual deve ser a sua postura diante da morte. Deseja-a, espera-a com alegria, pensando na felicidade que vai encontrar. Sócrates, diante da morte, dá-nos uma grande lição”. “Como filósofo, a sua esperança é também filosófica: a posse da verdade e da sabedoria. Neste momento, quando se entra no terreno do filosófico, prescinde-se da outra esperança religiosa e humana. (...) Além disso, mais força do que possa dizer Sócrates sobre o filósofo que espera a morte, tem a sua mesma postura, realmente admirável, na qual Platão colocou o seu génio de escritor e o seu carinho de amigo sobre uma realidade que também foi admirável. Os amigos que tinham medo de entristecê-lo ou de incomodá-lo nas suas últimas horas, difíceis... e ele se compara com os cisnes servidores também de Apolo que cantam de alegria ao aproximar-se a morte... e, sobretudo, a última cena, tão maravilhosa em todos os seus pormenores, tão cheia de

---

<sup>460</sup> BEZERRA, João Alírio Xavier – “Contributos para uma ‘outra’ qualidade de vida, no âmbito da Bioética Teológica”, Editora de Abel António Bezerra, Braga, 2004.

*serenidade em Sócrates, e emoção nos seus amigos. É uma demonstração prática, que vale mais do que todos os discursos. O que dá segurança a essa postura, é uma fé inquebrantável na imortalidade da alma. Sócrates tentou convencer a razão e a fantasia, e tudo parece indicar que a alma é imortal. Tudo o resto, o que espera depois, é um risco formoso que vale a pena correr (Fedón, 114 d) (...) O filósofos gozarão da felicidade, em companhia dos deuses e de outros homens bons, possuindo no fim, plenamente, a verdade e contemplando cara a cara as ideias”<sup>461</sup>.*

É fantástico este posicionamento escatológico da morte, vista por Platão. Disse e repito que sempre me chamou a atenção a atitude de Sócrates perante a morte, na obra Fédon, de Platão. Trazer o exemplo de Sócrates perante a morte, aceite e desejada com alegria, ou, melhor, com *‘Qualidade de Vida’*, entrecruza-se com o conteúdo do termo de que há pouco falei: a *Tanatofilia*! Na vida haverá sempre um momento em que todos somos filósofos, crentes ou não crentes. Quero com isto significar que a qualidade de vida face à morte depende, em parte, da nossa visão filosófica da existência. Assim, os não crentes, podem também encarar e resolver os problemas da vida a partir da filosofia, mantendo ou readquirindo a desejável *‘Qualidade de Vida’*.

***Ponto 6. Morte e Tanatofilia. A relevância da Tanatofilia, fruto do encontro com o sentido da morte! Tanatofilia e escatologia.***

E passemos a reflectir sobre a *tanatofilia*: amar a morte! A *tanatofilia* não se pode dissociar da escatologia, assunto que volto a retomar intencionalmente. A morte deverá ser fonte de alegria. Paulo da Cruz dizia: ***“Procure que todos se alegrem em casa”***<sup>462</sup> Chamou-me, particularmente, a atenção a expressão transcrita, tendo presente as circunstâncias do receptor da Carta enviada por S. Paulo da Cruz. Após ter recebido a notícia do falecimento do seu pai, Lucas Danei, S. Paulo da Cruz escreveu uma carta à sua mãe, consolando-a. E foi então que lhe recomendou: ***“Procure que todos se alegrem em casa”***.

Os santos, de facto e segundo o que nos parece, tentaram transmitir àqueles com quem viviam, com quem se encontravam ou com quem se relacionavam, uma qualidade muito característica dos ***“cidadãos do Paraíso”***: A ***Alegria***. Efectivamente, Jesus Cristo, nas

---

<sup>461</sup> BADILLOS, A. Sáenz, S.J. – “*Estudio Filosófico sobre el Fedon de Platón*”, Salamanca: PERFICIT, Vol. II, nºs 21 e 22, (s/d), pp. 35-36.

<sup>462</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*” Carta nº XLV, escrita a Anna Massari Ved. Daneo, sua madre (1ª), -Castellazzo -, no dia 18 de Agosto de 1727, Volume I, pp. 90-91.



Bem-aventuranças, é quem nos diz: *“Bem-aventurados os pobres em espírito..., os que choram..., os mansos..., os que têm fome e sede de justiça..., os misericordiosos..., os puros de coração..., os pacificadores..., os que sofrem perseguição, por causa da justiça...; bem-aventurados sereis quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por Minha causa. **Exultai e alegrai-vos**, porque grande será a vossa recompensa nos Céus”* (Mt. 5, 3-12).

Perante as situações adversas, de dor ou de sofrimento, é-nos pedida esta atitude evangélica: a de sermos alegres! E os transmissores da verdadeira alegria deveriam fazer da sua vida um hino permanente, expresso pela constante proclamação do **Aleluia**, que, no dizer de S. Paulo da Cruz, é o hino dos **“cidadãos do Paraíso”**. Esta é uma significativa expressão por si usada na Carta de 21 de Abril de 1726, dirigida à mãe de um sacerdote, D<sup>a</sup> Nicolina Pecorini Martinez, de Gaeta: *“Cantemos em companhia dos **cortesãos do céu: Aleluia**, que quer dizer ‘laudate Dominum’, louvai o Senhor. Ó que vitorioso nome é este! Este é aquele cântico de louvor que cantam os vitoriosos **cidadãos do Paraíso: Aleluia**. Não é voz que foi inventada na terra, é um hino do Paraíso, que para cantá-lo como se deve há que despojar-se do homem velho e revestir-se do homem novo, que é Jesus Cristo; quero dizer, que há que adornar-se com santas virtudes, para cuja aquisição, o nosso grande e vitorioso capitão Jesus Cristo nos facilitou o caminho. Cantemos sempre **Aleluia**”* (Cartas, 26, I) . Noutra Carta, Paulo da Cruz registou: *“Morre-se, e a morte dos outros deve servir-nos de estímulo para vivermos sempre preparados para esse tremendo passo, que, no entanto, é suavíssimo e dulcíssimo para quem serviu fielmente a Deus, segundo a sua própria vocação.”* <sup>463</sup>

S. Paulo da Cruz escreveu esta carta a uma sua dirigida, de nome Maria Joana Venturi Grazi, cunhada de Inês Grazi, outra sua dirigida. Esta senhora Maria Joana morreu com noventa e quatro anos, tendo sido assistida pelo P.e Paulo Luís de Maria Virgem que, mais tarde, fora Superior Geral dos Missionários Passionistas. Pois bem, S. Paulo da Cruz escreve a esta senhora uma carta a propósito da morte de um seu irmão, de nome Carlos, dizendo-lhe, entre outras coisas: *“Morre-se, e a morte dos outros deve servir-nos de estímulo para vivermos sempre preparados para esse tremendo passo, que, no entanto, é suavíssimo e dulcíssimo para quem serviu fielmente a Deus, segundo a sua própria vocação”*. Julgamos que podemos afirmar que a todos já nos tem tocado estarmos presentes em muitos funerais.

---

<sup>463</sup> CROCE, S. Paolo della – *“Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.”* Carta nº D, escrita a Maria Giovanna Venturi Grazi (10<sup>a</sup>), - Orbetello -, no dia 08 de Agosto de 1760, Volume II, p. 32. Na edição espanhola das Cartas, do Pe. B. Monsegù, aparece com o nº 91.

Portanto, é certeza irrefutável que *se morre!* No entanto, trazemos este excerto de S. Paulo da Cruz para nossa reflexão, porque ele nos incentiva a não ficarmos nem indiferentes nem numa atitude meramente passiva, de quem apenas assiste, de quem apenas está presente em eventos dolorosos da vida, mas não tira conclusões a propósito do que acontece, não reflecte sobre isso mesmo, passando a assumir atitudes de *conversão, de renovação, de transformação da vida!* Nada diz o ficar-se apenas na aceitação do que é inevitável: *morre-se!* O que interessa, na perspectiva do Fundador da Família Passionista, é servirmo-nos *da morte dos outros como estímulo para vivermos sempre preparados para esse tremendo passo, que, no entanto, é suavíssimo e dulcíssimo para quem serviu fielmente a Deus, segundo a sua própria vocação*”.

Para os crentes, a certeza de que existe a Vida Eterna, esse Reino de que Jesus sempre nos falou e que é o centro da sua mensagem, é suporte seguro duma esperança que vem iluminar a nossa existência, trazendo consigo energias vitais que nos ajudam a assumir posturas com qualidade perante o sofrimento, a dor, outras situações adversas e outros variados problemas; finalmente, perante a morte. *“A palavra ‘morte’ entranha uma realidade muito séria e que afecta a todos: o fim da vida. Muitos, por não entender o ser e a existência na sua profunda dimensão religiosa, recusam pronunciá-la, sobretudo quando se refere ao fim da própria vida. Quando Paulo da Cruz fala de morte mística, prescinde da sua seriedade existencial e fá-lo com um sentido ascético: ‘Há muitos anos, falando com um pobre doente napolitano, dizia-me ele: -Ouça, Padre, eu penso sempre numa só coisa. -Em quê? -Penso sempre na morte. -Faz bem, repliquei-lhe e dei-lhe alguns bons conselhos”*<sup>464</sup> S. Paulo da Cruz ‘viu repetidas vezes o rosto da morte’, como nos diz Martín Bialas<sup>465</sup>. O pensamento da morte, no entanto, era-lhe benéfico! De facto, ao falar-nos da morte mística, ele aponta para uma outra vida. *“Padre Tomás Fossi, pense sempre na morte mística. O que está morte misticamente não pensa noutra coisa a não ser em viver uma vida deiforme; não quer outro objecto a não ser Deus óptimo máximo; corta com todo outro pensamento, ainda que seja de coisas boas para não ter outro que o de Deus óptimo...”*<sup>466</sup> Como vemos, subjaz a esta perspectiva da morte a *Escatologia!* Não se morre, mas procura-se viver uma vida deiforme! Fixemos a atenção neste excerto de Jurgen Moltmann, no Prólogo à obra de

---

<sup>464</sup> BIALAS, Martín – *“La pasión de Cristo en San Pablo de la Cruz”*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1982, p. 145. A citação do diálogo aparece no Epistolário de S. Paulo da Cruz, Cartas I, 188.

<sup>465</sup> BIALAS, Martín – *“Paulo carismático da Cruz”*, Zaragoza, 1980.

<sup>466</sup> CROCE, S. Paolo della – *“Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.”* Carta nº CDLIV, escrita a Tommaso Fossi (146º), futuro Passionista, Pe. Tommaso di Gesù e Maria – Poggio d’Elba -, no dia 29 de Dezembro de 1768, Volume I, pp. 787-788.

Martín Bialas, sobre “*La pasión de Cristo en S. Pablo de la Cruz*”: “*Da Teologia da cruz chega-se a uma **antropologia do homem** pecador, doente, encarcerado, pobre e oprimido, do homem na sua realidade, como o revelou Cristo na cruz: este é o homem! Que antropologia tem o valor de partir desta realidade humana oprimida e menosprezada? A ‘Teologia da libertação’ deveria ter o seu ponto de arranque numa **antropologia da cruz**. Finalmente, da teologia da cruz procede a força da esperança cristã no futuro da glorificação divina e da liberdade humana. Mas, que **escatologia** se tem feito até agora do ‘cordeiro degolado’, a quem pertence o reino da glorificação divina e da liberdade?*”<sup>467</sup>

Pelo estudo e conhecimento da *Escatologia*, o ser humano adquire perspectivas criadoras para o seu existir; em primeiro lugar, porque nos aponta o sentido da vida; em segundo, porque se traduz em forças encorajadoras para viver com qualidade. Falar da *Escatologia* é falar da Esperança. “*Na sua integridade, e não só em apêndice, o cristianismo é escatologia; é esperança, voltada para a frente, e, por isso mesmo, é abertura e transformação do presente*”. *Pensar escatologicamente significa pensar até ao fim*. “*Jesus é o ‘antecipado’ do futuro de Deus. Esta antecipação do futuro, reconhecível na Sua aparição completa, na Sua pessoa, nas Suas funções, na história da crucifixão e ressurreição, levou a que se veja nEle a incondicional e universal concretização da promessa, a que seja chamado o incomparável avanço do final no meio da história ou a compreendê-Lo como o representante provisório de Deus ainda ausente*”<sup>468</sup>.

A experiência do sofrimento<sup>469</sup> terá de ser perspectivada como acontecimento escatológico, porque se enraíza no plano salvífico de Deus (sofrimento-morte-ressurreição) e, como tal, será portador de felicidade, de ‘*Qualidade de Vida*’. “*Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por Mim e pelo Evangelho, salvá-la-á*”<sup>470</sup>. “*Quer isto dizer que o chamamento ao seguimento de Jesus motiva-se escatologicamente. Trata-se de um chamamento ao futuro de Deus que irrompe agora com Jesus e que por esse futuro não somente se podem deixar as vinculações do mundo que agora passa e as preocupações pela própria vida, mas devem-se deixar. O chamamento a seguir Jesus é o mandamento da hora escatológica*”<sup>471</sup>. Este futuro de Deus, o Seu Reino, ‘conquista-se’ mediante a

<sup>467</sup> MOLTSMANN, Jurgen, in “*La pasión de Cristo en San Pablo de la Cruz*”, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1982, de BIALAS, Martín, p. 15.

<sup>468</sup> MOLTSMANN, Jurgen – *El Dios Crucificado*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1975, pp. 364-365.

<sup>469</sup> Para este relevante assunto do sofrimento/felicidade existe, felizmente, muita bibliografia. Apenas referimos que na Revista ACÇÃO MÉDICA, Ano LXII, nº 3, Julho-Setembro, 1998, p. 43, também aí aparece um interessante artigo, sobre esta matéria.

<sup>470</sup> Mc 8, 35.

<sup>471</sup> MOLTSMANN, Jurgen – *Op. cit.*, p. 83.

‘inserção’ em Cristo. “Estando ainda vivos, somos a toda a hora entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal”<sup>472</sup>. Segundo Moltmann “trata-se dos padecimentos apostólicos e da cruz da testemunha. O bilhete de identidade do apóstolo é o próprio Cristo quem o dá, o qual se revela na cruz do Seu apóstolo. Porque segue a missão de Cristo, carrega Paulo com a sua ‘cruz’, revelando a força de Cristo mediante a sua debilidade e a vida do Ressuscitado com o seu morrer diário”<sup>473</sup>. É tendo presente estes contextos que podemos afirmar que a perspectiva escatológica aporta ‘Qualidade de vida’! Bultmann confirma esta linha de pensamento, quando afirma: “crer na cruz significa tomar a cruz de Cristo como própria, isto é, deixar-se crucificar com Cristo. E a cruz é um acontecimento escatológico porque não é algo do passado a que se lança a vista, mas é o acontecimento escatológico no e além do tempo, enquanto pelo seu significado, ou seja, para a fé, é sempre actualidade”<sup>474</sup>. As palavras de Paulo a Timóteo estimulam a nossa perseverança em qualquer situação da vida, e a nossa fidelidade aos valores e princípios em que acreditamos, fundamentados num Deus Vivo: “Eis o que é certo e digno de toda a aceitação: se nos afadigamos e recebemos ultrajes, é porque pusemos a nossa esperança em Deus Vivo, Salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis” (1ª Tim 4, 9-10).

É pela Palavra que a pessoa pode alcançar a ‘Santidade de Vida’, a perfeição, e se sente capaz de produzir boas obras, qualidade de quem vive com o espírito do Reino e de quem é coerente com a esperança que tem na vida eterna - perspectivas escatológicas da existência humana. E viver em ‘Santidade de Vida’, movidos pela visão escatológica da vida, é viver com ‘Qualidade de Vida’!

Hoje em dia, fala-se também frequentemente da *Qualidade da Morte*. Como é significativa a máxima de Leonardo da Vinci<sup>475</sup> “assim como após um dia bem empregue dá prazer dormir, assim após uma vida bem vivida dá satisfação morrer”. A isto leva uma vida vivida em plenitude, com “Qualidade de Vida”. Todo o ser humano tem direito a morrer com dignidade. Se a vida é um dom, também a morte o é. Sobretudo para doentes terminais, para quem a morte é libertação da dor ou de um estado de extremo sofrimento. Há um pormenor importante a salientar, segundo Salvino Leone<sup>476</sup>: se o homem não pode ser árbitro

<sup>472</sup> 2 Cor 4, 11-12.

<sup>473</sup> MOLTSMANN, Jurgen – *Op. cit.*, p. 86.

<sup>474</sup> *Idem*, p. 92.

<sup>475</sup> VINCI, Leonardo – *Scritti*. Roma, 1966, 401, nº 88.

<sup>476</sup> LEONE, Salvino – *La riflessione bioética sulla qualità della vita*. In *Revista Bioetica e Cultura* (ISB – Istituto Siciliano di Bioetica), semestrale, I (1992) 2, pp. 147-148.

da vida não pode sê-lo também na morte. A sábia distinção entre meios proporcionados e desproporcionados conserva o seu imutável valor. Mas para além desta morte humanamente libertadora, já é tempo, afirma Salvino Leone, de *“repensar globalmente na morte, como se pensa na vida, com a categoria de dom. A tradicional concepção de um Deus que dá e retoma a vida talvez poderia ser substituída com a imagem de um Deus que dá a vida mas dá também a morte em vista de uma vida definitiva que é o fim último da existência*. Trata-se de uma perspectiva que o Cristianismo deveria repensar profundamente e que levaria a renovar a catequese sobre a escatologia. A morte tem de ser adequadamente assistida como acontece com o nascimento. A *Qualidade da Morte*, de uma morte verdadeiramente humana, torna-se o melhor prelúdio daquela definitiva ‘*Qualidade da Vida*’, da qual a expressão terrena é somente expectativa na marca da esperança, uma ponte entre a vida do tempo e aquela da eternidade, entre o antes e o depois de cada existência humana. Roberto Pacini, por seu lado, escreve que a dignidade da pessoa humana encontra fundamento e sentido último na chamada à vida eterna em Deus, a viver a vida própria de Deus, a comunicar com Ele face a face, tornando-se a morte a nossa ‘páscoa’, a nossa ‘passagem’ para a vida eterna e o morrer tem um sentido, assim como o sofrer, porque também a morte e o sofrimento são uma luta pela vida. Neste contexto, como em mil outros, a *Logoterapia, que defendi na minha tese de Mestrado em Bioética Teológica*, assume relevância especial, pois ao interiorizarmos palavras e expressões chave, oriundas da Sagrada Escritura, recuperamos coragem, entusiasmo, “*Qualidade de Vida*”. Face ao sofrimento, às adversidades e à morte, como são consoladoras e entusiastas as palavras de João: “*Eu vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do Céu, bela como uma esposa que se ataviou para o seu esposo. E ouvi uma grande voz, que saía do trono e que dizia: ‘Eis aqui o tabernáculo de Deus entre os homens! Habitará com eles, serão o Seu povo e o próprio Deus estará com eles. Ele enxugará as lágrimas dos seus olhos; não haverá mais morte, nem pranto, nem gritos, nem dor, porque as primeiras coisas passaram’* (Ap. 21, 4).” E, para finalizarmos, se o nascimento é um dom de Deus, a vida e a morte são o nosso ‘dar-se’ a Deus pelo Seu reino, um restituir o dom ao Pai<sup>477</sup>. Assumir conscientemente o conteúdo destas afirmações contribui para essa tal ‘*outra*’ *Qualidade de Vida*, cuja defesa persigo na minha actividade e relacionamento com os outros.

Em certa altura, escreveu Paulo da Cruz: “*Pelo que me toca, sigo sempre no leito das minhas misérias, e já vai para o terceiro ano. Vivo abandonado nos braços da misericórdia de Deus, a fim de que Sua Divina Majestade disponha de mim, na vida e na*

---

<sup>477</sup> PACINI, Roberto – “*Servire la vita – temi di bioetica*”, Città Nuova Editrice, Roma, 1993, pp. 115-116.

*morte, no tempo e na eternidade; o que quiser, para sua maior glória e santo beneplácito.”*

478

Paulo da Cruz escreveu esta carta em 1773, poucos anos antes de morrer, ao P.e Tomás de Jesus Maria (Fossi), que, depois de ter falecido a sua mulher, se fez passionista.

Saliento apenas dois pormenores deste excerto da referida carta: o primeiro relaciona-se com a fé profunda do Fundador da Família Passionista na Misericórdia de Deus: **‘Vivo abandonado nos braços da misericórdia de Deus’**. Esta atitude interior é fonte de serenidade e de paz! Como a criança se sente segura nos braços da mãe, assim S. Paulo da Cruz vivia tranquilo e feliz sentindo-se nos **‘braços da misericórdia de Deus’**! Só quem tem esta gratificante experiência é que poderá, efectivamente, falar do que sente! Em segundo lugar, sensibiliza-nos o abandono total do santo no que possa dizer respeito aos seus interesses, pois apenas lhe interessa que a **‘Sua Divina Majestade disponha de mim, na vida e na morte, no tempo e na eternidade; o que quiser, para sua maior glória e santo beneplácito’**.

Projectado nos braços da Misericórdia de Deus, neles sentindo-se repousar, S. Paulo da Cruz apenas quer que se cumpra a Vontade de Deus sobre o seu ser, sobre o seu viver, sobre o seu existir, viver ou morrer, agora e na eternidade! Manifesta a sua vontade de que o que Deus quiser é isso mesmo que ele quer e deseja que tudo sirva para a maior glória e santo beneplácito de Deus!

Envolto num mundo de ilusões, de verniz frágil e pouco duradoiro, o homem contemporâneo navega em mares agitados, onde o perigo é permanente. A fragilidade da nossa existência é um apelo sempre actual para que paremos e nos perguntemos o que é que afinal andamos aqui a fazer! Talvez um saber ajoelhar diante do presépio, talvez o contemplar esse mistério da Encarnação do Verbo (Jesus Cristo – Homem e Deus), talvez o perguntarmo-nos o porquê dele ter vindo até nós, talvez o descobrirmos o porquê d’Ele ter dito que é o Caminho, a Verdade e a Vida, talvez o vê-lo suspenso, por amor, numa cruz redentora, nos ajude a não perder ou a encontrar a bússula que nos possa orientar, com segurança, alegria verdadeira e entusiasmo, nesta caminhada da existência, com outro sentido, diferente daquele fundamentado em frágeis argumentos, fruto de uma miopia

---

<sup>478</sup> CROCE, S. Paolo della – *“Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.”* Carta nº CDLXXI, escrita a Tommaso Fossi (164ª), futuro Passionista, Pe. Tommaso di Gesù e Maria – Poggio d’Elba -, no dia 26 de 1773 (no original das Cartas não há indicação do mês), Volume I, pp. 808-809. Na edição espanhola das Cartas, do Pe. B. Monsegù, aparece com o nº 436. A indicação da Carta do original italiano aparece errada na edição espanhola, pois indica a carta nº CDLXXXI (que não existe), sendo a que acima transcrevemos CDLXXI.

cultural que não consegue abranger novos horizontes marcados pela esperança de uma outra forma de viver!

Paulo da Cruz aponta-nos experiências novas, rejuvenescedoras do espírito e que são um apelo a tentarmos fazê-las a fim de podermos viver com uma acertada qualidade de vida interior, aguardando serenamente o que a morte nos trará e que, sem dúvida, nada tem a ver com o que outros infundadamente querem fazer prevalecer.

Cristo, no presépio e na cruz, diz-nos que, neste ciclo biológico de nascer, viver e morrer, existem motivos muito sérios que justificam a existência deste ciclo. Há que ter humildade para os descobrir e coragem para se viver bem!...

### ***Ponto 7. Morte: hino de vitória para o homo patiens, e ‘portagem’ para a eternidade***

Pelo que ficou dito, parece-me importante aceitar a realidade morte e poder viver serenamente com a certeza da sua vinda libertadora. A morte é um hino de vitória para o *homo patiens*. Começo por contextualizar o sentido desta expressão. O filósofo francês, Stanislas Breton, referindo-se à Paixão e Morte de Cristo, refere que o que nos surpreende, à primeira vista, é “*valor universal concedido a esta paixão e morte. Encontrar um sentido para a absurdidade do fracasso aparentemente irrevogáveis é, aos olhos do filósofo uma das funções vitais da religião. Para o cristão, isto não significa somente assegurar o equilíbrio vital da sociedade humana, mas significa dar graças a Deus que nos enviou o seu Filho único; é chegar até ao mistério supremo a partir do qual se define a possibilidade mesma do sentido.*”<sup>479</sup> Seguidamente, Breton escreve que “*a Paixão, efectivamente, não se reduz a um acontecimento do passado. É uma nova existência e uma nova inteligibilidade do mundo. Certamente que é um acontecimento localizado dentro de uma continuidade histórica. Situa-se num encadeamento que a explica até certo ponto. Enquadra-se num horizonte que nos é relativamente familiar. Mas o seu alcance não se circunscreve aos limites em que aconteceu e passou quase inadvertida. O seu valor desborda toda significação regional ou local, para elevar-se ao universal. Explicamo-nos: A morte de Sócrates vai mais além da crónica de sucessos. Integra-se na recordação da humanidade que reconhece uma das suas mais sublimes possibilidades no cumprimento deste destino excepcional. Mas Sócrates desaparece na universalidade ética que prega e vive. O seu mérito, como o dos grande inventores, identifica-se com o nome comum que compendia uma lei ou um descobrimento.*

---

<sup>479</sup> BRETON, Stanislas – “*La Mística de la Pasión – Doctrina espiritual de san Pablo de la Cruz*”, Editorial Herder, Barcelona, 1969, p. 30. Sobre o alcance filosófico do mistério doloroso, cfr. BRETON, Stanislas, “*La Passión du Crist et les philosophies*”. Teramo, 1954.

*De aqui para a frente toma parte deste inconsciente colectivo que nos sustenta e que se inscreve no nosso eu profundo. A morte de Jesus tem a singularidade do Verbo feito carne. Como o próprio Cristo é un ‘hapax legomenon’, o único, tão irreduzível à universalidade anónima como à individualidade efémera. Se não existisse o perigo de que a expressão fosse mal entendida haveria que dizer que é um universal concreto. É sobre a terra o Verbo do amor infinito, como o Filho é junto ao Pai a revelação da sabedoria infinita. A própria ressurreição não será mais que o testemunho deste amor mais forte que a morte”.*<sup>480</sup>

Crentes e não crentes debruçam-se em reflexões sobre a Paixão (dor, sofrimento, etc) e a Morte, na tentativa de dar ‘respostas’ ao inevitável. Pessoalmente, convence-me este tipo de argumentação, iluminador e encorajante. Mas, afinal, ainda não dei resposta ao que se entende por *homo patiens*. Breton, na continuidade do seu pensamento, explica-o: “*Se tal é o sentido da morte de Cristo, é necessário acrescentar imediatamente que este sentido é uma virtude. A ‘dynamis’ específica do Evangelho valoriza da mesma forma o poder da cruz. O ‘Chistus patiens’ é também o ‘Christus victor’. O puro padecer converte-se paradoxalmente em puro operar. (...) A Paixão de Jesus é uma força sempre em acto, uma luz que irradia. Esta energia é inesgotável. (...) É um valor-energia inesgotável. A partir deste ponto de vista domina o tempo e a história. Mas este sentido só se verifica plenamente no mais além da história que se confunde com o reino do puro amor e da autêntica liberdade na união transformante. Universal por direito, é de todos e para todos, sem distinção de raças nem de especialidades, porque o seu significado parece sacudir no coração do homem a mais ditosa e profunda das reminiscências. Todos devem levar este sinal que aos olhos da fé converte a ignomínia original em prenda de vitória*”.

<sup>481</sup> Cheguei onde pretendia, levado pela mão de um consagrado filósofo, como é Breton: a nossa Paixão vê-se iluminada e fortalecida pelo valor energia que irradia do Crucificado, dominando o tempo e a história; mas isto só se verifica plenamente no mais além da história que se confunde com o reino do puro amor e da autêntica liberdade na união transformante! É este pano de fundo escatológico e a crença na imortalidade que permitem a Paulo da Cruz e a Bocage encararem a morte como vitória e não como derrota! A propósito, atentemos neste belíssimo soneto de Bocage *Próximo aos seus últimos dias*: “*Ave da morte, que piando agouros / Tinges meus ares de funéreo luto! / Ave da morte (que em teus ais a escuto), / Meus dias murcharás, mas não meus louros: // Doou-me Febo aos séculos vindouros, / Deponho a flor da vida, e guardo o fruto, / Pagando em vil matéria um vão tributo, / **Retenho a posse de imortais tesouros. // Nome no tempo e***


---

<sup>480</sup> Idem, pp. 30-31.

<sup>481</sup> Idem, pp.31-32.



*ser na eternidade! / Que fado! Ó ponto escuro, assoma embora, / Dê-me o piedoso adeus comum saudade: / E rindo-me na campa os dons de Flora, / Mais do que eles a adorne esta verdade: / 'Lisia cantava Elmano e Lísia o chora'.*”<sup>482</sup>

A escatologia ilumina, passe a expressão, a realidade da morte, contribuindo para uma aceitação ‘gozosa’ da mesma. A isto se refere a *Tanatofilia*. A dimensão escatológica alerta o homem para a realidade do que afinal é: nada! Sentindo o seu fim, escreve Bocage estes dois tercetos finais dum seu soneto: “*Mas da humana carreira inda no meio / Se a débil flor vital sentir murchada / Por lei que envolta na existência veio; // Coa mente pelos céus toda espriada, Direi, d’eternidade ufano e cheio: “Adeus, ó mundo! Ó natureza! Ó nada!”.*”<sup>483</sup> Bocage tinha consciência da fragilidade da vida, da finitude da existência terrena e do ‘peso’ da eternidade que dá sentido ao nada! Paulo da Cruz revela este mesmo sentimento acerca da existência quando nos fala do nada! Por isso, a morte é-lhe um processo normal que apenas o leva a procurar viver em Paz! A eternidade é para os dois pensadores motivo de focagem objectiva da existência humana!

#### **Ponto 8. Conclusão: viver como se deseja morrer!**

Atente-se neste excerto de Paulo da Cruz: “*Por agora não tenho senão que pensar em cada momento em dispor-me para o meu passo para a eternidade.*”<sup>484</sup>

Tem uma força muito especial, no nosso espírito, este pensamento de S. Paulo da Cruz, escrito a Sor Columba Gertrudis Gandolfi (Toscanella), no dia 4 de Junho de 1754. S. Paulo da Cruz tinha 60 anos de idade e morreu com 81 anos e nove meses e meio, no dia 18 de Outubro de 1775, às 16.45 horas, em Roma. Ora bem, o que nos chama a atenção é a paz de espírito e o correcto posicionamento face à vida que o Fundador da Família Passionista possuía. Apesar de, no nosso entender, estar numa idade não muito avançada, ele, no entanto, sentia-se debilitado a nível da saúde. E longe de se entristecer e perder a sua qualidade de vida, S. Paulo da Cruz escreve, nessa mesma carta: ‘*Vejo que perdi a saúde e alegro-me disso*’. Estamos perante atitudes e formas de pensar de alguém que acertou a situar-se convenientemente na vida. Eis porque nada o atinge, a nível da sua estabilidade

<sup>482</sup> BOCAGE - “*Sonetos*”, Texto Integral, Publicações Europa América, nº 328, CCCLXXIV, p.223.

<sup>483</sup> Idem, CCCLXXII, p.222.

<sup>484</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*” Carta nº DCCXLXIX, à Irmã Colomba Geltrude Gandolfi (9ª), - Toscanella -, no dia 04 de Junho de 1754, Volume II, pp. 454-456 Na edição espanhola das Cartas, do Pe. B. Monsegù, aparece com o nº 365. A indicação da Carta do original italiano aparece errada na edição espanhola, pois indica a carta nº DCCXLIX, sendo DCCXLXIX.

interior. Aceita alegremente os condicionalismos da existência humana, isto é, com verdadeira qualidade de vida. E o pressentir a vizinhança da morte, pela perda de saúde, intensifica o que era normal na sua forma de pensar e de estar na vida: estar sempre preparado para morrer. Santo Inácio de Antioquia, martirizado no tempo do imperador Trajano, em Roma, no ano 107, escreveu na sua carta aos Romanos: *“Estou prestes a nascer (...).Deixai-me alcançar a luz pura. Quando lá chegar serei verdadeiramente um homem. Deixai-me ser imitador da paixão do meu Deus”*. Que belas, profundas e significativas expressões, saídas de alguém que estava prestes a ser martirizado! A morte é perspectivada por Santo Inácio como um novo nascimento, que nos abre o caminho para sermos verdadeiramente homens ou mulheres! É a perspectiva realista de quem se situa correctamente na existência! Quem vive como deve esta vida terrena nada tem a temer face ao novo nascimento para a outra vida, a que nos espera na eternidade, independentemente da forma como a queira perspectivar cada mortal!...

Nada de fobias, pois, perante a morte. O que nos deve preocupar é o estarmos preparados para tal acontecimento, como nos diz S. Paulo da Cruz: *“Por agora não tenho senão que pensar em cada momento em dispor-me para o meu passo para a eternidade”*.

Manuel Maria Barbosa du Bocage, que nasceu em 1765, escreveu um soneto espectacular, pouco contextualizado, por vezes, ou talvez mesmo nada, pelos professores de Português, facto que se lamenta. De facto, pouco mais se explora de Bocage a não ser determinadas características suas, em nada ou pouco relevantes para o fundamental da sua existência. É certo que *“a sua vida passou entre assomos incontíveis de orgulho e amostras de silencioso desânimo, entre blasfémias e hinos piedosos de louvor à Virgem, (...), entre a boémia dos botequins lisboetas e os destellos cálidos do Oriente”*. Próximo dos quarenta anos é surpreendido por uma dilatação da aorta. O médico desenganou-o. Confessou-se e comungou, morrendo no dia 21 de Dezembro de 1805.<sup>485</sup> No entanto, este homem, no pensar do escritor da Literatura Portuguesa, António Barreiros, *“reconheceu o mal que fez e palpou na própria carne os desenganos a que costuma levar uma existência desenfreada.”* Pois nesse seu famoso soneto, extraordinariamente pedagógico a que já fiz referência oportunamente, Bocage, o libertino que ‘rebentou’ com a frágil natureza devido à vida desregrada que levou, reconheceu: *“Meu ser evaporei na lida insana / Do tropel de paixões que me arrastava: / Ah! Cego eu cria, ah!, mísero eu sonhava / Em mim quase imortal a*

---

<sup>485</sup> BARREIROS, António José- *“História da Literatura Portuguesa”, 1, séc. XII-XVIII*, 14ª Edição, Editora PAX, Braga, 1992, pp. 597-598.

*essência humana: / De que inúmeros sóis a mente ufana / Existência falaz me não dourava! / Mas eis sucumbe Natureza escrava / Ao mal, que a vida em sua orgia dana. / Prazeres, sócios meus, e meus tiranos! / Esta alma, que sedenta em si não coube, / No abismo vos sumiu dos desenganos; / Deus, ó Deus!... Quando a morte à luz me roube / Ganhe um momento o que perderam anos, / Saiba morrer o que viver não soube.*”<sup>486</sup> Como é bela esta prece de Bocage e como poderão ser benéficos os seus frutos. Efectivamente, este seu anseio é um travão na vida, pois impele-nos a parar, a reflectir, a mudar, a apontar para o norte certo!

Por incrível que pareça, este homem, com apenas quatro décadas de vida, pressentindo a proximidade da morte e crente na imortalidade, confessou-se e comungou, morrendo em paz! A Bioética tem de contemplar também esta vertente da antropologia espiritual, pois dá respostas de ‘bem estar’ à pessoa, no percurso e fim da vida!

Paulo da Cruz procurou viver como desejava morrer! Apenas cada um pode falar por si, mas que nem sempre se vive como se desejaria morrer, talvez seja uma triste realidade. Eis porque, para vivermos e morrermos em paz, convém reflectir no pensamento de S Paulo da Cruz: *“Por agora não tenho senão que pensar em cada momento em dispor-me para o meu passo para a eternidade”*. Não desanimemos face às contingências que nos parecem ser adversas na vida. S. Paulo da Cruz, não perdeu a sua alegria e qualidade de vida por se ver, gradualmente, privado da saúde. Isso contribuiu para uma aposta mais intensa no essencial da sua vida: viver bem preparado para a eternidade que a todos nos espera. Cada um pode pensar como quiser. Mas a dimensão da vida humana não depende dos pareceres da inteligência de cada um. A vida é o que é. A morte é o que é. A eternidade é o que é. Como tinha razão aquele caçador que conheci e que, com os seus noventa anos, me confidenciou: *‘a minha vida andou sempre um pouco a leste do que se diz que é o caminho certo, olhando ao que nos espera. Durante a minha vida, pouco liguei a isso. Eu nunca fui ao outro mundo para saber o que aquilo é. Mas, já agora, sr. Padre, preocupa-me o que possa estar do lado de lá... Se é verdade que existe qualquer coisa para além da morte, o que devo fazer?’*. Fitei-o, admirado com a sua interpelação. É que, de facto, o existir ou não existir não depende das nossas convicções. As coisas são como são, existem ou não, independentemente de qualquer afirmação nossa.

---

<sup>486</sup> BOCAGE - *“Sonetos”*, Texto Integral, Publicações Europa América, nº 328, CCCLXXIII, p.222.

Pessoalmente, confesso, acredito numa outra realidade, num outro reino. Face a dúvidas e hesitações existenciais, o melhor é seguirmos o conselho de S. Paulo da Cruz, ainda expresso na referida carta: *‘dominar as paixões irascíveis e concupiscíveis; exercitar a paciência, a mansidão e o verdadeiro silêncio interior e exterior com quem nos possa incomodar; conhecermo-nos no nosso nada e no amor do próprio menosprezo; viver escondidos das próprias criaturas, sem falar de nós próprios a não ser das nossas imperfeições e defeitos; exercitar a caridade com todos e de uma forma igual; ter paz com todos. A oração é boa se produz estes efeitos’*. Em suma, há que procurar viver bem, em paz com a própria consciência, com Deus e com os outros e começar já a pensar que “por agora não tenho senão que pensar em cada momento em dispor-me para o meu passo para a eternidade”. Se o fizermos, só lucraremos serenidade, felicidade, alegria e, assim pensamos, verdadeira qualidade de vida.

Para Paulo da Cruz o lema era ao contrário, isto é, *‘viva-se bem para se bem morrer’*, o que não deixa de ter vertentes convergentes. Aconselhava Paulo da Cruz: *“Vivei os vossos dias como se cada um fosse o último da vossa vida”*.

João XXIII, o Papa Bom, perante a expectativa da morte, afirmou: **«Tenho as malas preparadas»**. São muito conhecidas as respostas de alguns santos, por ex. dos jovens São Luis Gonzaga e São Gabriel de Nossa Senhora das Dores (passionista), à interpelação do que fariam se soubessem que iam morrer nesse dado momento: continuaríamos a fazer o mesmo que estamos a fazer! Isto só é possível quando se tem a consciência de que se vive em Paz! Não se trata de discursos piedosos. Vivemos de ideias que orientam o nosso agir ético moral. E isto é assunto da Bioética que persegue o bem estar da pessoa, a sua qualidade de vida.

Bocage, chamando à Virgem Maria ‘Doce abrigo, santíssima guarida’, ‘Virgem d’ estrelas nítidas c’roada’, *“Valha-me o teu poder, e amor materno; / Guia este cego, arranca-me da estrada / Que vai parar ao tenebroso Inferno!”*<sup>487</sup> Para acreditar no Inferno, é porque acreditava na Eternidade e sabia que a vida obedece a um projecto de amor, de justiça, de serviço e de verdade! Por isso, manifesta os seus sentimentos de arrependido: *“Senhor, que estás no Céu, que vês na Terra / Meu frágil coração desfeito em pranto, / Pelas ânsias mortais, o ardor, o encanto / Com que lhe move o Amor terrível guerra: // Já que poder imenso em ti se encerra, / Já que aos ingénuos ais atendes tanto, / Socorre-me, entre os santos sacrossanto, / Criminosas paixões de mim desterra: // Fugir aos laços de um gentil*

---

<sup>487</sup> Idem, CCXXXII, p. 150.

*semblante / Não posso eu só: da tua mão preciso, Com que prostrou David o atroz gigante:  
// Fira-me a contrição, torne-me o siso, / Acorde-me, Senhor, põe-me diante / ‘Morte, Juízo,  
Inferno e Paraíso’.*”<sup>488</sup>

E a proximidade da morte faz com que Bocage tome consciência da finitude da vida e das circunstâncias em que vive, assim como do efêmero das ilusões que passam, não contribuindo para uma qualidade de vida consistente; é imperativo o apontar para o essencial, bem patente neste encantador e fascinante soneto, cuja transcrição repito: “*Meu ser evaporei na lida insana / Do tropel de paixões que me arrastava: / Ah! Cego eu cria, ah!, mísero eu sonhava / Em mim quase imortal a essência humana: // De que inúmeros sóis a mente ufana / Existência falaz me não dourava! / Mais eis sucumbe Natureza escrava / Ao mal, que a vida em sua orgia dana. // Prazeres, sócios meus, e meus tiranos! / Esta alma, que sedenta em si não coube, / No abismo vos sumiu dos desenganos; // Deus, ó Deus!... Quando a morte à luz me roube / Ganhe um momento o que perderam anos, / Saiba morrer o que viver não soube.*”<sup>489</sup> Paulo da Cruz, na proximidade da morte e tendo presente a eternidade, exclamou: “***Estamos aproximando-nos da eternidade; não devemos perder tempo. Aquele que não avança, retrocede.***”<sup>490</sup>

A escatologia está presente no pensamento de Bocage, já o dissemos e confirmámo-lo mais uma vez. Próximo aos seus últimos dias, regista em verso: “*...Doou-me Febo aos séculos vindouros, / Deponho a flor da vida, e guardo o fruto, / Pagando em vil matéria um vão tributo, / Retenho a posse de imortais tesouros. // Nome no tempo e ser na eternidade! / Que fado! Ó ponto escuro, assoma embora, / Dê-me o piedoso adeus comum saudade: // E rindo-me na campa os dons de Flora, / Mais do que eles a adorne esta verdade: / “Lísia cantava Elmano e Lísia o chora”.*”<sup>491</sup> Repare-se na expressiva linguagem com que trata a morte e na perspectiva escatológica da vida: “***Deponho a flor da vida, e guardo o fruto, / Pagando em vil matéria um vão tributo, / Retenho a posse de imortais tesouros. // Nome no tempo e ser na eternidade!*** E repare-se ainda neste outro soneto, ‘ditado entre as agonias do seu trânsito mortal: “*Já Bocage não sou!... À cova escura / Meu estro vai parar desfeito em vento... / Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento / Leve me torne sempre a terra dura: // Conheço agora já quão vã figura / Em prosa e verso fez meu louco intento; Musa!... Tivera algum merecimento / Se um raio da razão seguisse pura! / Eu me*

<sup>488</sup> Idem, CCXXXIII, p. 150.

<sup>489</sup> Idem, CCCLXXIII, p. 222.

<sup>490</sup> CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*” Carta nº CXLI, escrita a Agnese Grazi (94ª), -Orbetello -, no dia 04 de Agosto de 1740, Volume I, pp. 256-259.

<sup>491</sup> BOCAGE - “*Sonetos*”, Texto Integral, Publicações Europa América, CCCLXXIV, p. 223.

*arrependo; a língua quase fria / Brade em alto pregão à mocidade, / Que atrás do som fantástico corria: / Outro Arentino fui... A santidade / Manchei!... Oh! Se me creste, gente ímpia, / Rasga meus versos, crê na eternidade!*<sup>492</sup> É evidente o arrependimento por uma vida ‘vivida’ sem sentido e pela crença na eternidade que funciona como apelo a que se aprenda a viver, ou, como o próprio Bocage escreveu e de que já fizemos menção: *“Saiba morrer o que viver não soube.”*<sup>493</sup>

A proximidade da morte centra Bocage no sentido da vacuidade que preencheu de ‘nada’ a sua vida, desejando que a sua ‘cinza’ fique em paz: *“Deixai-lhe a cinza em paz, fatais Amores.”*<sup>494</sup> O místico Paulo da Cruz teve uma sensibilidade característica face à morte, a que o biblista espanhol António Artola apelida de “sensibilidade tanatofílica”.<sup>495</sup> É curiosa e significativa esta expressão. Artola explicitou o termo: *“Entendemos por tanatofilia uma preferência espiritual por reproduzir em si o morrer de Jesus, tal como se constata em Filipenses, 2, 10.”*<sup>496</sup> De todas as formas, eu assumo o termo *tanatofilia* (de origem grega: θάνατος - tánatos = morte e φίλια = amizade), num sentido mais amplo, e que se pode aplicar a qualquer um de nós, isto é, podemos ter um ‘amor’ à morte, precisamente porque a aceitamos como libertação e abertura da dimensão escatológica, ou seja, a morte é a ‘porta’ que nos abre a entrada para a posse da felicidade plena para a qual fomos criados, segundo o que nos indica o Apóstolo Paulo na sua Carta aos cristãos de Éfeso (1, 3). É esta visão escatológica que contribui para que a morte possa ser desejada e amada! Portanto a *tanatofilia* é um sentimento possível e desejável! Existem factores que nos ajudam a interiorizar este sentimento de uma forma saudável. Referindo-se a Paulo da Cruz, Artola explica esse sentimento nele tendo presente *“a experiência de numerosas mortes que marcaram com a sua dolorosa e triste marca a infância do santo. De 16 irmãos, morreram-lhe 10 até à data em que decidiu fundar a Congregação da Paixão (Passionistas), aos 26 anos de idade (1720).”*<sup>497</sup> Penso ser inegável os efeitos que nos produz o contacto com a morte!... Mas esta experiência *“aprofundou-se nele devido a uma doença mortal, que marcou um momento importante entre a sua conversão e as inspirações fundacionais”*.<sup>498</sup>

<sup>492</sup> Idem, CCCLXXVI, p. 224.

<sup>493</sup> Idem, CCCLXXIII, p. 222.

<sup>494</sup> Idem, CCCLXXV, p. 223.

<sup>495</sup> ARTOLA, P. Antonio María, C.P. – *“La muerte Mística, según San Pablo de la Cruz”*, Universidad de Deusto (Bilbao), 1986, p. 150.

<sup>496</sup> Idem, nota 137, p. 150. Artola explicita ainda que *“esta disposição nada tem a ver com o fenómeno da necrofilia analizado por E. Fromm no ‘El corazón del hombre’ (versão espanhola de Florentino M. Torner, México, 1977, pp.36-37).”*

<sup>497</sup> Idem, p. 150 e nota 138.

<sup>498</sup> Idem, p.150. A contextualização deste passo está em ZOFFOLI, E – *“San Paolo della Croce”*. Volume I, pp.156-159.

Um outro pormenor para a *tanatofilia* de Paulo da Cruz está interligado com “*um novo perigo mortal no ano de 1736.*”<sup>499</sup> Segundo Artola, foi a partir desta data que começa a falar com insistência acerca da morte, no seu epistolário.<sup>500</sup> “*As frequentes doenças e as tribulações do espírito e a sua predisposição para as depressões fá-lo-ão pensar com muita frequência numa morte próxima.*”<sup>501</sup> “*Esta familiaridade com a morte configura de uma maneira muito especial a sua psicologia e predispõe-no, não somente para ter continuamente diante da sua vista a morte mas para enfrentar-se com ela numa dimensão espiritual particular. Não há dúvida de que esta base psicológica teve muita influência na sua predilecção pelo tema da morte e da Morte Mística em forma divinamente sublimada*”.

Tendo presente os excertos de Bocage e de Paulo da Cruz, não me parece descabido concluir que a percepção da morte próxima, num ou noutro, projecta-os na eternidade, levando a um que se arrependa do seu passado e a outro que se aprenda a viver morrendo misticamente ao criado para viver do Incriado! Divergências ou convergências? Penso que a convergência é aceitável, pois o que ambos os pensadores pretendem é que, face à realidade da morte, se aprenda a viver e viver com qualidade. Foi este assunto que pretendi abordar neste Capítulo, com perspectivas úteis para o agir e viver, benéficas para a Bioética.

---

<sup>499</sup> Idem, p. 150. A contextualização deste passo está no seu epistolário. Cfr. CROCE, S. Paolo della – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione*”, Carta nº LXVIII, escrita a Agnese Grazi (21ª), - Orbetello-, no dia 05 de Março de 1736, Volume I, pp. 132-133. Efectivamente, lê- nesta Carta: “*Estive em Pisa e Deus livrou-me de grandes perigos de vida, por mar e por terra. Seja bendito o Seu Santíssimo Nome*”.

<sup>500</sup> Idem, p. 150. Consulte-se também a Carta LXXV, escrita a Agnese Grazi (28ª), - Orbetello-, no dia 09 de Agosto de 1736, Volume I, pp. 144-146, na qual se lê: “*Espero de bom grado a morte, a fim de dar, em qualquer parte, um pouco de tributo à Divina Justiça*”.

<sup>501</sup> Idem, p. 150. Consulte-se também as Cartas nº LXXIX, escrita a Agnese Grazi (32ª), - Orbetello-, no dia 03 de Outubro de 1736, Volume I, pp. 153-156; nº LXXXII, à mesma (35ª), escrita no dia 13 de Dezembro de 1736, Volume I, pp.161-162 e nº LXXXIII, à mesma (36ª), (sem data, no original), Volume I, pp.162-164., etc.

## CONCLUSÃO

Acabei de concretizar a tarefa que me propus: Fazer uma *“Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário”*. Procurei que as temáticas seleccionadas para os respectivos Capítulos estivessem entrelaçadas com o objectivo que lhes servia de alicerce, isto é, o de assumir o pensamento de uma personalidade do século XVIII como contributo para o agir ético-moral, próprio da Bioética e o da procura de fundamentações para o mesmo em questões Bioéticas.

A Bioética, na sua transdisciplinaridade, não elimina tudo o que possa contribuir para tornar mais eficaz a acção humana em prol do ser e pessoa humanos, da sua saúde, da sua qualidade de vida, da sua dignidade! Neste plano, reafirma-se a relevância da abordagem da *visão antropológica do homem*, que procura o re-encontro com a sua fisionomia original, fundamento da sua dignidade, uma vez que foi criado à imagem e semelhança de Deus, e que contribuirá para reforçar a tese que defendemos em Bioética, seja qual for a sua contextualização (médica, filosófica, teológica, mística, antropológica, etc.). A visão teológica, tendo presente também a interdisciplinaridade da Bioética, contribui para uma visão diferente do ser humano que é criatura, não é Senhor, criado em conformidade com um projecto concreto e com objectivos a atingir. Tal perspectiva permite ver, com um novo olhar, o ser e pessoa humanos, face a quem há que defender a sua dignidade, a sua qualidade de vida, o seu valor.<sup>502</sup> Neste âmbito, há que ter sempre presente a relevância da *dimensão espiritual do homem em questões bioéticas*. A confirmar o que fica exposto, a citação de alguns excertos de João Paulo II no seu discurso dirigido *aos participantes no Congresso promovido pela Pontifícia Academia para a Vida* no dia 19 de Fevereiro de 2005, na pessoa do Bieticista italiano, D. Elio Sgreccia, Presidente dessa Pontifícia Academia para a Vida e cuja síntese apresentei na Introdução desta Tese.

Portanto, e a partir do que fica dito, é de extrema relevância em Bioética uma ética que defenda a vida! E a antropologia fundamentada na Teologia fornece nova forma de pensar a vida, o ser e a pessoa. *“Com isto, não quero ser redutor, mas antes pelo contrário. Quer isto dizer que, no meu entender, uma antropologia teológica permite-me perspectivar a Bioética Teológica que me parece ser mais abrangente, pois iluminará as ‘outras’ bioéticas...O ilustre bioeticista Salvatore Privitera chama a atenção para que a reflexão ética, laica ou religiosa, consiga alcançar duma forma irrefutável a dimensão de imparcial universalizabilidade (“universalizzabilita”), que consiga alcançar realmente o verdadeiro*

---

<sup>502</sup> BEZERRA, João – “Contributos para uma outra ‘Qualidade de Vida’, no âmbito da Bioética Teológica”, pp.23-24.



juízo moral, tonando-se então outro o problema; sendo sempre possível para o ser humano, católico ou ateu, cair em erro no levar a cabo qualquer processo cognoscitivo, torna-se imperioso para todos procurar juntos a verdade moral a realizar na existência pessoal e sócio-comunitária. A ética é a dimensão daquele homem que, enquanto homem, sem nenhuma etiqueta particular, quer alcançar a plenitude do próprio ser. **A bioética segue o mesmo destino da ética, sendo aquele sector da própria ética que se interessa pelos problemas normativos relativos à vida.** Também em bioética deve estar sempre aberto o debate, a fim de se poderem confrontar as diversas questões e de se procurar o verdadeiro juízo moral e de se aportar, para cada problema normativo, as argumentações mais plausíveis a favor ou contra uma determinada solução. O cômputo da bioética, como o da ética, deveria ser precisamente aquele de descobrir, de determinar o verdadeiro juízo moral para cada comportamento humano, remetendo sempre em discussão aqueles já descobertos, procurando sempre novos argumentos como suporte ou contra aqueles que não se conhecem ou sobre os quais não existe ainda uma plena convergência. Uma bioética cujos juízos não sejam imparciais e universalizáveis não pode chamar-se nem é bioética. A imparcialidade é um critério fundamental a ter em conta na relação com os outros e no encontro de soluções para problemas, assim como é um princípio fundamental que guia toda a reflexão ético-normativa.”<sup>503</sup>

Ora bem, salientando que “o cômputo da bioética, como o da ética, deveria ser precisamente aquele de descobrir, de determinar, o verdadeiro juízo moral para cada comportamento humano, remetendo sempre em discussão aqueles já descobertos, procurando sempre novos argumentos como suporte ou contra aqueles que não se conhecem ou sobre os quais não existe ainda uma plena convergência. Uma bioética cujos juízos não sejam imparciais e universalizáveis não pode chamar-se nem é bioética”, posso deduzir que para alcançar tais objectivos, reveste-se de muita importância o debruçar-se sobre a “*Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário*”, pois este tipo de abordagem, num recuar diacrónico no tempo e colocando-nos face ao **pensamento que considero bioético** de outros pensadores, dada a rica interacção com os objectivos que a Bioética persegue, enriquecendo-se, ora é este tipo de abordagem que assumi nesta minha tese de Doutoramento em Bioética e que confirma também a importância e pertinência da inclusão na quarta área da parte curricular do

---

<sup>503</sup> BEZERRA, João – “Contributos para uma outra ‘Qualidade de Vida’, no âmbito da Bioética Teológica”, p.20, nota 20. Cfr. também PRIVITERA, Salvatore – *La questione Bioética – Nodi problematici e spunti risolutivi*. Acireale (CT): Ed. ISB (Istituto Siciliano di Bioética), 1999, pp. 26-27 e 109.

Doutoramento em Bioética, apelidada de *Leituras em Bioética*.

Como Conclusão, repito o que afirmei na Introdução: optei por assumir a tarefa de analisar o “*Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário*” porque, para além da criatividade do trabalho ele poderá incentivar muitos mais a seguirem tal caminho hermenêutico que resulte em pesquisa de *formas de ver com outra perspectiva o ser e a pessoa humanas incentivando os agentes que lidam com as mesmas a assumirem as correctas atitudes e o correcto agir ético-moral, em plena complementaridade do que a Bioética persegue*. *Leituras Bioéticas* justificou e justifica, no meu ponto de vista, a opção consciente do enquadramento do tema da minha tese “*Leitura do Pensamento Bioético de Paulo da Cruz (séc. XVIII), no seu epistolário*” na área da *Antropologia – Ética e Saúde* -, no âmbito da Bioética. Será esta que sai mais enriquecida com o contributo que tais *Leituras Bioéticas* facultam. Percorri um caminho lógico, iniciado com o que entendo por *pensamento e pensamento bioético*. De seguida, e coerentemente, tive de aprofundar a relevância do género epistolar na expressão do pensamento, seguido do estudo e pesquisa das convergências entre as duas fontes deste meu trabalho: o pensamento de Paulo da Cruz e o que nos diz Van Potter no seu *Credo*. Sem forçar em nada a situação, achei este capítulo fulcral na coluna vertebral que entrelaça uns com os outros, conforme referi na Introdução. A fundamentação de um agir ético-moral, imprescindível no âmbito dos assuntos bioéticos, como vulnerabilidade, solicitude e humanização, enriquece-se com o contributo de Paulo da Cruz associado, curiosamente, ao de Lévinas.

Tendo presente que no ciclo biológico do nascer, viver e morrer, a Bioética tem de ter uma posição que ilumine e encoraje a pessoa a olhar com esperança o inevitável, centrado em duas objectividades, a saber a Finitude e a Morte, eis porque me debrucei sobre isso nos dois últimos Capítulos, como corolário de tudo quanto lhes serviu de suporte perspectivo.

Foi este o percurso que pretendi fazer, acreditando convictamente na relevância deste estudo em questões de Bioética. Citando novamente o que exprimi na Introdução, concluo dizendo que a Bioética nunca deixará de precisar de contributos advindos dos mais variados pensadores, para que seja o que é: Ciência da vida, com uma ética específica que a fundamenta.

## BIBLIOGRAFIA GERAL UTILIZADA

**AGON, Louis -Therese de Jesus (Passionista)** – *Histoire de St Paul de la Croix*, Bordeaux, 1866. Edizione italiana sulla IV Ed. Fracese, Postulazione Generale dei PP. Passionisti, Roma, 1952.

**ANDREWS, Andy** – *O Mensageiro*, Pergaminho, 2010.

**ANSELM, Max** – *San Paolo della Croce - Lettere di formazione e direzione spirituale ai laici*, a cura di Max Anselmi Passionista – Volume I, Tomo I, e Volume I, Tomo II, Edizioni CIPI, Roma, 2002.

**ARCHER, Luís; BISCAIA, Jorge; OSSWALD, Walter** (Coordenação) – ‘*Bioética*’, Editorial Verbo, 1996.

**ARTOLA, P. Antonio María, C.P.** – “*La muerte Mística, según San Pablo de la Cruz*”, Universidad de Deusto (Bilbao), 1986.

**AUSILIATRICE, Domenico di Maria (Passionista)** – S. Paolo della Croce, Edizione Paoline, 1944.

**BARREIROS, António José** - “*História da Literatura Portuguesa*”, 1, séc. XII-XVIII, 14<sup>a</sup> Edição, Editora PAX, Braga, 1992.

**BASILIO DE SÃO PAULO**, in “*Cartas y Diario Espiritual de San Pablo da la Cruz*”, Ediciones “El Pasionario”, Madrid, 1968.

**BADILLOS, A. Sáenz, S.J.** – “*Estudio Filosófico sobre el Fedon de Platón*”, Salamanca: PERFIT, vol. II, nºs 21 e 22, (s/d).

**BARON, Jonathan** – “*Against bioethics*” – Cambridge/London. The MIT Press, 2006.

**BARTOLOMEU, Irmão** – *POR (Processo Ordinário di Roma)*, IV, p. 294 (f.2387 r – 2387 v), citado por NASELLI, Carmelo Amedeo – *Storia dei Passionisti*, Edizioni ‘Stauros’, Pescara, 1981.

**BECKER, Ernest** (vencedor do prémio Pulitzer 1974) – “*A negação da morte – uma abordagem psicológica sobre a finitude humana*” – Editora Record, Rio de Janeiro. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva, do original *The Denial of Death* (1973).

**BENDA, J.** – “*Du style d'idées. Réflexions sur la pensée*” - Paris, 1948.

**BEZERRA, João** – “*Pobreza y ‘mirada ético-espiritual, sentiente y sanante*” - (Comunicação en el VI Congreso Mundial de Bioética – Gijón – España. 18 a 21 de Mayo 2009), publicada na Revista STAURÒS – Teología de la Cruz, Madrid, nº 49 – 2010.

**BEZERRA, João** – “Contributos para uma outra ‘Qualidade de Vida’, no âmbito da Bioética Teológica”, Bezerra-Editora, Braga, 2004.

**BIALAS, Martín** – “*La Pasión de Cristo en San Pablo de la Cruz*” – Ediciones Sigueme, Salamanca, 1982.

**BIALAS, Martín** - “*Predicamos a Cristo crucificado y resucitado*”, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1989.

**BIALAS, Martín** – “*Paulo carismático da Cruz*”, Zaragoza, 1980.

**BYNUM, Edward Bruce.** “*The Roots of Transcendence*”. Cosimo Inc., 2006.

**BOCAGE** - “*Sonetos*”, Texto Integral, Publicações Europa América, nº 328.

**BORGES, Anselmo** – “*A necessidade de morrer*”, In “*Da Vida à Morte*”, da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, Gráfica de Coimbra, 1988.

Este livro “*Da Vida à Morte*” contém Depoimentos muito interessantes de Jorge Biscaia, Walter Oswald, Formosinho Simões, Amândio Tavares, Miguel Leão, Paulo Cravo, Daniel Serrão, Alberto de Brito, Francisco Faria, Joaquim Matos Chaves, Robalo Cordeiro, Henrique Martins da Cunha, Lobato Faria, Armando Porto, Pe. Victor Feytor Pinto, Adelino Marques, João Barreto, António Barbosa de Melo, Pe. Anselmo Borges, Vasco Pinto de Magalhães.

**BOUCHINDHOMME, Cristian** – “*Le vocabulaire de Habermas*”. Paris, Ellipses, 2002.

- BRETON, Stanislas** – “*La Mística de la Pasión – Doctrina espiritual de san Pablo de la Cruz*”, Editorial Herder, Barcelona, 1969.
- BRETON, Stanislas** - “*La Passión du Crist et les philosophies*”. Teramo, 1954.
- BRITO, José Henrique Silveira de** - *Comentário ao texto “La trace de l’autre”*, (texto cedido nas aulas de Doutorado em Bioética).
- BRITO, José Henrique Silveira de** – ‘*De Atenas a Jerusalém. A subjectividade passiva em Lévinas*’. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002.
- BRITO, José Henrique Silveira de** – “*Lévinas filósofo da diferença*”, Revista Portuguesa de Filosofia, Tomo XLI – 2 -3 – 1985 (Faculdade de Filosofia), Braga, 1985.
- BRITO, José Henrique Silveira de** – “*O sentido para lá do ser: a inspiração hebraica de Levinas*”, In *Revista Portuguesa de Filosofia*. 48(1992), pp. 467-483.
- BRITO, José Henrique Silveira de** – “*Responsabilidade e identidade*”. In *Revista Portuguesa de Filosofia*. 50(1994), pp. 79-96.
- BROCHADO, J.da C.** – *Cartas*, publicadas por Álvaro Dória, Sá da Costa, Lx., 1944 (sobre o ms. de Braga, tomo III), p.36, in ROCHA, Crabée – “*A Epistolografia em Portugal*”; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.
- CABRAL, Roque** – ‘Utilitarismo’, In *Lógos, Enciclopédia Luso – Brasileira de Filosofia*, 5, Verbo, 1992.
- CATHERINE**, ‘Utilitarisme’, Dictionnaire d’éthique et de philosophie morale.
- CAMUS, Albert** – *A Peste* - Editora Livros do Brasil, Lisboa, 2009.
- CARVALHO, Ana Sofia** – “*Bioética e Vulnerabilidade*”, Edições Almedina, 2008
- CERTEAU, Michel de** - ‘*La Fable Mystique*’.
- CHERON, Michel de Saint** - “*De la mémoire à la responsabilité*”, – dialogue avec Genevière de Gaulle Anthonioz, Edgar Morin e Emmanuel Levinas. Éditions Dervy, Paris, 2000
- CINGOLANI, Gabriele** – ‘*Paolo Danei – La provocazione della croce*’, Editrice Rogate, Roma, 1994.
- CRISTOFORO DELL’ADDOLORATA (Passionista)** – *Il Gigante della Croce*, Edizioni Paoline, 1951.
- CROCE, S. Paolo della** – “*Lettere di S. Paolo della Croce, Fondatore dei Passionisti, disposte ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione.*”, 4 Volumi, Tipografia Pontificia nell’Istituto Pio IX, 1924, Roma.
- CRUZ, S. Pablo de la** – “*Cartas y Diário Espiritual de San Pablo de la Cruz, Fundador de los Pasionistas*”, Ediciones ‘El Pasionario’, Madrid, 1968.
- CRUZ, Paulo da** – *Diário espiritual*. Introduções e anotações de Martín Bialas e apresentação do Cardeal Joseph Ratzinger, Verbo Divino, Estella, 1979, 86s, dia 29 de Dezembro de 1720, quando Paulo da Cruz tinha apenas 26 anos, citação no livro de GARCIA, Pablo – *Domingo Barberi – Precursor y Profeta. Que está sucediendo en el anglicanismo?* Ediciones Sigueme, Salamanca, 1997.
- CRUZ, S. João** - *Salita del Monte Carmelo*, II, c. 5., citado por Zoffoli, Enrico.
- CRUZ, S. Pablo de la** – “*Cartas y Diario Espiritual*”. Madrid: Ediciones ‘EL PASIONARIO’, 1968.
- CRUZ, S. Pablo de la** – “*La Muerte Mística*”, texto transcrito in “*La Muerte Mística*”, op. cit. de ARTOLA, P. Antonio María.
- CURY, Augusto** – “*O Mestre dos Mestres*” – Livros d’Hoje, Publicações Dom Quixote. Alfragide, 2009, 1ª Edição.
- DOMINGUES, Frei Bernardo** – “*Bioética – questões disputadas*”. Metanóia. Porto, 2001.
- DURAND, Guy** – *La bioéthique: nature, principes et enjeux*. Paris. Cerf. 1989.

- D. FOLSCHEID; B. FEUILLET-LE MINTIER e J.F.MATTTEI** – ‘*Philosophie, éthique et droit de la médecine*’. Paris, PUF, 1999.
- DOS SANTOS, Eunice** – “*La morte mística in San Paolo della Croce*”, Città Nuova Editrice, Roma, 2007.
- DOSTOIEVSKY** – “*Les Frères Karamazov*”. La Pléiade.
- DWELSHAUER, G.** – ‘*L’Étude de la Pensée*’ – Paris, 1934.
- ELIZARI, Francisco Javier** – *Questões de Bioética – Vida em Qualidade* -. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1996,
- FERNANDES, Sérgio L. de C.** – ‘*Mística e Experiência Religiosa: um ponto de vista filosófico*’, In ‘*Revista portuguesa de filosofia*’, [Vol. 64, Fasc. 1, 2008](#).
- FILIPPO DELL’IMMACOLATA COM. (P), (Passionista)** – *Vita del Venerable Servo di Dio P. Paolo della Croce*, Stamp. Crispino Puccinelli, Roma, 1821.
- FONSECA, António M.** – “*Psicologia do envelhecimento e vulnerabilidade*”, in ‘*Bioética e Vulnerabilidade*’, coord. de Ana Sofia Carvalho, pp. 195-215. Edições Almedina, SA, 2008.
- FRASCONI, Piermarino** – *L’ultimo dei Crociati, S. Paolo della Croce*, L.I.C.E. R. Berruti e C., Torino, 1948.
- GAÉTAN DU SAINT NOM DE MARIE** (passionista), “*Esprit et vertus de Saint Paulo de la Croix, premier volume: Vertus théologiques e annexes*”, (obra não editada mas dactilografada, existindo um exemplar no Arquivo Geral da Congregação Passionista, em Roma). Este primeiro volume fala de mais três, que não existem no Arquivo referido. No entanto, os quarto capítulos aparecem numa tradução inglesa, a saber: REIJNDERS, Cajetan - “*Saint Paul of the Cross – His spirit and virtues*”, translated and revised by Louis Maillet, C.P. and Xavier Welch, C.P. – Catholic Book Publischin CO. New York. 1960.
- GAETAN DU NOME DE MARIE (Passionista)** – « *Vie de St. Paul de la Croix* », - 6 volumi dattiloscritti che si conservano nell’Archivio Generale della Congregazione, pp. 2.400 circa. Il Pe Gaetano, grande studioso del nostro santo, há pubblicato le seguenti monografie, di cui alcune postume: (apenas seleccionei as duas que se seguem):
- St. Paul de la Coix et l’Institut de Passionistes*, Tonneis, Lot-et-Garonn, 1933.
  - St Paul de la Croix Apôtre e Missionaire*, Tirllemont, 1933.
- GALVÃO, Pedro** *Consequencialismo*, in ‘*Dicionário de Filosofia Moral e Política*’ (Instituto de Filosofia da Linguagem).
- GARCIA, Pablo** – *Domingo Barberi – Precursor y Profeta. Que está sucediendo en el anglicanismo?* Ediciones Sigueme, Salamanca, 1997.
- GIORGINI, Fabiano.** – *La maremma toscana nel Settecento. Aspetti sociali e religiosi*, Eco, San Gabriele (TE), 1968.
- GIORGINI, Fabiano** – *Historia de la Congregación de la Pasión de Jesus Cristo, I: La época del Fundador*, Pasionistas, Bilbao-Zaragoza-Madrid, 1984 (traducción del italiano), pp. 508-510, com as referências às fontes.
- GIORGINI, Pe. Fabiano** – – ‘*Os pobres ajudam os pobres*’, in “*Curso de Espiritualidad Passionista, realizado em Ponta Grossa-PR, de 08 de Janeiro de 1980*”, 2º Volume. São Paulo, 1980.
- GIORGINI, Fabiano** – *San Paolo della Croce – Lettere*, Iº Volume *Ai Passionisti*, II, *Ai Laici*, III, *A Sacerdoti E Persone Consacrate*, a cura di P. Fabiano Giorgini, Passionista, - Edizioni CIPI, Roma, 1998. Nota: **Existe a tradução espanhola, destes três volumes, realizada pelo P. José Luís Tubilla Diez (Passionista), Editorial ‘El Pasionario’, Madrid, 2008.**
- GOLDIM, José Roberto** – “*A Evolução da Definição de Bioética na Visão de Van Rensselaer Potter 1970 a 1998*” - Palestra apresentada em vídeo no IV Congresso Mundial de Bioética. Tóquio/Japão: 4 a 7 de novembro de 1998. Texto publicado em *O Mundo da Saúde* 1998;22 (6): 370-374. Campbel AV. *Bioética Global: sonho ou pesadelo ? O Mundo da Saúde* 1998;22

(6): 366-369. Benatar S. Imperialism, research ethics and global health, J Med Ethics 1998;24 (4): 221-222.

**GOLDIM, José Roberto** – “*Bioética, Cultura e Globalização*”, trabalho apresentado na I Jornada de Ética e Globalização, Porto Alegre, 26/03/98, pelo Professor José Roberto Goldim.

**GOLDIM, José Roberto**, trabalho sobre *Bioética, Cultura e Globalização*, apresentado na I Jornada de Ética e Globalização, Porto Alegre, 26/03/98 (In Internet).

**GRACIA, Diego** – “*Fundamentos de Bioética*”, Editora Gráfica de Coimbra 2, 2008.

**HALÉVY-VAN KEYMEULEN, Marc.** *Facing the Noetic Revolution*. Disponível em Noetique.eu **HARMAN, Willis.** *What Are Noetic Sciences?*. Institute of Noetic Sciences. Newsletter, Vol. 6, No. 1, Spring 1978.

**IOANNES PAULUS PP. II** - “*SOLLICITUDO REI SOCIALIS*”, Encíclica dirigida aos Bispos aos Sacerdotes às Famílias Religiosas aos Filhos e Filhas da Igreja e a todos os Homens de Boa Vontade.

**KOTTOW, Miguel** - In: Internet, ‘recensão’ da ‘Against bioethics’.

**LEONE, Salvino** – *La riflessione bioética sulla qualità della vita*. In Revista *Bioetica e Cultura* (ISB – Istituto Siciliano di Bioetica), semestrale, I (1992) 2.

**LEONE, Salvino** – *La prospettiva teologica in Bioetica*. Acireale (Sicília): Ed. ISB (Istituto Siciliano di Bioetica), 2002.

**LÉVINAS, Emmanuel** – “*Pour une philosophie de la sainteté*”, in “*De la mémoire à la responsabilité*”, de Michael de Saint Cheron – dialogue avec Genevière de Gaulle Anthonioz, Edgar Morin e Emmanuel Levinas. Éditions Dervy, Paris, 2000.

**LÉVINAS, Emmanuel** – “*Ética e Infinito*”. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70.

**LÉVINAS, Emmanuel** – “*Totalidade e Infinito*”. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Edições 70.

**LÉVINAS, Emmanuel** – “*Raccourcis*” (“Ensaio breves”) – ‘*La trace de l’autre*’. Nestes “Ensaio breves” estão recolhidos quase todos, se não todos, os escritos de Lévinas. Nota: a sigla EDE corresponde a “*En Découvrant l’Existence avec Husserl et Heidegger*” = EDE, 1967.

**LÉVINAS, Emmanuel** – “*En Découvrant l’Existence avec Husserl et Heidegger*”, Réimpression conforme à la première édition suivie D’ESSAIS NOUVEAUX. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1967.

**LÉVINAS, Emmanuel** – “*Descobrindo a Existência com Husserl e Heidegger*”, Instituto Piaget, Lisboa, 1997.

**LIPPI, Adolfo** – *San Pablo de la Cruz – Místico y Evangelizador*, Ediciones Sigueme-Salamanca, 1994.

**LUCA DI S. GIUSEPPE (Passionista)** – *Un grande Apostolo del Crocifisso nel secolo XVIII, S. Paolo della Croce*, Tip. S. Giuseppe, Firenze, 1908.

**LUÍS-TERESA DE JESÚS AGONIZANTE, P.** (Passionista) - “*Vida de S. Pablo de la Cruz, Fundador de la Congregación de la Santa Cruz y Pasión de Jesús Cristo*”, traducida al castellano de la 3ª edición francesa por Sor Maria del Patrocinio de San José, Religiosa carmelita Descalza del Convento de S. José en Ruiloba, Diócesis de Santander, com un Prólogo de D. Cayetano Fernandez, Pro. Com licencia eclesiástica. Sevilla, Imp. De los Sres A. Izquierdo y Sobrino, Francos, números 60 y 62 – 1882, Capítulo IX.

**MACHO, Pablo Garcia** – “*Pablo de la Cruz y la Ecología*”, in “*San Pablo de la Cruz – Fundador de la Pasionistas*”, pp. 201-207; - “*Pablo de la Cruz y la investigación espacial*”, in “*San Pablo de la Cruz – Fundador de la Pasionistas*”.

- MACHADO, João Afonso** - *Minhotos, Diplomatas e Amigos – A correspondência (1886-1916) entre o 2º Visconde de Pindela e António Feijó*, Linda-a-Velha, DG Edições, 2007.
- MAURO DELL’IMMACOLATA (P.)** – *Sulle orme di S. Paolo della Croce Fondatore dei Passionisti – Vita e opere*, Coletti Editore, Roma, 1959.
- MCARDLE** - *Memorial Resution of the faculty of the university of Wisconsin-Madison. On the death of professor emeritus Van Rensselaer Potter II*. Faculty Document 1628. Madison 1 april 2002. Disponível em :[http://mcardle.oncology.wisc.edu/faculty/bio/potter\\_v.html](http://mcardle.oncology.wisc.edu/faculty/bio/potter_v.html)., in PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.149.
- McPARTLAND, Thomas J.** *Noetic Science*. Wagner Columbus Publishing Co. Ltd., sd, p. 3. Disponível em VoegelinView.com
- MAESSCHALCK, Marc** – *Pour une éthique des convictions. Religion et rationalisation du mond vécu*. Bruxelles, Publications des Facultes Universitaires, Saint-Louis, 1994.
- MASSARENTI, Armando** – *Prefazione all’edizione italiana*, de ‘Contro la Bioetica’ de Jonathan Baron, Raffaello Cortina Editore, Milano. Prima edizione: 2008.
- MOLTMANN, Jurgen**, in “*La pasión de Cristo en San Pablo de la Cruz*”, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1982.
- MOLTMANN, Jurgen** – *El Dios Crucificado*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1975.
- MONSEGU, Bernardo** – *Cartas y Diário Espiritual de San Pablo de la Cruz*, Selecccion, Traduccion y clasificacion por el P. Bernardo Monsegu (Pasionista), Ediciones ‘El Pasionario’, Madrid, 1968.
- MORAES, M.** – *Pensamento*, in Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Editorial Verbo, Lisboa, 14º Vol.
- NASELLI, Carmelo Amedeo** – *Storia dei Passionisti*, Edizioni ‘Stauros’, Pescara, 1981.
- NEMO, Philippe** – in op. cit., “*Ética e Infinito*”.
- NEVES, João César das** – In DN (Diário de Notícias), de 03.05.2010.
- PAOLO GIUSEPPE DELL’IMMACOLATA (Passionista)** - *Vita di S. Paolo della Croce*, Tip. Salviucci, Roma, 1867, pp. XV-399.
- PESSINI, Leo** – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.148.
- PIO DEL NOME DI MARIA, (Passionista)** – *Vita del Beato Paolo della Croce*, Tip. Forense, Roma, 1853. Quinta ed.italiana, Isola del Liri, 1928, pp. 306.
- ODORÍSSIO, Mauro** – “*S. Paulo da Cruz – Uma leitura bíblica*,” Edições Loyola, S. Paulo (Brasil), 1993.
- PABLO DE LA CRUZ** – *Cartas, I Volumen, a los Pasionistas,*” a cargo del P. Fabiano Giorgini, C.P., Editorial El Pasionario, Madrid, 2008.
- PACINI, Roberto** – “*Servire la vita – temi di bioetica*”, Città Nuova Editrice, Roma, 1993, pp. 115-116.
- PATRÃO NEVES, M.** – “Editorial”, *Arquipélago*, 7, 2000.
- PESSINI, Leo** – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005.
- PLATÃO** – “*República*”, 529 b.
- POTTER, Van, R.** – *Bioethics, bridge to the future*. Englewwod Cliffs, N.J.: Prentenci-Hall, 1971, citado por PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005.
- POTTER, Van, R.** – *Global Bioethics:building on the Leopold Legacy*. East Lansing, Michigan: Michigan State University Press, 1988. Englewwod Cliffs, N.J.: Prentenci-Hall, 1971, citado por PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005.
- POTTER, Van, R.** – *Science, religion must chare quest for global survival*. The Scientist 8 (10), 1-12,1994, citado por PESSINI, Leo – In *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005.

- PRIVITERA, Salvatore** – “*La questione Bioética – Nodi problematici e spunti risolutivi*”. Acireale (CT): Ed. ISB (Istituto Siciliano di Bioética), 1999.
- S. PAOLO DELLA CROCE** – “*Lettere in III Volumi – I Ai Passionisti; II Ai Laici e III Ai Sacerdoti e Persone Consacrate*”, a cura di P. Fabiano Giorgini (Passionista), Edizioni CIPI, Piazza SS. Giovanni e Paolo, 13, 00184 – Roma, 1998.
- QUEIROZ, João** – “*Tipologia da consciência: Um estudo comparativo baseado na filosofia de C. S. Peirce*”. IN *Galaxia*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. São Paulo: PUC-SP, 2001. Nº 1.
- SAN PAOLO DELLA CROCE** – “*Lettere ai laici*”, “*Lettere di formazione e direzione spirituale ai laici*”, a cura di Max Anselmi Passionista- Volume I – Tomo I, Edizioni CIPI, Roma, 2002.
- SAN PAOLO DELLA CROCE** – “*Lettere ai laici*”, “*Lettere di formazione e direzione spirituale ai laici*”, a cura di Max Anselmi Passionista- Volume I – Tomo II, Edizioni CIPI, Roma, 2002.
- RAFFAELLO** Cortina - ‘*Contro la Bioetica*’ de Jonathan Baron, Editore, Milano. Primeira edição: 2008.
- REIJNDERS, Cajetan** - “*Saint Paul of the Cross – His spirit and virtues*”, translated and revised by Louis Maillet, C.P. and Xavier Welch, C.P. – Catholic Book Publishin CO. New York. 1960, do original “*Esprit et vertus de Saint Paul de la Croix, premier volume: Vertus théologiques e annexes*”, de **GAÉTAN DU SAINT NOM DE MARIE**.
- RENAUD, Michel** – “*Solitude e Vulnerabilidade*”, in ‘Bioética e Vulnerabilidade’, coord. de Ana Sofia Carvalho, pp. 11-20. Edições Almedina, SA, 2008.
- RIBAS, Javier Melloni, S.J.** – “*Michel de Certeau, un historiador seducido por la mística*”, in Revista MANRESA, vol. 70 (1997).
- ROCHA, Crabée** – “*A Epistolografia em Portugal*”; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.
- SÁ, Eduardo** – *O pensamento e a ética na relação pedagógica*, in *Bioética* - coordenação de **SERENA, Olga Campos** – “*Bioética Principialista, El Papel de la Tradición Norte Americana*”, Comunicação apresentada no XLV Congreso de Filósofos Jóvenes, Granada, 28 a 30 de Abril de 2008, organizado pela A.U.F.G. (Associação Universitária de Filosofia de Granada).
- SERRÃO, Daniel**- Conferência proferida pelo Sr. Professor Doutor Daniel Serrão, na Escola Secundária de Baltar, no dia 21 de Janeiro de 2003, sob o título *Viajando pela Solidão*.
- SERRÃO, Daniel** – Conferência sobre a “**Entrega dos Prémios de Investigação, em 1988**”, Sessão presidida por Sua Excelência a Ministra da Saúde – Drª Leonor Beleza.
- SERRÃO, Daniel** - “*Procurar a Sabedoria, partilhar o conhecimento*”, Editor COFANOR+Formação, Porto, 2010.
- SERRÃO, Daniel** – “*Utopia III – outra vez Portugal*”. In *Brotéria*, 149 (1999).
- SERRÃO, Daniel** – “*Vida humana, um projecto e uma relação*”, in “*Da Vida à Morte*”, da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, Gráfica de Coimbra, 1988.
- SPAGNOLO, P. Marcello (Passionista)** – *S. Paolo della Croce – Fondatore dei Passionisti*, Tipografia Manduriana, Manduria – Cúria Provinciale PP. Passionisti, (Itália) 1969.
- STRAMBI, S. Vincenzo Maria** - “*La spiritualità di San Paolo della Croce*”, Editoriale Eco, Macerata, 1994.
- STRAMBI, Vincenzo M., (Passionista)** – *Vita del Venerable Servo di Dio P. Paolo della Croce*, Lazzarini, Roma, 1786



- SUSIN**, Luiz Carlos – “*O homem messiânico. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas*”, Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editorial Vozes, 1984.
- TAPPOLET**, Christine – ‘Épistémologie’, in *Dictionnaire d’éthique et de philosophie morale*, Canto-Sperber, M. (dir.), Paris, P.U.F., 1996.
- TEIXEIRA**, Joaquim de Sousa – Pensamento, In ‘LOGOS’, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia.
- TETTAMANZI, Dionigi**, - “*Nuova Bioética Cristiana*”, Edizioni Piemme, ASTI, 2000.
- TUDDA, Francesci** - “*Spiritualità Sacerdotale*” – *Riflessioni di un canacolo sacerdotale*, - “b) *La morte Mistica*”; “c) *Morte mística ed efficacia del ministero sacerdotale*”, Napoli Roma, 1980.
- VALLS**, Ramon – Ética para la Bioética’, em *Bioética, Derecho y Sociedad*, 1998.
- VASCONCELLOS**, Maria José Esteves de (2002). *Pensamento Sistêmico - O Novo Paradigma da Ciência*. SP, Campinas: Papirus, 2003.
- VINCI, Leonardo** – *Scritti*. Roma, 1966, 401, nº 88.
- ZANDONÁ, Adriano** – ‘*O drama de nossa finitude x nossa vocação à eternidade*’. In Internet.
- ZOFFOLI, Enrico (Passionista)** - *S. Paolo della Croce – Storia critica*, 3 voll., Curia Generalizia PP. Passionisti, Commissione Storica, Santi Giovanni e Paolo, Roma, 1963-1968. Opera completíssima Sotto ogni aspetto, voluta e attuata a degna celebrazione del I Centenário della Canonizzazione del Santo (29 giugno 1867), 3 volumi: I – *Biografia*, pp. 1615; II – *L’Uomo, il Santo*, pp. 1755; III – *Il Maestro di spirito, il Missionário, il Fondatore*, pp. 2511. Fonte copiosíssima per quanti si occuperanno in seguito del santo Fondatore dei Passionisti. (Citação de Marcello Spagnolo, na Bibliografia do seu livro citado nesta Bibliografia).
- WHITEHOUSE, P.J**: *The rebirth of bioethics: extending the original formulations of Van Rensselaer Potter*. American Journal of Bioethics 3 (4): 26-31, 2003. Citado por PESSINI, Leo – *Revista Brasileira de Bioética*, Volume 1, nº 2, 2005, p.160.

## **FONTES:**

**-ACTA CONGREGATIONIS** – *Acta Congregationis a SS. Cruce et Passione D.N.J.C.*, Ss. Giovanni e Paolo, Roma, 1930ss.

**-ACTA APOSTOLICAI SEDIS**, 86 (1994).

**-BOLL.** – *Bollettino della Congregazione della SS. Croce e Passione di N.S.G.C.*, 1920-1929, Subiaco-Roma.

**-Cartas de Antero de Quental**, Coimbra, 1921, p.16, citado por ROCHA, Crabée – “*A Epistolografia em Portugal*”; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

**-Cartas dos Grandes do Mundo**, ed. de Ricardo Jorge, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1934, citado in ROCHA, Crabée – “*A Epistolografia em Portugal*”; 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

**- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea** – Academia das Ciências de Lisboa. Editorial Verbo, 2001, 1º Volume.

**-LETTERE di S. Paolo della Croce Fondatore dei Passionisti, disposta ed annotate dal P. Amedeo della Madre del Buon Pastore, della stessa Congregazione**, Roma, Tip. Pontificia nell'Istituto ‘Pio IX’, 1924, voll.4.

**-POR (Processo Ordinário di Roma)**, IV, p. 294 (f.2387 r – 2387 v), citado por NASELLI, Carmelo Amedeo – *Storia dei Passionisti*, Edizioni ‘Stauros’, Pescara, 1981, p. 20, nota 9.

**-PROCESSI SOMMARI. 1: Sull'introduzione della causa di Beatificazione e Canonizzazione (Summarium super dúbio an sit signanda commissio introductionis causae S.D. Pauli a Cruce, Romae, 1784); 2: Sull'eroicità delle virtù (Summarium super dúbio an constet de virtutibus... in gradu heróico Vem. Pauli a Cruce, Romae, 1908.**

**-WIKIPÉDIA**, a Enciclopédia Livre.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>Relevância do género epistolar na expressão do pensamento.....</b>	<b>56</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>Convergências e ou divergências do pensamento de Paulo da Cruz com o     pensamento bioético contemporâneo ( Epistolário de Paulo da Cruz (séc. XVIII),     e o ‘Credo bioético’ de Van Potter (séc. XX).....</b>	<b>74</b>
<b>CAPÍTULO IV</b>	
<b>Solicitude, Vulnerabilidade, Humanização, a partir do salto da esfera do eros     para a alteridade, no pensamento bioético de Paulo da Cruz confrontado com     aspectos do pensamento de Levinás .....</b>	<b>125</b>
<b>CAPÍTULO V</b>	
<b>"Benefícios da interiorização da finitude humana, como contributo para a     aquisição de uma 'Outra Qualidade de Vida', na leitura bioética do pensamento     de Paulo da Cruz, no seu epistolário." Contributo do pensamento do Professor     Doutor Daniel Serrão sobre a finitude e a morte .....</b>	<b>169</b>
<b>CAPÍTULO VI</b>	
<b>A morte encarada como benefício. Perspectiva da morte em Paulo da Cruz e em     Bocage. (Interações na qualidade de vida e saúde, individual e pública) .....</b>	<b>219</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>250</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>253</b>